

Coleção Desenvolvimento do Turismo - Volume 2

# TEORIA DO TURISMO: INTERFACES, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS

## Organizadores

J. Laize S. Oliveira

Lúcia O. da Silveira Santos

Alexandre Panosso Netto

Com convidados  
estrangeiros da  
Argentina, Costa  
Rica e México



PPGTUR - Programa de Pós-Graduação em Turismo  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
Universidade de São Paulo

Edições EACH

Coleção Desenvolvimento do Turismo - Volume 2

# TEORIA DO TURISMO: INTERFACES, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS

## Organizadores

J. Laize S. Oliveira

Lúcia O. da Silveira Santos

Alexandre Panosso Netto

SÃO PAULO  
Edições EACH  
2022

DOI: 10.11606/9786588503270

# TEORIA DO TURISMO: INTERFACES, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS

COLEÇÃO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO - VOLUME 2

## **Autores**

Adriana Santos Brito  
Alexandre Panosso Netto  
Alfonso Lara Quesada  
Amanda Alves Borges  
Amanda Arrais Mousinho  
Amanda de Paula Aguiar Barbosa  
Antonio Rafael Barbosa de Almeida  
Arlen Sánchez Valdés  
Celso Maciel de Meira  
Cristiano Stamm  
Dayanna Fernández Flórez  
Elva Esther Vargas Martínez  
Esteban Barboza Núñez  
Fabio Gonçalves Pais Fornari  
Gabriel Comparato  
George Bedinelli Rossi  
Gracimar Sousa Tavares Carvalho  
Igor Carneiro de Almeida  
Isadora de Oliveira Pinto Barciela  
Ivaneli Schreinert dos Santos  
J. Laize S. Oliveira  
Jordana de S. Cavalcante  
Juan Carlos Picón Cruz  
Judi Hatsue P. Y. Peratelli  
Júlia Moreira de Deus  
Lara Brunelle Almeida Freitas  
Larissa Resende Mario  
Laura Obando Villegas  
Lúcia Oliveira da Silveira Santos  
Luciana Resende Borges  
Marcelino Castillo Nechar  
Maria Stela Reis Crotti  
Paulo Tacio Aires Ferreira  
Pedro Scrivano  
Rina Ricci-Cagnacci  
Vítor Silva Freire

## **Projeto gráfico**

Victor Braga Ramos

## **Revisão e diagramação**

Lácio Revisão Ltda.

## **Imagens**

Adobe Stock / Pexels / Unsplash

SÃO PAULO  
Edições EACH  
2022



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

2022 – Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP  
Rua Arlindo Bettio, 1000 – Vila Guaraciaba  
Ermelino Matarazzo, São Paulo (SP), Brasil  
03828-000

#### UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Vice-Reitora Profa. Dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda

#### ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha  
Vice-Diretora Profa. Dra. Fabiana de Sant'Anna Evangelista

#### Conselho Editorial das Edições EACH

Profa. Dra. Isabel C. Italiano (Presidente - EACH/USP – Brasil)  
Prof. Dr. Jefferson A. Mello (Vice-Presidente -EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza (EACH/USP – Brasil)  
Analúcia dos Santos V. Recine (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Anna Karenina A. Martins (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Clara Vasconcelos (Universidade do Porto – Portugal)  
Prof. Dr. Daniel Hoffman (Rutgers University - EUA)  
Profa. Dra. Flávia Mori Sarti (EACH/USP – Brasil)  
Maria Fátima dos Santos (EACH/USP – Brasil)  
Prof. Dr. Michel Riaudel (Sorbonne Université – França)  
Profa. Dra. Rosely A. Liguori Imbernon (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Verónica Marcela Guridi (EACH/USP – Brasil)

#### Publicação

Organizadores	J. Laize S. Oliveira Lúcia O. da Silveira Santos Alexandre Panosso Netto
Projeto Gráfico	Victor Braga Ramos
Revisão e diagramação	Lácio Revisão Ltda

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO  
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca.  
Maria Fátima dos Santos (CRB-8/6818)

Teoria do turismo: interfaces, educação e práticas / organizadores, J. Laize S. Oliveira, Lúcia O. da Silveira Santos, Alexandre Panosso Netto. – São Paulo : Edições EACH, 2022.  
1 ebook. – (Coleção desenvolvimento do turismo; v. 2)

Texto em português ou espanhol  
ISBN 978-65-88503-27-0 (recurso eletrônico)  
DOI 10.11606/9786588503270

1. Turismo. 2. Teoria do turismo. 3. Turismo – Estudo e ensino. I. Oliveira, Josefa Laize Soares, org. II. Santos, Lúcia Oliveira da Silveira, org. III. Panosso Netto, Alexandre, org. IV. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Programa de Pós-graduação em Turismo. V. Série.

CDD 22. ed. – 910

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

OLIVEIRA, J. L. S.; SANTOS, L. O. S.; PANOSSO NETTO, A. (org.). **Teoria do turismo: interfaces, educação e práticas**. São Paulo: Edições EACH, 2022. 1 ebook. (Coleção desenvolvimento do turismo, 2). DOI 10.11606/9786588503270.

Como citar o capítulo desta publicação, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s). Título do capítulo. *In*: OLIVEIRA, J. L. S.; SANTOS, L. O. S.; PANOSSO NETTO, A. (org.). **Teoria do turismo: interfaces, educação e práticas**. São Paulo: Edições EACH, 2022. p. xx-yy. (Coleção desenvolvimento do turismo, 2). DOI 10.11606/9786588503270.

# Sumário

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>12</b>
Prof. Dr. Mario Carlos Beni	
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
J. Laize S. Oliveira Lúcia O. da Silveira Santos Alexandre Panosso Netto	
<b>PARTE I - TEORIA</b>	
<b>1 O que é o turismo: representações na sociedade brasileira .....</b>	<b>19</b>
J. Laize S. Oliveira Jordana de S. Cavalcante Judi Hatsue P. Y. Peratelli Alexandre Panosso Netto	
<b>2 Pluralidade, diversidade e limitações na construção de conhecimento em turismo ...</b>	<b>37</b>
Igor Carneiro de Almeida Isadora de Oliveira Pinto Barciela Vitor Silva Freire	
<b>3 Teorias do turismo – por epistemologias do sul global .....</b>	<b>50</b>
Paulo Tacio Aires Ferreira	
<b>4 Os desafios do turismo no caminho da ciência .....</b>	<b>63</b>
Rina Ricci-Cagnacci J. Laize S. Oliveira George Bedinelli Rossi	
<b>PARTE II - INTERFACES E APLICAÇÕES</b>	
<b>5 Estado da pesquisa em turismo no Brasil: uma análise descritiva dos grupos de pesquisa em turismo do CNPq .....</b>	<b>77</b>
Lúcia Oliveira da Silveira Santos Maria Stela Reis Crotti Alexandre Panosso Netto	
<b>6 Investigação teórico-epistemológica em turismo: uma revisão sistemática de literatura .....</b>	<b>90</b>
Lara Brunelle Almeida Freitas Larissa Resende Mario Cristiano Stamm	
<b>7 Interfaces teóricas entre turismo e hospitalidade .....</b>	<b>102</b>
Luciana Resende Borges	
<b>8 Reflexões sobre turismo e turistas: da modernidade à hipermodernidade .....</b>	<b>117</b>
Celso Maciel de Meira Antonio Rafael Barbosa de Almeida Gracimar Sousa Tavares Carvalho	

**9 Teorias de turismo e o residente: uma análise de redes bibliométricas ..... 126**

Amanda de Paula Aguiar Barbosa

Amanda Arrais Mousinho

**PARTE III - EDUCAÇÃO**

**10 Educação em turismo e o seu papel na construção de uma teoria do turismo..... 138**

Fabio Gonçalves Pais Fornari

**11 A teoria do turismo no ensino superior: análise de ementas de disciplinas de instituições de ensino públicas no Brasil ..... 148**

Júlia Moreira de Deus

Dayanna Fernández Flórez

**12 Teoria do turismo na visão de pós-graduandos em turismo, no Brasil ..... 166**

Amanda Alves Borges

Ivaneli Schreinert dos Santos

Pedro Scrivano

**13 Ensino da teoria do turismo: contribuições e desafios na profissão docente ..... 181**

Adriana Santos Brito

**PARTE IV - CONVIDADOS**

**14 Reflexiones epistemológicas en relación al ocio - algunos aportes ..... 195**

Dr. Gabriel Comparato

**15 Ejecutivo Vigilancia Tecnológica (VT) e Inteligencia Competitiva (IC) como herramientas esenciales para la competitividad, la promoción y la comercialización del patrimonio cultural ..... 209**

Dr. Marcelino Castillo Nechar

Dra. Elva Esther Vargas Martínez

Dra. Arlen Sánchez Valdés

**16 Sistematización de experiencia: proceso de formulación e implementación de un programa de maestría académica en turismo y desarrollo sustentable en la Universidad Nacional, Costa Rica ..... 228**

Laura Obando Villegas

Alfonso Lara Quesada

Esteban Barboza Núñez

Juan Carlos Picón Cruz

**POSFÁCIO ..... 247**

J. Laize S. Oliveira

Lúcia O. da Silveira Santos

Alexandre Panosso Netto

# Lista de figuras

<b>Figura 1.1</b> – Ênfase de abordagem das publicações em Turismo no Brasil, com base nos primeiros volumes da Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo; Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTur); Revista Turismo – Visão e Ação; Revista Turismo em Análise; Caderno Virtual de Turismo; e Revista de Turismo Contemporâneo – análise entre 1990 ao primeiro semestre de 2021 .....	<b>22</b>
<b>Figura 1.2</b> – O turismo nas perspectivas dos estudantes da área .....	<b>25</b>
<b>Figura 1.3</b> – O turismo nas perspectivas da sociedade civil brasileira .....	<b>28</b>
<b>Figura 5.1</b> – Quantidade de grupos de pesquisa conforme áreas do CNPq .....	<b>83</b>
<b>Figura 5.2</b> – Distribuição dos grupos de pesquisa em turismo por estados .....	<b>84</b>
<b>Figura 5.3</b> – Concentração de grupos de pesquisa em turismo por região geográfica .....	<b>84</b>
<b>Figura 5.4</b> – Principais áreas de interface com o turismo oriundos das linhas de pesquisa ..	<b>85</b>
<b>Figura 6.1</b> – Etapas da pesquisa na revisão sistemática de literatura .....	<b>95</b>
<b>Figura 9.1</b> – Análise de co-ocorrência de palavras-chave utilizada nos estudos internacionais de teorias do turismo e residentes (1982-2020) .....	<b>132</b>
<b>Figura 11.1</b> – Períodos nos quais se situam as disciplinas na grade curricular .....	<b>155</b>
<b>Figura 11.2</b> – Distribuição das disciplinas por IES .....	<b>156</b>
<b>Figura 11.3</b> – Distribuição das IES nas regiões do Brasil .....	<b>157</b>
<b>Figura 11.4</b> – Bibliografia básica das disciplinas .....	<b>158</b>
<b>Figura 11.5</b> – Nuvem de palavras das ementas levantadas sem divisão por categoria ...	<b>159</b>
<b>Figura 11.6</b> – Nuvem de palavras da categoria “Conceitos básicos de Turismo e áreas afins” ..	<b>160</b>
<b>Figura 11.7</b> – Nuvem de palavras da categoria “Estudos interdisciplinares do Turismo” ..	<b>161</b>
<b>Figura 11.8</b> – Similaridade de palavra nas categorias de análise .....	<b>161</b>

## Lista de quadros

<b>Quadro 1.1</b> – Respostas categorizadas   análise do turismo como fenômeno ambiental, econômico, filosófico, histórico/cultural e social .....	<b>31</b>
<b>Quadro 6.1</b> – Critérios de busca da revisão sistemática de literatura, 2021 .....	<b>96</b>
<b>Quadro 6.2</b> – Metodologia adotada nos artigos analisados da revisão sistemática de literatura, 2021.....	<b>97</b>
<b>Quadro 11.1</b> – Nomenclatura dos cursos superior em Turismo no Brasil .....	<b>152</b>
<b>Quadro 11.2</b> – Nomes das disciplinas e suas respectivas siglas na primeira planilha Excel .	<b>151</b>
<b>Quadro 12.1</b> – Informações sobre os(as) Principais Autores(as) Clássicos(as) do Turismo .	<b>168</b>
<b>Quadro 12.2</b> – Quantidade de Alunos(as) Matriculados(as) nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu de Turismo e/ou Hospitalidade no Brasil, referente ao ano de 2020, e a distribuição das respostas obtidas. ....	<b>170</b>
<b>Quadro 12.3</b> – Disciplinas sobre Teoria   Epistemologia do Turismo dos Programas de Pós-graduação em Turismo no Brasil. ....	<b>171</b>
<b>Quadro 13.1</b> – Análise sobre a teoria do turismo e principais contribuições para o ensino e aprendizagem.....	<b>184</b>
<b>Quadro 13.2</b> – Desafios na docência universitária em turismo .....	<b>190</b>
<b>Quadro 16.1</b> – Numero de actores que respondieron al instrumento de consulta según el sector al cual pertenece. ....	<b>233</b>

## Lista de tabelas

<b>Tabela 4.1</b> – Comparativo do Turismo como Disciplina e Campo.....	<b>71</b>
<b>Tabela 5.1</b> – Instituições com maior número de grupos de pesquisa .....	<b>83</b>

## Lista de gráficos

<b>Gráfico 6.1</b> – Número de publicações por ano com base na revisão sistemática de literatura ..	<b>97</b>
<b>Gráfico 12.1</b> – Escolas epistemológicas mais destacadas nos programas de Pós-graduação em Turismo .....	<b>172</b>
<b>Gráfico 12.2</b> – Escolas epistemológicas as quais os alunos mais se enquadram .....	<b>173</b>
<b>Gráfico 12.3</b> – Autores do turismo mais citados. ....	<b>175</b>



# Lista de abreviatura e siglas

**ABTS** – Asamblea de Barris para un Turismo Sostenible  
**AET** – Análise Estrutural do Turismo  
**AIEST** – Association Internationale d’Experts Scientifiques du Tourisme  
**ANPTUR** – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
**CAFe** – Comunidade Acadêmica Federada  
**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
**CEMEDE** – Centro Mesoamericano de Desarrollo Sostenible  
**CESTUR** – Centro de Estudios Superiores del Turismo  
**CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
**CONACULTA** – Consejo Nacional para la Cultura y las Artes  
**CPTM** – Consejo de Promoción Turística de México  
**CRP** – Departamento de Relações Públicas e Propaganda  
**DDT** – Dimensão e Dinâmica do Turismo  
**DGP** – Diretório de Grupos de Pesquisa  
**EACH** – Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
**ECA** – Escola de Comunicação e Artes  
**EdT 1** – Estudo do Turismo 1  
**EdT 2** – Estudo do Turismo 2  
**EdT 3** – Estudo do Turismo 3  
**ET 1** – Estudos Turísticos 1  
**ET 2** – Estudos Turísticos 2  
**ETI** – Estudos Turísticos Interdisciplinares  
**F** – Filosofia  
**FAT** – Filosofia Aplicada ao Turismo  
**FdF** – Fundamentos da Filosofia  
**FdT** – Fundamentos do Turismo  
**FdT 1** – Fundamentos do Turismo 1  
**FdT 2** – Fundamentos do Turismo 2  
**FEAT** – Filosofia e Ética Aplicada ao Turismo  
**FEP** – Filosofia e Ética Profissional  
**FET** – Filosofia e Ética no Turismo  
**FeT** – Filosofia e Turismo  
**FFS** – Fundamentos da Filosofia e da Sociologia  
**FFTH** – Fundamentos Teóricos do Turismo e da Hospitalidade  
**FHTT** – Fundamentos Históricos e Teóricos do Turismo  
**FioCruz** – Fundação Oswaldo Cruz

**FONART** – Fondo Nacional para el Fomento de las Artesanías  
**FTdT 1** – Fundamentos Teóricos do Turismo 1  
**FTdT 2** – Fundamentos Teóricos do Turismo 1  
**I+D** – Investigación y Desarrollo  
**IC** – Inteligencia Competitiva  
**ICD** – Integrated Curriculum Design  
**ICM-Bio** – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
**ICOMOS** – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios  
**ICTur** – Instituto de Competitividad Turística  
**IDSM** – Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá  
**IES** – Instituições de Ensino Superior  
**IET** – Introdução ao Estudo do Turismo  
**IET 1** – Introdução ao Estudo do Turismo 1  
**IET 2** – Introdução ao Estudo do Turismo 2  
**IETH** – Introdução ao Estudos de Turismo e Hospitalidade  
**IF** – Introdução à Filosofia  
**IFG** – Instituto Federal de Goiás  
**IFMT** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
**INAH** – Instituto Nacional de Antropología e Historia  
**MEC** – Ministério da Educação  
**MTur** – Ministério do Turismo  
**OMT** – Organização Mundial do Turismo  
**ONU** – Organização das Nações Unidas  
**PIB** – Producto Interior Bruto  
**PPGTur** – Programa de Pós-Graduação em Turismo  
**RBTur** – Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo  
**RedTDPC** – Red Temática en Tecnologías para la Difusión del Patrimonio Cultural  
**RUIITS** – Red Universitaria Internacional de Turismo Sostenible  
**SECTUR** – Secretaría de Turismo Federal  
**SIC** – Sistema de Información Cultural  
**SisTur** – Sistema do Turismo  
**SRCH** – Sede Regional Chorotega  
**STOREM** – Sustainable Tourism, Optimal Resource and Environmental Management  
**TC** – Turismo Contemporâneo  
**TGS** – Teoria Geral de Sistemas  
**TGS** – Teoria Geral do dos Sistemas  
**TGT** – Teoria Geral do Turismo  
**TGT 1** – Teoria Geral do Turismo 1  
**TGT 2** – Teoria Geral do Turismo 2

**TTT** – Teoria e Técnica do Turismo  
**TTT 1** – Teoria e Técnica do Turismo 1  
**UEA** – Universidade do Estado do Amazonas  
**UEG** – Universidade Estadual de Goiás  
**UEMS** – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul  
**UERN** – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
**UESPI** – Universidade Estadual do Piauí  
**UFMA** – Universidade Federal do Maranhão  
**UFMS** – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
**UFPA** – Universidade Federal do Pará  
**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco  
**UFRN** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
**UFSCAR** – Universidade Federal de São Carlos  
**UFVJM** – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
**UNA** – Universidad Nacional  
**UnB** – Universidade de Brasília  
**UNEB** – Universidade do Estado da Bahia  
**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
**UNESP** – Universidade Estadual Paulista  
**UNICA** – Universidad de Cagliari  
**UNIOESTE** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
**USP** – Universidade de São Paulo  
**VT** – Vigilância Tecnológica  
**WoS** – Web of Science  
**WTO** – World Tourism Organization  
**WTTC** – World Travel and Tourism Council  
**ZMVT** – Zona Metropolitana del Valle de Toluca

# Prefácio

A universidade muda, como tudo na vida. O importante é indagar para onde se caminha e se esse caminho pode ser sentido como positivo pela comunidade acadêmica como um todo, e não só pelos burocratas.

De que mudanças este livro nos fala? Como pesquisador já aposentado, preciso começar falando de um tempo desconhecido para os autores destes textos. Era um tempo em que orientador e orientando eram figuras que pouco interagiam antes da defesa e, depois, cada um seguia seu caminho. O orientador limitava-se a verificar se suas observações e diretrizes foram seguidas. Seja numa dissertação, seja numa tese, texto ia, texto vinha, correções eram feitas e quando se chegava a um produto capaz de sustentar a arguição da banca, o orientador recomendava o depósito do texto e o encaminhava à banca designada. Após a defesa, o orientador desejava todo o sucesso ao novo mestre ou doutor, e aí se encerrava o processo.

Hoje, este panorama mudou, e há o costume de ambos escreverem e publicarem conjuntamente. Diga-se que esta prática teve de superar uma certa relutância. Ouvi mesmo uma vez um depoimento um tanto ácido de um docente. Ele dizia que o processo de escrita conjunta sempre deságua num beco sem saída: ou o orientador assinava um mau texto do orientando, risco sempre próximo, ou ele próprio escrevia, e o orientando simplesmente assinava.

Ocorre que os tempos mudaram, e escrever passou a ser, mais do que uma forma de expressão do pesquisador, uma obrigação e, o que é pior, quantificada sob critérios difíceis de contestar, sujeitos à avaliação do duplo cego – dois analistas do texto sem identificação do(s) autor(es). Esta prática, sem dúvida, aprimora o processo, mas tem a desvantagem de os autores verem, às vezes, um seu texto recusado por pessoas que manifestamente são leigos na área. Entendo, assim, o desconforto de muitos pesquisadores. Grades de análise de uma produção são necessárias, é claro, mas, sobretudo as quantitativas são sem alma e, por vezes, cruéis.

Felizmente, acredito que hoje todos já se deram conta de que essa evolução é positiva para a ciência em geral e para todos os que nela militam. Juntamente com a necessidade de o pesquisador publicar, surgiu a necessidade de o orientado também publicar e, aos poucos, ambos passaram a produzir e assinar textos conjuntos.

Para um pesquisador como eu, já afastado da rotina acadêmica, o processo continua estranho, mas não resta dúvida de que uma sinergia se produz. Ambos se beneficiam: o orientador, porque seu orientado o coloca diante de quadros de análise que, não raro, ele gostaria de adentrar, mas sem possibilidade dado o conjunto de tarefas acadêmicas, inclusive sua pesquisa pessoal; o orientado, porque começa a criar gosto por publicar, tendo o suporte de seu orientador.

Agora, o Professor Alexandre Panosso Netto e suas orientandas do Programa de Pós-Graduação em Turismo da EACH-USP, J. Laize S. Oliveira (mestranda) e Lúcia Oliveira da Silveira Santos (doutoranda), nos colocam num outro patamar. Já que o ensino na pós-graduação deve (repito, deve) ser associado à pesquisa e à extensão, ao invés de uma simples prova de conhecimentos ao final da disciplina, por que não incentivar os alunos a escreverem? E por que não supervisionar a elaboração dos textos? Por que não os publicar ao final? Por que não lhes dar, desde o mais cedo possível, a possibilidade de adentrar o mundo da publicação científica? O trabalho exige um esforço gigantesco, mas aqui se trata de uma sinergia em um grau bem mais elevado. Assim, se o professor Alexandre Panosso, que foi meu orientando no doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo entre 2002 e 2005, pode ser considerado meu “filho” acadêmico, então a mestranda J. Laize e a doutoranda Lúcia Oliveira podem ser consideradas minhas “netas” acadêmicas. Pelo resultado dessa obra, novamente confirmo que os frutos não caem longe da árvore. Essa é uma certeza que poderei levar comigo por onde eu andar.

É claro que, subjacente a tudo isso, existe uma máxima de que a ciência nunca se esqueceu. Quando duas ou mais pessoas escrevem juntas dentro de um mesmo tema, o mérito não é dividido pelo número de autores. Como acontece numa sala de aula, num processo quase místico, em que o conhecimento de uns se derrama sobre os outros, tudo se passa como se cada um, de alguma forma, também incorporasse o pensamento do outro. Assim, tenho certeza de que os autores de cada um dos textos deste livro também incorporaram naturalmente a criatividade dos outros. Todos ganham algo mais pelo fato de terem dividido suas próprias reflexões com outros, processo este que gera um saldo positivo para todos. Aliás, os critérios de avaliação incentivam o ato de escrever junto a outros, de preferência, de outras instituições – eis outra mudança positiva.

É assim que a interação entre pesquisadores é, mais do que saudável, essencial para a evolução do pensamento científico. A lição é antiga, e o exemplo que trago (entre muitos possíveis) é mais do que antigo, é pré-histórico. Apenas quando, ainda no neolítico, a técnica do fogo só era dominada para a produção de cerâmica, artesãos reuniram-se num mesmo território e puderam notar que o calor mais intenso no fundo das fornalhas derretia o ferro, mineral abundante, e com isso teve início a metalurgia, sem a qual (juntamente com a escrita) a cidade teria sido impossível.

Não custa lembrar outra lição da vida acadêmica. Esta é eterna, e aqui falo diretamente aos jovens autores dos textos. Por mais que o escrever junto com outros seja prática recomendada, o pesquisador deve ter a certeza de que o seu caminho desemboca na solidão. Até a graduação, ele teve vários mestres. Na pós-graduação, ele tem um orientador e outros docentes supostamente capazes de auxiliá-lo no seu trabalho. Se a tese tem de ser inédita, é porque o tesista tem de mostrar a vereda solitária que ele escolheu com o auxílio do orientador, e, a partir daí, aceitar que, mesmo integrado com outros, ele tem um caminho que deve percorrer sozinho. Não se iluda, portanto! Você tem de deixar sua marca pessoal no seio da pesquisa científica e, também, escrever sozinho.

Mesmo não me atendo à análise individual dos capítulos, posso assegurar aos leitores que eles terão acesso a uma das mais extensas bibliografias sobre teoria do turismo com que me defrontei numa obra. Esse livro poderia, com justiça, intitular-se “Revisão Teórico-Bibliográfica do Turismo”.

Não poderia finalizar sem, em primeiro lugar, agradecer a homenagem (que nunca imaginei merecer) de tantas citações ao meu trabalho pessoal, sem esquecer de agradecer a lembrança do meu nome para este prefácio. Quero também exaltar o tirocínio do professor Alexandre Panosso Netto. Ele é digno daquela frase que tantos gestores gostam de usar: se quiser um trabalho com rapidez, procure aquele que é mais ocupado. Com tantas tarefas acadêmicas, ele aceitou o esforço adicional de coordenar e acompanhar a redação de tantos textos. Neste sentido, é necessário exaltar, também, o trabalho das outras coorganizadoras da obra, J. Laize e Lúcia Oliveira, que, certamente, foi de grande valia e aprendizado para ambas. Organizadores e autores de capítulos dependem um dos outros. A obra só é por seu conjunto. O trabalho em comunidade e em grupo – com partilha de ideias, esforços, estudos e escritas – é o que traz o resultado positivo deste livro que agora temos em mãos.

A todos os autores e às horas gastas na tarefa, quero deixar mais uma vez bem clara minha reação à leitura de todos os textos (e podem ter certeza de que os li, todos): a percepção de que a Universidade vai colher bem rápido os frutos desta sinergia.

**Prof. Dr. Mario Carlos Beni**

*Titular ECA/USP Aposentado*

*Primeiro professor de turismo do Brasil autorizado pelo Ministério da Educação*

**Setembro de 2021**

# Apresentação

As reflexões sobre a complexidade do fenômeno turístico são o resultado de múltiplos olhares voltados às interfaces teóricas e práticas que o compõem. Esta publicação reúne pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e conta com a participação de convidados internacionais, pesquisadores reconhecidos da Argentina, Costa Rica e México.

O objetivo dos capítulos gira em torno da conceituação teórica e compreensão da complexidade do turismo, demonstrando sua relação com os diversos campos do conhecimento científico. A partir da leitura de autores clássicos, os autores deste livro dedicaram-se a analisar o turismo por diferentes perspectivas, estabelecendo formas de dar respostas sobre a construção do conhecimento na área, trabalhando com instrumentos, métodos e experiências distintas para sustentar suas pesquisas, que geraram grande parte dos capítulos que compõem esse livro.

A produção resultante desse trabalho foi sistematizada e organizada em quatro blocos, por macrotemáticas que se complementam. Parte I – Teoria; Parte II – Interfaces e Aplicações; Parte III – Educação; Parte IV – Convidados. O primeiro bloco apresenta as macroquestões teóricas e epistemológicas do turismo.

Abrem o primeiro bloco os autores J. Laize S. Oliveira, Jordana de S. Cavalcante, Judi Hatsue P. Y. Peratelli e Alexandre Panosso Netto com seu artigo “O que é turismo? Representações na sociedade brasileira”, que confronta as visões sobre o turismo de acadêmicos e da sociedade civil. Em seguida, o artigo “Pluralidade, diversidade e limitações na construção de conhecimento em turismo”, por meio de uma extensa revisão teórica realizada por Igor Carneiro de Almeida, Isadora de Oliveira Pinto Barciela e Vitor Silva Freire, sustenta que o fenômeno turístico é alicerçado em várias teorias e deve ser estudado de forma interdisciplinar.

O terceiro artigo do livro, de Paulo Tacio Aires Ferreira, apresenta as “Teorias do Turismo – por epistemologias do sul global” partindo juntamente dos referenciais da interdisciplinaridade do turismo para apresentar pistas que demonstram a aproximação de movimentos sociais e comunitários com este fenômeno. O bloco termina com o artigo “Os desafios do turismo no caminho da ciência”, de Rina Ricci Cagnacci, J. Laize S. Oliveira e George Bedinelli Rossi, que procura conscientizar os leitores para as possibilidades de emancipar o turismo como uma disciplina científica, expondo seus empecilhos.

O segundo bloco que compõe este livro apresenta interfaces e aplicações das múltiplas teorias do turismo descortinadas ao longo do primeiro bloco. No início do bloco, somos apresentados ao “Estado da pesquisa em turismo no Brasil: uma análise descritiva dos grupos de pesquisa em turismo do CNPq”, por meio do capítulo de Lúcia Oliveira da Silveira Santos, Maria Stella Reis Crotti e Alexandre Panosso Netto, que demonstra os principais temas pesquisados nessa área, apontando as instituições mais representativas, sua distribuição geográfica e clarificando algumas das lacunas de pesquisa em turismo.

Em seguida, por meio dos autores Lara Brunelle Almeida Freitas, Larissa Resende Mário e Cristiano Stamm, apresentamos o capítulo intitulado “Investigação teórico-epistemológica em turismo: uma revisão sistemática de literatura”. O artigo analisa a produção científica da episteme do turismo, demonstrando que esta está dispersa, fragmentada e que ainda não agrega adequadamente as dimensões contemporâneas desse fenômeno.

O terceiro artigo deste bloco é “Interfaces teóricas entre turismo e hospitalidade”, de Luciana Borges de Resende. Conduzindo uma entrevista com Luiz Octávio de Lima Camargo, a autora demonstra que a hospitalidade pode ser um norteador dos estudos do fenômeno turístico, ao observá-lo por meio das experiências humanas.

O capítulo “Reflexões sobre turismo e turistas: da modernidade à hipermodernidade” é de Celso Maciel de Meira, Antonio Rafael Barbosa de Almeida e Gracimar Sousa Tavares Carvalho. Os autores procuram analisar o papel do turista à luz dos estudos críticos, modernos, pós-modernos e hipermodernos, demonstrando como as mudanças sociais, sejam tecnológicas, econômicas, da mobilidade, entre outras, acabaram por transformar o turismo.

O bloco é finalizado com o capítulo “Teorias de turismo e o residente: uma análise de redes bibliométricas”. Por meio da análise empreendida, as autoras Amanda de Paula Aguiar Barbosa e Amanda Arrais Mousinho ajudam-nos a entender como está se consolidando um campo de estudo que relaciona a teoria do turismo com os residentes de um destino.

O terceiro bloco deste livro apresenta artigos que relacionam a teoria do turismo com múltiplos aspectos da educação para e pelo turismo. Fábio Gonçalves Pais Fornari abre o bloco com seu artigo intitulado “Educação em turismo e seu papel na construção de uma teoria do turismo”, que considera a educação em turismo, especialmente a universitária, como fundadora da episteme contemporânea do fenômeno turístico, levando-nos a refletir sobre seus desafios.

Parte das respostas às perguntas feitas no capítulo anterior estão presentes em “A teoria do turismo no ensino superior: análise de ementas de disciplinas de instituições de ensino públicas no Brasil”, das autoras Júlia Moreira de Deus e Dayanna Fernández Flórez. Elas empreenderam um estudo que analisou mais de 79 ementas de 40 cursos de bacharelado em turismo no país, mapeando carga horária, momento em que são ofertadas e suas principais interfaces.

Amanda Alves Borges, Ivaneli Schreinert dos Santos e Pedro Scrivano são os autores do artigo “Teoria do Turismo na Visão de Pós-graduandos em turismo, no Brasil”, resultante de pesquisa conduzida com mais de 300 discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado do país, apresentando dados que desvendam o entendimento dos pós-graduandos sobre a teoria, escolas epistemológicas e autores do turismo.

Fechando o bloco sobre educação, apresentamos o capítulo “Ensino da teoria do turismo: contribuições e desafios na profissão docente”, de Adriana Santos Brito. A autora nos conduz a uma reflexão sobre o papel social do professor, considerando a pesquisa em turismo uma aliada ao seu desenvolvimento profissional.



Encerrando o percurso que traçamos para uma ampla compreensão do turismo, convidamos a compor este livro pesquisadores da Argentina, Costa Rica e do México, que compõem o último bloco deste livro.

Iniciamos o bloco com o artigo de Gabriel Comparato “Reflexiones epistemológicas em relación al ocio – algunos aportes”. O autor observa que há uma tendência de estudos do lazer pelo viés econômico, especialmente, mas que o fenômeno em si é pouco estudado, em parte, por razões de compreensão epistemológicas do fenômeno, em parte, por pressões mercadológicas.

Em seguida, apresentamos o capítulo: “Ejecutivo vigilancia tecnológica (VT) e inteligencia competitiva (IC) como herramientas esenciales para la competitividad, la promoción y la comercialización del patrimonio cultural”, de Marcelino Castillo Nechar; Elva Esther Vargas Martínez e Arlen Sánchez Valdés. Este estudo demonstra haver uma reconfiguração da oferta turística baseada na tecnologia, que vem sendo importante instrumento para gerir cenários de crise, apresentando-nos o uso dessas no contexto do patrimônio cultural mexicano.

Por fim, encerram este livro Laura Obando Villegas, Alfonso Lara Quesada, Esteban Barboza Núñez e Juan Carlos Picón Cruz, com seu capítulo “Sistematización de experiencia: proceso de formulación e implementación de un programa de maestría académica en turismo y desarrollo sustentable en La Universidad Nacional, Costa Rica”. Este artigo descreve como se deu o processo de planejamento e implementação de um programa de mestrado em turismo e desenvolvimento sustentável na Universidade Nacional da Costa Rica, apresentando a revisão do processo de organização desse curso.

Procuramos, enfim, apresentar ao leitor de diversas áreas do conhecimento um livro robusto, no que diz respeito à diversidade de olhares para a epistemologia do turismo, compondo uma miríade de olhares e experiências que permitem observar o fenômeno turístico por múltiplas vertentes.

Nosso intuito, ao concluir esse livro, não é, de modo algum, encerrar nessas páginas tudo o que existe a respeito do assunto, mas, ao contrário, instigar que mais pesquisadores se dediquem à construção e teorização desse fenômeno.

**J. Laize S. Oliveira**

**Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP.**

**Lúcia O. da Silveira Santos**

**Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP.**

**Alexandre Panosso Netto**

**Livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH-USP.**

# PARTE I

## Teoria



# 1 O que é o turismo: representações na sociedade Brasileira

**J. Laize S. Oliveira<sup>1</sup>**

**Jordana de S. Cavalcante<sup>2</sup>**

**Judi Hatsue P. Y. Peratelli<sup>3</sup>**

**Alexandre Panosso Netto<sup>4</sup>**

## Introdução

Embora o conceito de turismo seja interpretado de modo heterogêneo (Fuster, 1974; Leiper, 1979; Jafari & Ritchie, 1981; OMT, 1992; Nechar & Cortés, 2006; Jamal & Robinson, 2009; Moesch & Beni, 2016), tanto na linha teórica, epistemológica ou empírica, é consenso que as definições correspondem ao fluxo de pessoas, espaço, viagem, movimento, relações interpessoais e serviços, nas quais o fenômeno é definido por meio do ponto de vista temporal e atemporal. Assim, diante da complexidade do fenômeno turístico, a denominada “ciência do turismo” reúne as contribuições de estudos científicos entre as áreas do conhecimento que com ele se interligam (Margoni, 2015). Logo, destaca-se a importância dos estudos epistemológicos para o estabelecimento dos alicerces científicos deste campo (Panosso Netto, 2007; Nechar, 2011; Campodónico & Chalar, 2014; Panosso Netto & Nechar, 2014; Moesch, & Beni, 2016).

Na atualidade, a definição de turismo, com maior notabilidade é delineada pela Organização Mundial do Turismo (OMT). Por esta premissa, define-se o fenômeno como a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporária e voluntária motivada por razões alheias a negócios ou profissionais” (OMT, 1992, p. 19 [tradução livre]). Nesta ideia de deslocamento humano, Fuster (1974) analisa o turismo como um fator relacionado ao vencimento do espaço para pessoas que vão a um local no qual não têm residência fixa. Com isso, propõe: o “turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que os ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa” (Fuster, 1974, p. 27 [tradução livre]).

Nos traçados da história da humanidade, o deslocamento voluntário ou involuntário de pessoas existe desde tempos mais remotos. No desenvolvimento das sociedades

---

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: laizeoliveira@usp.br

2 Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima. E-mail: jordana.cavalcante@ifrr.edu.br

3 Graduada em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de São Paulo-IFSP. E-mail: judiperatelli@gmail.com

4 Livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH-USP. E-mail: panosso@usp.br

modernas, por exemplo, o nomadismo, as expansões marítimas no mediterrâneo e as peregrinações na idade média são exemplos de viagens com diferentes motivações, desde religiosidade, saúde (cita-se, como exemplo, o termalismo), domínios territoriais e as intenções comerciais dos romanos na antiguidade clássica. Como consequência, a evolução dos modais de transporte no final do século XIX marcou o turismo como uma das premissas da viagem contemporânea.

Amaral Júnior (2008, p. 34-35) reflete que, “provavelmente, a primeira viagem com propósitos de paz e turismo tenha sido feita pela Rainha Hatshepsut indo para as terras de Punt, ao norte da África, em 1480 a.C”. Todavia, no contexto de amadurecimento das viagens na civilização ocidental, remonta-se a nomenclatura “turism” desde o ano de 1800 (Moesch, 2002, p. 10). Nesta linha periódica, Molina (2003) discute o desenvolvimento do turismo moderno em três fases: 1) O Pré-Turismo/*Grand Tour* como um marco de origem do turismo moderno; 2) O Turismo Industrial; e 3) O Pós-Turismo.

Diante da Nova Ordem Internacional, gestores públicos começaram a investir fortemente no turismo como meio de lucratividade (Swarbrooke, 2000). Com isso, a fase denominada “Turismo Industrial” é descrita como o fator consolidador da área como um dos campos propulsores da economia mundial (Palomo, 1990). Nesta evolução, exclusivamente no contexto das viagens, o turismo é interpretado pelo deslocamento por prazer<sup>5</sup>, ou por motivos comerciais, profissionais e outros análogos (Fuster, 1974). Assim, aconteceu o chamado *boom* turístico: destinos superlotados e com infraestrutura questionável (Almeida-García, Cortés-Macías & Balbuena-Vázquez, 2019; Arias-Sans & Milano, 2019)<sup>6</sup>.

Ao tratar o turismo como uma indústria sem chaminés, a priori, não se pensava sobre os impactos das ações frente ao seu desenvolvimento. Como consequência, na perspectiva de planejamento das atividades turísticas, teóricos de diferentes campos do conhecimento começaram a compreender a complexidade das reflexões que envolvem este fenômeno (por exemplo, Arthur Burkart, da Filosofia; Erick Cohen, da Antropologia; Joffre Dumazedier, da Sociologia; Josef Mazanec, da Economia; Richard Butler, da Geografia). Diante de sua complexidade, as definições do turismo não apresentam um conceito único (Arrillaga, 1976; Martínez, 2005; MacCannell, 2011). Assim, cabe ressaltar que as compreensões desta área resultam de vários processos interpretativos teóricos dentro de suas abordagens – que caracterizam o turismo como um campo de estudos interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar.

No âmbito acadêmico, é possível dizer que definições conceituais pouco aprofundadas expressariam uma problemática. Tomillo Noguero (2010), por exemplo, reflete que o turismo converteu-se em um fenômeno de estudos cada vez menos aprofundado, focado em outros campos do conhecimento. Com isso, reflete-se que a incompreensão do

5 Aqui, reflete-se sobre as reduções da jornada de trabalho no século XX e o direito ao lazer das classes operárias. Para saber mais sobre esta passagem, indicamos a leitura de obras como *Tratado da sociologia do trabalho*, de Friedmann (1973), *Sociologia empírica do lazer*, de Dumazedier (1979), e *O capital: Crítica da economia política*, de Marx (1989).

6 Na atualidade, uma questão amplamente discutida, tanto na agenda de grupos sociais quanto em discussões acadêmicas, é a gentrificação – fenômeno definido por Ruth Glass (1964, como citado por Smith, 1996; Pavel, 2015; Martins, 2019), como uma mudança da posição econômica de um lugar sob o ponto de vista do mercado imobiliário e que vem a transformar, também, os serviços existentes, assim como a qualidade física e suas características sociais.

fenômeno em sua totalidade, ou sua importância para além dos aspectos econômicos, pressupõe a necessidade de criar conceitos que despertem o interesse dos pesquisadores de outros campos de estudo. Ao refletir sobre a importância que esta área possui nas sociedades contemporâneas, torna-se fundamental a compreensão sobre os aspectos educacionais que o constituem, bem como os desafios e as possibilidades reflexivas em torno de teorias e princípios básicos.

Neste contexto, as visões aqui discutidas ajudariam a ampliar o simbolismo das representações em torno do que se entende por turismo em duas perspectivas: a de estudantes da área e a visão da sociedade civil, representada por participantes que não estudam ou não trabalham com o turismo. As discussões fundamentam-se nos conceitos teóricos básicos da área e nas representações empíricas de 112 respondentes. Dadas essas primeiras considerações, este estudo divide-se em eixos temáticos que compreendem cinco aspectos do turismo como um fenômeno: ambiental, econômico, histórico/cultural, filosófico e social. Os resultados evidenciam, ao longo do debate, um campo que necessita ser explorado e compreendido com maior profundidade, ainda que se apresentem limitações.

## Literatura

### Ensino e pesquisa do turismo no Brasil

As representações do turismo como um fenômeno de desenvolvimento socioeconômico é uma temática que recebeu atenção desde sua ascensão no ensino superior nacional, em 1971. A obra *40 anos de turismo na ECA: Memórias e análises* traz pontos importantes que corroboram com tal reflexão. Os primeiros docentes do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP), da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade São Paulo (ECA/USP) – um dos cursos pioneiros no país (1972), portanto, de influência no país – possuem, como base de formação, a Economia e a Sociologia (entre eles Beni; Rabahy; Rocha Penteado; Souza; Carrato, e Levy [Beni, 2013, como citado na p. 35]).

Em primeiro plano, observa-se que, em países emergentes, enquanto se analisam as potencialidades do turismo como um dos campos mais importantes da economia mundial (Goeldner, Ritchie & McIntosh, 2002; Khan, Bibi, Lorenzo, Lyu & Babar, 2020), reflete-se sobre sua importância na geração de divisas, emprego e renda (Haddad, Porsé & Rabahy, 2013; Rabahy, 2020). Assim, é inerente que, entre as multifacetadas do fenômeno, algumas análises sejam vinculadas às Ciências Econômicas e à Sociologia. No Brasil, esta atenção dada a pesquisa é evidente desde os primeiros volumes das principais revistas científicas nacionais, no estrato de Administração, Ciências Contábeis e Turismo<sup>7</sup> [Figura 1.1].

7 Aqui, levou-se em consideração seis revistas acadêmicas destacadas pelo Ministério do Turismo (MTur): Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo; Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTur); Revista Turismo - Visão e Ação; Revista Turismo em Análise; Caderno Virtual de Turismo; e Revista de Turismo Contemporâneo (Fonte: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/revistas-acad%C3%A0micas-de-turismo.html>).



paradigmas sociais das atividades turísticas como motopropulsores econômicos abrem espaço para reflexões pouco aprofundadas na filosofia e levam a questionar a validade disciplinar científica do fenômeno.

A falta de rigidez nos estudos e pesquisa em turismo como um problema acompanha a ideia de que a área, como campo suscetível às dinâmicas globais, carece de atualização e aprofundamento sobre as conjunturas nas quais está exposto (Rejowski & Carneiro, 2003). Assim, o aprofundamento dos estudos em turismo é importante por dois aspectos: porque “promove uma revisão sistemática do que é o legítimo conhecimento turístico [...], e porque ainda não há acordo sobre o mapa ou as fronteiras dos estudos turísticos” (Tribe, 1997, p. 639). Ademais, a relevância de tratamento desta abordagem está na necessidade de adaptação dos acadêmicos na busca, filtragem e sofisticação do conhecimento – vinculada aos avanços tecnológicos dos meios de comunicação e ao acesso à informação (Dowbor, 1996) –, nas possibilidades de transformação sobre realidades conjunturais, decorrentes de ações certeiras, seguras e previsíveis desse conhecimento densificado (Luckesi, 2005), nos indicadores de cientificidade do turismo (Jafari, 1994; Ascânio, 2010) e nos aspectos disciplinaridades que envolvem as pesquisas neste campo (Rejowski, 1994).

Ao refletir sobre o turismo como área ou disciplina científica recém-desenvolvida (Rejowski, 1994; Jafari, 2005), é possível que as consequências das reflexões pouco aprofundadas na totalidade do fenômeno implicaram nos processos promissores das pesquisas neste campo de estudos, ditando a estrutura do conhecimento produzido nas áreas que se interligam a este, tais como hospitalidade e lazer, por exemplo. Ressalta-se que se deve considerar a importância econômica que o turismo exerce sobre sua história, “a maior indústria do mundo” – tal como expresso por Jafari (2005, p. 55 [tradução livre]). Contudo, salienta-se a necessidade de reflexão através da ótica filosófica, epistemológica e teórica – não necessariamente considerando o turismo no *status* de ciência, mas reconhecendo que, apesar dos paradigmas no entorno dos pensamentos que englobam a área, existe a tal necessidade (Panosso Netto, 2007).

Para entender a importância e complexidade do turismo nas sociedades pós-industriais – ressaltando que, aqui, se reflete sobre a realidade brasileira –, é preciso compreendê-lo, entre diversos aspectos, como fenômeno ambiental, econômico, filosófico, histórico e social. À luz das ciências sociais aplicadas, tais abordagens não explicariam o fenômeno turístico em sua totalidade, no entanto, são o foco deste estudo. A fim de desbravar tais compreensões, este estudo caracteriza-se como qualitativo.

## Delineamento Metodológico e Procedimentos

Considerado o objetivo de integrar conceitos teóricos fundamentais na área e os simbolismos empíricos atribuídos ao que se entende por turismo, este estudo fixa-se em uma abordagem qualitativa fundamentada em levantamentos bibliográficos e documentais de natureza livre.

Em um primeiro momento, revisou-se as publicações de seis revistas científicas brasileiras na área<sup>9</sup>. Ressalta-se que os recortes temporais de análise para cada revista correspondem à disponibilidade dos arquivos em suas respectivas bases de dados. Este levantamento visou evidenciar as principais abordagens articuladas ao fenômeno turístico no país por meio de palavras-chave e títulos de artigos. Na análise de cerca de 1.718 artigos, constatou-se uma ênfase nos aspectos do planejamento e desenvolvimento das atividades turísticas e poucas pesquisas relacionadas à teoria, epistemologia e educação. Tal articulação ajudou a construir os argumentos que compõem a justificativa e a problemática desta pesquisa.

Ademais, foram realizadas entrevistas abertas direcionadas a um mínimo de 90 (noventa) possíveis respondentes. O questionário teve início em 21/10/2020 e foi finalizado em 27/10/2020, com a escrita de 112 participantes que responderam via plataforma *Google Forms*® à seguinte questão: O que é turismo? O objetivo de elaborar uma pergunta simples, do ponto de vista acadêmico, foi atribuir o mínimo possível de influência na resposta dos participantes – solicitou-se, portanto, que os participantes considerassem não consultar respostas disponíveis em quaisquer bases de dados. Para a análise qualitativa do *corpus* textual [respostas dos entrevistados] utilizou-se a ferramenta *WordClouds* – o que permitiu gerar termos entre esses *corpora* e estruturação de uma nuvem de palavras [Figuras 1.2 e 1.3]. Para tanto, os termos foram categorizados e sub categorizados em grupos de análise.

A maioria dos entrevistados é de estudantes ou pesquisadores em turismo, em nível técnico, graduação ou pós-graduação, sendo que foram entrevistados 58 estudantes e 55 representantes da sociedade civil, totalizando 112 respostas. As categorias de análise pré-estabelecidas encontram-se no contexto das respostas dos entrevistados, tanto nas narrativas dos estudantes quanto da sociedade civil. As principais abordagens fundem-se nos seguintes temas: mobilidade, conhecimento, elementos de impacto da atividade turística. Neste ponto, ressalta-se que, ao final, se realizou um breve comparativo entre as diferentes perspectivas nos eixos ambiental, econômico, histórico, filosófico e social do fenômeno turístico.

## Resultados e Discussões

### O que é turismo? Perspectivas de estudantes da área

A análise do turismo como um fenômeno de descolamento das sociedades contemporâneas pressupõe o desbravamento de novos lugares e o desenvolvimento econômico de localidades turísticas. Em maior destaque, estas perspectivas foram expressas no discurso dos alunos entrevistados. Nas análises por categorias, por exemplo, vários termos foram atribuídos a esta ideia: deslocamento, fenômeno, culturas, lazer, lugares, atividades e negócios [Figura 1.2]. Os aspectos dominantes destas reflexões giraram em torno da mobilidade e de algumas das necessidades humanas básicas<sup>10</sup>, caracterizando o turismo como um fe-

9 Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo (2006-2015); Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR [2007-2021]); Revista Turismo - Visão e Ação (1998-2021); Revista Turismo em Análise (1990-2020); Caderno Virtual de Turismo (2001-2021); e Revista de Turismo Contemporâneo (RTC [2013-2021]).

10 Aqui, reflete-se sobre três necessidades humanas básicas: fisiológicas [na ideia de repouso e saúde]; sociais [na ideia de inclusão social]; e de autorrealização [na ideia de autonomia e desenvolvimento subjetivo]. Para saber mais, indicamos a leitura da obra *Motivation and personality*, de Abraham Maslow (1987).



nômeno de ordem social, econômica, ambiental, cultural, industrial e sistemática.

Figura 1.2 – O turismo nas perspectivas dos estudantes da área.



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), por meio da ferramenta WordClouds

Na identificação das atividades turísticas, as mobilidades humanas foram apresentadas de forma técnica, com estipulação de permanência temporária, descrição de pontos de partida e finalidades motivacionais de viagem. A maioria das respostas nesta categoria associou a experiência turística a três vertentes ideológicas: uma sociológica, na qual o turismo foi compreendido como uma atividade de diversão e lazer; uma relacionada à saúde física e mental, na ideia de bem-estar e relaxamento; e outra mercadológica, na qual o turismo foi compreendido como cadeia econômica.

---

“É o conjunto complexo das relações e fenômenos originados pela deslocação e permanência das pessoas fora do seu local habitual de residência por menos de um ano, seja ele para lazer, recreação, negócio, tratamentos de saúde. Todavia, esse deslocamento e atividades não podem gerar lucro como atividade principal” (Entrevistado A).

---

“É o conjunto de atividades que envolvem desde o deslocamento de pessoas de um lugar para outro, com período de permanência de até um ano” (Entrevistado B).

---

Nas multifacetadas que caracterizam os tipos de mobilidade em seus aspectos humanos, o direito de ir e vir também compõe o desbravamento de lugares. Neste pensamento, os entrevistados refletiram sobre o turismo como um campo gerador de conhecimento, desde a história dos destinos visitados aos costumes entre povos. Por outro lado, esta ideia foi associada à curiosidade, identificando também aspectos fisiológicos das necessidades humanas: relaxamento, saúde e bem-estar. Tal necessidade revelou-se na dicotomia traba-

lho-férias, no prazer que se atribuiu à realização de atividades turísticas.

---

“É o que se faz qnd conhece um novo lugar, e qnd [sic] retorna a esse lugar, que não é de frequência. Pode ser desde ir a um parque ou outro equipamento cultural da sua própria cidade, ou outra cidade, estado ou país” (Entrevistado C).

---

“É cultura, história do lugar, passeios ecológicos, comidas típicas, sustentabilidade e pessoas formadas na área!” (Entrevistado D).

---

“A razão pela qual trabalho é para tirar férias” (Entrevistado E).

---

“É uma necessidade psicossomática que nasce com as primeiras sociedades e acompanha o ser humano desde os primórdios, hoje se transfigura na curiosidade do homem moderno de buscar o ser nos outros seres” (Entrevistado F).

---

Nos aspectos históricos, culturais e de conexão entre povos, ao identificar diferentes perspectivas, a resposta de um dos entrevistados chamou a atenção. O turismo foi compreendido para além de uma disciplina ou setor econômico: seria um fenômeno representativo de desconstituição de preconceitos culturais. Para refletir, tal preconceito caracteriza tanto o conceito de xenofobia, quanto a hostilidade entre turistas e residentes. Este aspecto nos leva a pensar sobre a chamada “turismofobia”, um neologismo associado à aversão ao turismo massificado, que considera o modo como a faceta capitalista do turismo pode afetar negativamente a rotina de residentes, refletindo na recepção dos turistas que chegam a determinada destinação – atualmente tal efeito é discutido tanto por estudiosos da área quanto por grupos sociais de cidades como Barcelona, na Espanha. Nesta premissa, na visão de alguns estudantes, o turismo foi caracterizado como um promotor da paz mundial.

---

“Turismo é conexão, é a oportunidade de expandir a consciência e os saberes, aprender com a cultura do próximo, perder preconceitos. Turismo é a oportunidade de promover a paz mundial. Turismo é mais que uma disciplina, é mais que um setor econômico.... turismo é vida, turismo é amor” (Entrevistado G).

---

Na linha das trocas interculturais, as experiências de contato social expressaram a aquisição de autoconhecimento por meio de tais conexões. Esta ideia de autoconhecimento parece estar relacionada à autorrealização e, mais evidentemente, à propensão humana de deslocamento imaginário. Na busca pela autenticidade das experiências em turismo, a autorrealização interior está muito além da contemplação das belezas de um determinado destino – é o que também expressa a resposta de um dos alunos. A procura pelo “eu interior” seria uma viagem de reencontro, ou de encontro pessoal, com valor de ressignificação

existencial, uma viagem de cunho espiritual ou astral.

---

“Turismo são novas experiências, é o contato com novos locais, culturas, paisagens. É mais que se deslocar de uma cidade a outra, é redescobrir, se conectar. Turismo também é lazer, retorno econômico, mas devemos pensar a atividade para além desses aspectos, pensando nas questões sociais, envolvendo a comunidade local em todos os processos e tomadas de decisões” (Entrevistado H).

---

“Fenômeno de deslocamento (físico, virtual ou imaginário) entre sua própria casa e o mundo externo, alterando seus hábitos e costumes momentaneamente em busca de vivenciar, absorver, consumir ou até adquirir uma nova cultura ou um novo espaço” (Entrevistado I).

---

No contexto das análises que englobam as principais abordagens desta pesquisa – o turismo como fenômeno ambiental, econômico, filosófico, histórico/cultural e social – levando em consideração a coletividade do discurso deste grupo de entrevistados vale ressaltar que as respostas possuíam maior envolvimento com a Sociologia e, dentro dela, as interações e relações sociais. Mesmo nos aspectos econômicos das atividades turísticas, as respostas propuseram que a ideia de deslocamento humano, quando caracterizado como turismo, é um elemento de tais influências. Os comentários dos estudantes oferecem *insights* para a compreensão da complexidade do fenômeno turístico, no entanto as respostas parecem limitar-se aos conceitos básicos aplicados ao estudo do fenômeno nas universidades. Apenas uma das respostas sugeriu o turismo como uma ciência [Figura 1.2], apontando que, dentro desta complexidade, existem possibilidades críticas reflexivas.

### O que é turismo? Perspectivas da sociedade civil brasileira

A viagem como um ato de conhecimento, seja pelo desbravamento de lugares ou um elemento de descobertas científicas, propõe o turismo como um produto da cultura. Apesar de também relacionar as mobilidades humanas como um reflexo do capitalismo contemporâneo, os representantes da sociedade civil neste artigo associaram o turismo ao conhecimento empírico e filosófico. Assim, diversos termos que compõem este pensamento foram citados ao longo dos comentários [Figura 1.3], entre eles, os termos conhecer, conhecimento, cultura e história. Tais ideias foram expressas nas representações do turismo como um fator de mudanças de realidades locais, sugerindo as mobilidades como um conciliador de descobertas culturais.

Figura 1.3 – O turismo nas perspectivas da sociedade civil brasileira.



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), por meio da ferramenta WordClouds.

O conhecimento adquirido por meio do desbravamento de novos lugares e culturas locais foi associado à ideia de transformação social e de manifestações estéticas conscientes – relacionando o turismo à arte, por exemplo. Na linha de transformação de realidades locais, reflete-se sobre o planejamento articulado do turismo nas premissas do desenvolvimento sustentável. O estabelecimento deste planejamento revela sua importância ao refletir sobre os efeitos de um desenvolvimento mal articulado de localidades potencialmente turísticas, o que pode acarretar maiores prejuízos que benefícios para comunidades de residentes.

Como um modelo de destino impactado negativamente pelo turismo, um dos entrevistados citou a cidade de Praia Grande, no litoral sul de São Paulo. Vale ressaltar que os panoramas que desenvolveram o turismo local, como a urbanização da orla e as facilidades no acesso a rodovias que se interligam ao destino, geraram consequências como a massificação e a hostilidade entre turistas e residentes. Assim, outro comentário chamou atenção ao criticar a superficialidade das viagens contemporâneas, uma discussão que leva a refletir sobre a autenticidade das experiências turísticas: a construção de uma imagem por meio do *marketing* e a realidade por trás destas ações de comunicação, por exemplo.

---

“Turismo é a arte de descortinar o mundo” (Entrevistado J).

---

“O turismo tem o papel de transformar a realidade de comunidades, tendo efeitos positivos ou negativos nas cidades onde é implantado, como os efeitos negativos na cidade de Praia Grande” (Entrevistado K).

---

“O turismo deve ser uma forma de conhecimento social, já que as pessoas visitam lugares pela curiosidade de entender determinadas realidades, mesmo que com a superficialidade da qual

a maioria das pessoas viajam hoje em dia.” (Entrevistado L).

---

A importância do turismo na transformação de realidades locais também foi atribuída ao conhecimento educacional e organizacional. Por exemplo, como campo gerador de conhecimento, algumas respostas nesse grupo de entrevistados mostraram que a partir das preocupações sobre as questões sociais que envolvem o fenômeno turístico surgem inquietudes acerca de destinos turísticos insustentáveis. Nestas perspectivas humanísticas, alguns dos entrevistados refletiram sobre o turismo como um elemento de preenchimento do tempo livre, além de promotor de conexões com ambientes naturais e entre comunidades receptoras. Assim, ao longo dos comentários, os seguintes termos foram destacados: entretenimento, lazer, atividade, viajar, lugar e lugares.

---

“Uma forma de organização educacional que pode mudar a realidade de um lugar” (Entrevistado M).

---

“O turismo é um meio de adquirir cultura pela descoberta de lugares e o costume de seus povos, história de atrativos turísticos, da cultura local e suas peculiaridades etc., promovendo transformações sociais” (Entrevistado N).

---

“É o deslocamento de uma pessoa para outra localidade que não seja a sua, em busca de entretenimento, repouso e/ou conhecimento” (Entrevistado O).

---

“Uma indústria de conhecimento, comércio e entretenimento” (Entrevistado P).

---

Para além destas reflexões, a faceta do turismo como uma indústria é referenciada em seu aspecto de exploração comercial. Por exemplo, as mobilidades turísticas foram citadas como um elemento de troca monetária, sugerindo o fenômeno como provedor de circulação econômica passageira. Esta ideia está relacionada a perspectivas do turismo como uma mercadoria provinda do capitalismo, propondo o fenômeno como campo gerador de divisas em suas versões práticas.

---

“Imagino que seja uma maneira que o capitalismo criou para gerar lucro com o movimento de pessoas pelo ambiente geográfico. Mas esse movimento não pode ser confundido com migração, turismo tem um componente econômico e passageiro” (Entrevistado Q).

---

“Turismo é um agente promotor de circulação da economia e trânsito de pessoas” (Entrevistado R).

---

“O turismo tem relação direta com a economia, pois, com a circulação de pessoas consideradas turistas e não turistas, aumenta o giro de empresas locais para promover a circulação da economia” (Entrevistado S).

---

Globalmente, embora o turismo tenha sido compreendido como um campo gerador de conhecimento, existem preocupações relativas à sua forma prática. As diferentes perspectivas apresentadas revelaram que, entre a ideia de conhecimento, relacionada às possibilidades de desbravar destinos e suas culturas, e a ideia do turismo como área promissora em termos de desenvolvimento econômico, existem lacunas nos aspectos da sustentabilidade dos destinos. Esta perspectiva se expõe na preocupação dos entrevistados quanto aos efeitos das atividades turísticas na comunidade local. Em consonância a essas premissas, algumas respostas associaram o turismo a uma mercadoria resultante do capitalismo. Por fim, a análise das respostas categorizadas evidencia a proximidade de perspectivas entre os dois grupos de entrevistados [Quadro 1.1], ainda que com breves divergências.

### O que é turismo? Discussões entre estudantes da área e a sociedade civil

A economia do turismo sugere o campo como propulsor de desenvolvimento nacional. Embora esta ideia tenha sido mencionada em alguns comentários, nos aspectos sociais das atividades turísticas, evidenciou-se duas facetas: para além da economia, a primeira idealiza o turismo como um campo transformador de determinadas realidades; a segunda parece preocupar-se com os impactos coexistentes a essas atividades. Entre os grupos de entrevistados este foi o maior consenso evidente.

Na linha de debate sobre os efeitos negativos do turismo, mencionou-se a sustentabilidade como um importante processo no planejamento prático da área. Em contrapartida, o turismo, como um fenômeno ambiental, foi pouco mencionado. Vale destacar que, nas análises categóricas, o turismo, como um fenômeno histórico/cultural, foi salientado pela maioria dos entrevistados em ambos os grupos. Em consonância, evidenciou-se um reconhecimento da área geradora de conhecimento. Ressalta-se que essas reflexões estão presentes na coletividade expressa na resposta dos entrevistados [Figura 1.2 e 1.3], sendo ressaltados no Quadro 1.1 comentários que exemplificam estas perspectivas.

Quadro 1.1 – Respostas categorizadas | análise do turismo como fenômeno ambiental, econômico, filosófico, histórico/cultural e social

Categoria	Estudantes	Sociedade Civil
Ambiental	“É o deslocamento de pessoas de um lugar para outro com a finalidade de conhecer culturas diferentes da sua, vivenciar experiências em ambientes naturais agradáveis e sustentáveis” [...] (Entrevistado T).	“Turismo é prazer, é saúde, é negócio, é cultura, é preservação ambiental, é vida” (Entrevistado U).
Econômico	[...]“atividade econômica condicionada ao deslocamento temporário, fora do entorno habitual, por escolha” [...], (Entrevistado V).	“É explorar comercialmente um lugar /atração. Essa “exploração” se dá por uma troca, onde o lugar/ atração oferece uma experiência em troca de uma [sic] valor monetário” [...] (Entrevistado X).
Filosófico	“Turismo é uma ciência multidisciplinar voltada a diversos segmentos que são influenciados por este fenômeno, com interação na natureza, cultura, economia e afins” (Entrevistado Y).	“A maneira de adquirir conhecimento e novas formas de culturas. Pode ser seu município, estado, país. Ou de outras nacionalidades” (Entrevistado W).
Histórico/Cultural	“É cultura, história do lugar” [...], (Entrevistado Z).	“Conhecer lugares, culturas e história que fizeram a concretizar algo que tenha relevância em uma cidade” (Entrevistado A2).
Social	“[...]Turismo também é lazer, retorno econômico, mas devemos pensar a atividade para além desse [sic] aspectos, pensando nas questões sociais, envolvendo a comunidade local em todos os processos e tomadas de decisões” (Entrevistado B2).	“A prática de relacionar com novos ambientes, locais, culturas e costumes durante viagens e/ou processos de deslocamentos” (Entrevistado C2).

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Em grande escala, a categoria de abordagem do turismo como um fenômeno *ambiental* foi impulsionada por comentários em torno da preservação ambiental e da sustentabilidade. Ainda que essa ideia tenha emplacado o pensamento dos dois grupos de entrevistados, os fatores intrínsecos das atividades turísticas foram pouco mencionados,

configurando esta categoria como a menos referenciada. Sob este prisma, os aspectos ambientais do turismo pareceram estar articulados à ideia de agradabilidade, conforto e prazer. Estes três elementos podem ser representados pela perspectiva do imaginário turístico. Assim, exemplifica-se a supervalorização da imagem de um determinado país – citando as impressões do Brasil pelo *marketing* das agências de viagem: um destino tropical e paradisíaco. A prevalência destes comentários sugere a ideia de “sombra e água fresca”, em contrapartida às atividades laborais.

Por sua vez, a categoria *economia* foi representada pelo ato da troca de capital por uma determinada experiência turística. Em suma, os entrevistados não atribuem o turismo à ideia de geração de emprego em renda. Raros comentários foram citados nesta linha. O que se percebeu foi uma relação entre o valor monetário da atividade turística – valor gasto, não de retorno, ainda que, em alguns comentários, se atribuiu ao fenômeno turístico o desenvolvimento do país. Nesta ideia de desenvolvimento, a categoria *social* representou múltiplos olhares. Em maior destaque, enquanto os estudantes demonstraram preocupações relativas aos impactos da atividade turística nas comunidades receptoras, a sociedade civil demonstrou interesse no papel social transformador do turismo, nas conexões e nos contatos culturais promovidos. Nesta categoria, as diferentes perspectivas encontram-se nos simbolismos da atividade turística frente ao estresse da vida cotidiana e as possibilidades de entretenimento e lazer.

No que concerne à reflexão mais aprofundada, a categoria *filosofia* revelou o turismo como importante campo global de disseminação do conhecimento. Essa categoria foi mais expressa na visão da sociedade civil, demonstrando uma empatia de conscientização quanto à relevância dos estudos aplicados à área. Destaca-se que, em ambos os grupos, a atividade turística foi associada à educação – ainda que, no grupo de estudantes, seja uma categoria menos valorizada. A maioria dos comentários associou o conhecimento adquirido por meio do turismo ao contato cultural estabelecido por suas atividades. Este prisma vai ao encontro da categoria *histórico/cultural* – uma das categorias mais comentadas nos dois grupos. Nessa linha, percebeu-se o interesse dos entrevistados em vislumbrar e compreender a história local presente nas características de destinos turísticos.

A julgar a globalidade presente nas respostas dos dois grupos de entrevistados desta pesquisa, apesar das diferentes perspectivas, percebeu-se um consenso sobre as representações do turismo na sociedade brasileira. Neste sentido, a hipótese de que existe um estranhamento conceitual do fenômeno é refutada. Ademais, ambos os grupos reconhecem, ainda que sutilmente, a relevância dos estudos em turismo. Assim, considerando os aspectos gerais desta pesquisa, além da pergunta norteadora da problemática inicial, há outra pergunta a ser respondida: existe uma teoria em turismo?

Cabe ressaltar que o turismo é um fenômeno complexo que envolve diferentes visões. Nesta linha, a área não possui uma teoria *sui generis*. Dentro do contexto científico da área, alguns teóricos buscaram analisar o fenômeno turístico em diferentes metodologias (apenas para citar como exemplo, Viglia & Dolnicar, 2020) e abordagens utilizadas nas ciências sociais (em visões recentes, Figueredo & Ruschmann, 2004; Panosso Netto, 2007; Camargo, 2019; e em visões clássicas, Enzensberg, 1958; Leiper, 1979). Essas visões têm sido utilizadas



na construção teórica do turismo, mas ainda são suficientes para definir uma epistemologia própria da área. Contudo, a partir das visões teóricas que envolvem o fenômeno turismo, a visão positivista tem sido destaque.

Neste contexto, nos fatores de cientificidade do fenômeno turístico, Panosso e Nearch (2014) afirmam que o turismo não é uma ciência, pois não pode alcançar os patamares estabelecidos pelo classicismo científico, destacando o conceito de ciência de autores das ciências clássicas. Assim, no *status* de disciplina científica, discute-se que é preciso expandir a multiplicidade de olhares em visões aprofundadas, principalmente nos aspectos de rigor científico, unificando a prática e a teoria do turismo para a totalidade de sua compreensão (Fuster, 1974).

## Considerações Finais

Desde a ascensão dos estudos do turismo na universidade brasileira, os paradigmas sociais de suas atividades como motopropulsores da economia abrem espaço para reflexões em torno de sua validade disciplinar científica. Enquanto os cenários econômicos nacionais foram influentes nas configurações dos cursos superiores atuais nesta área, paulatinamente se percebeu preocupações em torno da educação, filosofia, epistemologia e teoria. Assim, nas evidências de que as perspectivas teóricas do fenômeno turístico estão limitadas, reflete-se sobre o que é disseminado na sociedade.

Ao propor a reflexão sobre o que é o turismo, instigou-se a hipótese de que existe uma incompreensão da complexidade do fenômeno. Assim, idealizou-se confrontar as perspectivas da realidade entre acadêmicos e a sociedade civil. No decorrer das análises, percebeu-se pontos comuns entre as perspectivas, apesar do distanciamento evidente em determinadas as respostas. Naturalmente, isso vai ocorrer – uma vez que se confrontou a teoria aplicada nas discussões em sala de aula com a realidade a que estão expostas visões mercadológicas e a sociedade de um modo geral. Contudo, não se pode deixar de notar que percepções paralelas surgem, e é por isso que este artigo se torna relevante.

Entre o grupo de estudantes, há uma série de respostas com descrições técnicas, possivelmente apoiadas nos conceitos da OMT. Isso ocorre porque, praticamente em todas as universidades, o primeiro contato dos alunos é exatamente com os fundamentos do turismo baseados na atualidade. Em contrapartida, percebeu-se que foram poucos os comentários sobre a importância teórica do turismo. Por sua vez, a sociedade civil pareceu conscientizar-se sobre o conhecimento educacional proporcionado pela área – é exatamente essa provocação que este artigo buscou. Ao confrontar as respostas entre os dois grupos de entrevistados e a literatura, notou-se a relevância dos estudos do turismo aplicados em diferentes temáticas e contextos.

Nas análises globais, notou-se que esse debate é extremamente importante e precisa passar pelos muros das universidades e escolas técnicas. É certo que turismo está (e deve estar) atrelado à atividade econômica, pois é uma área que emprega milhões de pessoas ao redor mundo, tendo o papel de principal atividade econômica em muitas cidades. Por outro lado, pode-se destacar o quanto é importante a busca pelo lazer e o ato de viajar

diante dos aspectos caóticos da vida cotidiana na sociedade contemporânea. Essas percepções possuem um destaque relevante, contudo trazem ao debate um campo que necessita ser explorado e compreendido em sua profundidade.

Ressalta-se que a compreensão sobre o que é turismo pressupõe análises mais amplas e aprofundadas. Os pontos de reflexão devem partir da compreensão das motivações e das necessidades impostas, não só pela sociedade, mas a que os indivíduos se sujeitam quando estão de férias ou possuem um tempo livre, por exemplo. Assim, caberia compreender o turismo para além das características de fenômeno aqui abordadas. Por outro lado, não existem conclusões definitivas, em vista de que devido a pandemia de Covid-19 não se alcançou um número significativo de entrevistados.

Neste contexto, percebe-se a importância de ampliar esta linha de estudos para outras vertentes e perspectivas. Reflete-se, assim, que compreensões mais aprofundadas defendem definições fidedignas à realidade. É o que se propõe aos futuros estudos. Ademais, as representações do turismo expostas neste artigo, principalmente no grupo de estudantes, atrelam-se a conceitos limitados, deixando de lado percepções que vão além dos conceitos de órgãos representativos. Ao trafegar no que compreende a teoria do turismo, nota-se o leque de possibilidades em torno desta temática.

## REFERÊNCIAS

- Almeida-Garcia, Cortés-Macías, Balbuena-Vazquez (2019). Residents attitudes towards the impacts of tourism, *Tourism Management Perspectives*, 13, p. 33-40.
- Amaral Júnior (2008). *O Turismo na Periferia do Capitalismo: a revelação de um cartão postal*. 2008. 738f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Arias-Sans, Albert., Milano, Claudio (2019). Case study 3: Barcelona, Spain. Em: 'Over Tourism'? *Understanding and Managing Urban Tourism Growth beyond perceptions*, Volume 2: Case Studies, p. 21-24.
- Arrillaga, José Ignacio de (1976). *Introdução ao estudo do turismo*. Editora: RIO.
- Ascanio, Alfredo (2010). El objeto del turismo ¿Una posible ciencia social de los viajes? *PASOS – Revista de turismo y patrimonio cultural*, 8(4), p. 633-641.
- Balderramas, Helerson Almeida de (1998). Aspectos dominantes da oferta turística para o desenvolvimento do turismo rural, *Turismo - Visão e Ação* - 1 (2) p.71-77.
- Beni, Mário Carlos (2013). Gênese do curso de turismo da ECA USP. In: BRAGA, Debora Cordeiro (Org.). *40 anos de turismo na ECA-USP: memórias e análises*, ECA/USP, p. 27-32, 2013.
- Campodónico, Rossana., & Chalar, Luís (2014). Matriz Científica em Turismo: una propuesta integradora. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos - ABET*, 4 (3).
- Camargo, L. O. L.(2019). Hospitalidade, Turismo e Lazer. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 13(3), p. 1-15.
- Dowbor, Ladislau (1996). *Desenvolvimento e ações do governo local. Dicas: ideias para ação municipal*. São Paulo, PÓLIS, 54.
- Enzensberger, Hans Magnus (1958). A theory of tourism. *New German Critique*, p. 35-117.
- Figueiredo, S. L.; & Ruschmann, D. V. M (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, 7, p. 171-203.
- Fonseca Filho, Ari da Silva (2007). Educação e Turismo. Reflexões para a elaboração de uma educação turística. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 1 (1).
- Fuster, Luis Fernandes (1974). *Introdução a Técnica e Teoria del Turismo*. 4 ed. Madrid: Nacional.
- Fuster, Luis Fernandes (1991). *Introducción a la Teoría y Técnica del Turismo*. Madrid, Alianza editorial.
- Goeldner, Charles., Ritchie, J. R. Brent., & McIntosh, Robert. *Turismo: Princípios, Práticas e Filosofia*, Editora: Bookman; 8ª edição, 2002.
- Gomes, Cristina Marques., & Rejowski, Mirian (2005). Bases Documentais e Teóricas do Lazer Turístico no Brasil, *Turismo - Visão e Ação*, 7 (3), p. 503-514.
- Haddad, Eduardo., Porsé, Alexandre., & Rabahy, Wilson Abrahão (2013). Domestic tourism and regional inequality in Brazil. *NEREUS - Núcleo de Economia Regional e Urbana da Universidade de São Paulo*.
- Jafari, Jafar, Ritchie., & J. R. Brent (1981). Toward a framework for tourism education – problems and prospects. *Annals of tourism research*. Great Britain: Pergamon, 8 (1), p. 13-34.
- Jafari, Jafar. (1994). La cientificación del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, 3 (1) 7-36.
- Jamal, T., & Robinson, M. . (2010). Tazim Jamal and Mike Robinson (eds.) (2009). *SAGE Handbook of Tourism Studies*. SAGE Publications 716 pp. ISBN 978-1-4129-2397-2.
- Khan, Asif., Bibi, Sughra., Lorenz, Ardito., Lyu, Jiaying., & Babar, Zaheer Udden (2020). Tourism and development in developing economies: a policy implication perspective. *Sustainability, MDPI, Open Access Journal*, 12 (4), p. 1-19.
- Leiper, Neil (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, 6 (4), 390-407.
- Lopes dos Santos, Aristides Faria (2009). O desenvolvimento sustentável do turismo em Cubatão (SP), *Caderno Virtual de Turismo* 9 (1).
- Maccannell, Dean. *The Ethics of Sightseeing*. Editora University of California Press, 2011.
- Manhães, Bruno César Rodrigues; Locatelli, Adriana Cristine Dias (2011). Questão de educação: como o turismo ensina? *Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo*, 5 (1).
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed, Editora Atlas.
- Martínez, Alfonso de Jesús Jiménez. *Una aproximación a la conceptualización del turismo desde la teoría general de sistemas*. México: Universidad del Caribe, 2005.
- Moesch, Marutschka (2003). *Turismo e Lazer: conteúdos de uma única questão*. In: Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte. Editora Papirus. Coleção Fazer/Lazer. 2003.
- Moesch, Marutschka; Beni, Mário Carlos. Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n.25, p.p 9-30, DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i25.10857>, 2016.

- Mota, Keila Cristina Nicolau., & Anjos, Francisco Antonio dos (2012). Educação superior em turismo no Brasil: análise da oferta de cursos superiores no Nordeste Brasileiro pelos Institutos Federais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 6, . 48-63.
- Nechar, Marcelino Castillo., & Cortés, Lozano M. (2006). *Apuntes para la investigación turística*. Cozumel-Quintana Roo: Universidade de Quintana Roo.
- Nechar, Marcelino Castillo (2011). Epistemologia crítica do turismo: que é isso?. *Revista Turismo em Análise*, 22(3), 516-538. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v22i3p516-538>.
- OMT, Organização Mundial do Turismo (1992). *Anuário de estatísticas do turismo*, Ed. Madrid, vol. 1.
- Palomo, Manuel Figuerola. *Teoría Económica del Turismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.
- Panosso Netto, Alexandre (2007). Filosofia de turismo: uma proposta epistemológica. *Estudios y perspectivas del turismo*, 16, p.389-402.
- Panosso Netto, Alexandre, Nechar, Marcelino Castillo (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica, *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8 (1), p 120-144.
- Rabahy, Wilson. Análise e perspectivas do turismo no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, vol.14, n.1, 2020.
- Rejowski, Mirian. Pesquisa em Turismo nas universidades brasileiras (1994). *Revista Turismo em Análise*. 5 (1), p. 49-66.
- Ruschmann, D. V. M., Paolucci, L., & Maciel, N. A. L. (2008). Capacidade de carga no planejamento turístico: estudo de caso da Praia Brava - Itajaí frente à implantação do complexo turístico habitacional Canto da Brava. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 2(2), 41-63.
- Santos, G. E. D. O., & Giraldi, J. D. M. E. (2016). Desenvolvimento e validação de uma escala direta para mensuração de atitudes relativas a destinos turísticos. *Turismo - Visão e Ação*, 18 (1), p. 134. <https://doi.org/10.14210/rtva.v18n1.p134-163>.
- Sogayar, Roberta Leme., & Rejowski, Mirian (2011). Ensino superior em Turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. *Turismo - Visão e Ação*, 13 (3).
- Sonaglio, Kerlei Eniele., & Lapolli, Édis Mafra (2003). Uma Abordagem Transdisciplinar para o Desenvolvimento Sustentável do Ecoturismo. *Turismo - Visão e Ação*, 5 (3).
- Swarbrooke, John (2000). *Turismo Sustentável: gestão e marketing*. Editora Aleph.
- Telles, Daniel Hauer Queiroz., & Gandara, José Manoel Gonçalves (2009). Desenvolvimento do turismo e questões socioambientais na vila de encantadas Ilha do Mel-PR: Uma análise a partir da perspectiva da sociedade local. *Turismo - Visão e Ação*, 11 (1), p. 23-40.
- Teixeira, Rivanda Meira; Fletcher, John., & Westlake, John (2001). A educação superior em turismo: um estudo comparativo entre Brasil e Reino Unido. *Turismo - Visão e Ação*, 4 (8).
- Tomazzoni, Edegar Luis (2016). *Coletânea de estudos turísticos*. Triunfal Gráfica e Editora.
- Tomillo Noguero, Félix (2010). El concepto de turismo según la OMT. Em: CASTILLO NECHAR, Marcelino; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Epistemología del turismo*. Estudios críticos. México, Editora Trillas.
- Tribe, John (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24 (3), p. 638-657.
- Viglia, G. & Dolnicar, S. (2020) A review of experiments in tourism and hospitality. *Annals of Tourism Research*, 80, 102858, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102858>

# 2 Pluralidade, diversidade e limitações na construção de conhecimento em turismo

Igor Carneiro de Almeida<sup>11</sup>

Isadora de Oliveira Pinto Barciela<sup>12</sup>

Vítor Silva Freire<sup>13</sup>

## Introdução

Podemos considerar que as viagens acontecem pelo mundo desde o princípio da humanidade. A partir da Revolução Industrial, surge o turismo como forma de viagem organizada. Nascido com uma proposta comercial e capitalista, esse modelo é chamado, por alguns autores, como indústria do turismo. Para além desses aspectos comerciais, emerge como campo de estudo em diversas áreas, tornou-se um campo com abordagens interdisciplinares e multidisciplinares, contribuindo para a produção do conhecimento do Turismo, e passou a ser entendido, também, como um fenômeno social (Jafari, 2005).

O percurso percorrido pelo turismo é extenso, talvez nenhum outro campo de estudo tenha se moldado tanto perante as intempéries da sociedade. A partir das correntes epistemológicas do turismo, surgiram os primeiros paradigmas, servindo para que houvesse avanço nos estudos, e, logo, potencializou-se a produção do conhecimento científico. O devido reconhecimento é dado às escolas teóricas do Turismo, pois, sem as discussões fundamentadas, propostas por diversos autores, o turismo poderia ser esquecido, mas, pelo contrário, o interesse da sociedade por ele aumentou.

O crescimento dos cursos de turismo a nível de graduação e pós-graduação pelo mundo pode ter influenciado e legitimado a importância da discussão teórica no turismo. Nomes como Jafari, Nash, Graburn, Leiper, Beni, Tribe, Nechar estão presentes nas construções teóricas do turismo. Há nomes como Hunziker e Krapf que, cronologicamente, podem ter sido alguns dos primeiros estudiosos do turismo datados, porém as suas literaturas apresentam dificuldades de propagação por ser no idioma alemão e sem traduções em outras línguas. Esses autores traziam um olhar voltado para o viajante – que eles chamavam de forasteiros – e não ao turismo em si.

---

11 Mestrando em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: almeidaigor@usp.br

12 Mestranda em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: isadorabarcia@usp.br

13 Doutorando em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: vifreire@gmail.com

Nas reflexões desenvolvidas a seguir neste trabalho, tentamos observar a construção de conhecimento em turismo a partir de sua pluralidade, convidando o olhar para suas múltiplas abordagens, que escapam à definição de uma única teoria; para a diversidade, destacando o valor da interdisciplinaridade na compreensão do fenômeno turístico; e para as limitações, encarando brevemente a discussão sobre a configuração do turismo como uma ciência.

## Teorias do Turismo

As teorias são importantes para o aprofundamento teórico do campo de estudo e para o avanço científico. Em relação ao turismo, a discussão sobre possuir ou não uma teoria, ser ou não uma ciência, até hoje perdura dentro da academia. Nos cursos de ensino superior em turismo (bacharelado), são comuns os casos de não aprofundamento das teorias, fazendo um debate superficial ou apenas apresentando-a: está aqui, ela existe. Porém, é claro que não podemos tornar isso como uma regra. No ensino técnico, essas teorias aparecem ainda menos, devido ao diferente foco do ensino, o conteúdo está norteado para noções de mercado (Panosso Netto & Trigo, 2009).

Apesar do aumento de interesse no turismo após a Revolução Industrial, quando o proletariado adquire o direito às férias, as viagens turísticas foram vistas como uma fuga do cotidiano e uma possibilidade de lazer. Krippendorf (2000) já mencionava essa fuga, mas também se preocupava com a maneira com que se fazia o turismo e com os impactos provocados pelos fluxos nos destinos. Perspectivas revisionistas e estudos anteriores à Segunda Guerra Mundial remetem a obras do século XIX. Ainda que não esteja organizada com um rigor cronológico, isso nos fornece um panorama histórico desses pensamentos. Existe, sim, teoria do turismo – mas não é só uma.

Os estudos do turismo apresentam certa complexidade, não possibilitando que o seu estudo e aprofundamento ocorram sem que sejam excluídos os elementos que o compõem, como o turista, o anfitrião, as agências, guias de turismo, setor público, setor privado, a universidade etc. Não se deve refletir o modo de se pensar e fazer turismo como único e geral, aplicável a toda realidade, porém, pode ser adaptável. Como mencionar que modelos turísticos que funcionam na Europa ou Ásia funcionarão, igualmente, no Brasil ou na América Latina?

Inicialmente, o estudo do turismo apresentava características especialmente positivistas, visto a partir dos seus atributos econômicos provocados pelas viagens. Longe de ser entendido como um fenômeno social em larga escala, foi dinamizado de acordo com as suas funções capitalistas, que ainda existem e dificilmente se extinguirão.

O nascimento do turismo contemporâneo deve-se ao imenso avanço tecnológico e continua a proporcionar o desenvolvimento atual. Os estudos estatísticos são a prova de que há crescimento constante do turismo. Como apontado pela Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2020, sigla em inglês), 1,5 bilhão de pessoas viajaram até janeiro de 2020 em todo o mundo. Quanto mais se passa o tempo, a tendência é que o turismo cresça. Ainda está “imune” a crises econômicas, porém “não tem anticorpos” para crises sanitárias, como uma pandemia.

A teoria mais difundida no Brasil foi a Teoria Geral Sistemática (SISTUR), difundida por Beni (2001), no início dos anos 2000. Entretanto, há consenso em afirmar que a teoria sistêmica foi trazida e difundida por Bertalanffy, em 1973, a partir da Biologia. Porém, pode-se dizer que nomes como Cuervo, Leiper, Molina e Beni são nomes em destaque da teoria sistêmica no Turismo para o debate e produção acadêmica. Ainda, a teoria sistêmica, por Leiper (1990), foi mais difundida globalmente (Lohmann & Panosso Netto, 2012), provavelmente pela escrita em inglês. Por dar espaço a diversos olhares, o turismo também é considerado um campo interdisciplinar.

A interdisciplinaridade no turismo é devida ao fato de não possuir uma teoria propriamente sua, partindo do próprio interesse, e sim teorias derivadas de outras áreas de estudo, que trouxeram múltiplos olhares para o seu entendimento. O turismo é visto como um campo de estudos amplo e ainda fértil. Jafari (2005) traz a perspectiva da interdisciplinaridade, de modo que o estudo por meio de departamentos ou disciplinas relacionam-se com o turismo – que se encontra no centro do processo do estudo – através de uma disciplina própria dos cursos de Turismo. Por exemplo, para entender-se a legislação turística, deve-se buscar o conhecimento do Direito; ou, quando se pretende entender a relação entre hóspede e anfitrião, deve-se utilizar a Psicologia.

Novas abordagens estão sendo empregadas no campo do turismo, com isso abrindo espaço para novas teorias. A Mobilidade demonstrada por Allis (2016) traz a reflexão sobre as interações nas dinâmicas sociais que acabam escapando dos conceitos disciplinares do que é turismo. É o olhar de turista exercido em sua própria cidade.

O imaginário, um campo extenso e utilizado em diversas áreas, no turismo é visto como fundamental para a formação da percepção do destino a partir do olhar de mercado e para a interpretação a partir dos turistas e visitantes (Núñez, 2020). Trazidos aqui de forma menos densa, podemos notar a complexidade das reflexões trazidas por esses campos, dois exemplos de novas abordagens no Turismo.

A epistemologia, em seu sentido de produção de conhecimento – *episteme* (ciência/conhecimento) e *logia* (estudo) – contribuiu para a construção teórica no turismo, assim como em outros campos de estudo e ciências. Panosso Netto (2011) fala da necessidade da epistemologia no turismo, que se deixou apropriar de teorias de outras ciências e, não obstante os esforços, não teve êxito em conceber escolas próprias de pensamento teóricos.

Os aspectos epistemológicos do turismo tornaram-se interesse de pesquisa a partir da década de 1990. Inicialmente, os filósofos não se interessaram em investigar a epistemologia do turismo, como afirma Panosso Netto (2011). Tribe (1997) indica que a abordagem epistemológica do Turismo pôde ajudar o debate sobre esse campo a se desenvolver e legitimou a produção de conhecimento no turismo.

## Teoria do Turismo ou para o Turismo

Esta proposta de observar a construção de conhecimento acerca do fenômeno turístico pode aguçar um questionamento sobre certos limites disciplinares a que estamos tão acostumados. Afinal, estamos realmente tratando aqui de uma teoria do Turismo?

Pensamos no jogo de palavras do subtítulo desta seção para então descobrirmos que, anos antes, Panosso Netto, Noguero e Jäger (2011, p. 546) faziam provocação semelhante sobre “a teoria do turismo, se é que existe uma que se possa identificar como original – ou mesmo como ‘teoria DO turismo’ (‘do’ em maiúsculas mesmo!)”.

Insistimos na relevância do raciocínio, na convicção de que “a palavra não é neutra” (Marinho, Santos & Ferreira, 2018, p. 215). A afirmação corrobora uma pesquisa na qual os autores fazem extensa investigação sobre a nomenclatura encontrada em disciplinas acadêmicas relacionadas ao turismo. Em sua análise, Marinho et al. (2018) identificam que a expressão do turismo poderia significar uma relação de que o turismo detém a posse de algo – no nosso caso, da teoria. É significativo notar que essa construção sintática foi muito menos encontrada pelos autores do que outras como aplicado ao turismo ou no turismo, bem mais presentes em currículos acadêmicos. Essas últimas, por sua vez, indicariam um turismo como “objeto”, “olhado sob a perspectiva de”, “um objeto/exemplo/campo de aplicação de outra área” (Marinho, Santos & Ferreira, 2018, p. 211).

Já a construção do nosso jogo de palavras sugere que, para os propósitos desta seção, interessa-nos menos a percepção de uma teoria sobre o turismo, o que nos indicaria algum distanciamento sobre o objeto analisado, e mais o conhecimento que é oferecido para o turismo, uma teoria que procura aproximar-se de tal objeto – a despeito de sua origem ou circunscrição a qualquer domínio.

Quando questionamos limites disciplinares na construção de conhecimento, a discussão pode ganhar maior profundidade aceitando a necessidade de, ainda que brevemente, abarcarmos a compreensão de termos tão correntes quanto confusos, como o são a multi, a inter ou a transdisciplinaridade.

Para Beni e Moesch, a multidisciplinaridade (ou pluridisciplinaridade) diz respeito “à transferência de métodos de uma disciplina para outra”, significando, portanto, “a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese” (Beni e Moesch, 2016, p. 21).

É justamente um efeito colateral apontado por Nechar e Cortés (2006), quando um rol de teorias para o turismo, oriundas de disciplinas concorrentes, parcializaram o conhecimento sobre o Turismo segundo seus próprios interesses. Nisso, de acordo com os autores, a transposição de categorias e conceitos não se articula adequadamente em modelos precisos para o fenômeno turístico.

Já a interdisciplinaridade opera de maneira diferente – ainda que pareça exigir mais uma sutileza na observação de seus resultados do que representar algo tão facilmente distinguível do conceito anterior. Na ação interdisciplinar, ao invés de compartimentação, temos um efetivo diálogo e influência entre as disciplinas, um “empréstimo de conceitos” que Singh (2015) vê de forma positiva e até natural ao desenvolvimento do conhecimento em Turismo. Assim, possibilita “o surgimento de novos conceitos e categorias de análise, o emprego de variáveis de ciências consolidadas como instrumentalização teórica para novas abordagens científicas” (Beni & Moesch, 2016, p. 21).



Para os autores, por fim, isso poderia levar à transdisciplinaridade, um olhar ainda mais amplo que compreende, ao mesmo tempo, o que está “entre as disciplinas, através das disciplinas e além das disciplinas” (Beni & Moesch, 2016, p. 21). Os dois últimos conceitos parecem se relacionar e mesmo se misturar frequentemente, inclusive, em produções acadêmicas, o que provavelmente poderá ser percebido também neste texto.

Talvez o mais interessante seja, seguindo ainda as reflexões de Beni e Moesch, compreendê-los como atitude científica (fundamental ao Turismo, diriam os mesmos), uma que “coloca o pesquisador avançando as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber” (Beni e Moesch, 2016, p. 10).

Com discurso mais enfático, Fischetti e Chiavazza (2017) detalham uma mudança de postura que desordenaria os saberes e significaria não apenas atravessar fronteiras de especialização entre disciplinas organizadas, como também redesenhar jornadas disciplinares à margem das disciplinas acadêmicas.

Certa inexatidão do conhecimento, quando aplicada no olhar para o turismo, encontra algum eco nos pensamentos de Nechar e Cortés (2006), que percebem as Ciências Sociais operando em um espaço de areias movediças, em que o trabalho não permite todas as categorias exatas, ainda que possam vir a ser rigorosas.

Parece, aliás, bastante comum a convicção de que o ensino e a aprendizagem do turismo configuram um campo interdisciplinar (Jafari, 2005) ou transdisciplinar (Trigo, 2020). Essa convicção está calcada na própria percepção do fenômeno turístico em si, como um complexo “campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, mas possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, e explicitador de uma estética diante da busca do prazer” (Beni & Moesch, 2016, p. 22).

Os autores, assim, colocam a necessidade da atitude interdisciplinar não como uma escolha aleatória, mas como intrínseca à compreensão do turismo, campo necessariamente multifacetado e complexo. Complexidade bastante prejudicada por um constante reducionismo na análise do fenômeno turístico, normalmente sob viés econômico. Crítica similar ao reducionismo de análise é encontrada em Camargo (2019) e explicitada por Panosso Netto et al., para quem “a visão estreita, de que o turismo é puramente economia, é um limitador no desenvolvimento das teorias atuais e na própria prática de um turismo mais justo e responsável” (Panosso Netto, 2011, p. 548).

Se o discurso de interdisciplinaridade parece bem resolvido em conceituações, não significa que sua efetivação não encontre obstáculos. Camargo provoca que, se não há dúvidas que novos estudos do turismo devem operar em uma esfera interdisciplinar, é uma “metodologia da qual muito se fala, mas pouco se pratica” (Camargo, 2019, p. 14).

Marinho et al. (2019) diriam que não se fala na proporção que se deveria. Sua pesquisa sobre publicações que abordam a relação Ensino Superior e Turismo encontrou uma escassez de produções que incorporam a relação destes elementos com a interdisciplinaridade. Concluem, então, que “num universo conceitual complexo, essa reflexão torna-se imperativa para o próprio avanço do Turismo enquanto ciência” (Marinho et al. 2019, p. 385).

Quanto à prática interdisciplinar, para Morin (2000), há uma dificuldade em nosso modo de conhecimento, que costuma isolar os objetos, reduzir o complexo ao simples, eliminando desordens ou contradições que possam surgir em nosso entendimento. Temos, assim, uma formação mental fechada, para a qual a “possibilidade de um conhecimento para além de uma especialização parece-lhes insensata” (Morin, 2000, p. 1266).

Para o autor, a consequência é uma resistência a qualquer reforma de pensamento, inclusive – ou sobretudo – no campo da Educação. Ilustrando sua percepção, faz uma curiosa analogia, emprestada de Curien, ao comentar que muitos professores, em seus hábitos disciplinares, “são como os lobos que urinam para marcar seu território e mordem os que nele penetram. Há uma resistência obtusa, inclusive entre os espíritos refinados” (Morin, 2000, p. 1260).

Pronovost (2018), aliás, discorre de forma interessante e bastante compreensiva sobre certa concorrência científica ocorrida ao longo do desenvolvimento dos estudos para o lazer e o turismo. Compreensiva porque entende que tal concorrência não é qualquer coisa de vilanesca, mas está muito mais conectada à tentativa de um reconhecimento científico.

Contudo, nesse processo, são perceptíveis disputas de poder, de domínio do turismo, na qual uma disciplina propõe-se como protagonista, ao passo que confere às outras o papel de auxiliares, bem como são perceptíveis suas consequências na forma que o fenômeno era percebido. Ora pertencente à Sociologia, ora à Geografia, ora à Psicologia, o turismo e o turista ganhavam diferentes contornos científicos, ora focados no lazer, ora no estudo do espaço, ora na relação entre turista e lugar (Pronovost, 2018).

A perda de domínio conceitual, como se vê, não é nada confortável. Figueiredo e Ruschmann (2004) fazem uma explanação sobre a relação entre o viajante e a novidade, que aproximamos deste breve estudo (não por acaso, para o Turismo).

Para os autores, aquele que chega a um novo território, ainda que a princípio bem tratado sob um código da hospitalidade, representa a novidade e, por isso mesmo, também uma ameaça. “Esse é o risco que representa o estrangeiro: ele traz a novidade, as diferenças, e isso pode modificar a estrutura, ameaçando o outro com a mudança” (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 173).

Entretanto, os viajantes prosseguem, levando sua novidade e motivados, provavelmente, pelo encontro de ainda mais novidades. Igualmente, o rompimento de fronteiras disciplinares também prossegue, contribuindo com novos conhecimentos e motivados, provavelmente, pelo encontro de ainda mais conhecimentos. Afinal, “as características dos viajantes são muitas, mas ninguém é viajante se não for curioso. Essa curiosidade provoca a sensação de aventura e a adrenalina necessária para ir cada vez mais em frente” (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 174).

Retomando Pronovost, esses novos encontros parecem necessários, propondo que “a ‘ciência do turismo’ deve dar lugar a uma diversidade de abordagens sob o guarda-chuva das ciências sociais, sem que nenhuma delas reivindique o status de ciência unificadora” (Pronovost, 2018, p. 167).

Em estudos sobre turismo, é comum nos depararmos com um extenso rol de notáveis pesquisadores que contribuíram no desenvolvimento de suas teorias, com igualmente notável diversidade de formações acadêmicas e campos científicos de origem.

Chamar a atenção para os currículos daqueles que costumamos estudar é pertinente aqui, porque, vale salientar, não costumam representar uma trajetória de “abandono”, de ex-economistas, ex-geógrafos ou ex-sociólogos que, após formação inicial, migraram para a área do turismo. Mas estudiosos que, a partir de seus lugares prévios de conhecimento, se movimentaram para desenvolver novos conhecimentos para o turismo.

Tal diversidade curricular poderia se conectar a uma série de outras discussões, até mesmo sobre a vagarosidade com que o turismo foi inserido nas universidades ao redor do mundo (Jafari, 2005). Perguntando-nos se essa impressão de diversidade curricular resistiria a uma observação mais atual, fizemos uma rápida anotação quanto à forma como se identificavam os autores de edições recentes de três destacadas revistas acadêmicas de turismo.

Na RBTUR – Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, os artigos publicados “devem ter obrigatoriamente associação direta e explícita com o tema turismo” (Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 2020). Cientes dessa proposta, dentre os 20 autores envolvidos nos nove artigos publicados em sua edição de setembro de 2020, encontramos formações especializadas em turismo (a maioria) e também em Administração, Engenharia, Geografia, Geologia, Economia, Marketing, Finanças Públicas e Ciências Sociais.

A missão assumida da revista Turismo – Visão e Ação é “interconectar as pessoas interessadas através da transversalidade da pesquisa científica na área do conhecimento do Turismo” (Revista Turismo – Visão e Ação, 2020). Os 23 autores responsáveis pelos nove artigos da sua edição de maio a agosto de 2020 apresentam formações especializadas em Administração (a maioria), Ciências da Informação, Turismo, Marketing, Planejamento Urbano, Geografia, Engenharia, Ciência Política e Direito.

A Revista Turismo em Análise entende “o turismo como fenômeno complexo, sobre o qual o avanço do conhecimento requer tanto a compreensão das suas interfaces com outras áreas, quanto o encorajamento às suas perspectivas interdisciplinares” (Revista Turismo em Análise, 2020). Sua edição de janeiro a abril de 2020 apresenta seis artigos escritos por 16 autores, dentre os quais identificamos formações especializadas em Turismo (a maioria), Administração, Engenharia, Hospitalidade, Ciências do Ambiente, Geografia, Sociologia e Contabilidade.

Mesmo que observada de forma bastante ligeira, a diversidade curricular em publicações atuais é, pelo menos, um indício bastante concreto do potencial interdisciplinar que pode ser aproveitado pelo turismo. Aqueles que se dedicam a compreender o fenômeno turístico têm tanto um rol diversificado de estudos à disposição, quanto uma responsabilidade de colocar todas essas obras na mesma prateleira e tecer interlocuções que façam o discurso interdisciplinar configurar-se em prática.

Recordando a teoria de Proust, Morin dá-nos a sugestão: “uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo” (2000, p. 1368).

## Precisa de uma Teoria do Turismo?

Há, entre os pesquisadores do turismo, algumas correntes filosóficas no que diz respeito ao nascimento de seus estudos. Nesse sentido, é interessante compreender as três principais visões: hegemônica, revisionista e as novas perspectivas, pois elas estão diretamente relacionadas com a forma que os pensadores enxergarão o turismo do ponto de vista da cientificidade, ou seja, como uma disciplina ou não.

Na visão hegemônica, o turismo surge após a Segunda Guerra Mundial, havendo um domínio da língua inglesa nos estudos. Desse modo, é compreendido a partir do mundo anglo-saxão. Nessa escola de pensamento, a ciência é pautada pela visão positivista, a qual predominou por muito tempo como um dos paradigmas científicos no turismo, e essa corrente considera que os estudos turísticos surgem com Walter Hunziker e Kurt Krapf (Panosso Netto, 2007).

Nesse contexto, vale destacar o conceito de enclave turístico. Mencionado por Núñez (2017), o termo tem origem na Economia, e para os historiadores possui origem colonizadora. No Turismo, é comum o uso de modelos importados da Europa e aplicados em países subdesenvolvidos, como os latino-americanos. O autor reforça a importância de criar-se uma teoria sob a ótica periférica, para que a atividade seja desenvolvida de acordo com as características e realidade local.

Segundo Castañeda, Nechar, Panosso Netto e Valdés (2013), o pensamento positivista no turismo, apesar do rigor metodológico adotado, carece de reflexões relacionadas aos fenômenos turísticos. No Brasil, os estudos do turismo com vertentes positivistas foram influenciados sobretudo por Fuster (1971), que abordava questões como teoria e técnica do turismo e o turismo de massa. No entanto, considerava o turismo como um estudo dependente de outras áreas.

Para exemplificar a questão da validade científica e a forma de se construir ciência, vale trazer a clássica discordância entre os pensadores Karl Popper e Thomas Kuhn. Popper define o que é ciência por meio do conceito de falseabilidade, ou seja, a possibilidade de uma teoria ser refutada, e se posiciona contra a postura indutivista, baseando-se, assim, no conceito de superação de teorias. Na contramão, Kuhn critica essa visão positivista de se fazer ciência, contestando o pensamento popperiano, pois, para o filósofo, o cientista não é um solucionador de enigmas, e tampouco o conhecimento se desenvolve de maneira acumulativa, mas sim com rupturas. Por isso, caracteriza a teoria de Popper como uma ciência normal, a qual se baseia em dogmas dominantes e aceita novas teorias apenas em conjunto com a maioria, enquanto a ciência extraordinária, a qual defende, abarca cientistas que possuem posturas revolucionárias e críticas, que constroem novos paradigmas (*apud* Schmidt & Santos, 2007). Veremos essa abordagem crítica aplicada ao turismo mais adiante.

A visão revisionista é baseada em princípios marxistas, que analisa o turismo a partir da economia e produção, tendo como principal referência MacCannell (1976), Krippendorf (1984) e Nash (1977), que discutem, cada qual à sua maneira, o fato de o turismo não estar disponível a todos os sujeitos e as desigualdades relacionados ao lazer e turismo entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Sendo assim, a principal abordagem dessa cor-

rente filosófica permeia em torno do turismo ser um fenômeno advindo do sistema capitalista, com estruturas pré-estabelecidas, contribuindo para a construção crítica do conhecimento científico no Turismo (Panosso Netto & Nechar, 2014).

A terceira abordagem seria as novas perspectivas do turismo, as quais se caracterizam pela virada crítica dos estudos em turismo, sobretudo a partir do conceito de epistemologia. Porém, outras abordagens se enquadram nesse contexto, como a fenomenologia, que estuda a experiência humana, de indivíduos ou grupos em um dado território, buscando compreender, então, as aspirações e motivações humanas, a partir das relações espaço-tempo (Panosso Netto, 2011).

Ademais, como mencionado anteriormente, nessa vertente destaca-se a proposta epistemológica do turismo, que visa a construção de estudos consistentes, por meio da crítica, buscando um novo significado ao objeto, compreendendo a ciência de forma ampla e desvinculando-se da visão positivista. Surgem, então, novos procedimentos metodológicos e atenção aos estudos turísticos em regiões periféricas, ou seja, não falantes do inglês, como Brasil, China, México, Coréia, Portugal e Espanha (Panosso Netto, 2007).

Nesse sentido, a teoria crítica incorpora, em seu bojo, aspectos morais e sociais, que intercedem na maneira de produzir conhecimento. Portanto, para Panosso Netto et al. (2011), para desenvolver verdadeiramente ciência crítica, é necessário alicerçar-se na filosofia e epistemologia.

Segundo Tribe (2000), a epistemologia aplicada ao turismo é fundamental por dois grandes motivos: contribui com a validação do conhecimento produzido na área e auxilia na delimitação do campo do Turismo, ou seja, onde se inicia e encerra sua atuação.

Após um panorama geral das principais correntes filosóficas no campo do turismo, e antes de definir se turismo é ou não ciência, é importante compreender o estudo realizado por Panosso Netto (2007), o qual se baseou na teoria dos paradigmas científicos elaborada por Kuhn, que categoriza historicamente as teorias do turismo. Desse modo, o autor segmenta a teoria em três fases: pré-pragmática, sistemas de paradigmas do turismo e novas abordagens, destacando grupos básicos de autores em cada uma delas, como veremos a seguir:

A fase pré-pragmática é composta pelos primeiros estudiosos do turismo, como Fuster (1971), Walter Hunziker, K. Krapf (em Fuster, 1971), AJ Burkart e S. Medlik (1974). Seria nesse período que a teoria estaria sendo gestada (Panosso Netto, 2007).

Panosso Netto (2007) afirma haver um período de transição, em que surgem as primeiras análises do Turismo baseadas nas teorias gerais dos sistemas. Destacam-se os autores Wahab (1977) e Raymundo Cuervo (1967).

A segunda fase, denominada sistema de paradigmas do turismo, caracterizada pela abordagem sistemática do fenômeno turístico, é composta por pesquisadores como Leiper (1979), Beni (2001), Sessa (1985) e Boullón (2002).

Novamente, Panosso Netto (2007) aponta uma zona de transição, desta vez entre a segunda e a terceira fase. É composta por autores que se baseiam nas teorias do sistema turístico, mas trazem novas abordagens, como é o caso de Krippendorf (1985) e Molina (1991).

Por fim, a terceira fase é intitulada novas abordagens, inclui autores que buscam superar o paradigma do sistema do Turismo, colocando o indivíduo no centro das discussões da atividade. Autores como Jafar Jafari (1995) e Tribe (1997) seguem nessa linha de pensamento (Panosso Netto, 2007).

Agora, com um recorte das principais correntes filosóficas e grupos de autores, é possível entrarmos na discussão da cientificidade do turismo, uma vez que deve considerar sua bagagem histórica. Para isso, traremos para o presente trabalho três grandes autores que possuem visões distintas sobre o tema. São eles: John Tribe (1997; 2000), Neil Leiper (2000) e Jafar Jafari (2005).

Para Tribe (1997), o próprio termo turismo envolve questões discutíveis, pois possui diferentes significados. Desse modo, não considera o turismo como uma disciplina, pois afirma que possui um corpo teórico imaturo, com ausência de sustentação teórica, comparado a outras disciplinas. Além desses aspectos, fundamenta-se no argumento de que os estudos do turismo tiveram início em outras disciplinas, e os conceitos não são especificamente da área. Sendo assim, não formam uma rede estruturada, tampouco há uma teoria que una os investigadores a um mesmo método de estudos, além de declarar que as teorias do turismo não se diferenciam ao analisar o mundo e não são testáveis. Faz uma crítica a Leiper (2000) e sua teoria do sistema turístico, ao definir a ciência do turismo como turismologia.

Segundo o autor, “os estudos do turismo deveriam celebrar sua diversidade, não deve ser um problema não se enquadrar como disciplina” (Tribe, 1997, p. 656).

Seguindo o debate, Leiper (2000) responde às críticas feitas por Tribe (1997) e afirma que o autor não olhou adiante, restringindo-se a uma visão limitada sobre ciência e turismo. Leiper reconhece o turismo como uma disciplina emergente e traz, como exemplo, a quantidade de cursos superiores existentes na área, além do amadurecimento das pesquisas, e afirma que faz parte do campo esse olhar multidisciplinar, fato este que não anula a cientificidade da área e o corpo teórico construído até o momento. Considera, portanto, que o turismo está cada vez mais propenso a se desenvolver e se enquadra ao nível de disciplina.

Baseando-se nos autores acima, Jafar Jafari (2005) faz algumas reflexões acerca do conhecimento em Turismo e reconhece que seu percurso científico está progredindo. Ao contrário de Tribe, acredita que o Turismo se equipara aos outros campos científicos, tendo ferramentas adequadas para seu desenvolvimento gradual. Assim como Leiper (2000), o autor destaca a ampliação do ensino superior e ressalta a ampliação de cursos de pós-graduação, havendo conseqüentemente aumento da produção científica. Realça a articulação entre áreas, como Geografia e Sociologia, e o aumento e qualidade de livros, revistas, além do surgimento de grupos de pesquisas, eventos científicos e fortalecimento dos observatórios do turismo. Nesse sentido, diante de todos os elementos citados, o autor afirma que o turismo está caminhando para se tornar uma ciência.

Ascanio (2010) reitera que os estudos do turismo ainda necessitam de aprofundamento, para que se fortaleça enquanto uma ciência social das viagens e menciona ser um instrumento importante para analisar a interdependência entre anfitrião e turista, bem como os impactos da atividade na comunidade receptora, podendo contribuir com o desenvolvimento sustentável das localidades. Entende, portanto, que este fenômeno é o principal objeto de estudo do turismo.

A discussão em torno da cientificidade do turismo divide os pesquisadores em três principais grupos: os que são contrários à ideia do turismo como uma disciplina, os que vislumbram um caminho para tal e, por fim, os que afirmam que o Turismo já é uma disciplina. Abordamos, neste trabalho, uma série de reflexões sobre ciência e turismo. É notório que há uma organização do pensamento em correntes filosóficas e grupos de autores que fortalecem os estudos turísticos e dão consistência teórica para a área.

Mas, afinal, o que se estuda no turismo? É importante uma teoria do turismo? Entende-se, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado, que o principal foco dos estudos turísticos baseia-se nos sistemas turísticos, impactos, turistas e relação entre os sujeitos. No entanto, decidir se o turismo é ou não uma ciência depende do observador e suas concepções teóricas e ideológicas.

## Considerações Finais

Como vimos, existem autores que acreditam que o turismo é ciência, outros que o turismo não é ciência, e sim um campo de estudo e, ainda, aqueles que falam que o turismo ainda não é uma ciência – mas está caminhando para concretizar-se como uma. Devido a isto, alguns acreditam que o turismo não tem uma teoria própria, mas diversas teorias incorporadas de outras áreas que possuem o Turismo como interesse de investigação.

O fato que realmente interessa nessa discussão é a importância do turismo na sociedade, por toda a particularidade e complexidade tornando-se interesse para estudos acadêmicos, para o mercado e a sociedade civil. Compreendemos que as conclusões a respeito de uma teoria do turismo são influenciadas por modos distintos de ver o mundo e por uma variedade de conceitos. Acreditamos, aqui, que esses múltiplos olhares façam parte da ciência e são fundamentais para o desenvolvimento, construção do conhecimento e para o aprofundamento dos entendimentos sobre turismo.

Dessa forma, fundamentando-se em Pereira (1990), acreditamos que seja necessário pensar para além da Filosofia clássica, que relaciona teoria a lógica: é preciso compreender a relação entre homem/mundo, sob uma ótica mais ampla e dinâmica, por meio da lógica dialética, que amplia o universo do pensamento e conhecimento. Não se trata de excluir esse ponto de vista, mas sim de somar outras formas de discurso, como as Ciências Sociais e Humanidades, incluindo o turismo. Portanto, “para fazer ou criar teoria, precisamos das duas lógicas. O que não podemos é permanecer no vício dogmático, desta ou daquela abordagem” (Pereira, 1990, p. 29).

## REFERÊNCIAS

- Allis, T. (2016). Em busca das mobilidades turísticas. *Plural, Revista do Programa de Pós- Graduação em Sociologia da USP*, 23 (2), 94-117.
- Ascanio, A. (2010). El objeto del turismo. ¿Una posible ciencia social de los viajes? *PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 8 (4), 633-641.
- Beni, M. C., & Moesch, M. (2016). Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 25, 9-30.
- Camargo, L. O. L. (2019). Hospitalidade, turismo e lazer. *RB-TUR – Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 13, 1-15.
- Castañeda, A. E. A., Nechar, M. C., Panosso Netto, A. & Valdés, R. M. (2013). Las visiones antipositivistas de la construcción del conocimiento en turismo. *Turismo e Sociedade*, 6 (3), 508-530.
- Figueiredo, S. L., & Ruschmann, D. V. M. (2004). Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. *Novos Cadernos NAEA*, 7 (1), 155-188.
- Fischetti, N., & Chiavazza, P. (2017). Arte e ciencia en los márgenes de la academia. In Alvarado, M., & De Oto, A. (Ed.). *Metodologías en contexto: Intervenciones en perspectiva feminista/poscolonial/latinoamericana*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO.
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, 42 (1), 39-56.
- Krippendorf, J. (2000). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo, SP: Aleph.
- Leiper, N. (1990). *Tourism Systems: An interdisciplinary perspective*. Palmerston North: Department of Management Systems, Massey University, New Zealand.
- Leiper, N. (2000). An emerging discipline. *Annals of tourism research*, 3 (27), 805-809.
- Lincoln, Y. S., & Densin, N. K. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. São Paulo, SP: Penso.
- Lohmann, G., & Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do turismo*. São Paulo, SP: Aleph.
- Marinho, M. F., Santos, M. M. C., & Ferreira, L. T. (2018). Componentes curriculares de cursos de graduação em turismo: uma leitura sintática-semântica na relação dialógica entre áreas de conhecimento. *RBTUR*, 12 (3), 197-218.
- Marinho, M. F., Santos, M. M. C., & Ferreira, L. T. (2019). Produção de conhecimento em Turismo, Ensino Superior e Interdisciplinaridade na base de dados Scopus: achados investigativos (1991 a 2015). *Revista Turismo em Análise – RTA*, 30 (2), 367-390.
- Moesch, M. M. (2013). El origen del conocimiento: El lugar de la experiencia y de la razón en la génesis del conocimiento del turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 22(5), 985- 1001.
- Morin, E. (2000). *A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Nechar, M. C., & Cortés, M. L. (2006). *Apuntes para la investigación turística*. México: Universidad de Quintana Roo.
- Núñez, E. B. (2017). El enclave turístico y la imagen del “buen salvaje” americano: un abordaje iconográfico. *Estudios y perspectivas en turismo*, 26 (4), 760-780.
- Núñez, E. B. (2020). *Las Playas Imaginadas: Turismo, imaginarios y discurso colonial em Guanacaste*. Costa Rica: Editorial Arlekin.
- Panosso Netto, A. (2007). Filosofía del turismo: una propuesta epistemológica. *Estudios y perspectivas en turismo*, 16 (4), 389-402.
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo, SP: Aleph.
- Panosso Netto, A., & Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8 (1), 120-144.
- Panosso Netto, A., Noguero, F. T., & Jäger, M. (2011). Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Turismo em Análise*, 22 (3), 539-560.
- Panosso Netto, A., & Trigo, L. G. G. (2009). *Cenários do turismo brasileiro*. São Paulo, SP: Aleph.
- Pereira, O. (2010). *O que é teoria*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Pronovost, G. (2018). A construção da noção de “turista” nas ciências sociais. *Revista Hospitalidade*, 15 (2), 158-168.
- Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. (2020). Recuperado de <https://rbtur.org.br/rbtur/>.
- Revista Turismo em Análise. (2020). Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rta/>.
- Revista Turismo – Visão e Ação. (2020). Recuperado de <https://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rtva/>
- Singh. T. V. (2015). From the editor-in-chief. *Tourism Recreation Research*, 40 (1), 4-5.
- Schmidt, P., & Santos, J. L dos. (2007). O pensamento epistemológico de Karl Popper. *ConTexto*, 7 (11).
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of tourism research*, 24 (3), 638-657.



Tribe, J. (2000). Indisciplined and unsubstantiated. *Annals of Tourism Research*, 27 (3), 809-813.

Trigo, L. G. G. (2020). Viagens e turismo: dos cenários imaginados às realidades disruptivas. *RBTUR – Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 14 (3), 1-13.

UNWTO (2020). *World Tourism Barometer*, 18 (1). Recuperado de: <https://www.unwto.org/world-tourism-barometer-n18-january-2020>.

# 3 Teorias do turismo – por epistemologias do sul global

Paulo Tacio Aires Ferreira<sup>14</sup>

## Introdução

Durante muito tempo o turismo, mesmo do ponto de vista da produção acadêmica, voltou-se prioritariamente às questões econômicas e seu gerenciamento, em detrimento do desenvolvimento de estudos mais acurados e profundos. Aos poucos cedeu espaço a outros campos do saber. À medida que a atividade cresceu, concomitantemente, de maneira justaposta às mudanças sociais e culturais inerentes à sociedade, surgiram pesquisas apoiadas em áreas de estudos mais diversificadas propondo, posteriormente, atender a essas novas transformações.

Ainda que possamos apontar Robert Glucksmann como pioneiro e grande pesquisador do turismo, cujo trabalho localiza-se entre as primeiras décadas do século XX, membro da conhecida “escola de Berlim”, possivelmente o turismo já vinha de um processo de interesse de pesquisa antes mesmo de este estudioso alemão se debruçar nesta atividade, conforme comprova Panosso Netto e Jäger (2016, p. 8).

Desde tal período, o turismo também tem sido assunto recorrente em abordagens filosóficas, literárias, sendo debatido em distintas mídias. Em que pese não existir precisamente uma teoria “pura” e consolidada na área, muito já se foi tratado por meio de correntes específicas do pensamento, sendo o campo do positivismo majoritário em estudos, análises e observações.

No âmbito acadêmico brasileiro, existem diversos pesquisadores se dedicando ao tema já de longa data: Beni (1998); Moesch (2002), Barreto (2003), Trigo (2005), Gastal (2007); Panosso Netto (2007, 2011), apenas para citar alguns nomes de destaque em nosso cenário. É certo que, entre os autores estrangeiros, prevalecem os de língua inglesa em hegemonia: Tribe (2000), Leiper (2000), Jafari (2005), entre outros. Por outro lado, devemos destacar autores de língua espanhola, que ganharam destaque pela qualidade de produção e importância, tendo, como referência, por exemplo, Nechar (2006) e Tomillo Noguero (2010). Do ponto de vista ocidental, diversos estudos foram produzidos sobre turismo, ainda que tenhamos o desafio (e também, na opinião do autor deste artigo, o dever) de conhecer melhor outras produções, especificamente, em outros continentes, caso da Ásia, África e Oceania.

São bem distintas as correntes construídas ao longo de mais de cem anos de estudos conceituais sobre o turismo. Entre muitas controvérsias, algumas rugas e debates acalorados, muitos destes, conquanto possuam limites, colaboraram com o avanço epistemológico do tema e sua teorização.

<sup>14</sup> Doutorando em Turismo no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: paulotacio@usp.br

Pode-se arriscar dizer que, diante destes avanços, alguns grupos sociais, antes relegados apenas a “atores” nas análises, recentemente, têm ganhado destaque como protagonistas na maneira de pensar a atividade, tais como comunidades indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, comunitários de favelas, discussões envolvendo movimentos sociais, coletivos, entre outros. Ainda que nem sempre sejam mencionados no âmbito acadêmico, tais grupos têm se destacado ao se manifestar contra as desigualdades geradas pela atividade bem como até mesmo participar na instituição de políticas públicas. De algum modo, também, têm se destacado na produção de conhecimento no tema.

O presente trabalho possui duas perguntas norteadoras como proposta de reflexão. A primeira refere-se a pensar sobre a existência de uma teoria de turismo. Como forma de avançar neste questionamento indaga-se também como a diversidade epistemológica pode auxiliar no avanço dos estudos críticos da área. Para responder a estes questionamentos, esta pesquisa baseia-se na revisão bibliográfica dos estudos críticos do turismo e filosofia da ciência. Em um primeiro momento, aponta-se os históricos grupos teóricos que abordaram (e ainda abordam) o turismo conforme Panosso Netto (2007), a despeito de perpassar por constantes modificações ao longo de décadas. E, em um segundo momento, como forma de se reportar à atualização do debate em torno da produção do conhecimento em turismo, aborda-se a perspectiva das epistemologias do Sul, nos termos de Boaventura Sousa Santos (2010), e estudos do pesquisador costarriquenho Esteban Barboza Núñez (2016, 2017), com intuito de avançar no assunto. Para isso, parte-se de referenciais da interdisciplinaridade entre turismo e as ciências sociais e como esta junção nos apresenta pistas de aproximação do envolvimento de comunidades e, no caso deste artigo, principalmente, os movimentos sociais. Destarte, observa-se suas demandas e conflitos diante da atividade de turismo apontando, deste modo, para a “ecologia dos saberes” de tais grupos, como proposta de avanço epistemológico.

## Turismo, Ciência e Epistemologia

Como ciência, olhar o Turismo em tal contexto dependerá, principalmente, de qual compreensão de ciência temos, conforme nos adverte Panosso Netto (2007) valendo-se do estudo seminal de Thomas Kuhn acerca da filosofia da ciência. Panosso Netto (2007) recorre ao paradigma kuhniano para demonstrar que o turismo pode, em alguma medida, ser visto como uma ciência em construção. Cada ciência tem seus paradigmas, modelos, fundamentos, ou seja, padrões segundo Kuhn (1998). Resumidamente, os “paradigmas” são os conceitos teóricos e valores aceitos por determinada “comunidade científica” conforme aponta Kuhn (1998, p. 30).

No entanto, é necessário atentar para o fato, continuando com Kuhn (1998), de que existe um momento anterior à aceitação de um paradigma, que o mesmo autor chama de período pré-paradigmático, tendo a ciência como algo em construção, que enfrenta obstáculos, desafios e multiplicidades de escolas em competição. No caso do turismo, há várias escolas que pretendem interpretá-lo, como a teoria dos sistemas, a fenomenologia, a dialética, o estruturalismo, enfim, abordagens que se caracterizam como pós-positivistas conforme é apontado em estudo de Panosso Netto e Nechar (2014).

Para Panosso Netto (2007), existem três grupos de autores que tentaram entender do ponto de vista teórico o turismo: em uma fase pré-paradigmática, são indicadas as primeiras análises teóricas de turismo; posteriormente, ocorre um *gap* entre a fase pré e a paradigmática, havendo autores que lançarão mão da Teoria Geral dos Sistemas (TGS), caso de Salah-Eldin Abdel Wahab e Raymundo Cuervo. Posteriormente, na segunda fase, o uso da TGS se concretiza, e novamente, adiante, na lacuna desta fase e da terceira, surgem autores que avançam nas análises advindas da TGS e propõem novas abordagens, caso de Jost Krippendorf e Sérgio Molina (Panosso Netto, 2007, p.396). Por último, as “novas abordagens do turismo”, uma terceira fase proposta pelo autor, os estudiosos buscam superar a TGS completamente, sendo John Tribe e Jafar Jafari seus principais representantes (Panosso Netto, 2007, p. 397).

Assim, o autor questiona se o turismo é realmente uma ciência em construção, no sentido pré-paradigmático kuhniano (Panosso Netto, 2007, p. 398). Todavia, para este autor, ser ou não ciência não é um problema. É importante notar, também, que, ao longo dos anos, surgiram três correntes com diferentes olhares sobre tal dilema:

Há um grupo otimista que acredita que, pela produção científica existente, o turismo já pode ser considerado ciência. Há um segundo grupo, também otimista – mas, mais cauteloso em suas reivindicações – que acredita que o turismo está no caminho certo para se tornar ciência, mas, para que isso aconteça, os estudos na área devem ser intensificados abordando o objeto de estudo e definindo melhor o método de pesquisa. Um terceiro grupo de pesquisadores vê o turismo como uma atividade humana que é estudada pelas mais diversas disciplinas científicas e não é e nunca será uma ciência (Panosso Netto, 2007, p. 398, tradução nossa).

Para Panosso Netto (2007), os estudos epistemológicos podem fortalecer a produção de saber da área. Todavia, este autor faz um importante alerta: relativizar se o turismo pode ou não ser ciência é algo inviável por irresponsabilidade conceitual, pois, neste momento, o turismo ainda é um campo de estudo para outras ciências (Panosso Netto, 2007, p. 398).

Entretanto, no turismo vem ocorrendo diversos debates acerca da importância epistemológica da produção de conhecimento. Incluindo debates mais intensos, caso da contenda entre John Tribe (1997, 2000) e Neil Leiper (2000), discussão que ficou praticamente inacabada por conta da morte de Leiper.

É certamente conhecida, em muitos textos, a frase de Tribe (1997) segundo a qual devemos “abandonar a ideia de que o turismo se tornará uma ciência”, pois os estudos de turismo estão fadados a estacionar na fase pré-paradigmática kuhniana (Tribe, 1997, p. 656), ainda que seu debatedor, Leiper (2000), escrevera uma resposta apontando o oposto. Porém, para Tribe (1997, p. 639), o que justifica uma epistemologia do turismo é porque promove a revisão dos estudos na área. Para Jafari (2005), há uma “evolução” na produção de reflexão do turismo apontando o progresso científico da atividade. Todavia, conforme aponta Beni e Moesch (2015) e Meira e Meira (2007), Jafari demonstra que, na composição de sua tese, ainda segue uma construção positivista para assentar as suas premissas.

Fourez (1996, p. 21) lembra-nos o fato de nos desprendermos do imperativo de posicionar um determinado tipo de atividade como científica, sendo tal questão importante para que consigamos superar visões cristalizadas que, em muitos casos, nos aprisionam. Concernente às contribuições que a filosofia da ciência dispõe e interroga, é importante destacar algumas considerações sobre disciplinas, das quais pesquisadores de turismo têm lançado mão em suas análises. Alguns campos do saber possuem largo histórico em se ocuparem de delimitar seu objeto de estudo. Entretanto, ainda há aquelas disciplinas, como no caso da antropologia, que, em algumas ocasiões, têm dado pouca atenção às críticas e até mesmo recusado a pecha de ciência.

Neste sentido, é importante destacar outros campos que dialogam diretamente com o turismo, caso do lazer e hospitalidade. No Brasil, o sociólogo Camargo (2019, 2020) tem grande destaque com os seus trabalhos acerca do lazer e da hospitalidade. Tal autor aponta similaridades e aproximações entre turismo e lazer no que tange aos conceitos. O lazer também apresenta diversas dificuldades em operar seu conceito. Contudo, para este autor, ao citar Pronovost (2018), o turismo tem mais força epistemológica do que o lazer, tendo em vista que, no turismo, se tem a própria atividade e, também, o turista (Camargo, 2020). Pronovost (2018) sugere ocorrer disputas de interpretação do turismo entre a sociologia do lazer e a geografia, sendo que a sociologia pensa sobre o turista e sua ação e a geografia sobre o ambiente em que ele está inserido (Pronovost, 2018, p. 160).

Lazer e hospitalidade são temas que costumam uma vertente interdisciplinar com o turismo. À medida que o Turismo foi se desenvolvendo, demandou a necessidade de utilização e aporte de diversas áreas. Entretanto, a construção de um arcabouço advindo de outras disciplinas no turismo, no início, foi pautado por estudos disciplinares e multidisciplinares conforme nos diz Tomillo Noguero (2010). Claude Raynaut (2011) alerta que a multidisciplinaridade justapõe olhares complementares transformando estudos em um mero mosaico de resultados, provocando, de certo modo, fatos díspares (Raynaut, 2011, p. 100-101).

Neste sentido, analisando o pequeno histórico acadêmico do turismo, entende-se que a interdisciplinaridade ganhou relevância ao longo dos anos. Para Raynaut (2011), o importante é evitar erguer fronteiras estanques e sim analisar como as propriedades estruturais e funcionais de cada campo de observação se articulam. Assim, continua este autor dizendo que o esforço da interdisciplinaridade ocorre por meio do diálogo com o objetivo de superar o simples entendimento proposto pela multidisciplinaridade (Raynaut, 2011, p. 100-101). Muitas áreas do saber possuem fundamental importância para o desenvolvimento do turismo. Certamente, podem contribuir para o debate sobre os usos da interdisciplinaridade na temática, bem como colocam em discussão suas virtudes e seus limites.

Conectando os argumentos centrais de autores como Figueredo e Ruschmann (2004), Panosso Netto (2007) e Tomillo Noguero (2010), os quais se referem, em sua maior parte, aos conceitos de turismo, podemos considerar que a construção da ideia de turismo deve ser vista como uma construção sócio-histórica. E, neste sentido, Panosso Netto e Jager (2016) têm apontado a necessidade premente da historicização da pesquisa de turismo. E, ao apontar um certo comportamento a-histórico de pesquisadores, concordam com Sampaio (2018, p. 176), autora que ressalta a importância de se construir uma memória dos estudos de turismo, argumentando que a atividade só tem a ganhar com isso.

Esta construção corrobora com entendimento das teorias abordadas no turismo e como estas se relacionam com seus contextos e práticas. E é imprescindível evitar separar teoria e prática. Tal afastamento identificado por Pereira (1990), aponta que, neste sentido, os estudos ou se perdem em profunda abstração (caso da influência do pensamento clássico), ou seguem exageradamente pelo concreto (caso da ciência moderna). Todavia, é importante dizer que as ciências humanas podem auxiliar a refletir de maneira mais profunda o ato teórico, em que pese sua “perene indefinição” como alerta Pereira (1990, p. 62).

## Das Normatizações aos Conceitos com Aportes Socioantropológicos

O que é turismo é uma velha pergunta que circunda as discussões teóricas da área do próprio turismo, e, a despeito da dificuldade de se responder, ainda é uma forma de, ao menos, se iniciar um debate sobre a construção de conhecimento do tema.

Uma das possibilidades de se chegar a um consenso sobre o que é turismo é a normatização da atividade proposta pela OMT (Organização Mundial do Turismo), que, segundo Tomillo Noguero (2010), serve ao turismo ao permitir que seus pesquisadores, a partir de uma linguagem comum, possam construir um diálogo mais produtivo (Tomillo Noguero, 2010, p. 174). Como aponta Pakman (2014), a construção de uma normativa é uma forma de indexação do assunto, possibilitando ser um guia para uma subsequente teorização e terminologia do tema; porém, não é uma definição conceitual (Pakman, 2014, p. 13).

Contudo, deve-se atentar para o fato de que as concepções de turismo da OMT, conforme Tomillo Noguero (2010, p. 174), são abordadas de modo parcial, sendo elaboradas por meio de diversos documentos, cujos “mais estimados são os de natureza econômica”. Deste modo, são certamente passíveis de críticas.

Para além da definição da OMT, com suas evidentes características normativas e padronizadoras, existem distintas significações mais complexas de turismo e turistas. Entende-se que é no âmbito universitário o papel de problematizar a atividade, a partir da produção de conhecimento, cabendo aos profissionais da ciência questionar, duvidar e tencionar até mesmo as suas próprias produções. Assim, aos teóricos cabe estabelecer conceituações. Fica para os estudos acadêmicos a tarefa de dar conta de como organizar o conhecimento, bem como sua sistematização (Troccoli Pakman, 2014, p. 18).

Panosso Netto (2007, p. 391) avança quando aponta que o fenômeno turístico é estabelecido a partir de uma “relação complexa e imbricada de troca de bens e serviços entre desejos objetivos e desejos subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si mesmo e por si mesmo”. É neste mesmo fenômeno da experiência turística que se observa tal complexidade da questão. Deste modo, este autor auxilia ao apontar os limites do turismo nas ciências. Panosso Netto e Nechar (2014) ressaltam o papel da universidade na construção de um conhecimento crítico que supere o positivismo, com a possibilidade de abordar vários enfoques, com postura transformadora. Tal afirmação nos lembra o que já dizia o notório educador Paulo Freire (1996), que colocava a educação como um permanente exercício crítico, postura essencial que colocava os educandos como partícipes desses processos (Freire, 1996).

Certamente, as ciências sociais revelaram a importância da componente social para o turismo. Pronovost (2018, p. 158) aponta que as ciências sociais sempre tentaram construir uma noção de “turista”, no mesmo sentido que também fizeram com o lazer e o esporte. O autor assinala que, se na geografia e sociologia o turismo é comparável ao lazer, para a “turismologia”, ou seja, a tentativa de se fazer uma ciência autêntica da área, o turismo define-se por uma viagem organizada (Pronovost, 2018, p. 164).

Figueredo e Ruschmann (2004), abordando a polissemia e histórico dos conceitos sobre viajantes, destacaram criticamente que muitas análises de turismo de massa estigmatizaram o turista e a própria atividade, sendo construídas pelas viseiras ocidentais de “estudiosos da classe média” (Figueredo & Ruschmann, 2004, p. 183).

Alguns campos do saber se mostram de extrema importância para pensar o turismo, como é o caso da antropologia. Tal disciplina vem se colocando como uma área importante para as pesquisas de turismo, uma vez que se pode encontrar uma produção extensa e notória pela qualidade. Temas como aculturação, percepção dos turistas, de nativos, relativismo cultural, entre outros assuntos revelaram-se importantes para a produção de conhecimento no campo acadêmico de turismo.

Tomillo Noguero, em entrevista para Panosso Netto e Nechar (2016, p. 224), nos diz que o turismo tem, substancialmente, em seu DNA, o aporte antropossociológico. Importante salientar que a antropologia já possui considerável participação nos estudos de turismo, ainda que as abordagens econométricas sejam mais presentes, tanto nas pesquisas acadêmicas, mas principalmente nos discursos veiculados pelos meios de comunicação.

O turismo, de certo modo, foi um tema negligenciado pela antropologia durante muito tempo, observando que a convivência entre turistas e antropólogos no mesmo território já foi apontada por Valene Smith citada por Sampaio (2013, p. 168), como ponto conflituoso, uma vez que os turistas inicialmente não eram o foco dos pesquisadores, os quais se detinham apenas nas comunidades locais.

Muito se discute onde começa e onde termina o turismo. É neste ponto que se localizam algumas linhas fronteiriças de tensões, as quais são possíveis de serem observadas à luz dos estudos antropológicos. Por exemplo, uma linha fronteiriça que pode ser apontada é uma constante tensão que separa turistas, etnólogos, etnógrafos e antropólogos, como podemos observar nos estudos de Pronovost (2018) e Ruschmann (2004). Marc Augé (2010), no livro “Por uma Antropologia da Mobilidade”, debruçou-se sobre esta suposta tensão no capítulo “O escândalo do turismo”. Mas o que os difere, então? O trabalho dos antropólogos se caracteriza por:

pesquisa mais sistemática e de auxiliares de pesquisa e o tempo relativamente curto passado no local são características das impressões de viagem, mesmo que tais impressões proporcionem argumentações e conclusões extremamente contundentes e importantes (Figueredo & Ruschmann, 2004, p. 180).

Em linhas gerais, os pesquisadores do turismo e antropologia detiveram-se em questões que os cercavam e os aproximavam, como naturalidade, autenticidade, apenas para citar algumas destas. Igualmente, a literatura científica aponta algumas características

como errância e mobilidade presentes na atividade. Deste modo, recorreremos ao que pensa Sampaio (2013), uma vez que é preciso, nos estudos de turismo, um “deslocamento disciplinar”, uma “transdisciplinaridade”, a qual intente romper fronteiras, sejam tradicionais ou de “compartimentos conceituais”, como lazer, hospitalidade e turismo. A grande questão que coloca a autora, sobrepondo os estudos culturais, e suas dissonâncias, é sobre como estudar o turismo hoje (Sampaio, 2013, p. 170).

Entre as diversas análises provenientes das ciências sociais, podemos destacar que a antropologia promoveu um passo importante para superar o “otimismo das benesses econômicas” advindas da ideologia de mercado presente nas análises positivistas. Tais estudos trouxeram muitos contributos importantes ao abordarem as comunidades locais, entre estas: povos indígenas, quilombolas, populações tradicionais, populações que vivem à margem em cidades, impactadas pela lógica de exclusão da economia de mercado. E ao passo que tais pesquisadores traziam um prisma mais próximo destes povos – ainda que se possa discutir profundamente tais perspectivas –, criou-se uma possibilidade para que estes mesmos atores passassem a construir suas narrativas de suas experiências com a atividade de turismo.

## Por Epistemologias do Sul Global do Turismo

Os estudos críticos no turismo podem instrumentalizar o pesquisador a desconstruir narrativas dominantes, essencialmente aquelas costumeiramente realizadas pelo crivo ocidental, como salienta Nechar et al (2013, p. 336). Uma vez que as desigualdades sociais ainda persistem globalmente, é importante que se pense com criticidade no turismo (Nechar et al p. 348). O pesquisador deve estar atento à necessidade de, quando preciso for, criticar o véu da realidade, os otimismo insuflados que ignoram efeitos perversos, os quais foram e ainda são, geralmente, afirmados pelas matrizes positivistas.

Neste sentido, remontamos ao artigo contundente do pesquisador Barboza Núñez (2017), cuja abordagem vale-se da publicidade turística para construir uma análise iconográfica que baliza seus estudos críticos do turismo. O autor lança mão dos conceitos de hospitalidade e os serviços de “tudo incluído” (*all inclusive*) com intuito de estabelecer paralelos às construções das imagens do “bom selvagem” e “canibal”, categorias forjadas nos processos de colonização. Barboza Núñez (2017, p. 761) também aborda o conceito de enclave, cuja chave auxilia a entender como a questão do bom selvagem ainda opera no imaginário social do sec. XXI. Deste modo, o bom selvagem pode ser entendido a partir das representações discursivas e iconográficas dos serviços turísticos, como personagem dócil, sorridente e prestativo com os turistas (Barboza Núñez, 2017, p. 761). Seu oposto, a figura insubmissa, pode ser configurada pela categoria canibal (Barboza Núñez, 2017, p.770). Todavia, estas categorias não são apenas opostas; elas possuem similitudes e oposições, por isso esse autor propõe uma problematização (Barboza Núñez, 2017, p. 762).

O caso do serviço “tudo incluído”, presente no turismo, marcado pela inserção de vários tipos de serviços turísticos, possui também relação com o turismo de Sol e Praia e o turismo de massa. Barboza Núñez (2017, p.765), neste ponto, correlacionando estes tipos de serviços, faz questão de advertir a respeito de territórios operados e controlados pelo capital estrangeiro, sendo bolhas de lazer privatizadas que também se configuram como enclaves, conforme assinala o autor (Barboza Núñez, 2017, p. 765).



O autor faz uma revisão do conceito de hospitalidade, tanto no que fora construído nos estudos antropológicos, quanto no contexto do turismo moderno. Neste caso, a questão de entendimento da hospitalidade é invertida na modernidade: no turismo moderno, o hospedeiro submete-se ao hóspede, desaparecendo características anteriormente presentes em outros tempos, como a reciprocidade (Barboza Núñez, 2017). Deste modo, a maneira como opera o serviço “tudo incluído” e a hospitalidade no turismo moderno pensados a partir dos “enclaves turísticos” construídos na América Latina, a lógica colonial é assim reproduzida, pois tanto o espaço, quanto os seus habitantes tornam-se recursos disponíveis (Barboza Núñez, 2017, p. 769, grifo meu).

Importante notar que a influência do mito do bom selvagem e hospitaleiro na América operou pela via da desumanização, construída então pela colonialidade do poder conforme foi estudado por Aníbal Quijano (2010). Igualmente, também apontamos ao sentido descrito por Boaventura de Souza Santos (2010) e a ideia da construção de uma “linha abissal” do pensamento moderno (Santos, 2010).

Ao mito do bom selvagem americano, poder-se-á agregar outros mitos presentes na cultura ocidental que foram inclusive, incluídos, por ideias biologizantes, em muitos casos, disseminadas não apenas pelos meios acadêmicos ou científicos, mas até mesmo por movimentos sociais, como uma das vertentes do movimento ambientalista, caso do mito da natureza intocada, estudado por Antonio Carlos Diegues (2008). Tal mito operou na lógica de turismo, e, inclusive, conforme nota Diegues (2008), relegou muitas comunidades tradicionais no Brasil à prática do turismo como única forma de subsistência, a partir do momento em que estas comunidades foram cerceadas de suas atividades tradicionais por legislações ambientais (Diegues, 2008).

Para Barboza Núñez (2017), a construção do imaginário do bom selvagem na iconografia turística compõe-se de algumas características: servil, subalterno, mas também insere qualidades opostas, tais como postura questionadora e insubmissa (Barboza Núñez, 2017, p.760). Neste sentido, temos visto respostas que vão, em contrário, aos problemas causados pelo turismo, configurando-se como propostas contra hegemônicas agenciadas principalmente via ações de comunidades, ativistas e movimentos sociais.

Em outro artigo, Barboza Núñez (2016) trata de cidades que são marcadas pela presença de exclusão por conta das ocupações estratégicas do espaço. O autor nos demonstra que a modernidade e seus “derivados”, caso da colonialidade, vem solapando paisagens e excluindo populações de seus territórios. Assim, o discurso colonial vai se construindo e operando segundo interesses hegemônicos. O espaço em Guanacaste, Costa Rica, tem sido produzido, mesmo na era do turismo, sob esquemas implantados nas profundezas da matriz colonial do poder. O espaço é visto como produto da realidade social em que compradores de lotes ou de apartamentos são uma espécie de colonizadores do lugar, pois vêm de fora para habitar um “paraíso” (Barboza Núñez, 2016, p. 78).

Neste sentido, para este autor, é preciso superar questões como: ordem e simetria, colonialidade e modernidade, assim como certamente os enclaves produzidos pelo turismo. A atividade de turismo, para além de ser uma atividade econômica que consome territórios, também sobrevaloriza estereótipos por meio de simbolismos (Barboza Núñez, 2016). Toda-

via, Barboza Núñez (2016) adverte-nos sobre a importância de se mapear e descrever estas representações colonizadoras que se tornaram presentes nas atividades turísticas para, deste modo, possibilitar a promoção de mudanças, cujas ações sejam menos assimétricas e se tornem mais representativas da diversidade existente na sociedade (Barboza Núñez, 2016).

Na contramão de exemplos negativos, a resposta tem vindo por meio da sociedade organizada que reage por meio de ações políticas, advindas de comunidades, associações, coletivos, movimentos sociais, cujos atos colocam o turismo no eixo de suas lutas. Milano (2018), autor que se deteve no tema da turismofobia e *overtourism*, evidenciou a ação coletiva de movimentos sociais frente ao avanço expressivo e desigual do turismo, no caso da conhecida cidade de Barcelona. Os fenômenos da turismofobia e movimentos sociais urbanos que contestam os dilemas causados pelo turismo não são necessariamente novos, como aponta Milano (2018, p. 553). Importante apontar um alerta sobre *overtourism*, feito por Allis et al. (2020, p. 285): “a própria noção de saturação poderia ser considerada uma invenção recente e eurocêntrica”, pois na “Ásia e Caribe” a superlotação do turismo é de longa data.

Para Milano (2018), a relação entre turismo e movimentos ocorre de forma assimétrica. Milano (2018, p.555) cita uma questão controversa com que se deparam os movimentos sociais e se configura como uma espécie de encruzilhada: por um lado, a própria ação política pode se tornar uma atração turística, caso dos *squatters*; mas, também se posiciona em seu eixo reivindicativo, pressionando, denunciando, estabelecendo associações como forma de lutar contra as desigualdades produzidas pelo turismo. No caso de Barcelona, o qual é estudado pelo autor, grupos de ativistas formaram a ABTS (Asamblea de Barris para un Turismo Sostenible) com o objetivo de debater sobre a massificação turística na cidade. Tal associação também tem colaborado com a universidade, resultando em publicações em revistas científicas (Milano, 2018, p. 556).

Sobre movimentos sociais e turismo podemos nos atentar ao que se tem discutido na América Latina. Remonta-se à Boaventura de Sousa Santos (2010), entre muitos outros autores que ressaltam os saberes de tal continente, invisibilizados pelo pensamento ocidental. Deste modo, o autor aprofundará sua teoria de como o pensamento ocidental por meio da ausência da dialética (para citar apenas uma das tantas formas de supressão) exclui (e continua excluindo) outras formas de saberes, por exemplo os de comunidades tradicionais e periféricas (Santos, 2010, p. 23).

Entendendo, adiante, pela chave da “diversidade epistemológica do mundo”, Santos (2010) também chama de “ecologia dos saberes”, pois essas formas de se pensar o mundo baseiam-se no: “reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia” (Santos, 2010, p. 44,45). A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (Santos, 2010, p. 45, grifo do autor).

Estudos no Brasil têm corroborado decisivamente com aproximações de ações entre comunidades, coletivos, movimentos sociais e turismo. Diversos pesquisadores têm abordado o “turismo comunitário” ou “turismo de base comunitária” como “estratégias” de “comunicação social de populações tradicionais” para viabilizar seus modos de vida, caso dos estudos de Sampaio (2008, p. 247) e Moraes et al. (2016, p. 619), que entendem, tam-

bém, como estratégias “de resistência ao turismo de massa” (Moraes et al, 2016, p. 2019). Mendonça, Moraes e Catarcione (2016, p. 234) aprofundam a questão e sinalizam que o turismo de base comunitária é, também, um movimento político e social, dado a atuação dos primeiros frente a projetos neoliberais recorrentemente impostos por governos. Ainda segundo as autoras, tal movimento está em permanente construção (Mendonça, Moraes e Catarcione, 2016, p.246).

É fato que há uma extensa produção sobre as relações de turismo de base comunitária e movimentos sociais na América Latina, tendo em vista que muitas comunidades tradicionais se viram às voltas de embates territoriais, cerceamento de suas atividades tradicionais, dilemas ambientais e de patrimônio cultural. Não diferente, nas regiões urbanas, o turismo também tem sido acionado em diferentes discursos, entre eles, os que observam a possibilidade de desenvolvimento local, uma vez que a desigualdade de oportunidades é potencializada pela voracidade do capital na produção dos espaços urbanos.

Diante de avanços e recuos nos estudos de turismo, encontramos-nos frente ao desafio de propor novas formas de se pensar a atividade. Talvez, pela chave dos movimentos sociais presentes em várias temáticas do turismo: como no direito ao lazer, nas lutas de comunidades locais, em discussões de raça, gênero e mesmo nas demandas dos trabalhadores do turismo. Tais ações estão presentes como forma de causar atrito nos fluxos contínuos da potência turística, que, em muitos casos, acabam sendo formas de produção de desigualdades e injustiças.

O ponto importante a que se deve atentar é a produção de conhecimento gerada por esses grupos sociais. Notamos que é na realidade das construções físicas dos lugares, das narrativas partilhadas, estratégias e táticas de lutas, das contradições e da pluralidade dos grupos de ocupação do espaço público é que podemos aprender e compreender um pouco das experiências cotidianas coletivas.

Com isso, salientamos que “alternativas” de turismo, caso do turismo de base comunitária, turismo social e muitas outras formas colaborativas, contra hegemônicas, têm servido como artifícios interessantes para diversos grupos sociais. Finalmente, para além de apenas protestar contra a própria atividade, tais grupos optam por fazer uso destes formatos, como uma espécie de ação configurada como “estratégia” ou “tática” e, neste sentido, constantemente, resultam em criar e recriar novas possibilidades de turismo.

## Considerações: para Avançar Ainda Mais

A pergunta disparadora deste artigo a respeito da existência de uma teoria do turismo nos conduziu a observar a vasta produção que se configura a área do turismo e todo seu cabedal de análises por qual tem passado o tema. Notamos a existência de grupos teóricos gravitando o arcabouço pensante da atividade, que perpassam à Teoria Geral dos Sistemas, suas transições e até tentativas de superá-la. O positivismo é uma marca da modernidade, e o turismo não escapou dessa vertente. Mas, atualmente, vemos novas possibilidades de se debruçar intelectualmente no assunto.

Muito se foi produzido, mas é preciso pensar na conexão de tal produção com a prática da atividade. E, diante disso, vimo-nos com o desafio de avançar como pensar e com quem pensar em processos mais justos de turismo. Como nos trouxe Panosso Netto (2011), é interessante para refletirmos acerca do esforço que se tem feito para a construção de uma epistemologia do turismo. É sabido que, no caso do Brasil, há carência de um debate teórico mais profundo. Sabemos que há muitas discussões correndo nos espaços de diálogos que envolvem o turismo e que pouco se aborda questões de epistemologia. Todavia, é preciso, também, tentar entender quais debates circulam pelos diversos canais de comunicação de turismo, para além de espaços científicos e acadêmicos.

Também nos propomos a abordar algumas temáticas sobre conceituações e, em seguida, como provavelmente os estudos têm avançado e podem seguir ainda mais, caso dos estudos antropológicos que trouxeram contribuições, e recentemente as perspectivas das epistemologias do Sul global, as quais ampliam as visões epistemológicas.

Nos valemos de um excerto extraído de Nechar e Panosso Netto (2014):

O que se evidencia é que aquilo que possibilita e impele o indivíduo a construir conhecimentos não é a transposição de teorias a realidades determinadas, senão a compreensão ou criação de sentidos que não são totalmente compreendidos e criados. Assim, o processo de construção de conhecimentos turísticos deve ser desmistificado, pois não são somente “cientistas” que produzem conhecimento, já que a teoria e a prática não são processos opostos e excludentes (Nechar & Panosso Netto 2014, p. 135, grifo dos autores).

Com isso, podemos abordar que a epistemologia no turismo poderá, também, ter uma contribuição extremamente importante a partir do momento em que nos determos também pela produção de comunidades e, neste artigo especificamente, os movimentos sociais, cujos grupos também discutem a atividade e produzem saberes variados.

No presente trabalho, levantou-se a já bem debatida necessidade indispensável de aporte interdisciplinar da atividade e sua relação, ora conflituosa, ora amistosa, com a antropologia e suas áreas correlatas, como a etnologia, etnografia, entre outras. A interdisciplinaridade é um caminho a ser trilhado por educadores, mas deve evitar excessos de utopias, tendo em vista que tal caminho pode auxiliar a horizontalizar as relações na educação. É uma forma de superação do positivismo e já está presente em obras clássicas da educação, como as do notório Paulo Freire (1996). Faz-se necessário, por fim, dizer que uma visão que aborde novas epistemologias, em especial, as do Sul global, seria de grande valia para tal construção, e assim, avançarmos pela via da diversidade epistemológica.

## REFERÊNCIAS

- Allis, T; Moraes, C. M. Dos S; Sheller, M. Revisitando as mobilidades turísticas. *Revista Turismo em Análise*, v. 31, p. 271-295, 2020.
- Arias Castañeda, A. E.; Panosso Netto, A.; Mendoza Valdés, R. & Castillo Nechar, M. (2013). Teoría crítica y turismo. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 332-349. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/519>.
- Augé, M. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Maracó: EDUFAL: UNESP.
- Barretto, M. (2003). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 13. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus.
- Barboza Núñez, E. (2016). Ciudades Amuralladas del Siglo XXI: producción del espacio y colonialidad en el turismo de playa intramuros en Guanacaste, Costa Rica. *Revista Latino-Americana de Turismologia*, 2(1), 71-83. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/rlaturismologia/article/view/10012/4591>.
- Barboza Núñez, E. (2017). El enclave turístico y la imagen del “buen salvaje” americano: Un abordaje iconográfico. *Estud. perspect. tur.* [online]. 2017, vol.26, n.4, pp.760-780. ISSN 1851-1732. <https://www.redalyc.org/pdf/1807/180752919001.pdf>.
- Beni, MC. (1998). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: SENAC/SP.
- Camargo, L. O. de L. (2019). Hospitalidade, turismo e lazer. *Rev. Bras. Pesq. Tur.*, São Paulo, v.13, n.3, p.115, Dec. <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/Sh6h7pQB3PRYZ8F5SwVWfsR/?format=pdf&lang=pt>
- Camargo, L. O.L. (2020). Desafios da sociologia do lazer. In: Fazzi, Rita e Lima, Jair. *Campos das ciências sociais: figuras do mosaico de pesquisas no Brasil e em Portugal*. Petrópolis: Vozes.
- Diegues, A.C.S. (2008). *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, Ed. Hucitec.
- Figueiredo, S. L.; Ruschmann, D. V. de M. (1996). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v7i1.40>
- Fourez, G. (1996). *Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Edunesp.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra.
- Gastal, S. (2007). Turismo e cultura: por uma relação sem diletantismos. In: Gastal, Susana (org). *Turismo: 9 propostas para um saber fazer*. 4. ed. Porto Alegre.
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, 2005, Vol. 42 Núm. 1: 39-56. <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/24139>
- Kuhn, T. S. (1998). *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva.
- Leiper, N. (2000). An emerging discipline. *Annals of Tourism Research*. Volume 27, Issue 3, July 2000, Pages 805-809. DOI: 10.1016/S0160-7383(99)00118-8.
- Meira, F. B.; Meira, M. B. V. (2007). Considerações sobre um campo científico em formação: Bourdieu e a nova ciência do turismo. In *Anais do Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração*, 30, 2006, Salvador, BA. Maringá: Anpad. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512007000400006>.
- Mendonça, T. C. M.; Moraes, E. A. ; Catarcione, F. L. C. (2016). Turismo de base comunitária na região da Costa Verde: refletindo sobre um turismo que se tem e um turismo que se quer. *Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)*, v. 16, p. 232. DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.16n2.2016.1185>.
- Milano, C. (2018). Overtourism, malestar social y turismo-fobia. Un debate controvertido. *Pasosonline*. Vol.16N3. Págs.551-564. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.041>
- Moesch, M. (2002). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Moesch, M. M.; Beni, M. C. (2015). Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. *Anais. São Paulo: ANP-TUR*. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/48.pdf>
- Moraes, E. A. de; Irving, M. A.; Santos, J. S. C.; Santos, H. Q. S.; Pinto, M. C. *Redes de turismo de base comunitária: reflexões no contexto latino-americano*. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, v. 9, p. 612-623, 2016.
- Nechar, M. C.; Cortés, M. L. (2006). *Apuntes para la investigación turística*. (2011). Chetumal (Quintana Roo, México). D.R. Universidad de Quintana Roo.
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do Turismo. Teoria e Epistemologia*. 2.ed. Rev. Ampl. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A.; Castillo Nechar, M. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo, 8 (1), pp. 120-144 jan./mar. DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.719>.
- Panosso Netto, A.; Jäger, M. (2015). Robert Glücksmann (1877-1942): founder of Berlin School of Tourism Research, *Anatolia*, 2015, 27:4, 567-576 Tribe, J. (coord.). DOI:10.1080/13032917.2015.1099089.
- Panosso Netto, A.; Nechar, M. C. (Eds.). (2016). *Turismo: perspectiva crítica*. Textos reunidos. Assis-SP, Triunfal Gráfica e Editora.

- Pronovost, G. (2018). A Construção da noção de “turista” nas Ciências Sociais. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 15, n.02, p. 158-168. DOI: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2018v15n2.009>.
- Quijano, A. (2010). Colonialidade do poder e classificação social. In: Santos, B. de S.; Meneses, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Almedina.
- Raynaud, C. (2011). Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção de conhecimentos. (In) JR, Arlindo Philippi; NETO, Antônio J. Silva. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação*. Barueri, SP: Manole.
- Sampaio, C. A. C. (2008). Pensando o conceito de turismo comunitário. Belo Horizonte: ANPTUR. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/23.pdf>.
- Sampaio, S. (2018). Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo », *Etnográfica* [Online], vol. 17 (1). <https://doi.org/10.4000/etnografica.2615>.
- Santos, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Santos, B. de S.; Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Almedina.
- Tomillo Noguero, F. (2010). El concepto de turismo según la OMT. In: Nechar, Marcelino Castillo; Panosso Netto, A. (2010). *Epistemología del turismo*. Estudios Críticos. México: Trillas.
- Tribe, J. (2000) Indisciplined and unsubstantiated, *Annals of Tourism Research*, Volume 27, Issue 3. Pages 809-813. DOI:10.1016/S0160-7383(99)00122-X.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24 (3), 638-657. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0)
- Trigo, L. G. G.(Org). (2005) *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca.
- Troccoli Pakman. E. (2014). Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à História do Pensamento Turístico. In: XI Seminário 2014, ANPTUR, Fortaleza. Anais. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/34.pdf>

# 4 Os desafios do turismo no caminho da ciência

**Rina Ricci-Cagnacci<sup>15</sup>**

**J. Laize S. Oliveira<sup>16</sup>**

**George Bedinelli Rossi<sup>17</sup>**

## Introdução

A inserção do turismo no universo acadêmico-científico tem sido um desafio enfrentado por inúmeros pesquisadores e estudiosos desde o final do século XIX (Lohmann & Panosso Netto, 2012). Foi neste período que surgiram os primeiros estudos aprofundados sobre o tema que, diga-se de passagem, possuíam visões especialmente economicistas (por exemplo, Schattenhofen, 1911, Fuster, op. cit. 1974; Walter Hunziker & Kurt Krapf, 1942; Burkart, 1974; Mazanec, 1978; Kaspar, 1991). Ora, esta lógica de pensamento dominante tem sido apontada como uma das causas para a incompreensão do fenômeno turístico em sua complexidade.

No perpassar das décadas, uma multiplicidade de pesquisadores de outros campos do conhecimento interessaram-se por estudar o turismo: antropólogos, historiadores, geógrafos, sociólogos, entre as várias formações dos atores envolvidos: turistas, gestores, facilitadores e empreendedores do setor, sociedade receptora e emissora; além da abordagem dos inúmeros aspectos materiais, tais como: empreendimentos de lazer e hospitalidade, natureza, museus, obras arquitetônicas e obras de arte, enfim, os objetos de contemplação e visita que atraem as pessoas, bem como os meios de transporte que as possibilitam se deslocar de um lugar para outro. O conjunto desse cenário multifacetado e multidisciplinar certamente desperta grande interesse tanto para o mundo dos negócios quanto para o acadêmico, seja por meio das Ciências Econômicas ou para além destas perspectivas (Bordun, Romaniv & Monasryrky, 2020; Kock, Assal & Tsionas, 2020; Wu, Xiao, Donf, Wang & Xue, 2012).

No entanto, como reflete Panosso Netto (2011, p. 25), faltam discussões filosóficas que possam elevar os estudos turísticos ao patamar científico: “fatores que não permitem perceber o turismo como um fenômeno complexo e multidimensional”. Em outras palavras, o autor observa que o fenômeno turístico tem sido, há mais de um século, uma importante

---

<sup>15</sup> Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: rina.ricci@usp.br

<sup>16</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: laizeoliveira@usp.br

<sup>17</sup> Docente da Pós Graduação em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: gbrossi@usp.br

fonte de geração e distribuição de renda, o que leva a maioria dos estudiosos a concentrar seus estudos no âmbito dos negócios, que ele chama de “visão positivista do turismo” (p. 29). Nessa linha de pensamento, Cohen (1972) considera que o turismo pode ser estudado comparativamente sob diferentes aspectos e características culturais, pois, por um lado, é fonte de renda e, por outro, tem grande poder disruptivo, em especial o turismo de massa.

Por sua vez, Graburn e Jafari (1991) revelam que a maioria das organizações internacionais de turismo também o promovem como “indústria”. Assim, Korstanje, Mustelier e Herrera (2016) justificam que, atualmente, em vez de consolidar um paradigma científico que possa explicar o turismo, os pesquisadores estão mais interessados em proteger os interesses dos gestores de negócios, visando otimizar seus lucros. Dann (1981, p. 211) entende que “os pesquisadores na área de turismo adotam uma posição unilateral na defesa de suas próprias teorias e métodos, sem demonstrar uma avaliação equilibrada de procedimentos e hipóteses alternativos” e, por isso, afirma que é importante o destaque para a natureza multidisciplinar da pesquisa em turismo. Esse interesse, por cativar mais segmentos, gera consequências que levam à fragmentação da disciplina.

Em seu trabalho sobre o comportamento do consumidor em turismo, Moretto Neto e Schmitt (2008, p. 390) recordam-se de que, em 1910, o economista austríaco Hermann von Schullern “teria sido a primeira pessoa a conceituar a atividade turística a partir de uma perspectiva empresarial e econômica”. Sob esse ponto de vista, foi definido que o turismo seria “...a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região” (Beni, *apud* Moretto Neto & Schmitt, 2008, p. 390). Embora não contemple todas as atividades envolvidas no turismo como, por exemplo, deslocamento e permanência, ressalta-se que esse foi, na época, um conceito inicial que possibilitou uma melhor compreensão da atividade turística. No entanto, compreende-se que esse tipo de definição tem muito a evoluir.

Leiper (1983) lembra que a palavra “turismo” possui significados populares, ou seja, conceitos diferentes para pessoas diferentes. Ele critica o fato de que grupos de interesse – entre eles, empresariais e governamentais – compreendem o turismo como um setor da indústria, lamentando-se que esta premissa está “adquirindo a natureza do dogma religioso nas convenções da indústria, e que muitos acadêmicos parecem satisfeitos em seguir”. No entanto, observa-se que pouco tem sido feito para ampliar as reflexões em torno da temática. Leiper (1983) explica que, por volta do ano de 1500, a palavra “*tour*”, que em francês, uma língua falada também pelos ingleses à época, significava “torre” e podia ser usada no sentido de turismo, pois era costume subir nas torres e observar o campo, como forma de lazer e que, se isso de fato era verdade, então o turismo não se iniciou como um negócio, sugerindo, assim, um maior aprofundamento sobre o assunto sob outros prismas.

Nessas primeiras reflexões, enquanto considera que o turismo pode ser uma possibilidade de campo científico, sem temer uma visão crítica desses pensamentos, este artigo se justifica pelos esforços de inserção na definição e entendimento do turismo enquanto ciência, o que se mostra uma posição mais reticente entre os pesquisadores estudados. Para compreender algumas das principais correntes teóricas da literatura acadêmica e os



caminhos trilhados pelas pesquisas do turismo e, simultaneamente, apresentar a relação dessas teorias com os diversos campos do conhecimento, se reconhece que é preciso fazer uma pesquisa profunda. Nas lacunas da multidisciplinaridade da matéria, entre campo de estudo ou disciplina científica, e perante o avanço de novas perspectivas no estudo do turismo, estão os debates das bases teóricas e dos pensamentos sob o ponto de vista de alguns dos mais destacados estudiosos do tema, em que os autores podem mostrar suas opiniões, pesquisas, críticas recíprocas e desafios enfrentados, dentro do vasto campo das teorias e conceitos. Contudo, traçaremos a seguir um panorama das apreciações acerca do tema.

## Epistemologia do Turismo

O campo do conhecimento do turismo é vasto e sua relação multidisciplinar dificulta uma única teoria de pensamento científico. Na opinião de Pearce e Butler (2002), a atividade do turismo é essencialmente uma atividade econômica, mas também é social. No entanto, só isso não basta para colocá-lo no patamar científico. Nesse sentido, Panosso Netto (2011) acredita que é a filosofia que pode dar sustentação ao conhecimento e aos resultados adquiridos pela ciência por meio da epistemologia – um campo de estudos proveniente da filosofia. Segundo Comic (1989), o propósito e a razão de existência de um tema é uma questão ligada à filosofia. Porém, no caso do turismo, diferentemente de outras ciências, há um vazio no que diz respeito a quando e onde o turismo está relacionado à filosofia. Para Lohmann e Panosso Netto (2012), os filósofos não se interessam pelos estudos turísticos tanto quanto os economistas. E, por isso, reflete-se que os estudos não possuem a profundidade necessária de que carece uma ciência consagrada.

De acordo com Panosso Netto e Castillo Nechar (2014), a epistemologia trata do estudo do conhecimento e também tem outras denominações como gnosiologia – filosofia do conhecimento, crítica do conhecimento e teoria do conhecimento. A dupla de pesquisadores aconselha que, para a construção de um estudo do conhecimento do turismo, é importante que os acadêmicos busquem argumentos inovadores, principalmente focados numa abordagem social, incentivando a reflexão, crítica e interpretação sobre o tema.

Por sua vez, Dann (1981) argumenta que o conhecimento é um componente informativo, o que não é o mesmo ensinado na plataforma baseada no conhecimento de Jafari (2005), que abrange não só o que emerge após os estágios pré-teóricos de defesa, cuidado e adaptação, mas sim o que se relaciona a uma abordagem mais abertamente descritiva e funcionalista, entre a teoria e a prática.

Sabendo, portanto, da importância que o turismo tem para a sociedade contemporânea e da necessidade de se criar conceitos que despertem o interesse dos pesquisadores de outros campos de estudo para estudos aplicados à área, deve-se considerar o papel das universidades nas possibilidades de remanejar o estranhamento do turismo como mero objeto de estudos, e da estaticidade conceitual frente às suas dinâmicas. Ritchie (1993, *apud* Dann, 2008) afirma que o turismo, enquanto fenômeno, é nitidamente muito afetado por mudanças, talvez mais do que qualquer outro setor, o que pode justificar parte das dificuldades encontradas pela epistemologia. Utilizar a denominação turismologia pode ser interpretada como uma tentativa de analisar e discutir o turismo como fenômeno social diante de seus desafios multidisciplinares e peculiaridades estruturais distintas (Bordun et al., 2020).

## Conceitos e Definições

Para que possamos seguir adiante na conscientização do tema turismo no campo do conhecimento científico, é preciso conhecer alguns conceitos, que citamos a seguir.

Numa análise sobre a vida e a obra do catedrático brasileiro Mário Carlos Beni, Borges e Silva (2016) lembram que o autor, em seu livro *Análise Estrutural do Turismo* (1998), enfatiza que o turismo deve ser estudado e planejado holisticamente, ou seja, é preciso que os estudiosos olhem o sistema como um todo e não somente fragmentos de seu contexto. Nessa mesma linha, as autoras esclarecem que, para Beni, o turismo é um:

[...] elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica. Que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos (Borges & Silva, 2016 *apud* Beni, 1998, p.47).

Outro conceito amplamente utilizado, simplificado – embora abrangente –, que coloca a viagem como eixo central das reflexões em turismo, é o disponibilizado pela Organização Mundial do Turismo, das Nações Unidas (OMT/ONU), que acata a definição de turismo como sendo “um fenômeno social, cultural e econômico que envolve o movimento de pessoas para países ou lugares fora de seu ambiente habitual para fins pessoais ou comerciais / profissionais. Essas pessoas são chamadas de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com suas atividades, algumas das quais envolvem despesas turísticas” (UNWTO, 2021, S/N [tradução livre]). Nestas premissas, a Comissão de Estatística das Nações Unidas (UN) define como visitantes os cidadãos não residentes: cidadãos residentes no exterior; passageiros em trânsito; tripulações; passageiros de navios de cruzeiros e iates; cruzadores de fronteira frequentes; estudantes; pacientes e visitantes de negócios e profissionais. Nômades e refugiados têm um *status* diferenciado e, portanto, são tratados diferentemente (UN, 2010).

Ressalta-se que mesmo os conceitos já consolidados precisam ser aprofundados. Contudo, estudiosos e pesquisadores de turismo têm se interessado mais na pesquisa de seu desenvolvimento e nos debates técnicos e econômicos do que nas questões epistemológicas ou bases teóricas propriamente ditas (Comic, 1989). É necessário lembrar que boa parte dessa lacuna deve-se ao fato de o turismo ser considerado um tema importante no mundo dos negócios e que, por ser tratado como uma indústria que gera lucro e riquezas, leva os estudiosos a encontrarem no tema tangentes em diversos campos (Comic, 1989; Graburn & Jafari, 1991). Assim, como reflete Comic (1989, p.7), a não inserção do turismo como ciência está tanto na falta de interesse dos filósofos, que não se interessam nesse tipo de fenômeno, por considerarem um estudo de problemas supérfluos da vida humana, quanto

pelos pesquisadores do turismo que não percebem sua profundidade, julgando a conexão do tema com a filosofia como uma questão, na palavra do autor, “abstrata”.

Não obstante, Xin, Tribe e Chambers (2013) evidenciam que ainda há um espaço considerável na literatura sobre pesquisa conceitual que deve ser estudado. Xiao e Smith (2007) compartilham da mesma preocupação quando advertem que, embora o uso do conhecimento há muito tempo tenha sido do interesse de acadêmicos e praticantes, pouco se tem feito pela pesquisa do turismo. À ideia, Graburn e Jafari (1991, p. 9) acrescentam que, quando bem articulados, os temas consonantes ao turismo possuem a “amplitude, profundidade, riqueza e potencial que se pode esperar no estágio inicial da formação de conhecimento no campo da pesquisa”.

Nas reflexões feitas por Tribe e Xiao (2011), a partir de artigos publicados no jornal *Annals of Tourism Research* em que a dupla de autores analisa as tendências de publicações, percebeu-se que o turismo está mudando seu campo de pesquisa e prática. Ambos questionam se as pesquisas têm refletido essas mudanças e até onde se chegou com os estudos, uma vez que o turismo não é mais um novo campo de atuação acadêmica. No entanto, as perguntas: quais seriam as novidades na pesquisa? e qual seria o futuro do pensamento teórico em turismo? continuam sem resposta. Com isso, Tribe (2018, p. 24) faz um alerta com o intuito de evitar “a possibilidade da morte lenta dos estudos de turismo”, impedindo que estes não sejam sufocados ou esmagados pelo “peso morto da produção de conhecimento de baixo nível”. Assim, o autor incentiva os pesquisadores a publicar, sob pena de perecer, e aconselha que as publicações sejam feitas com “paixão” e não por obrigação.

Essa preocupação do professor Tribe é antiga. Em uma de suas primeiras publicações, Tribe (1997, p. 639) referia-se à palavra turismo como sendo problemática “porque é usada em linguagem comum”. Ele afirma, no entanto, que o “estudo do turismo deveria ser reconhecido e celebrado por sua diversidade” (Tribe, 1997, p. 656). Foi nesse texto que o professor definiu uma nova teoria: a de que o estudo do turismo não é uma disciplina, mas dois campos distintos: o chamado TF1, que avalia o Turismo como um negócio; e o chamado TF2, que avalia o Turismo como campo não relacionado a negócios. Essa distinção apenas sugere um objeto de estudo (campo) ao invés de uma maneira de estudar (disciplina). No entanto, o seu estudo não tem o intuito de colocar o turismo no patamar da ciência.

Em contraponto a estas perspectivas, Leiper (2000) aponta que Tribe “baseia-se em argumentos abstratos, ignorando as evidências do empirismo”. Outra questão contrastante refere-se aos argumentos de Tribe quanto a “não declarar precisamente o que quer dizer com disciplina” e, além disso, alega que ele trata a questão de forma simplista. Leiper (2000) lamenta, ainda, o fato de Tribe não considerar a evolução do mundo, parecendo ter visto o problema da perspectiva do Século XIX. Enfim, Leiper enfatiza que o debate sobre a existência ou não de uma disciplina de estudos turísticos é tão polêmico quanto os debates sobre a existência ou não da indústria, por exemplo, e concorda que, setores relacionados ao turismo certamente existem, tal como igualmente existem relações comerciais ou não comerciais relacionadas ao mesmo tema.

De fato, muitos autores referem-se ao turismo como sendo uma indústria, como enfatizado desde o início deste texto. Neste momento, cabe ressaltar a definição de Walker

(2002) que trata o turismo como a maior indústria do mundo e tem uma relação direta com seu consumidor, uma vez que é uma atividade dinâmica e em expansão. No entanto, o autor avalia que o turismo, embora seja uma indústria madura, ainda é uma profissão jovem. Assim, percebe-se a necessidade de unificar os aspectos práticos e teóricos nos estudos do fenômeno – tais conceitos e ideias poderiam estar conectados numa única pesquisa inovadora que apresenta um estudo avançado sobre o turismo (Kock et al., 2020).

## Desafios nos Estudos do Turismo

Muitos estudiosos tratam o turismo segundo seus próprios interesses. Murphy (1981), por exemplo, acredita que os cientistas sociais, com relação aos pesquisadores mais técnicos e comerciais, estão cada vez mais próximos das teorias sociais do turismo. No entanto, ressaltamos que ele não pretende, com isso, fornecer ou discutir mais uma teoria ao tema. Pelo contrário, tenta inserir o estudo do turismo no currículo de graduação em Ciências Sociais.

Vemos, por esse prisma, que Jenkins (2002) se preocupa pelo fato de as publicações acadêmicas não estarem influenciando o desenvolvimento do turismo, pois, na sua concepção, o envolvimento destas está mais para técnicos especialistas do que para formuladores de abordagem de planejamento. Por outro lado, Dann (1999, p 27) afirma que:

a menos que os temas sejam problematizados – e a menos que reconheçamos que nossa compreensão é incompleta – não conseguiremos apresentar adequadamente temas sobre o desenvolvimento do turismo no presente e menos ainda no futuro próximo (Dann, 1999, p 27 [tradução livre])

Há quem seja otimista sobre este tema e engloba todos os setores em suas definições. Burkart e Medlik (1974) *apud* Walker (2002), por exemplo, definem turismo como “a ciência, a arte e a atividade comercial especializadas em atrair e transportar visitantes, acomodá-los e atender, com cortesia, a suas necessidades e desejos”. Köhler (2009, p.300) também concorda que “a tentativa de compreender o turismo parte de diversas disciplinas e campos de conhecimento”, mas alerta que “os textos seminais se notabilizam pela falta de preocupação em definir o que é turismo e em determinar quem é o turista”. Ele atribui isso ao fato de que a atividade turística, a princípio, parece tão simples a ponto de estudiosos não sentirem a necessidade de delimitar o fenômeno estudado.

Em breve abordagem, Cohen (1979, p. 31) defende que “a complexidade e heterogeneidade do campo do turismo sugere que não faz sentido buscar a abordagem teórica para o estudo do turismo, assim como não faz sentido buscar a conceituação do turista”. Em vez disso, ele aconselha buscar uma estratégia de pesquisa como resultado de uma multiplicidade de fatores, podendo ser utilizados vários métodos e estudos, pois acredita que os diversos problemas encontrados podem ser resolvidos a partir de uma vasta análise das várias teorias sociológicas e antropológicas e, assim, pela combinação das diversas abordagens, poderia se chegar à elucidação do tema.

Por tudo isso, como o turismo é, ao mesmo tempo, um fenômeno de viagem, lazer, econômico, psicológico, social e cultural, a pesquisa em turismo abrange partes dos interesses de pesquisa de muitas disciplinas. No entanto, até o momento, esses interesses tendem

a ser mais parciais do que holísticos. Justamente é esse o maior desafio dos estudos da área na atualidade: unificar as disciplinas em torno de problemas comuns na pesquisa (Przeclawski, 1993). Para Cohen (2012), existem várias abordagens relativamente recentes para o estudo do turismo, mas a implantação e aplicação destas nos problemas importantes da pesquisa têm sido limitadas até o momento, talvez pelo fato da novidade do tema estar atrelado à sua identidade como campo de estudo.

Para além das reflexões puramente teóricas, organizações como a *World Travel and Tourism Council* (WTTC), a *World Tourism Organization* (WTO) ou Organização Mundial do Turismo (OMT) – filiada à Organização das Nações Unidas (ONU) –, estão direcionadas para o turismo como indústria. Existem, no entanto, algumas organizações com pouco ou nenhum compromisso com o turismo como negócio, como a *Association Internationale d'Experts Scientifiques du Tourisme* (AIEST), a *Associação de Pesquisa de Viagens e Turismo* e a *Academia Internacional para o Estudo do Turismo*, citadas como exemplos de organizações, cujos esforços e compromissos com a pesquisa aprofundada são essenciais, pois nasceram com esse intuito: o desenvolvimento do turismo (Graburn & Jafari, 1991).

Nas concepções de Walker (2002), entende-se que o “turismo significa coisas diferentes para pessoas diferentes”. Como exemplo, ele cita o caso de um hoteleiro que vê a questão pelo lado da lotação dos quartos de hotéis; enquanto um funcionário do governo enxerga o benefício econômico da questão, ou seja, quanto dinheiro entra para a cidade ou estado. E, assim, o turismo é definido nas diversas categorias que identificam e interagem com os setores e organizações em que está inserido.

Dessa forma, embora mais técnico, Pearce (2002, p. 2) defende que, enquanto o crescimento do turismo teve um aumento significativo de pesquisas e atividades escolares, o número de estudos não cresceu na mesma proporção em termos de qualidade das pesquisas, embora tenha notado certo progresso no início do milênio. Ele sugere a necessidade de se compreender o fenômeno do turismo à medida que novos assuntos apareçam.

## Turismo Sob o Foco da Crítica

Embora ainda esteja engatinhando na definição da posição entre campo ou ciência, o turismo continua a ser alvo de muitas críticas de cunho acadêmico. Por exemplo, Cooper, Shepherd e Westlake (2001) discutem se o turismo representa uma disciplina ou um campo de estudo e indagam a real importância dessa discussão. Na obra intitulada *Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade*, os autores relatam que a disciplina (ciência) possui um número de características familiarizadas: “possui uma estrutura estabelecida de teoria que foi alimentada e estendida por meio de pesquisa e discussões” (Cooper et al., 2001, S/N). Estes autores reafirmam que a matéria, por outro lado, não possui o *status* e a credibilidade de uma disciplina, mas é um tema que merece consideração acadêmica ou, no mínimo, “deve ser tomada como estágio crucial pelo qual uma área de estudo deve passar antes de se tornar uma disciplina verdadeira” (Cooper et al., 2001, S/N). Contudo, esses pesquisadores não encerram a discussão sobre o tema.

Por sua parte, Goeldner (1988, *apud* Cooper et al., 2001) refere-se ao turismo como uma disciplina em seus estágios iniciais, comparando-a com os estudos da área de administração de empresas – que há 30 anos era apresentada como uma disciplina para enriquecer e exemplificar outras áreas do conhecimento como a Geografia e as Ciências Econômicas. Similarmente, Cooper et al. (2001) lembram que o turismo, no passado, costumava ser considerado uma disciplina inferior às outras, mas que, na atualidade, começa a reinventar-se com base nas novas reflexões que surgem. Entretanto, essa interpretação também é restrita, pois alega-se que “a posição diferencial demonstrou que não há facilidade para o desenvolvimento teórico necessário, a fim de estabelecê-la como disciplina respeitada” (Cooper et al., 2001, S/N).

Por todos esses aspectos, inúmeras definições de turismo têm sido estruturadas e a inconsistência entre elas motivou a Conferência Internacional da OMT em 1991. No entanto, as dificuldades, num consenso para a definição do tema, ainda persistem. Alguns autores mencionados, como Leiper (1981), Murphy (1981) e Gunn (1980), cada qual com sua maneira e abordagem, tentam fazer as próprias definições e idealizar sistemas. No entanto, nenhuma delas definiu, de fato, o turismo como ciência.

## Outros Debates Importantes

Lohmann e Panosso Netto (2012, p. 23) ressaltam que “o debate se o turismo é ou não uma ciência também se encontra no campo da epistemologia”. Sob esse aspecto, eles citam as três principais correntes de pensamento: a primeira estabelece que o turismo está no caminho de se tornar uma ciência, pois está seguindo o trajeto de evolução da antropologia e a etnografia, por exemplo. A segunda afirma que o turismo nunca será uma ciência, posto que é uma atividade humana e não possui um objeto de estudo definido. E, finalmente, a terceira, que advoga a tese do turismo ser uma ciência uma vez que possui um corpo teórico maduro; todavia se ressalta que essa afirmação carece de comprovação.

A questão da conceituação como ciência ou campo é sempre controversa. A exemplo deste argumento, Gunn (1980) não relaciona o conceito de turismo ao de indústria, pois estabelece que o termo turismo é uma abstração obtusa, no sentido de que é suficientemente complicado para entendê-lo como indústria, mas sim como sendo relativo a diversos negócios direcionados. Este autor faz uma crítica ao texto de Leiper (1979) sobre o tema do “enquadramento do turismo”, pois tampouco se convenceu de que a tentativa de o definir como indústria poderia ajudar nesse sentido. Ao ler essa crítica, Leiper fez questão de enfatizar, na réplica, que o turismo é sim um fenômeno industrializado e que isso deveria ter sido sinalizado por Gunn em seu texto, para que seu artigo não fosse mal interpretado.

No mesmo sentido, Tribe (1997) desenvolveu um modelo que descreve características epistemológicas dos estudos turísticos e, embora não mencione o turismo como ciência, o insere no contexto e promove um debate acerca das proposições da caracterização da matéria como disciplina ou campo. Entre suas várias alegações, o autor rejeita a ideia da disciplina e propõe um novo conceito baseado em dois campos: o turismo como negócio e o não relacionado a negócio. A partir desse estudo foi construída uma tabela para ilustrar e resumir o entendimento do autor acerca do tema segundo cada critério (Tabela 4.1):

Tabela 4.1 – Comparativo do Turismo como Disciplina e Campo.

<b>Critério</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Campo</b>
Formas de saber	Saber “O que”	Saber “Como”
Características	Estudo acadêmico	Gestão de turismo
Tipo de Estudo	Produção de conhecimento	Comprovação empírica
Formato	Proposicional	Processual
Legitimação	Revisão sistemática	Limites não definidos
Divulgação	Mundo acadêmico	Mundo externo
Termo	Investigação acadêmica	Fenômeno
Questão	Teoria	Prática
Entendimento	Estudo e treinamento	Visitas
Elementos	Socioculturais	Monetários
Dimensões	Motivação, escolha, satisfação, interação	Marketing; organização e planejamento corporativo
Métodos	Maneiras de estudar	Objetos de estudo

Fonte: Autores (2021) baseado no estudo de Tribe (1997).

Embora discorde de Tribe (1997) em vários aspectos, Leiper (2000) insiste no fato de que “há espaço e necessidade para uma ou mais disciplinas emergentes nos estudos de turismo” e que essas disciplinas podem se desenvolver dentro de um campo muito maior de estudos multidisciplinares, podendo as contribuições serem provenientes, inclusive, de um campo ainda maior. Desta forma, Leiper (2000) acredita que uma disciplina esteja realmente surgindo e justifica essa constatação afirmando que os cursos de turismo em países diferentes assemelham-se ao que ele denomina de “corpo de conhecimento”.

Na concepção de Leiper (1981), uma disciplina deve basear-se na definição do assunto *per se*, em torno da qual as definições de componentes e relacionamentos podem ser organizadas, como na taxonomia que fornece a estrutura necessária para formular metodologias úteis em pesquisas conceituais e empíricas. Em contrapartida, na visão de Dann (1981), as disciplinas, no passado, foram caracterizadas, e muitas vezes caricaturadas, pela confiança que os estudiosos tinham nos métodos comprovados empiricamente.

Dias (2002) reforça a ideia de Tribe (1997) e afirma que a “cada novo desdobramento, a cada disciplina que se instala, a mesma dinâmica se instaura. A nova disciplina da ciência aplicada passa a ter, também, uma ação ideológica própria”. A autora baseia-se no fato do turismo ter que disputar terreno com outras ciências e, ainda assim, para que a matéria ganhe força, deve reivindicar parte dos campos e dos objetos de estudo cultivados por disciplinas já estabelecidas, além de ter que distinguir-se e emancipar-se delas.

Em vista do que foi mencionado, ressalta-se que, caso seja considerado ciência, os estudiosos propõem que a disciplina seja chamada de Turismologia (Comic, 1989). Como limitações, embora a pesquisa sobre o tema “turismo” tenha crescido nos últimos 20 anos, praticamente dobrados nos últimos dez (Kock et al., 2020), no estudo de Kirilenko e Stepchenkova (2018), identificou-se que a concentração de estudos com o foco do turismo como disciplina e método de análise de conteúdo estiveram concentrados entre os anos de 1970 e 2011, dados similares aos encontrados nos estudos de Bordun et al. (2020) e Xin et al. (2013).

## Considerações Finais

Este texto avança sobre a compreensão de que a construção de uma epistemologia própria do turismo, assim como os estudos da fenomenologia, poderia ajudar na evolução e encaminhamento científico deste campo. Contudo, tal abordagem geralmente é negligenciada pelos estudiosos, que preferem abordar a área junto a temas relativos, de modo paralelo.

Estudos anteriores reconhecem que a promoção do turismo como um setor da indústria, e a aparente satisfação da maioria dos acadêmicos em aceitar tal natureza, transparece uma unilateralidade na defesa de teorias, com pouco foco em hipóteses alternativas (Dann, 1981; Leiper, 1983; Graburn & Jafari, 1991). Contudo, não são as múltiplas possibilidades de estudo aplicadas ao fenômeno turístico que o coloca no patamar de campo científico. Embora possa ser estudado comparativamente entre suas multifacetadas, cabe ressaltar a importância de aprofundamento nos estudos multidisciplinares (Cohen (1972; Leiper, 1983; Pearce & Butler, 2002). Contudo, é a filosofia que pode dar sustentação ao conhecimento e aos resultados adquiridos pelas pesquisas, incentivando a crítica sobre o tema, tal como sugere Panosso Netto (2011).

Ademais, constata-se que, mesmo sendo tratado como uma indústria, e não como campo teórico, existe uma preocupação em torno das publicações acadêmicas na área: tal generalização pode não estar influenciando o desenvolvimento prático do turismo, pois está mais voltado para visões técnicas ou especializadas – o que reflete na falta de planejamento de algumas destinações turísticas.

Mais recentemente, guiados pelo panorama de evolução do pensamento teórico em turismo, observa-se que outras áreas do conhecimento seguiram evolução semelhante, como é o caso da economia que “se firmou como ciência apenas depois que a sociedade reafirmou as normas de inibição do lucro e do capital presentes no coração do sistema escolástico”, ou da sociologia que “se desvinculou da Filosofia; a Psicologia opôs-se à Teologia e à Filosofia; a História passou a competir não somente com a História da Igreja, mas também com a Sociologia” (Dias, 2002, S/N). Até mesmo a história que “foi se organizando em planos de estudo do ensino primário, secundário ou universitário como disciplina acadêmica, não foi somente em função de motivos científicos, mas em função de dialética ideológica dos estados nacionais frente à Igreja e dos estados nacionais entre si” (Dias, 2002, S/N).

E qual tem sido o caminho do turismo na ciência? Acredita-se que tal resposta ainda esteja sendo construída. Por enquanto, podemos concluir que o século XXI foi marcado por grandes transformações geográficas, estéticas, digitais, globalizadoras, arquitetônicas, econômicas e tecnológicas, fazendo surgir um novo olhar para o turismo, inclusive com a ascensão de experiências *online*. Reflete-se que locais que antes eram visitados como contemplação, hoje são parte da experiência, o que aumenta o lado filosófico da questão, exemplificada por Panosso Netto (2011) no sentido de vivência, recordação, mudança interior e transformação.

Todas essas tendências modificam, aos poucos, as dinâmicas das viagens e do lazer. Portanto, merecem um constante aprofundamento, não só no campo mercadológico, mas, principalmente, no campo filosófico, bem como no sociológico. Na era das redes sociais, do



compartilhamento, da evolução dos meios de transporte, da globalização, o mundo vai quebrando suas fronteiras e transformando a sociedade. A pandemia da Covid-19 é um exemplo disso, em que novos procedimentos e experiências têm surgido por conta do seu enfrentamento e do impacto que tem provocado no turismo acarretando muitas adaptações e novas tendências, motivo pelo qual, conseqüentemente, surgirão novos estudos e pesquisas. Esse cenário leva a um maior interesse acadêmico pelo setor, não só pelo seu lado econômico e administrativo, mas também social, ou seja, de interação com o meio ambiente, a cultura e os indivíduos.

Enfim, há um grande desafio em enfrentar a complexidade da matéria e emancipar o turismo como uma disciplina científica, pois percebe-se que, para o mundo dos negócios, é mais conveniente deixá-lo exclusivamente como um setor da economia. Porém, cabe refletir que a própria sociologia demorou anos a se firmar como ciência pelos seus principais pensadores: Auguste Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1858-1917). Se a conscientização do turismo trilhar por um caminho similar, sem se deixar guiar pelos interesses puramente financeiros, quem sabe possa, num breve futuro nem tão distante, edificar-se no patamar da ciência, onde merece estar.

## REFERÊNCIAS

- Beni, M. (1998). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo : Senac São Paulo
- Borges, A.L.M.; Silva, G.B. (2016) *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*, Natal, v. 4, Ed. Especial, p.41-61.
- Bordun, O. Y., Romaniv, P. V., & Monasrskyy, W. R. (2020). *Journal of Geology, Geography and Geoecology*. *Journal of Geology, Geography and Geoecology*, 29(2), 233–242. <https://doi.org/10.15421/112021>
- Burkart, A. J. (1974). *Tourism: Past, Present and Future*. Elsevier Science & Technology Books.
- Cohen, E. (1972). Author ( s ): ERIK COHEN Source : Social Research , Vol . 39 , No . 1 , POLITICAL ECONOMICS ( SPRING 1972 ), pp . 164-182 Published by : The New School Stable URL : <http://www.jstor.org/stable/40970087> Toward A Sociology Of International Tourism1. *Political Economics*, 39(1), 164–182.
- (1979). Rethinking the Sociology of Tourism. *Annals of Tourism Research*. v. 6 (1): 18-35. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90092-6](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90092-6)
- (2012). Current sociological theories and issues in tourism. In *Annals of Tourism Research*. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.07.009>
- Comic, D. K. (1989). Tourism as a subject of philosophical reflection. *The Tourist Review*. <https://doi.org/10.1108/eb058016>
- Cooper, C., Shepherd, R. & Westlake, J. (2001). *Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade* [trad. Rosemary Neves de Sales Dias, Cintia Kaori Yokota, Laura Martins Arnstein]. São Paulo: Roca.
- Dann, G. M. (1981). Dann's appraisal.pdf. *Annals of Tourism Research*, VIII(2), 187–219. <https://pdf.sciencedirectassets.com/271796/1-s2.0-S0160738300X01193/1-s2.0-0160738381900827/main.pdf?X-Amz-Security-Token=AgoJb3JpZ2luX2VjECoaCXV-zLWVhc3QtMSJHMEUCICokZyMOFOpAilnDIVWZnJqxKh9i-2RoquwT%2FqvX2uVqLaiEaij%2FbR3ttl4n8GQanF6DFEmA-GZ3Uq272IjHm%2BAOj>
- (1999). Identifying the agenda. *Contemporary Issues in Tourism Development*. <https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=oNSFAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=%22dann+gms%22&ots=bYZdfnfv9W&sig=KFPgEUSMJ-qNpT7hmeQB62syH8mA>
- (2002). *Temas Teóricos para o desenvolvimento do turismo in: Desenvolvimento em Turismo: temas contemporâneos*. São Paulo: Editora Contexto.
- Dias, C. M. M. (org). (2002). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas – Barueri/SP: Monole*. 1ª Ed.
- Goeldner, C. R. (1988). The evaluation of Tourism as an Industry and a Discipline. *Proceedings of the First International Conference for Tourism Educators*. Surrey: University of Surrey.
- Graburn, N. H. H., & Jafari, J. (1991). Introduction. *Tourism social science*. In *Annals of Tourism Research*. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(91\)90035-A](https://doi.org/10.1016/0160-7383(91)90035-A)
- Gunn, C. A. (1980). Amendment to Leiper the framework of tourism. *Annals of Tourism Research*. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(80\)90007-9](https://doi.org/10.1016/0160-7383(80)90007-9)
- Hunziker, W.; Krapf, K. (1942). *Grundriss der Allgemeinen Fremdenverkehrslehre*. Zürich/Berna: Polygraphischer Verlag Ag. Zurichue
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *The Scientification of Tourism*. *Política y Sociedad*.
- Jenkins, C. L. (2002). Acadêmicos e praticantes do turismo: atravessando a grande fronteira. In: *Desenvolvimento em Turismo: temas contemporâneos*. São Paulo: Editora Contexto.
- Kaspar, C. *Die Tourismuslehre im Grundriss*. 1991. Editora Haupt.
- Kirilenko, A. P., & Stepchenkova, S. (2018). Tourism research from its inception to present day: Subject area, geography, and gender distributions. *PLoS ONE*. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0206820>
- Kock, F., Assaf, A. G., & Tsionas, M. G. (2020). Developing Courageous Research Ideas. *Journal of Travel Research*, 59(6), 1140–1146. <https://doi.org/10.1177/0047287519900807>
- Köhler, A. F. (2009). Autenticidade: origens e bases da discussão em turismo. *Turismo-Visão e Ação*. [redalyc.org. https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056092002.pdf](https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056092002.pdf)
- Korstanje, M. E., Mustelier, L. C., & Herrera, S. (2016). Understanding the indiscipline of tourism: A radical critique to the current state of epistemology. *Global Dynamics in Travel, Tourism, and Hospitality*, 208–221. <https://doi.org/10.4018/978-1-5225-0201-2.ch012>
- Leiper, N. (1981). Towards a cohesive curriculum tourism. The case for a distinct discipline. *Annals of Tourism Research*. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(81\)90068-2](https://doi.org/10.1016/0160-7383(81)90068-2)
- (1983). An etymology of “tourism.” *Annals of Tourism Research*. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(83\)90033-6](https://doi.org/10.1016/0160-7383(83)90033-6)
- (1979). The framework of tourism. *Annals of Tourism Research*. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90003-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90003-3)
- (2000). An Emerging Discipline. *Annals of Tourism Research*, Vol. 27 (3): 805-809. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00118-8](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00118-8)

- Lohmann, G.; & Panosso Netto, A. (2012). Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2ª Ed. Rev. Ampl.
- Mazanec, J. (1978). Strukturmodelle des Konsumverhaltens: empirische Zugänglichkeit u. prakt. Einsatz zur Vorbereitung absatzwirtschaft. Editora Orac.
- Moretto Neto, L., & Schmidt, V. G. H. (2008). Comportamento do consumidor no turismo: o turista estrangeiro em Florianópolis - Santa Catarina, Brasil. *Revista Turismo Em Análise*, 19(3), 388. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v19i3p388-404>
- Murphy, P. E. (1981). Tourism course proposal for a social science curriculum. *Annals of Tourism Research*. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(81\)90070-0](https://doi.org/10.1016/0160-7383(81)90070-0)
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A., & Castillo Nechar, M. (2014). Epistemologia do turismo : escolas teóricas e proposta crítica Epistemology of tourism : theoretical schools and critical proposal Epistemología del turismo : escuelas teóricas y propuestas críticas. *Rbtur*, 8(1), 120-144. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.719>
- Pearce, D. G. & Butler, R. W. (orgs). (1993). *Tourism Research: critiques and challenges*. Londres: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Desenvolvimento em Turismo: temas contemporâneos*. São Paulo: Contexto.
- Przeclawski, K. (1993). Tourism as the subject of interdisciplinary research. In *Tourism research critiques and challenges*.
- Ritchie, J. (1993). Policy and managerial priorities for the 1990s and beyond. *Tourism Research*. In: Pearce, Douglas G., Butler, Richard W. (orgs). *Tourism Research: Critiques and Challenges*, Londres: Routledge.
- Schattenhofen, V. (1910). In Fuster, F. op. cit. *Introdução a Técnica e Teoria del Turismo*. 4 ed. Madrid: Nacional, 1974
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657. [https://doi.org/10.1016/s0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/s0160-7383(97)00020-0)
- \_\_\_\_\_. (2018). Creating and curating tourism knowledge. *Annals of Tourism Research*, 73(), 14-25. doi:10.1016/j.annals.2018.08.004
- Tribe, J., & Xiao, H. (2011). Developments in tourism social science. In *Annals of Tourism Research*. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.11.012>
- UN (2010) Department of Economic and Social Affairs Statistics Division International Recommendations for Tourism Statistics 2008: International Recommendations for Tourism Statistics 2008. New York, NY. ST/ESA/STAT/SER.M/83/Rev.1 Studies in Methods Series M No. 83/Rev.1. Disponível em: [https://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/SeriesM\\_83rev1e.pdf](https://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/SeriesM_83rev1e.pdf). Acesso em: 6 de outubro de 2021.
- UNWTO. (2021) United Nations World Tourism Organization. Disponível em: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>. Acesso em 6 outubro de 2021.
- Walker, J. R. (2002). *Introdução à Hospitalidade* [trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho]. 2ª Ed. Barueri/SP: Manole.
- WTTC. Disponível em: <https://www.wttc.org/about/organisation/history/>. Acesso em 26 de maio de 2019.
- Wu, B., Xiao, H., Dong, X., Wang, M., & Xue, L. (2012). Tourism Knowledge Domains: A Keyword Analysis. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 17(4), 355-380. <https://doi.org/10.1080/10941665.2011.628330>
- Xiao, H., & Smith, S. L. J. (2007). The use of Tourism knowledge. *Annals of Tourism Research*. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2006.09.001>
- Xin, S., Tribe, J., & Chambers, D. (2013). Conceptual research in tourism. *Annals of Tourism Research*, 41, 66-88. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.12.003>

# PARTE II

## Interfaces e Aplicações



# 5 Estado da pesquisa em turismo no Brasil: uma análise descritiva dos grupos de pesquisa em turismo do CNPq

**Lúcia Oliveira da Silveira Santos<sup>18</sup>**

**Maria Stela Reis Crotti<sup>19</sup>**

**Alexandre Panosso Netto<sup>20</sup>**

## Introdução

Pesquisar o tema Turismo, no Brasil, caracteriza-se por um olhar que se dá a partir de várias perspectivas. As abordagens acadêmicas sobre o turismo têm sido tratadas de forma disciplinar, multidisciplinar ou mesmo transdisciplinar. No entanto, os estudos têm se mostrado de maneira fragmentada e sem uma integração de áreas ou parceria entre instituições educacionais, no sentido de gerar conhecimento para a área.

Os estudos do turismo, quase sempre, abordam caminhos mercadológicos, agregando valor financeiro às atividades turísticas, por meio de uma economia criativa. A mobilidade também se faz tema de muitas pesquisas, assim como o turismo de base comunitária, apesar de ainda ser muito precária a produção científica, gerando uma escassa publicação sobre pesquisa e epistemologia com base nesses temas. Compreender os processos desencadeados pelos fenômenos turísticos perpassa a literatura científica oriunda da antropologia, da sociologia, das pesquisas sobre patrimônio cultural material e imaterial, do marketing e de outras ciências.

Nesse sentido, esse olhar múltiplo que contribui para a construção do conhecimento em Turismo tem se mostrado um desafio para o desenvolvimento de uma produção científica integrada e compreensiva. Nesse contexto, grupos de pesquisas são importantes celeiros, que congregam áreas e realidades e que se propõem a produzir conhecimento científico para o desenvolvimento da pesquisa no cenário nacional.

---

18 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP; Docente na Faculdade de Turismo da Universidade Federal Fluminense - FTH-UFF. E-mail: luciasilveira@id.uff.br

19 Doutoranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: mcrotti3@gmail.com

20 Livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: panosso@usp.br

Trazendo essas reflexões para a compreensão de nosso tema, este estudo procurou investigar como os grupos de pesquisa que buscam promover diálogos interdisciplinares estão constituídos e como eles contribuem para o estudo do Turismo no Brasil. Esses grupos, muitas vezes, são responsáveis por abordagens que associam perspectivas das Ciências Sociais Aplicadas, das ciências humanas, biológicas, exatas, dentre muitas outras, e que permitiram, apesar do conceito único proposto pela Organização Mundial do Turismo (OMT), ser possível estudar o turismo pelas mais variadas vertentes do conhecimento.

## Aspectos da Pesquisa em Turismo

A geração do conhecimento busca uma compreensão de realidades que se delineiam a partir da ação e participação do homem e da percepção do que pode ser o sentido da vida, as relações sociais e as ações políticas em seus diferentes contextos culturais. A ciência, que já teve seu sentido de verdade, estrutura a geração do conhecimento a partir de um saber científico que se baseia em estatutos metodológicos, que estabelecem os limites entre as várias formas de se conhecer essa realidade (Alves, 2011). Encontram-se, nessa discussão, vários métodos que, através dos tempos, têm contribuído para que as ciências possam se apresentar como tipos diferentes de conhecimento heterogêneo, sempre seguindo uma lógica construída por meio de pressupostos metodológicos.

O interesse em se evoluir nos pensamentos e diálogos para a compreensão da realidade possibilita uma maior compreensão de um determinado fenômeno e colabora com o desenvolvimento de teorias, a partir de diferentes olhares e perspectivas (Farias & Sonaglio, 2019). Para os autores, a realidade não é somente um contexto multidimensional, mas multi-referencial, que se constrói a partir de vários níveis de realidade e que interagem no intuito de gerarem um resultado comum.

Nesse sentido, o turismo pode ser compreendido a partir da inter-relação de diferentes realidades que as ciências buscam investigar, não somente isolando as disciplinas que trazem suas teorias, mas associando-as para, assim, concomitantemente, responder a questões sobre sua natureza e seus conjuntos de realidades.

O turismo, conforme destaca Tribe (1997), não se caracteriza por ser um objeto de estudo em si e nem possui uma metodologia própria para o desenvolvimento do conhecimento. Assim como para Panosso Netto (2005) e Leal (2011), depende de outras ciências para possibilitar a compreensão de seus contextos e realidades.

As abordagens acadêmicas sobre o turismo e sua história têm sido, através dos tempos, tratadas de forma disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar e, até mesmo, transdisciplinar. Para Rejowski (2010), os estudos do turismo são fragmentados e carentes de uma integração de diferentes áreas de conhecimento. Segundo a autora, surge daí “a necessidade de se contar com equipes e grupos de pesquisa que promovam o diálogo interdisciplinar entre o Turismo e áreas como a Ciência da Informação, Comunicação, Geografia e/ou Administração” (Rejowski, 2010, p. 244).

Aspectos da multidisciplinaridade, que preserva as teorias individuais de cada disciplina, sem integração do conhecimento obtido, apresentando-se como áreas independentes, e da interdisciplinaridade, que, apesar de adotar uma metodologia comum, integra os resultados obtidos, sem alterar o que cada disciplina trata, caracterizam a maneira como, em muitas pesquisas, o tema turismo é tratado (Coimbra, 2000). Nesse mesmo sentido, a transdisciplinaridade, que propõe a troca de conhecimento entre as disciplinas, expandindo suas concepções para além das próprias disciplinas, também contribui para uma geração de conhecimento sobre esse mundo como um todo e não somente sobre suas partes (Farias & Sonaglio, 2013)

Como postulado por Farias e Sonaglio (2013), sob o prisma da transdisciplinaridade, compreender o mundo como um todo complexo e não somente como fenômenos fragmentados, por onde se procura decifrar suas partes, gera a necessidade da criação de equipes ou grupos que buscam perspectivas compartilhadas e diálogos para o reconhecimento de um problema.

Barreto (2003) ressalta, como exemplo, a importância do aporte das ciências sociais na compreensão do turismo, a presença da literatura científica oriunda da geografia, da sociologia, da antropologia, das pesquisas sobre patrimônio cultural material e imaterial, das técnicas de planejamento e marketing, e como a associação de todas essas abordagens contribui para o entendimento dos processos desencadeados pelos fenômenos turísticos.

Os grupos de pesquisa têm se apresentado como importantes catalisadores na geração do conhecimento científico, congregando áreas e realidades que, conjuntamente, contribuem para a compreensão dos fenômenos sociais.

Esse olhar múltiplo em busca de resultados comuns torna a produção acadêmica do turismo atual e instigante, possibilitando a criação de um *habitus* disciplinar com significados diferentes (e em disputa) “no momento em que evidencia a porosidade das fronteiras entre as ciências sociais e naturais” (Alves, 2011, p. 611).

Nesse sentido, este estudo visa investigar como os grupos de pesquisa têm se organizado e apresentado, a partir de suas linhas de pesquisa, a geração do conhecimento no campo do turismo.

## Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa teve como objetivo entender como os grupos de pesquisa de diversas universidades brasileiras tratam a temática turismo e as várias vertentes disciplinares relacionadas a esse tema em suas linhas de pesquisa, sendo conduzida em quatro etapas.

(1) Para iniciar essa investigação, foram realizadas entrevistas com nove pesquisadores doutores que participam de grupos de pesquisa em turismo, cadastrados junto ao CNPq. As entrevistas foram realizadas entre 15 de outubro de 2020 a 02 de março de 2021, de forma síncrona e virtual, a partir de um roteiro semiestruturado. Essas entrevistas permitiram-nos compreender quais as principais lacunas de pesquisa existentes na grande área de turismo, a partir da experiência desses especialistas.

(2) No intuito de corroborar a proposta deste estudo, realizou-se, também, uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de investigar as publicações existentes que tratassem sobre grupos de pesquisa em turismo. Nesse sentido, realizou-se uma busca na plataforma *Web of Science*, por publicações que tratassem sobre grupos de pesquisa em turismo. A plataforma *Web of Science* é o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que oferece acesso a mais de quarenta e cinco mil publicações periódicas, internacionais e nacionais, reunindo trabalhos acadêmicos, teses, patentes, dissertações, abrangendo diversas áreas de conhecimento e desenvolvimento científico. A escolha por essa base, vinculada à CAPES, deu-se por ser essa entidade uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil e que atua na consolidação e disseminação do conhecimento científico gerado pelos programas de pós-graduação *stricto sensu*, de todos os estados brasileiros. Essa abrangência nacional foi importante na caracterização do escopo desta pesquisa, visto que o contexto em que este estudo foi desenvolvido leva em consideração o território nacional brasileiro.

(3) Em seguida, os pesquisadores optaram por realizar uma pesquisa na base do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), com consulta parametrizada para “grupos de pesquisa” (CNPq, 2021), em que foram encontrados 492 registros para grupos de pesquisa que tratam da temática do turismo. A pesquisa foi realizada de 4 a 16 de outubro de 2021. Na busca, cada grupo de pesquisa teve identificados a instituição educacional a que está vinculado, o título do grupo, sua data de criação, seus líderes, área de concentração científica, cidades em que está baseado, as linhas de pesquisas desenvolvidas e a quantidade de estudantes e pesquisadores envolvidos no projeto.

(4) Com a base de dados organizada, os pesquisadores realizaram uma análise de conteúdo dos registros, conforme estruturado por Bardin (1977), seguindo o método de codificação, identificando as unidades de registro e de contexto, medindo a frequência e a intensidade de cada unidade, operacionalizada com o software Atlas.ti. Foram determinadas as principais áreas de interface das pesquisas em turismo e, em seguida, confrontadas com os achados das entrevistas realizadas previamente.

## Revisão de Literatura

A revisão sistemática tem por objetivo investigar, reunir e avaliar criticamente o resultado dos estudos realizados em uma determinada área de conhecimento (Cordeiro et al., 2007), além de responder a perguntas claramente definidas, utilizando-se métodos para identificar, selecionar e avaliar pesquisas relevantes. Para os autores, a revisão sistemática da literatura é um estudo retrospectivo, a partir da identificação de um problema.

Para esta pesquisa, a revisão teve início na definição de qual seria a temática a ser investigada nos repositórios das produções científicas e que se caracterizou por “grupo de pesquisa” e “turismo”. Ao todo, foram realizadas cinco *strings*, com aplicação de filtros em cada uma delas para que se alcançasse o objetivo proposto.

Na primeira *string*, além da caracterização já elencada, aplicou-se os filtros de temporalidade (2011-2021), realizando uma busca nas produções dos últimos dez anos. Nesse



momento da pesquisa, não houve restrições em relação a idiomas (português, inglês, catalão, espanhol, alemão, e outras opções), tipo de recursos (artigos, matérias, resenhas, teses, dentre outros) e tópicos (*studies*, *tourism*, *analysis*, turismo e outros). Nessa primeira *string*, com a temática “grupo de pesquisa” e “turismo”, foram encontrados quatro mil, seiscentos e setenta e oito documentos, sendo que dois mil, trezentos e dois desses foram periódicos revisados por pares.

Considerando a amplitude desse universo encontrado, os pesquisadores decidiram pela aplicação de filtro no tipo de recurso, restringindo a busca a somente artigos. Nessa nova rodada, ainda sem filtros aplicados para idiomas e tópicos, foram identificados quatro mil, seiscentos e sessenta e seis publicações, sendo dois mil, duzentos e noventa e sete periódicos revisados por pares.

A terceira *string* buscou restringir produções nos idiomas português, inglês, espanhol / catalão e francês, no intuito de investigar o cenário nacional brasileiro e as produções em idiomas com reconhecimento um pouco mais amplo mundialmente. Para esse filtro, foram encontrados três mil, oitocentos e sessenta e dois artigos, sendo um mil, novecentos e quinze revisados por pares.

Considerando ainda que pudesse haver algumas áreas de conhecimento que não fossem pertinentes para a investigação realizada, a próxima etapa de análise levou em conta tópicos a seguir relacionados: “*anthropology*”; “*hotel & motels*”; “*social sciences*”; “*sustainable development*”; “*folklore*”; “*social science, interdisciplinary*”; “*public policy*”; “*recreation leadership, administration of recreation services*”; “*sociology*”; “*investigacion cientifica*”; “*management*”; “*aspectos sociales*”; “*analysis*”; “*marketing*”; “*hospitality, leisure, sport & tourism*”; “*geography, anthropology, recreation*”; “*turismo*”; “*analysis*”; “*Tourism*”; “*studies*”. Esses tópicos foram escolhidos em função de sua disponibilidade no sistema e de sua relação com as linhas de pesquisa encontradas na primeira análise dos grupos de pesquisas encontrados na base do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Com a aplicação desses filtros, foram observados um mil novecentos e setenta e um artigos, sendo novecentos e três revisados por pares.

A última *string* contou com a pesquisa em coleções SciELO e Emerald, a saber, Emerald Journals, SciELO Peru, SciELO Mexico, SciELO Ecuador, SciELO Chile, SciELO Portugal, SciELO Colombia, SciELO Argentina, SciELO Brasil. Essas coleções foram elencadas por estarem disponíveis nessa plataforma utilizada para a pesquisa e pela conveniência dos pesquisadores. Ademais, em todas as *strings*, não foram limitados os títulos de periódicos, uma vez o periódico poder tratar de vários assuntos que pudessem se relacionar à temática estudada. Nesta última etapa da pesquisa, foram encontrados seiscentos e cinquenta e seis documentos com trezentos e sessenta e três periódicos revisados por pares.

Após essas *strings* de pesquisa realizadas, os pesquisadores avaliaram os seiscentos e cinquenta e seis documentos, no sentido de investigar se havia algum artigo que tratasse da relação “grupo de pesquisa” e “turismo”. Após a leitura dos resumos, seis artigos foram selecionados, no entanto nenhum tratou dessa relação, assim como proposto neste estudo. Em um dos artigos, o campo de investigação foi o panorama dos grupos de pesquisa em administração, enquanto os outros trataram de revisões da produção e conceitos de geografia,

mercado de trabalho dos egressos dos cursos de turismo, inovações curriculares na formação dos estudantes de turismo, produção acadêmica dos jovens doutores formados em programas de pós-graduação em Turismo e, finalmente, a construção do conhecimento em turismo.

Como foi possível observar, nenhum artigo dessa base pesquisada apresentou estudos sobre grupos de pesquisa em turismo, corroborando, dessa maneira, com o *gap* que este estudo pretende apresentar.

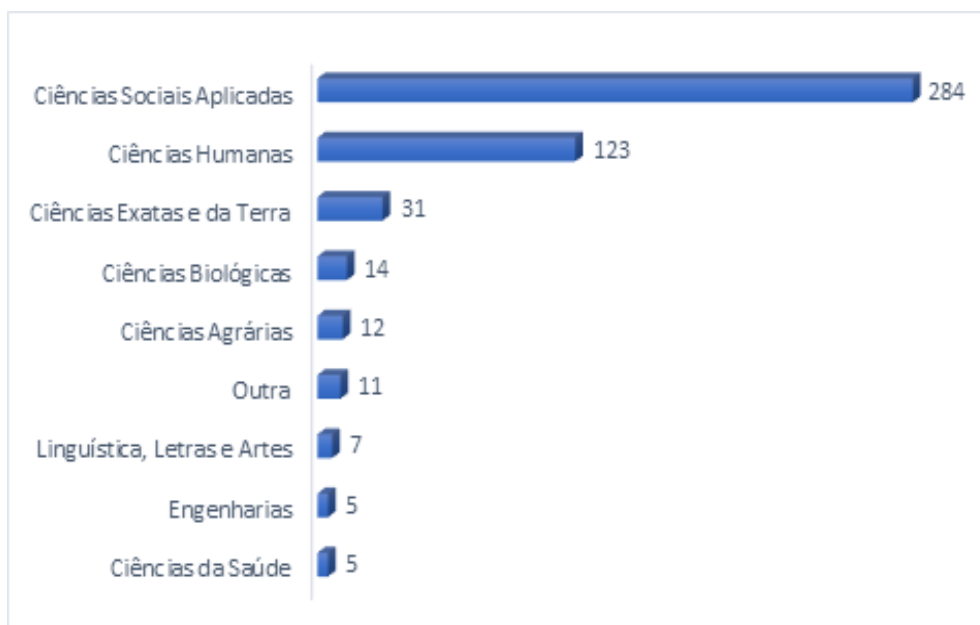
## Os Grupos de Pesquisa em Turismo Cadastrados no CNPq.

O Diretório de Grupos de Pesquisa - DGP, do CNPq, constitui um repositório online, disponível para consulta pública, que apresenta um inventário das atividades permanentes de pesquisa em instituições do país. Esse repositório apresenta uma descrição dos grupos, os objetivos das pesquisas, sua produção científica e as parcerias estabelecidas. As informações são atualizadas pelos líderes de cada grupo, em geral, pesquisadores de maior titulação. Porém, como muitas instituições não exigem obrigatoriamente o cadastro das pesquisas no DGP, entende-se que essa base de dados não abrange toda pesquisa realizada em uma determinada área. No entanto, considera-se uma base de dados sólida e relevante para possibilitar uma análise do estado da arte da pesquisa em turismo e que possui a facilidade de permitir a extração de dados dos seus grupos cadastrados, por meio de palavras-chave.

No dia 4 de outubro de 2021, utilizando a tag “turismo” e selecionando “nome do grupo”, “nome da linha de pesquisa” e “palavra-chave da linha de pesquisa”, foram filtrados grupos certificados pelas instituições de ensino que estivessem atualizados. Resultaram 497 registros automatizados pela plataforma, dos quais cinco foram excluídos da análise por estarem duplicados, sendo considerados os mais recentes.

A pesquisa apresentou grupos pertencentes a todas as oito áreas do conhecimento discriminadas pelo CNPq, além de grupos cadastrados como pertencentes a “outras” áreas. As ciências sociais aplicadas, grande área associada comumente às pesquisas do turismo, abriga 284 dos grupos de pesquisa reportados na busca. As ciências humanas também possuem forte presença junto aos grupos encontrados. Outras áreas, no entretanto, apresentam menor interface com o turismo na plataforma, conforme destacado na figura 5.1.

Figura 5.1 – Quantidade de grupos de pesquisa conforme áreas do CNPq



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Quanto às instituições de pesquisa que abrigam esses grupos de pesquisa, são 128 no total. Destas, 125 são Instituições de Ensino Superior – IES. As outras três são a Fundação Oswaldo Cruz – FioCruz, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICM-Bio e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM.

Dessas instituições, 45 abrigam apenas um grupo de pesquisa cada; 20 abrigam dois grupos cada; 12 delas abrigam três grupos cada; 12 delas abrigam quatro grupos cada; 7 delas abrigam cinco grupos cada; 9 delas abrigam seis grupos cada; 8 delas com sete grupos cada; 2 têm oito e 2 têm nove grupos cada. 11 instituições possuem mais de dez grupos de pesquisa ligados ao turismo, conforme Tabela 5.1.

Tabela 5.1 – Instituições com maior número de grupos de pesquisa

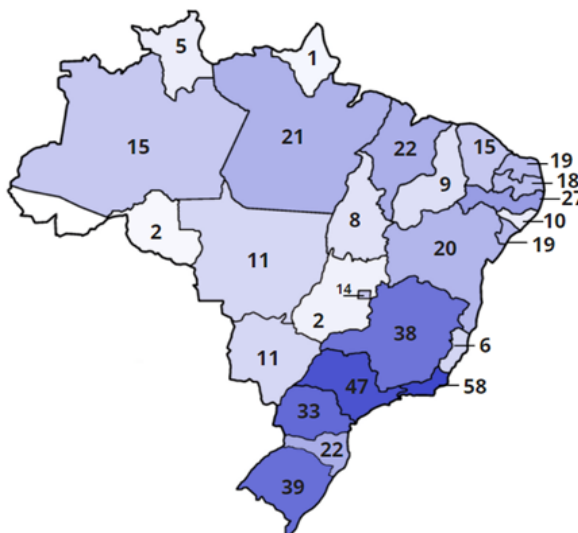
Instituição	Grupos de pesquisa
Universidade Federal do Paraná	16
Universidade de São Paulo	15
Universidade Federal do Maranhão	15
Universidade Federal do Pará	14
Universidade Federal de Pernambuco	12
Universidade de Brasília	11
Universidade Federal do Rio de Janeiro	11
Instituto Federal de São Paulo	10
Instituto Federal de Sergipe	10
Universidade Federal de Minas Gerais	10
Universidade Federal de Sergipe	10

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Apenas 21 grupos de pesquisa cadastraram alguma instituição como “instituição parceira”, por isso essas parcerias não foram objeto de análise deste estudo.

Quando estratificados por estados, o estado com maior número de grupos de pesquisa na área foi o Rio de Janeiro, com 58 grupos, seguido de São Paulo, que apresentou 47 grupos com pesquisas em turismo, conforme Figura 5.2.

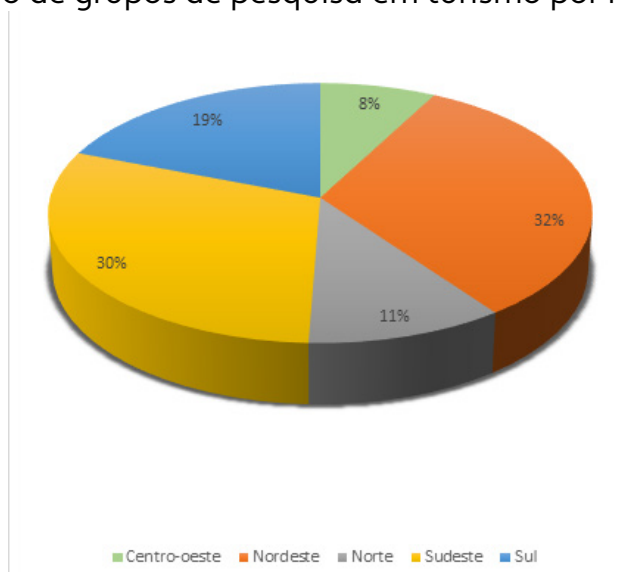
Figura 5.2 – Distribuição dos grupos de pesquisa em turismo por estados



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

No entanto, considerando o número total de grupos, é a região nordeste que apresenta maior concentração de pesquisas na área de turismo, 159, com a liderança pernambucana que conta com 27 grupos de pesquisa, como apresentado na figura 5.3.

Figura 5.3 – Concentração de grupos de pesquisa em turismo por região geográfica.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Os pesquisadores, então, dedicaram-se à extração manual de dados complementares no DGP, entre os dias 5 e 16 de outubro de 2021. Assim, foram levantadas as linhas de pesquisa que compõem cada grupo, bem como a quantidade de pesquisadores envolvidos.

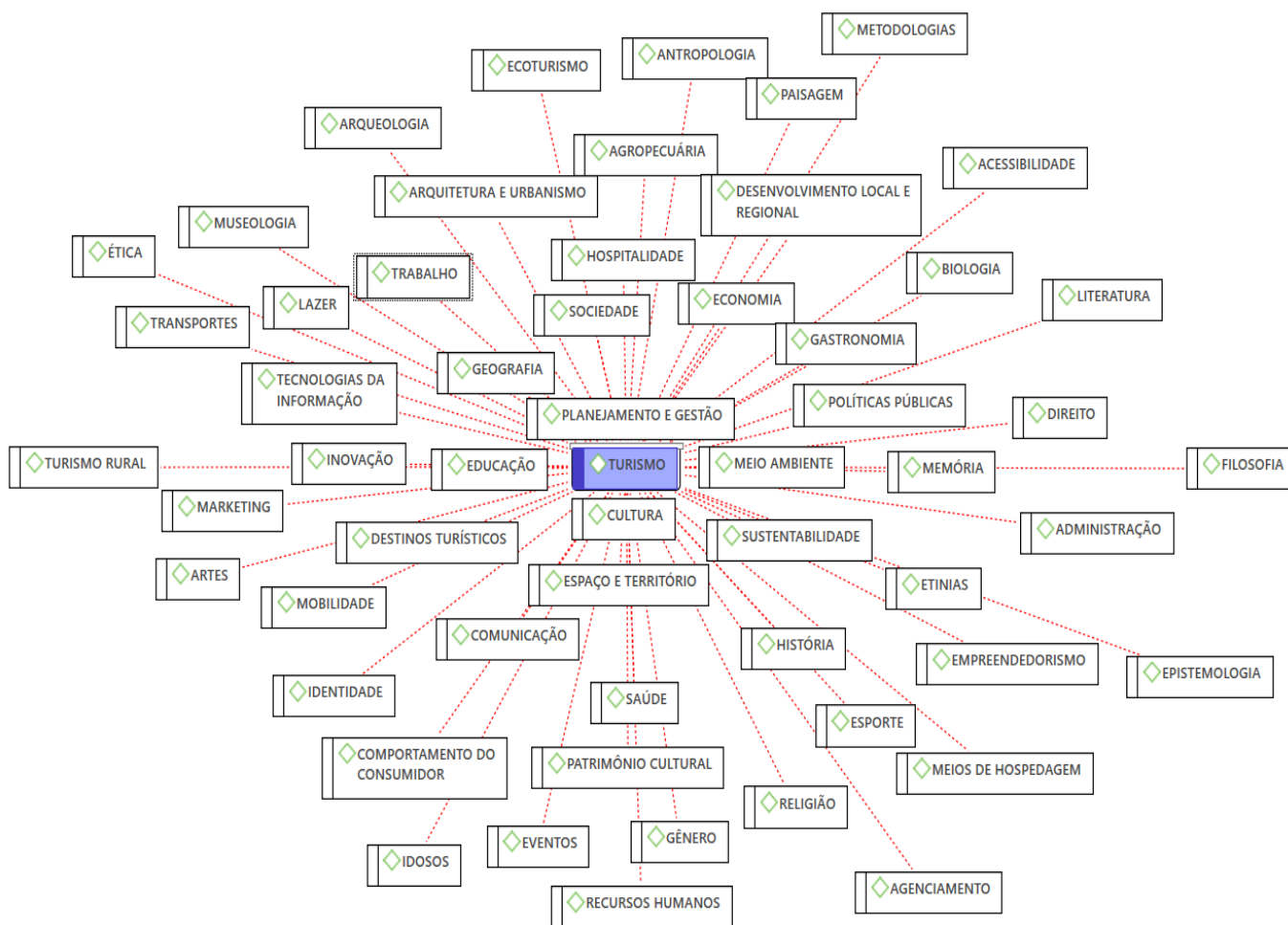
A pesquisa apontou mais de 22 mil pesquisadores envolvidos, com mais de 6500 estudantes nos 492 grupos de pesquisa relacionados ao turismo.

Estes grupos apresentaram 2378 linhas de pesquisa que compuseram as unidades de registro iniciais da análise de conteúdo, das quais 759 mencionam diretamente o turismo e outras 893 possuem relação indireta com a temática. Assim, foram estratificadas apenas as 1652 linhas identificadas com o turismo, que compuseram a análise de vocábulos.

Nesta análise, aplicou-se codificações por meio de pesquisa lexical e agrupamento de vocábulos por similaridade. Foram obtidos 4591 termos agrupados em 57 categorias, cada qual com a magnitude definida por sua frequência.

Desta forma, foi possível organizar uma rede com os temas mais pesquisados pelos grupos, apresentados na figura 5.4. Nesta figura, os termos mais repetidos aparecem mais próximos ao vocábulo “turismo” e os menos recorrentes, mais afastados.

Figura 5.4 – Principais áreas de interface com o turismo oriundas das linhas de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Os cinco temas mais pesquisados identificados pelas linhas de pesquisa são “planejamento e gestão”, com 309 repetições, seguido de “cultura”, 292 vezes, “meio ambiente”, com 272, “educação”, com 254 repetições e “sustentabilidade”, com 209 reproduções.

Os cinco temas que aparecem com menor magnitude são “agenciamento” e “ética” com sete repetições cada; “turismo rural” com seis; “epistemologia do turismo”, cinco vezes e “filosofia”, quatro vezes.

De modo geral, verificou-se uma quantidade significativa de grupos e linhas de pesquisa trabalhando temas similares em diversas instituições do país, sem apresentarem particularidades que as diferenciem. Desta forma, acredita-se que alguns temas, como “turismo e meio ambiente”, por exemplo, que são pesquisados em mais de 200 linhas diferentes, mereceriam estar mais agrupados, proporcionando maior intercâmbio entre pesquisadores e instituições, mas aparecem pulverizados na pesquisa.

Contrariamente, há temáticas bastante importantes que aparentam pouco interesse por parte dos pesquisadores em turismo. Para melhor compreender esse ponto, optou-se por confrontar esses achados com as lacunas de pesquisa apresentadas nas entrevistas, conduzidas com nove doutores especialistas que fazem parte de alguns desses grupos de pesquisa, o que será apresentado na próxima seção deste artigo.

## Visão dos Pesquisadores Sobre as Lacunas de Pesquisa

A partir das entrevistas conduzidas com nove doutores, que lecionam nos programas de pós-graduação em turismo nacionais, levantamos as principais temáticas que, na opinião de nossos entrevistados, representam lacunas de pesquisa.

Para o entrevistado A, é importante estudar a economia não monetizada do turismo. Embora a economia do turismo seja o décimo tema mais pesquisado, conforme as categorias que aportamos em nosso estudo, a economia não monetizada não aparece em nenhuma das linhas de pesquisa analisadas. Segundo esse entrevistado, os estudos da economia do turismo abordam quase sempre o caminho mercadológico, do investimento financeiro do turista nas localidades. No entanto, em sua visão, seria importante compreender o que se ganha fazendo uma viagem, o que provavelmente não é representado por um ganho imediato, mas a médio e longo prazo. O entrevistado A ainda sugere que se faça essa abordagem a partir da visão de Pierre Bourdieu (2007), que discute uma economia de trocas simbólicas.

O entrevistado C também identificou uma lacuna nos estudos da economia do turismo, mais especificamente da economia criativa. Para esse pesquisador, o turismo agrega valor financeiro por meio da criatividade. Ainda, reflete que a economia criativa perpassa todo o setor cultural: “a cultura mobiliza, gera emprego e cria renda e o mercado não está acostumado a pagar pela criatividade” (Entrevistado C, 2021). Ainda, acredita que é pela economia criativa que o turismo sairá da crise pós-pandemia de Covid-19. Sobre esta temática, nossa pesquisa apontou que há sete linhas de pesquisa que estudam a economia criativa do turismo, em cinco diferentes grupos cadastrados junto ao CNPq.

A mobilidade também é um tema levantado pelo entrevistado C, que considera urgente o estudo da mobilidade como uma concepção ampla, “como movimento, não necessariamente uma mobilidade de pessoas, mobilidade de trânsito, mas um estudo mais

epistemológico” (Entrevistado C, 2021). Para este pesquisador, praticamente não há textos que façam a reflexão do turismo enquanto mobilidade.

O entrevistado A também vê uma lacuna de estudos na questão da mobilidade, que precisaria ser analisada por todos os campos da sociologia do lazer. Sugere um olhar da mobilidade a partir de Martinotti (1994), autor que critica estudos focados na composição social da cidade adormecida, que ignoram os aspectos sociais do universo urbano ativo, cujas populações, diversas vezes, fogem a esses estudos.

No entanto, nossa pesquisa apontou 39 diferentes linhas de pesquisa que trabalham algum aspecto da mobilidade em turismo, em 12 diferentes grupos, dez dos quais criados nos últimos três anos. A mesma temática aparece em outros 117 grupos de pesquisa que não são de turismo, o que pode apontar que, para nosso setor, essa seja uma temática mais recente.

Para o entrevistado H, há falta de estudos que trabalhem as medições de impacto no destino, especialmente as metodologias para estas medições. De fato, nosso estudo encontrou apenas 3 linhas de pesquisa que trabalham impactos ambientais no turismo e outras cinco que trabalham os impactos sociais. Nenhuma delas refere-se a metodologias vinculadas às questões de sustentabilidade a que o nosso entrevistado referiu-se.

Outro fenômeno que mereceria maior atenção, conforme o entrevistado H, é o turismo de base comunitária. Nosso estudo identificou 19 linhas de pesquisa que trabalham especificamente com esse tema. No entanto, para o pesquisador H, o que faltam são publicações, novos referenciais de experiências nacionais que demonstrem os modelos de gestão comunitários. Ele ressalta que, muitas vezes, esses modelos são implementados por institutos de fora, entidades que impõem um modelo de fazer turismo profissional, num mundo à parte.

Para o entrevistado G, faltam pesquisas que trabalhem a questão ética do turismo. Esta temática está presente em quatro linhas de pesquisa, duas das quais estão descritas como “ética ambiental” e duas como “ética do turismo”. Ainda conforme o entrevistado G, são necessárias pesquisas quantitativas aplicadas ao turismo que se utilizem de teorometria. Não foi possível identificar, no estudo que conduzimos, se algum dos grupos de pesquisa em turismo utiliza-se desta técnica de análise. O entrevistado E também considera importante ampliar as pesquisas quantitativas em turismo e, por isso, destaca que os pesquisadores precisam apresentar pesquisas que utilizem métodos mistos.

Já o entrevistado F indica a necessidade de ampliação dos estudos epistemológicos do turismo. Para esse pesquisador, falta mais corpo teórico que embase as teorias do turismo. Identificamos, no estudo que realizamos, apenas 11 linhas de pesquisa em turismo que trabalham especificamente com o viés epistemológico: destas, quatro referem-se a estudos epistemológicos da geografia, dois da educação e apenas cinco fazem referência diretamente à epistemologia do turismo.

O entrevistado B entende que não faltam pesquisas, mas organização e publicação. Para este pesquisador, é necessário publicar mais para que esse conhecimento permaneça, fazer esse conhecimento chegar a quem realmente precisa: as comunidades. Ainda, é necessário partilhar o conhecimento. Uma sugestão do entrevistado B é realizar um repositório

de entrevistas na área de turismo, para que cada pesquisador pudesse escutá-las e realizar suas análises: “a gente tem pouco disso no campo do turismo, bases compartilhadas” (Entrevistado B, 2020). Essa crítica também foi feita pelos pesquisadores entrevistados E e D, ambos indicando a necessidade de pesquisar em rede.

Por fim, os entrevistados A, E e G também apontaram a necessidade de maior internacionalização de pesquisas e intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

## Considerações Finais

A pesquisa descritiva aqui proposta objetivou investigar a organização e apresentação dos grupos de pesquisa cadastrados no DGP do CNPq, a partir de suas linhas de pesquisa, para a geração do conhecimento no campo do turismo. Para tanto, destacamos as universidades e institutos que tratam a temática, sua localização, as várias vertentes disciplinares relacionadas a este tema e comparamos com a opinião de pesquisadores doutores experientes e atuantes em alguns desses grupos de pesquisa.

Quanto à temática, destacamos a precariedade de estudos sobre os grupos de pesquisa em turismo nas principais buscas realizadas, bem como a escassa publicação sobre pesquisa e epistemologia em turismo – o que reforça ainda mais a necessidade de aprofundamento de estudos como este.

No entanto, consideramos significativos os achados junto ao DGP, especialmente por indicar mais de 20 mil pessoas estudando turismo no Brasil. Foram 492 grupos de pesquisa encontrados, em 125 IES e mais três instituições de pesquisa diferentes, bastante dissipados pelo país, sendo que apenas o estado do Acre não apresenta pesquisas em turismo cadastradas na plataforma. Ainda, as 1652 linhas de pesquisa identificadas apontaram 4591 unidades de registo, agrupadas em mais de 60 temas de estudo em turismo – o que indica que este é um campo de pesquisa robusto.

A partir do contexto abordado, percebemos o turismo como eminentemente inter e transdisciplinar, mas identificamos que os grupos de pesquisa parecem dispersos e apresentam poucas parcerias interinstitucionais. Alguns temas são trabalhados por mais de 200 linhas de pesquisa, em 40 instituições diferentes, sem indicação de um diferencial de pesquisa que indique sua necessidade. Assim, pesquisas muito semelhantes ocorrem em paralelo, sem o compartilhamento de informações.

Por meio de entrevistas, pudemos perceber que mesmo os pesquisadores doutores que participaram deste estudo desconhecem quais os temas mais pesquisados na área – o que pode indicar que falta intercâmbio, troca e divulgação da produção dos grupos analisados. Assim, entendemos que a criação de instituições que reúnam os grupos de pesquisa sob o mesmo guarda-chuva – como já ocorre com os observatórios de turismo, por exemplo – possa ser uma estratégia de colaboração, bem como a criação de plataformas para compartilhamento de base de dados, como sugeriu um de nossos entrevistados.

Por fim, a partir deste artigo, acreditamos ter sido possível obter um panorama importante sobre a pesquisa em turismo nas diversas instituições nacionais que compõem o DGP, obviamente sem a pretensão de esgotar o assunto, mas indicando possibilidades para posterior aprofundamento.



## REFERÊNCIAS

- Alves, M. (2011). Reflexões sobre a pesquisa qualitativa aplicada ao turismo. *Revista Turismo em Análise*, 22(3), 599-613.
- Bardin, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. V. 22.
- Barretto, M. (2003). O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes antropológicos*, 9, 15-29.
- Bourdier, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- CNPq (2021). *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*. Diretório de Grupos de Pesquisa. Disponível em: [http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta\\_parametrizada.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf). Acesso em outubro de 2021.
- Coimbra, J. (2000). Considerações sobre a interdisciplinaridade. *Interdisciplinaridade em ciências ambientais*, 52-70.
- Cordeiro, A., Oliveira, G., Rentería, J., & Guimarães, C. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34, 428-431.
- da Silva, A., Cusati, I., & Guerra, M. (2018). Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: dos conhecimentos e suas histórias. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 979-996.
- Farias, M., Sonaglio, K., & Ferreira, L. (2019). Ciência, turismo e complexidade: teorizando sobre a transdisciplinaridade para a interpretação do fenômeno turístico. *TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible*, 12(26), 2.
- Farias, M. & Sonaglio, K. (2013). Inter, multi e transdisciplinaridade no turismo: questões sobre o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de turismo do Brasil.
- Ferri, C., Tomasulo, S. & Souza, L. (2002). Turismo e interdisciplinaridade: reflexões sobre a formação profissional. *Turismo-Visão e Ação*, 4(9), 101.
- Leal, S. (2011). Relato do I Seminário Internacional de Estudos Críticos em Turismo, Natal/RN (Brasil). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. v.5, n.1, pp.126-130, abr.
- Martinotti, G. (1994). The new social morphology of cities. University of Milano. UNESCO/MOST Wien, 10-12 February 1994
- Munhoz, D., & Olivera Jr, C. (2009). Interdisciplinaridade e pesquisa. Bourguignon, Jussara Ayres. *Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas*. Ponta Grossa: Toda Palavra, 11-33.
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Pires, M. (1998). Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 2, 173-182.
- Rejowski, M. (2010). Produção científica em turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil. *Revista Turismo em Análise*, 21(2), 224-246.
- Rosset, R. Santos, C., Medeiros, N., Medeiros, L., Regis, C., & Batista, S. (2018). Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre educação interprofissional (EIP): narrativas em foco. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 22, 1511-1523.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657. [https://doi.org/10.1016/s0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/s0160-7383(97)00020-0)

# 6 Investigação teórico-epistemológica em turismo: uma revisão sistemática de literatura

Lara Brunelle Almeida Freitas<sup>21</sup>

Larissa Resende Mario<sup>22</sup>

Cristiano Stamm<sup>23</sup>

## Introdução

A elaboração de teorias contemporâneas sobre o “que é o turismo” carece de uma reflexão dialética, cuja abordagem transcura entre diversos conceitos catedráticos do campo do turismo e suas elucidações no decorrer dos anos. Do mesmo modo, a reflexão epistemológica atribui ao conhecimento científico no turismo uma visão sistêmica hermética, em que sua universalidade demanda mais que a soma das partes, sobre uma prática social que se distribui em configurações distintas nos espaços globalizados, a partir de subjetividades e experiências infinitamente diversas (Goeldner, Ritchie & McIntosh, 2002; Moesch, 2013, Pinto, Simonian & Monteiro, 2015; Beni & Moesch, 2017).

Neste sentido, as relações epistemológicas coexistem entre o sujeito pesquisador, o objeto da realidade a que pertence e a percepção crítica da ciência enquanto arcabouço do conhecimento. Assim como, o pesquisador que delinea o desenvolvimento de teorias sobre o que se estuda, elabora um quadro teórico gradual à medida que coleta os dados e os analisa (Beni & Moesch, 2017). Mas, ambicionar que a totalidade dos conceitos e teorias justaponha-se a distintos acontecimentos de desenvolvimento do turismo é uma abstração de agressão às próprias realidades a serem compreendidas (Anés, 2020; Beni & Moesch, 2017; Campodónico & Chalar, 2017).

Cabe ressaltar que o estudo do turismo é recente, fato que justifica em partes, críticas concernentes à inexistência de um corpo teórico científico suficiente, configurando a área enquanto ciência (Campodónico & Chalar, 2011; Faria & Gomes, 2013; Pinto et al., 2015). Por conseguinte, requer uma abordagem sistemática do todo que submerge o fazer-saber turístico como “objeto de desconstrução permanente” (Beni & Moesch, 2017, p. 444).

Martínez (2013) destaca estudiosos como Ash e Turner e os teóricos da escola de Frankfurt, cuja abordagem ponderam que o turismo não apresenta conteúdo científico su-

21 Doutoranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: brunellyalmeida@live.com

22 Docente dos cursos de Graduação em Turismo, Hotelaria e Eventos da Universidade Anhembí Morumbi (SP). E-mail: lari.rmario@gmail.com

23 Professor Adjunto do Curso de Ciências Econômicas, do Programa de Mestrado em Economia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: stamm\_br@yahoo.com.br

ficiente em seu constructo; enquanto outros, a exemplo de Hunziker, afirmam que o turismo é uma ciência. O autor destaca ainda que, para investigadores como Sessa e Boullón, a tendência multidisciplinar que baliza o turismo origina muitas controvérsias na interpretação do conhecimento turístico.

Assim, entender a problemática da configuração dos estudos sobre o turismo baliza fundamentação em distintos espaços na contemporaneidade, insurge questões sobre as teorias que os formatam, uma vez que manifesta as concepções de conhecimento que implicam nas práticas turísticas, cujo bojo da complexidade suscita reflexão neste capítulo de livro. A partir dessa perspectiva, este estudo objetiva analisar a produção científica da episteme do turismo, pressupondo que o fundamento teórico-conceitual no campo do turismo se encontra disperso e fragmentado na literatura estrangeira.

Para apresentar os resultados da investigação proposta, este estudo está estruturado em quatro seções. A primeira seção é composta desta introdução ao contexto que se insere a temática e relevância da pesquisa. A segunda desponta um arcabouço teórico geral e específico ao entendimento da temática. A terceira fundamenta-se no desenvolvimento geral da pesquisa, apresentando o procedimento metodológico de revisão sistemática de literatura, os resultados e as discussões decorrentes dos fenômenos evidenciados. Na quarta seção, encontram-se as considerações finais.

## Conceitos Gerais e Específicos

### Considerações sobre o cientificismo

De acordo com o racionalismo crítico, a construção do cientificismo precede a possibilidade de pressupostos debatidos e sustentados de maneira lógica que podem ser refutados ou corroborados (Popper, 2009), sendo que, na refutação, a ruptura pode suscitar um abissal progresso do conhecimento que, muitas das vezes, transcende o próprio fenômeno que o origina (Kuhn, 1970).

Buscando esclarecer a tenacidade do que seria ciência, Haack (2012, p.6) contribui ao abordar seis sinais do cientificismo “uso honorífico de ciência e seus cognatos; adornos científicos adotados de forma inapropriada; preocupação com o problema da demarcação; busca pelo método científico; procurar nas ciências por respostas a perguntas além de seu escopo; denegrir o não-científico”. A autora aponta que a ciência configura-se a partir de conhecimentos distintos, projetando-se em um ambiente argumentativo.

Contudo, a significação do cientificismo nem sempre implica na objetividade positivista, haja vista que é induzida a partir de uma expectativa precedida pela observação ou simplesmente fundamentada com base no raciocínio (Panosso Netto, 2005; Panosso Netto & Castillo-Nechar, 2016). Sendo assim, premissas singulares também atestam a veracidade de uma teoria científica.

Quando uma teoria apresenta-se impossibilitada de agregar observações centrais, invalidando o sistema que fundamentou sua coerência, ela é suprida pela quebra de paradigmas, relativizando princípios que antes eram aceitos (Kuhn, 1970).

Neste sentido, uma teoria é considerada científica a partir da sua refutabilidade con-substanciando sua relevância epistemológica, pois o seu sucesso ou seu fracasso poderá ser atribuído ao progresso científico, transcendendo o pragmatismo da falseabilidade (Popper, 2009). Destacam-se quatro definições fundamentais da teoria: a especulação de vida contemplativa, a condição hipotética imaginada, a ciência legítima e a hipótese ou conceito científico (Abbagnano, 1934).

No turismo, o motivo da não edificação de uma ciência, por vezes, é atribuído à indevida compreensão do objeto turístico, cujo elemento pode originar uma pesquisa mal definida e, conseqüentemente, uma apropriação insuficiente dos conhecimentos obtidos (Beni & Moesch, 2017; Moesch, 2013). Coles, Hall & Duval (2005, p. 31) abalizam que “o turismo é um objeto de pesquisa fluido e dinâmico, as definições e conceitos continuam estáticos”. Sendo assim, para sua compreensão é preciso ampliar os estudos por meio de suas dimensões, de forma que possibilite analisar suas nuances. Na atualidade, as discussões que compreendem os fundamentos e as teorias do turismo suscitam discursos que, por muitas vezes, são relativizados.

Para MacCannell (2011, p. 35), “a pesquisa em turismo não conseguiu construir marcos conceituais estáveis”. Nesse aspecto, Tribe (1997) já defendia que a relação do turismo com outras áreas interfere no seu entendimento como uma nova disciplina. Em seu modelo de produção do conhecimento em turismo, ele destaca dois eixos, sendo um comercial e o outro não comercial, ambos sustentados por teorias e conhecimentos de outras áreas, de modo que, neste modelo, se considera relevante a integração entre o conhecimento acadêmico e o prático, por meio de uma perspectiva multi, inter e extradisciplinar (Rejowski, 2015).

Diante da necessidade de edificar o constructo de uma ciência do turismo, a premissa de um rigor científico é indispensável. Contudo, Beni e Moesch (2017, p. 435) discutem que “para construir uma ciência do Turismo, deve-se ir muito além da construção de uma metodologia, já que esta não deve ter um fim em si mesmo, mas ser um meio para se atingir o fim cognitivo”, assim, o método passa a ser apenas uma ferramenta para se dialogar com diferentes iniciativas.

Ressalta-se que Santos Filho (2009) acrescenta que há setores da academia com dificuldades em questionar substancialmente as bases históricas existentes do fenômeno turístico, o que favorece um discurso da essencialidade positivista demonstrada nas correntes sociológicas do funcionalismo e do estruturalismo. Para o autor, o turismo apresenta uma série de interpretações científicas que possibilitam distinguir suas diferentes abordagens teóricas que, por vezes, pressionam um certo embate entre elas, o que contribui para que o turismo seja tratado de forma discutível no âmbito de outras ciências. Destarte, compete à academia fomentar estudos e pesquisas que questionem a linearidade das visões positivistas, de forma que subverta a superficialidade no entendimento do que é o turismo.

### As bases epistemológicas do turismo

Nos primórdios, o escritor alemão Hans Magnus Enzensberger (1985) observou em seu ensaio intitulado “Uma Teoria do Turismo”, que até então, não havia efetivamente muitos registros escritos sobre a história do turismo. Segundo o autor, na época, já existiam diversas referências históricas as quais evidenciariam o deslocamento das pessoas ao longo

do tempo, por exemplo, desde os textos da Antiguidade, como a Odisseia de Homero, ou as Histórias de Heródoto (Enzensberger, 1958).

Porém, como destaca Romano (2013, p. 33), “[...] as viagens que se estendem desde a Antiguidade até início do século XIX eram motivadas principalmente por fins práticos; em geral, cumpriam razões de Estado”, e diante disso, não se discutiam as questões fundamentais do turismo de forma crítica, tampouco sobre uma abordagem teórica, crítica e epistêmica. Porém, para Enzensberger (1985), a ideia de viajar a turismo seria algo recente e foi influenciada pela projeção da retrospectiva de uma visão romântica que se lançou sobre os viajantes dos períodos medievais e renascentistas, atribuindo-lhes um espectro de aventura e coragem.

Embora os deslocamentos já acontecessem por diferentes razões, no decorrer dos anos, o ato de viajar passou a ser visto como um desejo pessoal, que, por sua vez, tinha como propósito o reencontro com sua essência aventureira. De Botton (2012, pp. 62-63) destaca que, por mais que as viagens tenham tomado um sentido mais comercial e doméstico, ainda hoje viajar é uma forma do ser humano encontrar sua essência, pois “não é necessariamente em casa que melhor encontramos nosso verdadeiro eu”.

Pelo viés epistêmico, os estudos clássicos do turismo, majoritariamente, partem de uma ótica positivista. Desse modo, suas análises estão concentradas em questões associadas ao entendimento amplo dos impactos que a atividade promove, bem como nas relações entre visitantes e residentes (Apostolopoulos, 2005; Castillo Nechar & Panosso Netto, 2010; Panosso Netto et al., 2011).

Há, também, um empenho em identificar as variáveis quanto ao seu funcionamento na qualidade de um sistema turístico e, conseqüentemente, nos seus efeitos enquanto um fenômeno. Buscando alcançar uma visão mais profunda de sua complexidade, faz-se necessário analisar o turismo sob diversas perspectivas, assim como suas inter-relações conceituais (Panosso Netto, 2005; Moesch, 2013; Beni & Moesch, 2017).

Considerando a tradição cartesiana do cientificismo no turismo, a totalidade ramifica-se em diversas categorias, cujos pressupostos buscam avaliar e organizar seus elementos, teoria *versus* prática, de acordo com o fenômeno em análise, que é, sobretudo, social e, por isso, subjetivo (Beni & Moesch, 2017).

Cabe destacar que a concepção metodológica do turismo nos distintos enfoques empregou a Teoria Geral de Sistemas em sua estruturação (Von Bertalanffy, 1968; Leiper, 1979; Lainé, 1984; Laquar, 1984; Sessa, 1984; Beni, 1998; Molina, 2000; Martinez, 2005; Pinto et al. 2015). Ou seja, o sistemismo justapõe-se ao objeto enquanto limite epistemológico, representado por seus elementos: o turista, a oferta turística, a indústria, infraestrutura e a superestrutura turística (Sessa, 1984).

Na visão marxista (Marx, 1994; 2004), autores como Dean MacCannell (1976) trazem uma abordagem inovadora para o turismo de lazer, que destaca o ócio na contemporaneidade e as transformações da condição humana na sociedade pós-industrial. Para o autor, o turismo não é somente uma atividade comercial, mas também um marco ideológico histórico, natural e tradicional que tem o poder de reformular a cultura e a natureza de acordo com suas próprias necessidades (MacCannell, 2002).

Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, as investigações científicas pretendem explicar a realidade territorial enquanto fenômeno na totalidade de seus determinantes, bem como sua relação econômica no contexto social para transformá-la (Minasi et al., 2019; Triviños, 1987), descobrindo assim, regras que proporcionam a forma de organização do homem em sociedade por meio da história.

Ressalta-se que a teoria crítica do turismo é uma corrente epistemológica originada a partir do materialismo histórico-dialético, que se associa com a escola teórica de Frankfurt e confronta a excessiva valoração da pesquisa quantitativa e o pensamento positivista na ciência (Rejowski, 2015; Minasi, Ruiz, Dos Anjos, Tricárico, 2019).

Destarte, os estudos críticos na área apontam que as diferentes abordagens adotadas para definir as teorias do turismo mostram não apenas os desafios em torno de suas questões teóricas, mas propõem que seu desenvolvimento repense novas formas de análise (Moesch, 2013; Reis & Brusadin, 2014), como evidenciado por Sogayar e Rejowski (2011, p. 288), ao pontuar que “os problemas não aparecem somente na construção teórica do setor, mas também se referem ao seu desenvolvimento como atividade”.

Desse modo, novas discussões podem ser incitadas e novas teorias foram (e continuam sendo) formuladas. Outrossim, cabe destacar que uma teoria antagonista pode suceder uma substituição de teorias clássicas.

## Desenvolvimento

### Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada foi a revisão sistemática de literatura, por permitir integrar, organizar, selecionar, sistematizar e avaliar informações e relações com coerência Galvão, Pansani & Harrad (2015) em um conjunto de pesquisas realizadas com semelhanças e interconexões entre as palavras-chave “epistemologia; teoria; turismo” nos idiomas português e espanhol, podendo identificar lacunas e oportunidades que possam contribuir com a área em questão.

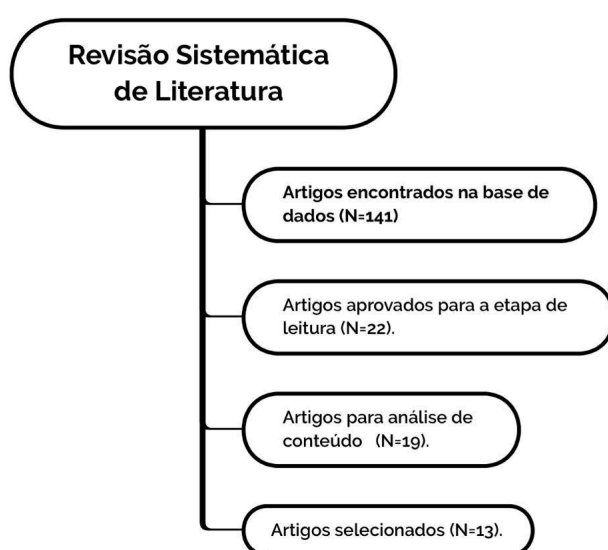
Assim, para a elaboração do estudo foi realizada a busca nas bases de dados eletrônicas disponíveis no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), via CAFE (Comunidade Acadêmica Federada), nas quais as palavras-chave foram empregadas na busca dos artigos combinadas com os termos operantes lógicos *and*, *or*, *not*. O portal da CAPES foi escolhido pois ele agrega 66 bases na área de ciências sociais aplicadas e diversos periódicos. Quando foi analisada apenas a subárea do conhecimento “turismo”, foi identificado um total de 28 periódicos que tratam do assunto. Porém, com o objetivo de atingir um escopo mais abrangente, foi considerada a grande área de ciências sociais aplicadas, evitando que outros periódicos não fossem selecionados.

E, para a análise preliminar, utilizou-se a tabulação de dados em planilha eletrônica no Excel versão 2016 a partir dos critérios de inclusão estabelecidos, que foram artigos originais no sistema de avaliação duplo-cega (*double blind review*). Já os critérios de exclusão

adotados foram teses, dissertações, atas de conferências, editoriais, cartas, monografias e capítulos de livros. Finalizando o critério de exclusão, ocorreu o processo de refinamento pela etapa das referências bibliográficas, considerando a relevância, atualidade e interconexão da temática. Para ambos os critérios, analisou-se o título, o resumo, o artigo completo e as referências de acordo com as palavras-chave buscadas.

Durante as etapas da pesquisa utilizou-se um esquema de cores, sendo verde e vermelho para considerar respectivamente os artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, e amarela para demarcar quais mitigariam dúvidas. Desse modo, conforme figura 6.1, a revisão sistemática foi estruturada em três etapas: Identificação, Seleção e Elegibilidade.

Figura 6.1 – Etapas da pesquisa na revisão sistemática de literatura.



Fonte: Resultados da pesquisa, 2021.

Sendo assim, durante a primeira etapa “identificação”, inicialmente, realizou-se uma busca ancorada nas palavras-chave “epistemologia; teoria; turismo”, que corresponderam a 141 artigos relatados na base de dados de Periódicos da Capes. Ressalta-se que não houve uma delimitação temporal devido a um maior alcance de abrangência para esta pesquisa.

Durante a segunda etapa “seleção”, buscou-se verificar se os estudos atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Por meio do processo de refinamento, filtrou-se os títulos dos artigos e, após a exclusão dos duplicados, aprovou-se para a etapa de leitura dos resumos de 22 publicações. Na terceira etapa “elegibilidade”, buscou-se responder aos seguintes questionamentos: I. Quais as características dos artigos quanto aos autores, ano, local e periódico estão sendo publicados? II. Qual o objetivo, a metodologia e a conclusão dos artigos?

Destarte, para responder a estas questões, os resumos foram lidos e examinados criteriosamente, adotando um protocolo de organização, que classifica e agrupa segundo as nove categorias: título, autor, ano, local, periódico, plataforma, objetivo, metodologia, conclusão. Aprovou-se, para a etapa de leitura dos artigos completos, 13 publicações. Vale ressaltar que a busca foi realizada nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021.

## Análise e discussão dos resultados

Os 13 artigos selecionados na etapa final foram analisados e interpretados a partir do objetivo proposto, e em seguida, foram estabelecidas etapas analíticas provenientes dos contextos focalizados na revisão sistemática de literatura, conduzindo os critérios que estão apresentados no quadro 6.1. Na primeira fase de análise, buscando responder a primeira e a segunda pergunta deste estudo, foram analisadas as características dos artigos quanto aos autores, ano, local e periódico que estão publicados, bem como suas respectivas contribuições quanto à metodologia e às conclusões.

Quadro 6.1 – Critérios de busca da revisão sistemática de literatura, 2021

<b>Período de análise</b>	2011 – 2020
<b>Base da dados</b>	Periódicos da CAPES.
<b>Palavras-chave</b>	Epistemologia; teoria; turismo.
<b>Critérios de inclusão</b>	Artigos originais “double blind review”.
<b>Critérios de exclusão</b>	Dissertações; atas de conferências; editoriais; cartas; monografias; capítulos de livros.
<b>Critérios de análise</b>	Título; resumo; leitura crítica do artigo completo; referências com base nas palavras-chave.
<b>Última data de consulta</b>	31 de Janeiro de 2021.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Observa-se que os autores estruturam seus estudos em linhas de pesquisa interdisciplinares que envolvem, na sua maioria, uma reflexão crítica epistemológica e teórica relacionada ao turismo. É importante destacar que as publicações dos artigos analisados enquadram-se no período de 2011 a 2020, conforme indicado no gráfico 6.1.

Os estudos desenvolvidos refletem carências em publicações nos periódicos nacionais, fato que corrobora com o pressuposto deste estudo, visto que, dos 13 artigos analisados, 11 deles, cerca de 85% dos *papers*, concentraram-se no periódico internacional *Estudios y Perspectivas en Turismo*, na língua espanhola, cuja classificação é A2 no Qualis CAPES, área de avaliação “administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo”.



Gráfico 6.1 – Número de publicações por ano com base na revisão sistemática de literatura



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Constatou-se que a maioria dos estudos abordaram suas pesquisas pautadas em uma reflexão crítica (Quadro 6.2). Neste sentido, destaca-se que autores como Moesch (2013), Sousa & Tomazzoni (2017) alertam quanto à carência do rigor científico metodológico nas investigações científicas brasileiras por parte de alguns autores. Outrossim, destaca-se que a recorrência na adoção de estudos reflexivos críticos certamente contribui para a produção de novos conhecimentos em sentido popperiano.

Quadro 6.2 – Metodologia adotada nos artigos analisados da revisão sistemática de literatura, 2021

Título e autores	Ano	Metodologia
<i>Hacia la construccion del conocimiento en turismo</i> (Campodonico& Chalar).	2011	Reflexões sobre as categorias que compõem o conhecimento turístico: tempo, espaço, motivações e atividades.
<i>El origen del conocimiento: el lugar de la experiencia y de la razon en la genesis del conocimiento del turismo</i> (Moesch).	2013	Reflexão crítica apoiada na sociologia compreensiva de Michel Maffesoli e na teoria da complexidade de Edgar Morin.
<i>El materialismo istorico dialectico como base epistemologica para la investigacion de la ciudad y la urbanizacion turística</i> (Minasi et al.).	2019	Revisão bibliográfica e abordagem materialista histórico-dialética marxista.
<i>Inter, multi, y transdisciplinariadad del turismo</i> (Anés).	2020	Pesquisa documental com base na hermenêutica analítica.
<i>Sosteniendo al turismo o turismo sostenible (TS) reflexiones teóricas.</i> (Jiménez et al).	2014	Revisão Crítica.
<i>La relevancia del turismo como tema de investigacion en el posgrado stricto sensu en geografia en Brasil</i> (Maranhãz & Azevedo).	2019	Caráter exploratório-analítico com abordagem qualitativa, levantamento bibliográfico e análise de conteúdo.

<i>El turismo como nucleo de estudio interdisciplinario: [re]construccion de los procedimientos y adecuaciones metodológicas</i> (Pinto et al.).	2015	Reflexão crítica.
<i>El analisis de contenido en las investigaciones turísticas en brasil? Qué muestras la revistas brasilenas de turismo?</i> (Sousa & Tomazzoni).	2017	Estudo bibliométrico de revistas brasileiras de turismo avaliadas na área “Administração, Ciências Contábeis e Turismo” pela CAPES.
<i>O turismo na ótica geográfica</i> (Grizio).	2011	Revisão bibliográfica.
<i>El ocio y el turismo en los articulos publicados en revistas academicas de turismo</i> (Faria & Gomes).	2013	Estudo bibliográfico-documental e análise de conteúdo.
<i>Mitologia y turismo: la exegesis como interpretacion hermenéutica</i> (Korstanje)	2011	Abordagem teórica sobre a importância da utilização do método exegetico.
<i>Nueva vision sobre los itinerarios turísticos: una contribucion a partir de la complejidad</i> (Cisne & Gastal).	2011	Utilizou-se o Paradigma da Complexidade de Edgar Morin.
<i>Oferta turística virtual: un estudio del metaverso</i> (Gomes & Araújo).	2012	Abordagem qualitativa, de natureza exploratória e método etnográfico.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

No tocante às discussões, verificou-se que os estudos de uma episteme do turismo demonstram que seu núcleo central é de caráter humano, pois são os turistas que se deslocam e não as mercadorias, fato que suscita questões sobre sua complexidade enquanto ciência. Nesse sentido, a análise de Moesch (2013) aponta que a relação da episteme entre sujeito e objeto é reconstruída organicamente e de forma hermética, e nessa direção, Jiménez et al. (2014) evidencia que o estudo do turismo não deve ficar restrito a uma única disciplina, de modo que deverá partir de uma abordagem multidisciplinar. Sendo assim, Anés (2020) sugere em sua pesquisa, que, a partir da abordagem interdisciplinar, se conhece um pouco da natureza do conhecimento turístico, no entanto a mais adequada é a transdisciplinar.

Ressalta-se que em Pinto et al. (2015), a essência do cientificismo no turismo advém do positivismo enquadrado em correntes sociológicas estruturalistas, funcionalistas e marxistas. De modo que, em seu estudo, o turismo é priorizado por políticas desenvolvidas de diferentes formas, mas é tratado como um estudo setorial e disciplinar, fato que justificaria, para alguns, a insuficiência de investigações mais profundas. Outrossim, destaca-se em Minasi et al. (2019), a abordagem do materialismo histórico-dialético que se apresenta como proposta teórico-metodológica buscando a explicação da realidade material para depois compreendê-la pela ótica do turismo enquanto consequência do desenvolvimento de forças produtivas burguesas. Ou seja, quanto aos recursos ontológicos, estes estão associados à existência de objetos concretos de uma realidade concreta.

No que diz respeito às conclusões dos artigos analisados, os estudos não buscam, por meio da metodologia adotada, identificar se há, de fato, uma teoria geral do turismo, mas abordam, principalmente, questões como a complexidade e a transdisciplinaridade que a maioria dos autores (Anés, 2020; Campodonico & Chalar, 2011; Cisne & Gastal, 2011; Faria & Gomes, 2013; Gomes & Araújo, 2012; Jiménez et al., 2014; Maranhãz & Azevedo, 2019; Moesch, 2013; Pinto et al., 2015; Sousa & Tomazzoni, 2017) enquadram como um desafio para construção do entendimento sobre o turismo.

Há de se complementar que os resultados apresentados nos estudos não trazem discussões inéditas sobre o tema, tampouco apresentam a formulação de novas teorias. Logo, sugere-se novos estudos que evidenciem princípios, fatores e dimensões que cercam as teorias turísticas como critério pautado nas escolas epistemológicas do turismo. Desta maneira, este estudo revela que há uma lacuna nas discussões que atendam a concepção de uma teoria geral do turismo que contemplem esta correlação no intuito de esclarecer as demarcações de produção que o tema proporciona.

### Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi analisar a produção científica da episteme do turismo, tendo como pressuposto que o fundamento teórico-conceitual, no campo do turismo, encontra-se disperso e fragmentado na literatura estrangeira.

Os artigos objetos desta revisão indicam o crescimento das pesquisas à luz desta temática, podendo ser consequência de transdisciplinaridade que está cada vez mais norteando o turismo. Tem-se uma lacuna de estudos que contemplem esta correlação no intuito de esclarecer quais os limites desse conhecimento que está sendo produzido.

Desta forma, este estudo aponta lacunas na literatura e, portanto, propõe-se que sejam elaborados futuros estudos que contemplem novos marcos conceituais em face dos avanços tecnológicos no turismo, projetando oportunizar que esta correlação entre novos estudos se exteriorize no intuito de esclarecer a relevância que o tema proporciona ao atual cenário marcado pelas transformações tecnológicas/comunicacionais e logísticas.

Assim, as percepções do conhecimento monodisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar, implícito e subjacente ao *corpus* teórico metodológico dos constructos, por questões de ordens econômicas, éticas, institucionais, políticas e sociais, carecem de apontamentos correlacionando as bases epistemológicas, suscetibilizadas pelo fenômeno turístico.

Ressalta-se que a disciplinaridade decorre da utilização do paradigma analítico incorporado ao turismo, admitido até recentemente como universal. Na tradição das investigações turísticas monodisciplinares evidenciou um reducionismo no entendimento de sua episteme, por vezes, banalizado em suas conceituações, pela ausência de novas percepções de cada campo, apropriando o delineamento do seu objeto e método de maneira interdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (1934). *La fisica nuova: fondamenti di una teoria della scienza*. Napoli: Guida Editori.
- Apostolopoulos, Y. (2005) Introduction. Reinventing the sociology of tourism. In: Apostolopoulos, Y.; Leivadi, S. & Yiannakis, A. (Eds.) *The sociology of tourism: theoretical and empirical investigations*. New York: Routledge.
- Anés, I. M. (2020). Inter, multi, y transdisciplinariedad del turismo. *Telos: Revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales*, 22(3), 614-625.
- Beni, M. C. (1998). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC.
- Beni, M. C. & Moesch, M. (2017). A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. *Turismo-Visão e Ação*, 19(3), 430-457.
- Bertalanffy, L. (1976). *Teoría General de los Sistema*. México: FCE.
- Campodónico, R. & Chalar, L. (2011). Hacia la construcción del conocimiento en turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 20(6), 1307-1323.
- Campodónico, R. & Chalar, L. (2017). El abordaje interdisciplinario del turismo. El campo de análisis TEMA como propuesta metodológica. *Estudios y perspectivas en turismo*, 26 (2), 461- 477.
- Castillo Nechar, M.; Panosso Netto, A. (2010). *Epistemología del turismo*. Estudios críticos. México: Trillas.
- Cisne, R. & Gastal, S. (2011). Nueva visión sobre los itinerarios turísticos. Una contribución a partir de la complejidad. *Estudios y perspectivas en turismo*, 20(6), 1449-1463.
- Coles, T.; Hall, C. M. & Duval, D. T. (2005). Mobilizing tourism: A post-disciplinary critique. *Tourism Recreation Research*, 30(2), 31-41.
- De Botton, A. (2012). *A arte de viajar*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Enzensberger, H. M. (1958). *Vergebliche Brandung der Ferne. Eine Theorie des Tourismus*. *Merkur*, 12(8), 701-720.
- Enzensberger, H. M. (1985). *Com raiva e paciência: ensaios sobre literatura, política e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Faria, J. A. S.; Gomes, C. (2013). El ocio y el turismo en los artículos publicados en revistas académicas de turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 22(5), 875-892.
- Galvão, T. F.; Pansani, T. De S. A. & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 24, p. 335-342.
- Goeldner, C. R.; Ritchie, J. R. B. & McIntosh, R. W. (2002). *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Porto Alegre: Bookman.
- Gomes, D. A. & Araújo, M. C. B. (2012). Oferta turística virtual. Un estudio del metaverso. *Estudios y perspectivas en turismo*, 21(4), 876-903.
- Grizio, E. V. (2011). O turismo na ótica geográfica. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 33(1), 97-105.
- Haack, S. (2012). Seis sinais de cientificismo. *Logos & Episteme*, 3(1), 75-95.
- Jiménez, C. C.; Nechar, M. C. & Vega, C. H. (2014). Sosteniendo al turismo o turismo sostenible (TS). Reflexiones Teóricas. *Estudios y perspectivas en turismo*, 23(2), 376-395.
- Korstanje, M. E. (2011). Mitología y Turismo. La exégesis como interpretación hermenéutica. *Estudios y perspectivas en turismo*, 20(6), 1258-1280.
- Kunh, T. (1970). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Ed. Perspectivas.
- Lainé, P. (1985). Utilisation de La Théorie des Systems pour l'aménagement Touristique. In: SESSA, A. *La Scienza dei Sistemi per lo Sviluppo del Turismo*. Roma: Agnesotti, p-185-194.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist and the tourist industry. *Annals of Tourism Research* (6), 390-407.
- MacCannell, D. (1976). *The tourist: A new theory of the leisure class*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- MacCannell, D. (2002). *Empty meeting grounds: The tourist papers*. New York: Routledge.
- MacCannell, D. (2011). *The Ethics of Sightseeing*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- Maranhãz, C. H. S. & Azevedo, F. F. (2019). La relevancia del turismo como tema de investigación en el posgrado stricto sensu en geografía en Brasil. *Estudios y perspectivas en turismo*, 28(3), 589-611.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (1994). *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Martinez, J. A. (2005). Aproximação à Conceituação o Turismo a partir da Teoria Geral dos Sistemas. In: Trigo, L. G. G.; Panosso Neto, A. & Carvalho, M. A. (Eds). *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca.
- Martínez, J.A. G. (2013). El turismo como ciencia. *Actas sexto congreso internacional sobre historia y ciencias sociales*. Universidad de Málaga, Espanha.

- Minasi, S. M.; Ruiz, T. D.; Dos Anjos, F. A. & Tricárico, L. T. (2019). El materialismo histórico dialéctico como base epistemológica para la investigación de la ciudad y la urbanización turística. *Estudios y perspectivas en turismo*, 28(2), 372-392.
- Moesch, M. M. (2013). El origen del conocimiento: El lugar de la experiencia y de la razón en la génesis del conocimiento del turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 22(5), 985-1001.
- Molina, S. (2000). *Conceptualización Del Turismo*. México: Limusa.
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A. & Castillo-Nechar, M. (2016). Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del turismo. In: Panosso Netto, M. & Castillo-Nechar, M. (Eds). *Turismo: perspectiva crítica - textos reunidos*. Assis, São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora.
- Panosso Netto, A.; Noguero, F. T. E. & Jäger, M. (2011). Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Revista Turismo em Análise*, v. 22, n. 3, p. 539-560.
- Pereira, O. (1990). *O que é Teoria*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Pinto, P. M.; Simonian, L. T. L. & Monteiro, A. M. (2015). El turismo como núcleo de estudio interdisciplinario: [Re]construcción de los procedimientos y adecuaciones metodológicas. *Estudios y perspectivas en turismo*, 24(3), 450-469.
- Popper, K. R. (2009). *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix.
- Reis, C. U. F. & Brusadin, L. B. (2014). O desenvolvimento do ensino superior em turismo no Brasil: origens, transformações e desafios contemporâneos. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 48, (junio).
- Rejowski, M. (2015). Teorizações do turismo em direção a novas abordagens: uma discussão preliminar. *Anais... São Paulo: ANPTUR*. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/40.pdf>. Acesso em: 08.10.2020.
- Romano, L. A. C. (2012). *Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea*. *Estação Literária*, 10, 33-48.
- Santos Filho, J. (2009). Questões teóricas expressam riqueza e pobreza no debate epistemológico do fenômeno turístico: uma ciência em construção – Parte II. *Revista Espaço Acadêmico*, 9(96), 1-7.
- Sessa, A. (1984). *La Scienza dei Sistemi per lo Sviluppo del Turismo*. Roma: Agnesotti.
- Sogayar, R. L. & Rejowski, M. (2011). Ensino superior em Turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. *Turismo-Visão e Ação*, 13(3), 282-298.
- Sousa, N. E. & Tomazzoni, E. L. (2017). El análisis de contenido en las investigaciones turísticas en Brasil: ¿Qué muestran las revistas brasileñas de turismo? *Estudios y perspectivas en turismo*, 26(1), 42-61.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Tribe, J. (1997). The indisciplinability of tourism. *Annals of tourism research*, 24(3), 638

# 7 Interfaces teóricas entre turismo e hospitalidade

Luciana Resende Borges<sup>24</sup>

## Introdução

As primeiras indagações para a construção deste texto foram a existência ou não de uma teoria do turismo; uma suposta relação teórica entre os fenômenos turismo e hospitalidade, além da sugestiva confluência entre os dois campos.

A compreensão dos acontecimentos sociais do mundo por meio das teorias associadas às práticas, numa perspectiva do cotidiano dos sujeitos, propicia análises epistemológicas sobre o turismo, com interpretações críticas e alternativas transformadoras para construção de conhecimento. Para tanto, o meio acadêmico torna-se o lugar ideal para fomentar essas discussões e ações.

Pensar o turismo para além dos parâmetros da economia, da geração de renda, que pode tornar o pensamento reducionista, abre possibilidades de analisar o turismo com base em outras correntes das ciências sociais.

A hospitalidade, considerada um fato social total, norteia os encontros do indivíduo como uma experiência singular.

O objetivo deste estudo é refletir sobre o turismo e a hospitalidade como fenômenos sociais e suas interfaces teóricas. Com o olhar direcionado para o indivíduo e suas experiências vividas no encontro com o desconhecido.

Para exemplificar e enaltecer as interfaces existentes entre a hospitalidade e o turismo, realizou-se entrevista com Luiz Octávio de Lima Camargo, pesquisador das áreas de hospitalidade, turismo e lazer, oportunizando evidenciar conceitos e relações com os fenômenos estudados neste texto.

Turismo e hospitalidade têm em comum diversas situações, sobretudo os encontros com o outro e, por vezes, consigo mesmo.

Sob a luz de pesquisadores da área, são realizadas correlações dos campos estudados, seguem em ordem alfabética: Bryne, Brusadin, Camargo, Cruz, Demo, Derrida, Grinover, Maciel, Marcelino, Nechar, Noguero, Panosso Netto, Perazzolo, Pereira, Santos, Veal. Outros autores da vertente estudada poderiam ter sido incluídos, porém os citados são considerados suficientes para ancorar a compreensão das reflexões propostas, como se verá no decorrer do texto.

24 Doutoranda Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade de São Paulo - PPGTUR-EACH-USP. E-mail: lucianarb@usp.br

## Sobre Teoria, Turismo e Hospitalidade

A teoria busca explicações para o mundo. Os indivíduos buscam explicar sua existência, ações, dar sentido às suas experiências e, por isso, teorizam.

Segundo Pereira (1990), a teoria não é um ato intelectual por si só, ela envolve os sujeitos por meio das conectividades com o todo com que se está envolvido e com o outro. A ação do sujeito sobre o mundo natural e social pode ser entendida como uma ação prática. A ligação teoria/prática é fundamental, visto que a “elaboração da teoria não pode dar-se fora do horizonte da prática” (p. 70). Assim, pensamos na práxis que coroa tal vínculo, pois é a prática contextualizada com teoria, ou seja, a teoria passa a fazer parte da experiência vivida.

Dando seguimento aos pensamentos relacionados à teoria, Panosso Netto (2011) a define como:

O conjunto de conhecimentos, doutrina e sistema de ideias de um campo de conhecimento. Pode ser também a tentativa de compreensão do mundo e um modelo explicativo de alguma coisa e, acima de tudo, deve ser vista como algo alinhado à prática, e não a negativa desta, pois se origina nela. (Panosso Netto, 2011, p. 40)

Ainda nas reflexões deste autor sobre a teoria, a universidade torna-se o melhor lugar para se estudar teoria. Mesmo que esta tenha adquirido, ao longo do tempo, um estereótipo de ser algo desagradável e banal, enfatiza que está intimamente ligada ao sujeito e seu cotidiano, numa conexão teórico-prática. Sendo assim, a tentativa de separação deste binômio resulta no empobrecimento da epistemologia. Sobretudo de uma epistemologia do turismo.

A crítica busca dar novos significados ao objeto de estudo, com a intenção de trazer melhorias. Assim, a teoria crítica do turismo é uma forma de dar apoio aos estudos acadêmicos com olhar minucioso para as convicções e conhecimentos específicos para construir as melhorias. “[...] interpretar implica detectar certa solidez nos sentidos que os indivíduos comunicam. A busca de sentidos não é algo abstrato, mas sim social”. (Panosso & Nechar, 2014, p. 134).

Para tanto, com base nos estudos dos autores citados acima, os estudos do turismo e a produção de conhecimento turístico não podem ser pensados dissociando a teoria da prática e nem vistos como mito científico; podem sim ser considerado, para um processo amplamente visualizado, os saberes empíricos dos sujeitos, por vezes uma epistemologia da prática.

Corroboram com estes pensamentos os dizeres sobre a epistemologia crítica do turismo no texto seguinte:

A epistemologia crítica do turismo se interessará pela transformação da realidade, com uma observação na busca de construir um mundo melhor para todos. O problema epistemológico é, portanto, captar a realidade em transformação frente a tantos conhecimentos e realidades transformadoras e em transformação. Buscará também a formação de sujeitos sociais ativos, que transformem de forma benéfica sua realidade. Sujeitos que compreendem os processos, os paradigmas, as correntes científicas e que atuem no direcionamento rumo à melhor práxis de acordo com o momento social, cultural, econômico e ambiental. (Panosso Netto & Nechar, 2014, p. 136).

Diante disso, os autores também salientam que a criticidade acadêmica pode ir além de simplesmente entender uma realidade para transformá-la, indo de encontro às opiniões e atitudes imperativas e reducionistas. “Também compreenderá o turismo um fenômeno que traz muitos benefícios (...)”. (Panosso Netto & Nechar, 2014, p. 137).

Dando sequenciamento a esses pensamentos, Panosso Netto (2011) cita Hall discorrendo sobre a importância de se estudar amplamente as teorias do turismo seguindo outras linhas de estudo para além da vertente economicista, que, por vezes, limita o estudo.

Estudar o turismo por outras linhas das ciências sociais possibilita que seja observado de forma ampla, como fenômeno, com a consciência e a essência de si mesmo, numa forma propositiva para o seu enriquecimento teórico e epistemológico. Assim, pode ser observado como um fenômeno importante na sociedade em que o ser humano é o principal elemento em diversas situações de turismo, que envolvem os encontros, as trocas e levando em alta consideração as experiências vividas. Desta forma, torna-se possível compreender a verdadeira prática turística. (Panosso Netto, 2011).

Caminhando pela reflexão segundo a qual a vida em sociedade teoricamente é constituída de fatos sociais, pensamos a hospitalidade também como um fenômeno e como um fato social.

Utilizando as ideias de Marcel Mauss sobre o dom e o tripé dar, receber e retribuir, os autores Brusadin e Panosso Netto (2017) acreditam na abertura de um vasto campo epistemológico de pesquisa considerando que o dom e os aspectos que o cercam constituem um fenômeno totalmente social. Por conseguinte, a reciprocidade torna-se um fator de integração social, numa situação de troca e representatividade social, visto que o contrário disso resultaria em isolamento humano.

Os estudos de Marcelino e Camargo (2017), relacionados às dimensões teóricas dos estudos da hospitalidade, abordam uma seleção de autores que teorizam e definem hospitalidade relatando que pode ser estudada por campos distintos e complementares, sob o ponto de vista do mercado ou nas relações socioculturais, como o campo da filosofia e das ciências sociais.



Essa seleção de autores mencionada acima se deu a partir de dois parâmetros, “os mais citados no meio acadêmico ou pela particularidade da discussão que propõem” (p. 43). Aqui, destacamos alguns para exemplificar, tais como: Walker, Lashley, Morrison, Lugosi, Castelli, Wada que trabalham a hospitalidade sob a vertente comercial. Já os que trabalham a hospitalidade pela linha sociocultural são: Lévinas, Derrida, Baptista, Boff, Mauss, Montandon, Gotman, Camargo, Grinover, entre outros. (Marcelino & Camargo, 2017, p. 43).

Assim, apesar de destacar uma gama considerável de autores na pesquisa citada, os pesquisadores salientam que seria impossível falar de todos que abordam o tema hospitalidade, porque ela gravita em toda literatura que aborda as relações interpessoais, característica de sua essência, devido à sua abrangência conceitual e aplicabilidade.

Nesse contexto, Marcelino e Camargo (2017) seguem com a reflexão de que os estudos das ciências puras e aplicadas que perpassam pela característica da interpessoalidade podem ser vistos com os olhares da hospitalidade. E aqui aludimos aos estudos do turismo sendo relacionados ao da hospitalidade nas suas interfaces de práxis. O que pode ampliar o universo de análise, as discussões e resultados.

Fazendo conexões entre o turismo e a hospitalidade, Grinover (2007) observa esses fenômenos caminhando juntos ao longo da evolução do turismo. E, ao longo do tempo, ocorreu uma comercialização do dom hospitaleiro: o comércio foi tomando lugar num processo que deveria ser genuíno. Acrescenta que, nessa situação, não pode ser atribuída culpabilidade aos profissionais do turismo, pois acredita que a hospitalidade paga cria seus paradigmas na essência da hospitalidade, e o grande problema estaria na dificuldade em estabelecer harmonia, “a harmonia da hospitalidade original versus sua exploração comercial” (Grinover, 2007, p. 59).

A indagação da real possibilidade dessa hibridização harmônica da hospitalidade é deixada ao leitor desse texto para devaneios teóricos e práticos, e para o desenvolvimento de estudos futuros, pois não nos cabe, nesse instante, levantar questões desse teor. Para a ocasião, cabe-nos apenas avaliar os caminhos em comum ou não do turismo e da hospitalidade.

Vale mencionar o autor Noguero (2013), que aborda, em suas pesquisas, o turismo no México, nas situações em que a hospitalidade seja a base ou condição necessária para o planejamento e enaltecimento do desenvolvimento turístico de determinadas localidades, fazendo ligações da hospitalidade dita genuína com seu percurso histórico conceitual e a hospitalidade comercial numa prática comumente turística. Situação em que a hospitalidade conecta-se com o turismo. Em alusão às suas referências, percebem-se os fenômenos aqui estudados e as correntes francesas e inglesas de abordagens da hospitalidade.

Seguindo posicionamento semelhante, aspectos de intersecção entre as teorias do turismo e da hospitalidade também são mencionados por Cruz (2002): em suas análises, também são considerados como fenômenos. “Há uma intrínseca relação entre o turismo e a hospitalidade” (p. 43). Discorre que, no turismo, ocorre a mobilidade do sujeito e a permanência em ambiente não habitual, ou seja, fora do seu cotidiano, da rotina e a hospitalidade “é um dos temas mais discutidos entre as abordagens culturais do fenômeno turístico” (p. 43).

Em conformidade com os pensamentos acima, Santos, Perazzolo e Pereira (2014) também mencionam conexões entre o turismo e a hospitalidade, enfatizando dimensões conceituais à prática turística de se relacionar com o outro em ambiente hospitaleiro ou inóspito, acolhedor ou não.

Outro aspecto levantado por Cruz (2002) é a hospitalidade como um fenômeno que pode envolver questões socioculturais, profissionais, políticas e espaciais.

O texto de Maciel (2019) constitui-se num ensaio a partir do livro “A Hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões”, de Félix Tomillo Noguero. Baseado em textos sagrados e passagens bíblicas, o autor da obra demonstra a hospitalidade como fenômeno religioso, cultural e histórico, além de fazer relações entre as ações humanas e a espiritualidade.

Deste modo, Maciel mostra as visões de Noguero (2019) contidas no livro. Aqui, podemos fazer uso de seus pontos de vista sobre a hospitalidade e as humanidades.

Maciel (2019, p. 114) relata que “Noguero vê a hospitalidade como lugar de encontro do ser humano com Deus (teofania) e consigo mesmo (...)” e expõe que, em outras palavras, “a experiência da hospitalidade revela humanidade aos seres humanos, como desafio e como tarefa”.

Interpretando o texto de Maciel (2019), observa-se uma estruturação da religião em hospitalidade, e, em vários momentos no livro de Noguero (2019), percebem-se menções ao turismo, ao conceito do turismo acenando para a experiência humana, às trocas ou intercâmbios hospitaleiros, à hospitalidade em destaque como necessidade de superar expectativas do outro, como alteridade, reciprocidade. “Para Noguero, a narrativa mostra a importância das trocas humanas que ele categoriza como Turismo” (p. 124).

Seguindo o contexto, vale trazer para este estudo apontamentos feitos por Maciel (2019) das reflexões de Noguero sobre o turismo: “[...] para ele, a alma do turismo é a hospitalidade” (p. 133).

E continua suas considerações:

Noguero avança para a consideração da hospitalidade como a alma, não apenas do turismo, mas do ser e do existir humanos [...]. O turismo é a grande negociação de espaços, valores e afetos, que acontece entre seres humanos – capazes de aprender quão profunda é a experiência da hospitalidade. Ela é humanizante, enquanto produz a humanidade, como espécie capaz de solidariedade e de abertura (Maciel, 2019, p. 134).

Por fim, traz sugestões para dar continuidade a discussões diversas como a de que “o turismo é coextensivo à hospitalidade. O que permite supor que está afirmando uma dialética ou uma tipologia, na gênese da experiência do conceito”. (Maciel, 2019, p. 134).

Em entrevista a Brusadin (2016), Camargo ressalta a importância de pensar numa metodologia para estudar a hospitalidade, uma epistemologia capaz de alcançar o objeto de pesquisa relacionado à hospitalidade com variáveis consistentes. Com isso, Camargo também expõe seu desejo acadêmico sobre os estudos da hospitalidade:

O que eu desejo é que a Hospitalidade passe a ocupar o papel relevante como uma perspectiva nova de estudos nas Ciências Humanas, ou seja, onde houver relação humana exista o estudo da hospitalidade. E o meu ponto de vista é que a Hospitalidade é um conceito construído em cima de quatro outros conceitos: relação interpessoal, virtude, ritual e troca. (Brusadin, 2016, p. 246).

Nesta mesma linha, ao observar a hospitalidade em sua complexidade, para além da hotelaria e do entretenimento, Grinover (2002, p. 27) acredita ser fundamental analisar a epistemologia, o histórico e o empirismo nas pesquisas em hospitalidade, considerando situações interdisciplinares.

Os pensamentos dos autores citados neste estudo fazem com que observemos a hospitalidade e o turismo para além de teorias e posicionamentos hegemônicos, podendo observar esses fenômenos de forma ampla, interpretativa, utilizando de suas particularidades e conexões para a melhoria das relações dos sujeitos com o encontro do desconhecido.

## Caminhos Metodológicos

A metodologia foi elaborada por meio de abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa bibliográfica e como técnica de pesquisa a entrevista.

Em se tratando dos processos de pesquisa qualitativa, Veal (2011, p. 268) defende a flexibilidade e a fluidez dos métodos qualitativos em que “[...] requerem abordagem mais flexível para o planejamento e a condução de pesquisas do que outras abordagens”.

A pesquisa qualitativa, segundo Demo (1995, p. 32), leva em consideração o contexto social a ser estudado, “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. A pesquisa bibliográfica para este mesmo autor é uma metodologia importante, indispensável no caminho da construção da interpretação crítica de determinado fenômeno.

O procedimento técnico aplicado é a entrevista e, como instrumento de pesquisa, formulário estruturado – que tem a função de conduzi-la, auxiliar o entrevistador, e possui como característica ficar na posse do entrevistador. É Realizada com atores sociais representativos, que são as pessoas-chave. A coleta de dados obedece a critérios de fidelidade e eficiência. Sua validade levanta questões de natureza epistemológica sobre o valor dos processos da coleta e do próprio dado. (Bruyne, 1982).

As perguntas da entrevista foram elaboradas com a intenção de levantar indagações sobre a intersecção dos campos de estudo da pesquisa, o turismo e a hospitalidade. Neste caso específico, a entrevista foi conduzida por meio digital, realizada com o professor Luiz Octávio de Lima Camargo, pesquisador dos campos de estudo propostos.

A conversa com o entrevistado deu-se de forma informal e fluida, percorrendo todos os questionamentos com respostas abrangentes, enriquecidas, exemplos esclarecedores, contendo também teores de ludicidade visando maior entendimento da discussão proposta.

Optou-se pelo formato do texto com organização das perguntas e respostas sequenciadas e da transcrição literal na maioria das respostas coletadas, por acreditar na importância da temática, na riqueza do conteúdo obtido pela técnica metodológica utilizada e, por vezes, não encontrar tal diálogo e abordagens em outro material acadêmico.

## Primeiras Palavras do Entrevistado

Num primeiro momento, Camargo relata, de acordo com seu ponto de vista, alguns parâmetros gerais sobre o assunto a ser abordado, tais como: o olhar da teoria do turismo ser muito escrava dos negócios; que seria mais interessante se os estudiosos do turismo se preocupassem com a mudança de ritmo das pessoas, com a motivação que leva o indivíduo a viajar e pontua que, quando se inicia o pensamento questionador, começa-se a fazer filosofia.

O entrevistado faz algumas considerações antes de dar a definição de hospitalidade. Logo em seguida, define hospitalidade como um ritual e, por fim, menciona a dificuldade e a não preocupação em definir esse fenômeno.

Ao ser questionado sobre a existência de uma teoria do turismo e uma teoria da hospitalidade, o professor Luiz Octávio faz uma confluência nas reflexões sobre os dois fenômenos, o que enfatiza o diálogo teórico e prático entre eles. Em seguida, dá continuidade nesta relação, abordando as leis da hospitalidade e, por fim, fala da importância de uma metodologia e uma epistemologia para os estudos da hospitalidade e suas interfaces.

Antes de seguirmos à parte II, considera-se importante concatenar algumas observações realizadas por Camargo neste momento da entrevista.

i) Em primeiro lugar, as definições de turismo dadas por ele e os apontamentos quanto à existência de uma teoria existente do turismo e da hospitalidade são oriundas de uma pessoa ligada à linha francesa. Definições inspiradas num dos mais antigos teóricos do lazer da França, entre o fim da década de 1960 e início da década de 1970, Joffre Dumazedier, que considera o prazer por encontrar outra pessoa um fator fundamental.

ii) Outra situação relacionada ao turismo é que a palavra turismo “não tem muita saída” na França, porque possuem um tabu a tudo que diz respeito a negócios. Em contrapartida, falam sobre sexo livremente. O contrário é observado com os ingleses que consideram tabu falar sobre sexo e falam abertamente sobre negócios. Utiliza-se desse contraponto para exemplificar a diferença cultural e conceitual entre os dois povos citados.

Pontua também uma suposta contradição: embora os franceses não gostem de falar diretamente de turismo, é na França que existem as maiores organizações de turismo social do mundo.

iii) Menciona, veementemente, que existem outras linhas de pensamentos, outras correntes, outras alternativas de pensar sobre as teorias, os conceitos e abordagens do turismo e da hospitalidade, no entanto valoriza mais a corrente ligada à Organização Internacional do Turismo Social, “porque o interesse deles é a experiência integral do turismo”. Também salienta que “essas teorias estão expostas numa oposição entre a Organização Mundial do Turismo e a Organização Internacional do Turismo Social”.

iv) Exemplifica a possibilidade de diferentes olhares para o turismo com o livro *Secrets du Voyage*, do antropólogo francês Jean-Didier Urbain (2003), que estuda os sujeitos que procuram viajar para uma residência secundária e os sujeitos que procuram viajar para outros lugares. Nesse livro, há a comparação entre o Phileas Fogg, de ‘A Volta ao Mundo em 80 Dias’, e o Robinson Crusóé, que ficou preso numa ilha.

Nas demais partes da entrevista, segue o texto corrido em transcrição predominantemente literal. Diante disso, para melhor entendimento, o texto seguinte é constituído pela entrevista delineada em três partes: Parte I – Questões introdutórias; Parte II – Principais ideias; Parte III – Tessitura final.

O encontro com o (des)conhecido das teorias do turismo e da hospitalidade, por Luiz Octávio de Lima Camargo

## Parte I – Questões Introdutórias:

### O que é teoria?

É toda abstração que, de alguma forma, é um denominador comum de vários fatos observados. Fazer uma teoria sobre o turismo é você colocar diferentes cenas do turismo e tentar encontrar algum denominador comum entre todas essas cenas.

### O que é turismo?

Turismo é a mudança de paisagem, de ritmo e de estilo de vida.

Por exemplo: ao sair de casa de manhã para ir para um parque, você está fazendo isso, está mudando o ritmo, a paisagem e o estilo de vida.

Paisagem: não está no seu apartamento;

Estilo de vida: roupa mais interessante do que se estivesse num evento;

Ritmo: anda mais devagar, está mais disponível para gastar em alguma coisa para o seu prazer, o que não faria no seu dia a dia. Quando se está numa atmosfera dessa, você se dispõe a gastar e é por isso que, no turismo, quando a gente está numa situação de turismo, a gente é mais rico que na vida cotidiana, está sempre de alguma forma preparado para gastar um pouco mais do que gasta normalmente.

## O que é hospitalidade?

Hospitalidade é o encontro com o desconhecido. Não é todo tipo de encontro social, é o encontro com o desconhecido. Não é só a pessoa desconhecida e, sim, o desconhecido que se esboça numa pessoa muito conhecida.

Hospitalidade é um ritual que tem por objetivo minimizar os problemas do encontro com o desconhecido.

Ritual que não envolve apenas palavras, envolve gestos, envolve postura. Hospitalidade deve se mostrar inteira na cena, por meio de palavras, por meio de gestos, por meio de posturas, através de proximidade. Quando se vai falar com um desconhecido, por exemplo, a distância hospitaleira é de um metro. Se for muito longe, você está com medo; se for muito perto, está assediando, está entrando no território dele.

É muito difícil definir, eu próprio nunca me preocupei em definir hospitalidade.

## Existe uma teoria do turismo?

Existe, mas só que os turismólogos não conhecem.

Aí, nós vamos entrar numa questão que, para mim, é muito importante sobre a hospitalidade também.

Existe uma tradição francesa, vamos chamar assim, segundo a qual, em hospitalidade, se valoriza o encontro intencional, um encontro de que resulta um interesse genuíno em encontrar a outra pessoa. Para os franceses, não existe hospitalidade na hotelaria, por exemplo; se você está desempenhando um papel, não é mais hospitalidade.

Já para os anglo-saxões é o contrário.

A impressão que dá é que a única hospitalidade que existe hoje é a hospitalidade do trade: turismo, hotelaria etc.

Então, no caso do turismo, é a mesma coisa: os franceses insistem muito no estudo do que é essa mudança de ritmo, paisagem e estilo de vida; o que interessa é o que falo para você desde o começo, é o gosto por encontrar outra pessoa.

Já a tendência que se afirmou no mundo é a tendência mais anglo-saxã, que está na Organização Mundial do Turismo, que é o negócio, o que interessa é o negócio, não interessa o resto.

## Existe uma teoria da hospitalidade?

Eu abordei as duas, abordei uma e outra.

A hospitalidade também existe nessas duas linhas: uma que valoriza apenas o lado comercial da hospitalidade, e outra que valoriza apenas o sentido da hospitalidade mesmo.

Há uma corrente, a anglo-saxã, que estuda a hospitalidade apenas do ponto de vista comercial. Para eles, a hospitalidade é turismo, hotelaria, eventos etc.

E outra corrente, que é a francesa, que se preocupa mais em entender o processo da hospitalidade, o que é o encontro entre uma pessoa e seu desconhecido.

A definição [de hospitalidade] que fiz é bem a linha francesa.

## Parte II – Principais Ideias

### Qual a relação teórica entre o turismo e a hospitalidade?

Em primeiro lugar, a realidade mais evidente no turismo é o encontro com o desconhecido. Quando você vai mudar de paisagem, de ritmo e de estilo de vida, você também muda a sua convivência diária. Digamos que, no turismo, o encontro com o desconhecido é o mais evidente.

Em segundo lugar, o turismo só recentemente está se ocupando sobre a questão do residente local, do viajado. Ele preocupa-se com o viajante, não com o viajado, aquele que fica no lugar aguardando. E o viajado sempre é o elo mais frágil da cadeia turística.

É uma coisa importante para deixar bem claro: só em 1970, com a Antropologia do turismo, da Valene Smith, americana, antropóloga que coordenou esse estudo, que se começou a prestar atenção sobre o outro lado do turismo que é o viajado, o morador local.

Veja bem, para o turismo social o mais importante do processo é o local. Uma das estratégias mais importantes do turismo social é exatamente o contato com os locais. Coisa que o turismo sempre ignorou.

Você lendo no auge do turismo de massa, por vezes, viajava por vários países sem ter contato com nenhuma pessoa do local.

Então, essas são as formas de aproximação.

### Onde esses fenômenos (turismo e hospitalidade) se encontram?

O Turismo é quase sempre o encontro com o desconhecido. Portanto, a hospitalidade é uma questão central do turismo.

Já a hospitalidade é mais ampla um pouquinho. Ela não se estabelece sempre em relação ao desconhecido que vem de fora. Às vezes, o desconhecido é a pessoa mais próxima de nós mesmos, não precisa ser o turista.

Então, a hospitalidade é um fenômeno mais amplo que o turismo, já que ela envolve o contato com o desconhecido de modo geral.

E nós podemos dizer, também, que há uma parte do turismo que não chega a ser um problema da hospitalidade. A residência secundária, por exemplo: há indivíduos que, quando chegam à residência secundária estão mais à vontade do que quando estão na sua casa.

Então, esses fenômenos se recortam, mas não se confundem. Existe um recorte do turismo que não tem nada a ver com hospitalidade: a maior parte da hospitalidade está completamente distante do que a gente chama de turismo.

Hospitalidade é você chegar numa classe e ver um aluno que você nunca conheceu e ter contato com ele. Isso é hospitalidade, mas não é turismo. Assim como no turismo, você vai viajar para segunda casa, portanto não existe desconhecido.

## Parte III – Tessitura Final

### Como podemos relacionar as leis da hospitalidade com a teoria da hospitalidade?

As leis da hospitalidade são a essência da hospitalidade.

Uma diferença importante: você pode ter uma noção de hospitalidade que seja, digamos, puramente teórica, digamos, pode ser factual, ligada a um fato, ao encontro do indivíduo com o desconhecido.

As leis da hospitalidade dizem como o encontro deve acontecer para que não degenerem em hostilidade. As leis da hospitalidade têm, por objetivo, permitir que o encontro com o desconhecido aconteça sem o risco da hostilidade.

### Em entrevista a Leandro Brusadin (2016), você aborda a importância de uma metodologia para estudar a hospitalidade, da mesma forma, a importância de uma epistemologia capaz de alcançar os objetivos de pesquisa relacionados à hospitalidade. Poderia falar mais sobre isso?

Eu estudo hospitalidade desde 2001 e eu sempre estive à caça do que seria uma metodologia de pesquisa adequada aos estudos da hospitalidade. Só muito recentemente que eu me dei conta que cheguei a uma conclusão.

Para mim, há cinco categorias do encontro de um indivíduo com o desconhecido. Eu consegui fixar em cinco: neutra, urbanidade, hospitabilidade, inospitalidade e hostilidade.

O primeiro encontro, mais comum, é o neutro: onde nem você nem ele se conhecem, vocês simplesmente se encontram e passam adiante. Se você pega transporte público, por exemplo, é sua atitude diante do motorista ou do cobrador de um ônibus. Você não sabe quem é, não olha para cara dele (a menos que seja alguma coisa muito diferente), quando descer do ônibus e alguém perguntar ‘descreva o motorista ou o cobrador’, você não sabe.

A maior parte de nossos encontros cotidianos são neutros, do ponto de vista da hospitalidade, porque houve a possibilidade, mas não houve a interação, não houve o contato.



Urbanidade: é você atender o outro em nome da boa educação, dos bons costumes ou porque você é empregado de uma empresa e tem que tratar bem as pessoas, mas não parte de você. Você se portou, você usou seu crachá e esse foi o encontro do seu crachá com o outro crachá; você é anfitrião ele é hóspede, mas não houve realmente interação.

Hospitabilidade: um lado mais elevado, mais virtuoso. Onde aconteceu o encontro? Onde as duas pessoas se falam com individualidade e não como representantes, não como donos de um crachá. O maior exemplo desse encontro é o da paquera, é o par. Estou interessado em conhecer. Digamos assim, um exemplo extremado do que seria a hospitabilidade. Hospitabilidade, normalmente, acontece com quem você conhece.

Do lado negativo, também há duas categorias: a primeira, a inospitalidade, olha, você não interessa saber quem está ali, não importa, eu sou eu, ele é ele, e ponto final. Típica conversa de bar, duas pessoas se tratam de uma forma muito cortês, mas não saem daí. Nem você nem ele estão interessados em uma interação pessoal. Não há hostilidade, mas há claramente um desinteresse em manter contato. Pode acontecer de um lado e de outro.

E, finalmente, tem a hostilidade que é a agressão.

Por exemplo:

– Por favor, onde é a rua tal?

– Você me acha com cara de guia de turismo? Vai perguntar ao guarda da esquina!

Acho que quem vai pesquisar hospitalidade tem que tentar identificar essas categorias nas cenas que ele observa.

A metodologia do estudo da hospitalidade... bom, vamos falar mais amplamente do assunto.

Em primeiro lugar é uma pesquisa empírica, tem que ir atrás, buscar, observar a realidade.

Segundo lugar, pode, claro, ser quantitativa, qualitativa, depende do problema que você abordar.

Em terceiro lugar, você pode estudar, com uma infinidade de técnicas, o que bem entender, mas fundamentalmente, ela procura identificar a postura dos autores na cena hospitaleira, nas diferentes cenas, sempre considerando que cada cena é uma cena e não tem, necessariamente, ligação com a anterior. Em uma entidade hospitaleira, certamente, mesmo que a maior parte das pessoas faça questão de serem hospitaleiras, sempre vai ter a pessoa desagradável, difícil evitar que aconteça. No caso de aviões que começam a atrasar, no início a pessoa é toda solícita para dar informação a você, depois de um tempo, ela pode soltar um berro: vão embora, não tenho nada a ver com isso, não sou eu!

São essas cinco categorias que eu acho que tem que mapear o estudo da hospitalidade. E é isso que pode ajudar a gente a entender os dados da hospitalidade.

Para mim, é óbvio que todo o estudo da hospitalidade num lugar tem que começar pela hospitalidade neutra, porque, pode crer, a maior parte dos contatos vão ser assim completamente casuais, sem nenhuma forma de interação; não é que sem nenhum contato, você passa pelas pessoas, você simplesmente passa por elas, nem olha na cara delas.

A predominância numa cidade é a hospitalidade neutra. A hospitalidade vai acontecer nos interstícios do cotidiano. É uma surpresa, sabe, diferente de observar uma hospitalidade no meio de tanta inospitalidade.

O que seria uma epistemologia da hospitalidade? É a mesma coisa de você falar de uma epistemologia da terapia, de qualquer tipo de terapia. Você investiga o fenômeno já de antemão, tentando observar alguma coisa muito específica. No caso da hospitalidade, você observa um encontro tentando imaginar de que forma aquele encontro vai acontecer de forma positiva ou negativa, então acho que está bem ligado a isso mesmo.

As considerações de Camargo perpassam aspectos teóricos e conexões empíricas sobre turismo e hospitalidade. No término da entrevista, menciona a relevância do assunto e da realização de pesquisas abordando estes fenômenos em suas relações e recortes, visando melhor entendimento e desenvolvimento.

## Considerações Finais

O estudo da hospitalidade perpassa por considerações amplas e diferentes vertentes das ciências sociais. Muitas vezes, pode ser necessário uma localização e apontamento do contexto sócio-histórico-cultural para um entendimento específico de determinada situação de estudo e da cena pesquisada. Ou, simplesmente, um direcionamento das teorias em função da ideologia de cada pesquisador e de sua intenção de abordagem.

As leis da hospitalidade, que são sua essência, se encarregam a priori desse distinto exercício localizador. As correntes francesas e inglesas de abordagem do fenômeno também dão sua contribuição quando compreendidas em suas especificidades e aplicabilidades no cotidiano do indivíduo.

“Desprezar a hospitalidade é pecado e supõe uma afronta pública ao anfitrião”, palavras de Noguero (2019, p. 73), em seu livro póstumo. Com isso, todas as alternativas ou linhas existentes para se estudar hospitalidade devem ser levadas em consideração sem atos excludentes e sim somatórios para que não ocorram pecados capitais.

Neste texto, as reflexões sobre a hospitalidade percorrem aspectos de sua amplitude. Passeando por pontos importantes das interfaces do turismo e da hospitalidade como fenômenos que se interseccionam em sua teoria e prática, sendo estes pensamentos embasados por autores encadeados no texto, e o resultado da entrevista realizada expõe de forma contundente a importância de estudar as interfaces existentes na teoria do turismo e da hospitalidade, assim como suas conexões empíricas nas mais diversas dimensões e interpretações.

O que pode ser vislumbrado como questão norteadora para empreitadas nas melhorias para o turismo em si. Nos pensamentos do encontro dos sujeitos ao desconhecido na mais ampla abstração da humanidade em sua real concretude.

Observar o turismo como fenômeno multidimensional e pensar em sua epistemologia crítica visando a construção de conhecimento com os saberes acadêmicos e os saberes empíricos dos atores sociais, trazer para um denominador comum o encontro do ser humano com seu desconhecido, poderia ser um exercício para a teorização do turismo.

Voltar o olhar pesquisador para os encontros, as relações e as proximidades que se fazem presentes nas situações de turismo e nas cenas hospitaleiras, no reconhecimento do desconhecido, constituem fontes de análises importantes para esses fenômenos e tornam-se possibilidades e desafios para futuras pesquisas no campo de estudo das interfaces do turismo e da hospitalidade.

A natureza da humanidade é ser sociável: indivíduos plurais por receberem influências externas a todo o momento atreladas a singularidade de cada um. Para tal, as trocas e encontros tornam-se aspectos primordiais de socialização.

Com isso, finalizamos este momento de forma ilustrativa com os dizeres de Jacques Derrida (1997), em tradução livre, “não existe cultura, nem vínculo humano sem um princípio de hospitalidade”.

## REFERÊNCIAS

- Bruyne, P. de (1982). *Dinâmica na pesquisa em ciências sociais* (3a ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Brusadin, L. B. (2016). O Estudo da Hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, 13 (2), 242-247.
- Brusadin, L. B. & Panosso Netto, A. (2017). O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 23-41). Curitiba: Prismas.
- Cruz, R. de C. da. (2002). Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In C. M. de M. Dias (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* (pp. 39-56). Barueri: Manole.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica: em ciências sociais* (3a ed.). São Paulo: Atlas.
- Derrida, J. (1997, Décembre 2). Il n'y a pas de culture ni de lien social sans un principe d'hospitalité. *Journal Le Monde*, Caderno Horizons-Entretiens.
- Grinover, L. (2002). Hospitalidade: um tema a ser reestruturado e pesquisado. In C. M. de M. DIAS (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* (pp. 25-38). Barueri: Manole.
- Grinover, L. (2007). *A hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph.
- Maciel, J. de C. (2019). *A Hospitalidade e a revelação da humanidade*. Notas em margem a um pequeno clássico. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, 16 (2), 114-137.
- Marcelino, G. K., Camargo, L. O. L. (2017). Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 43-82). Curitiba: Prismas.
- Noguero, F. T. (2013). La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, X (2), 161 - 212.
- Noguero, F. T. (2019). *A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões* (Panosso Netto, A., Trad.). São Paulo: Idéias & Letras.
- Panosso Netto A. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia* (2a ed.). São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A., Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo, 8 (1), 120-144.
- Pereira, O. (1990). *O que é teoria* (7a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Santos, M. C. dos, Perazzolo, O. A., Pereira, S. (2014). A hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. In M. C. dos Santos, & I. Baptista (Orgs.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade* (pp. 49-63). Caxias do Sul: EducS.
- Urbain, J.-D. (2003). *Secrets du voyage*. Paris: Payot.
- Veal, A. J. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo* (G. Guerra & M. Aldrighi Trad.). São Paulo: Aleph.

# 8 Reflexões sobre turismo e turistas: da modernidade à hipermodernidade

**Celso Maciel de Meira<sup>25</sup>**

**Antonio Rafael Barbosa de Almeida<sup>26</sup>**

**Gracimar Sousa Tavares Carvalho<sup>27</sup>**

## Introdução

Da modernidade à hipermodernidade, as transformações nunca se sucederam com tanta celeridade e intensidade, num vórtice de alterações na vida em sociedade jamais vista, nos vários setores da vida humana, dos quais se pontuam, especificamente, neste trabalho, a economia e a cultura como elementos condicionados e condicionantes aos processos da globalização.

Com efeito, a reprodução tradicional social baseada em costumes regionais e locais, como, por exemplo, alimentação, vestuário, viagens e lazer, dentre outros, são impactados e os sujeitos, de alguma forma, pagam “preços” sem sequer serem consultados ou terem assumido algum tipo de responsabilidade. No âmbito da “compressão do tempo e do espaço”, referindo-se a seu alto poder de deslocamento e mobilidade em âmbito global, ocorre o fenômeno turístico.

Nesse contexto, “a liquidez”, tônica das relações da sociedade considerada pós-moderna, ou, em transição, à hipermoderna, vem (re)definindo as interações entre os sujeitos. Não obstante, do ponto de vista da produção dos espaços turísticos, os lugares são (re)configurados como “acolhedores” dos fluxos intensivos de visitantes e, assim, recebem status de atrativos ou destinos turísticos e promovem novos usos, interesses e símbolos – não necessariamente vinculados aos ideais locais.

Constituem tais fluxos o “novo sujeito”, ou o “novo turista”, emergente deste período transicional, permeado de questões plurais e contraditórias, que não ou quase nada – em determinados casos – coadunam com os modos de vida das populações resistentes e/ou residentes dos lugares (re)configurados sob a égide de planejamentos alinhados à lógica imediatista do capital e ao hedonismo pós-moderno na organização e gestão desses novos espaços turísticos.

---

25 Professor no Instituto Federal do Maranhão-IFMA. E-mail: celsotour@gmail.com

26 Professor na Universidade Estadual do Piauí-UESPI. E-mail: turis.rafael@gmail.com

27 Professora na Universidade Estadual do Piauí-UESPI. E-mail: gracimartavares@gmail.com

Em termos metodológicos, este texto foi escrito por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica, de corte longitudinal, que buscou, em autores clássicos e hodiernos, os conceitos que fundamentaram sua confecção e as reflexões no sentido de se estabelecer relações com os objetos de estudo, assim como para alcance dos objetivos traçados.

Sobre a estrutura de exposição deste manuscrito, além desta introdução, encontram-se os seguintes subtítulos: concepções preliminares e os efeitos pós-modernos; a pós-modernidade, o turismo e a formação do sujeito turista; as considerações finais e as referências.

### Concepções Preliminares e os Efeitos Pós-Modernos

“[...] Tudo o que se acreditava permanente e perene extingue-se, o santo é profanado e, por fim, o homem se vê estrangido, pela força das coisas, a contemplar com olhares frios sua vida e suas relações com os outros”. (Marx & Engels, 1848, p. 57)

Ao final da primeira metade do século XIX, os autores supracitados davam pistas de como se desdobrariam, no plano social, as vidas de homens e mulheres sob os efeitos da ascensão de um mundo capitalista, prenhes de transformações.

Para Latour (1994), a legitimidade da modernidade, sob a argumentação de que esta se caracteriza por meio de questões relacionadas à hibridéz, em se tratando de natureza e cultura, quanto às questões humanas e não humanas, fundamentam discussões paradigmáticas do nosso tempo, carecem de melhor compreensão. Ainda, nesse sentido, o autor salienta que a vida em sociedade se dá a partir de atos sequenciais movidos pela construção de situações e problemas, no bojo de questões: científica, política, social, econômica, ideológica, dentre outras, geradoras de relações complexas. Com efeito, a sociedade atual estaria numa condição “pré-moderna”.

Contudo, ao se levar em consideração as concepções de Latour (1994) e a proposta teórica de Habermas (1989), que se referiu à modernidade como sendo algo inacabado, não seria pertinente atribuir aos dias que correm a condição de pós-modernidade. Da mesma forma, para Canclini (2008) “as tradições ainda não se foram, e a modernidade ainda não terminou de chegar” (p.17). Para este autor, elas, as tradições, estão em constante transformação, porém levando em consideração aspectos culturais específicos ainda observados nos comportamentos dos indivíduos hodiernos.

Bauman (2001), citado por Mocellim (2007), classificou a modernidade como sendo sólida e líquida, conforme se segue:

Com o fim da crença no projeto moderno e com um desenvolvimento ainda maior dos meios de transporte e comunicação, emerge uma nova modernidade, a modernidade líquida. Se a modernidade sólida foi uma tentativa de controle racional do mundo, a modernidade líquida é o mundo em descontrolé. Somente com o atual desenvolvimento técnico e solapamento do tempo e do espaço – consequência direta desse desenvolvimento técnico – que a modernidade pôde se tornar líquida. (Bauman, 2001, citado por Mocellim, 2007, p. 4)

Bauman sinaliza, como período de transição da modernidade para a pós-modernidade, a ideia de modernidade líquida, correlacionada ao desenvolvimento técnico em âmbito temporal e espacial, ao passo que, para Jameson (1997) e Harvey (1992), este momento é compreendido como “capitalismo tardio” ou “acumulação flexível”. Nesse sentido, Harvey (1992) conceberia os desdobramentos deste tempo nos planos político-econômico, social e cultural, como sendo oriundos das relações capitalistas, como condição pós-moderna.

Nessa perspectiva, para o autor, o capitalismo “se viu forçado a produzir desejos e, portanto, estimular sensibilidades individuais para criar uma nova estética que superasse e se opusesse às formas tradicionais de alta cultura” (Harvey, 1992, p. 65).

A economia, por exemplo, condicionada pela produção de bens e orientada para o consumo e à flexibilização mercantil, transformou homens e mulheres, os quais eram, em princípio, caracterizados na modernidade como seres sociais, carregados de valores tradicionalistas, em meros consumidores globalizados, num momento em que a cultura do ter destrói costumes tradicionais, pressionando, assim, a questão do ser, a serviço de uma cultura utilitarista.

Com efeito, a reprodução tradicional social/cultural e a rotina baseada em costumes regionais e locais, em costumes regionais e locais pagam preços sem sequer ser consultados ou terem assumido algum tipo de responsabilidade. Canclini (1997) corrobora com isso, argumentando que, para a globalização da mais valia, não importa as vidas humanas e não humanas envolvidas em seus processos.

Ademais, na esteira da pós-modernidade, a descaracterização e o desmerecimento cultural destroem valores e identidades tradicionais por meio de justificativas econômicas. As produções culturais locais estão sujeitas à diminuição e, talvez, ao desaparecimento, pois a mercantilização da cultura é constante e gradativa, sempre numa perspectiva subordinada a um padrão global.

A respeito da indústria cultural, as identidades nacionais instituídas com interfaces à configuração do estado-nação, notadamente a partir dos séculos XVIII e XIX, vivem sob ameaças da padronização globalizada.

É na substituição da literatura nacional pelos best-sellers internacionais ou americanos, no colapso da indústria cinematográfica nacional, sob peso de Hollywood, ou da televisão nacional invadida por importações americanas, no fechamento de restaurantes e bares locais com a chegada das grandes redes de fast-food que os efeitos mais intangíveis da globalização podem começar a ser reconhecidos em sua forma mais dramática (Jameson, 2001, p. 39).

No âmbito de tal dominação e liberação de fronteiras, que foi caracterizada como globalização e que mais parece uma “globocolonização”, as caravelas de nossos colonizadores deram lugar ao capitalismo das redes eletrônicas e a instrumentos de controle cada vez mais eficazes.

Sob condições preestabelecidas, em outros termos sob imposição dos mais fortes aos mais fracos, os acordos entre nações ditas desenvolvidas e detentoras de capital e tecno-

logias proporcionam crescimento aos mais ricos e impulsionam a dependência e a miséria aos mais pobres. Países menos favorecidos economicamente e países emergentes tendem a se (re)organizarem de acordo com os interesses de seus financiadores, dentre os quais os megagrupos mercantis transnacionais.

Nesse contexto:

A estratégia de abstração econômica (estas são as próprias palavras de Rojek) ignora as dimensões culturais e as mudanças de valores de que o turista é praticamente o ideal tipo. Em resumo, mesmo a distinção estabelecida entre turismo e cultura tende a desaparecer. Já que os dois fenômenos se sobrepõem em grande parte, seria perigoso estabelecer uma fronteira clara entre um comportamento turístico e um comportamento da cultura de massa (Pronovost, 2018, p. 164).

A complexidade cultural trazida no bojo da pós-modernidade e dos processos de globalização promove novas concepções e valores sobre as experiências de viagem. Nesse sentido, de forma sintética, Pronovost (2018) faz menção ao turismo quando escreveu que a ideia de pós-modernidade estaria relacionada às questões autônomas dos indivíduos, compreendendo o distanciamento destes aos processos regulatórios da vida social, que não estariam indissociados do turismo numa perspectiva temporal e espacial.

Ademais, para este autor (p. 164) citando Rojek (1995):

A noção de pós-modernidade de Rojek também se refere à desregulamentação, à maior fluidez das fronteiras entre muitos campos da atividade humana, à abolição das fronteiras entre as esferas pública e privada, à imbricação do trabalho e da viagem, à confusão dos gêneros no caso do turismo familiar. O resultado é uma “infinitude de desejos”, a dissolução de vínculos previamente estabelecidos entre atividades, suas temporalidades e seus significados. (Pronovost, 2018, p. 164)

Tais mudanças geradas pela pós-modernidade têm ressignificado o turismo, haja vista as novas formas de organização das viagens de acordo com interesses distintos que emergem dos desejos e necessidades dos pós-modernos.

Nesse sentido, Figueiredo e Ruschmann (2004) citaram que “o turismo é uma forma de viagem exclusiva da modernidade e pilar da pós-modernidade” (p. 169). Nesse aspecto, o viajante é aquele indivíduo que se desloca por motivações diversas e, não raramente buscando elementos correlacionados com sua identidade e diversidade, o que resulta em provocações e inquietações internas e externas. Assim:

A busca da identidade compreende um movimento de partida, viagem (percurso) e chegada, seja o retorno ao ponto de origem, seja a chegada a um novo lugar. No primeiro movimento, viajar significa desprender-se, despojar-se do ruim, do insuportável da vida, estar em suspensão. O percurso, estado de viagem, simboliza um rito de passagem, em que o provisório está presente e o mundo, o cotidiano, fica em suspensão. O intervalo é o espaço e o tempo. (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 173).



Conforme exposto, para Harvey (1992) a pós-modernidade estaria no âmbito da compressão do tempo e espaço, referindo-se ao seu alto poder de deslocamento e mobilidade em âmbito global. Logo, de forma não indissociável à compressão do tempo e do espaço, ocorre o fenômeno turístico.

## A Pós-Modernidade, o Turismo e a Formação do Sujeito Turista

O pensamento humanista liberal, expresso na modernidade, estabeleceu o protótipo de um sujeito centrado/autônomo. Dessa forma, apresentou-se um novo modelo de homem e de mulher para a fase seguinte, esta denominada por alguns autores supracitados como pós-modernidade. “Os pós-modernos são herdeiros de esperanças frustradas e se enterraram numa grande tumba metafísica. Na verdade, são irrelevantes e se constituem em espetáculo secundário, pois o drama principal ainda se concentra na modernidade, pois não foi esgotada” (Bastos, 2000, p. 26).

O “novo sujeito” que emerge nesse período, permeado de questões plurais e contraditórias, não coaduna com a sequencial construção histórica das identidades de um período anterior, neste caso a modernidade. Sendo assim,

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, torna-se mais provisório, variável e problemático. Este processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 1997, p. 13)

Destarte, o “passado moderno” perdeu o lugar em que se manteve cativo até então e a concepção que ainda está por vir foi lançada à sua própria sorte como uma “embarcação” sem rumo, quando, de acordo com Hall (1997) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (p.13). Com efeito, emerge um sujeito fragmentado, alheio ao mundo que o concebeu, desconectado das tradições, hedonista e excêntrico por natureza.

As transformações do ser-turista, do fenômeno do turismo em si e do seu entorno social e econômico culminou em constantes reflexões e incursões ao campo conceitual na perspectiva de encontrar meios para defini-lo, classificá-lo ou distingui-lo. Apesar de relevantes contribuições, como as definições de turistas propostas por Leiper (1979) ou das tipologias de turistas propostas por Cohen (1979), da caracterização de MacCannell (2003) ou na perspectiva do olhar do turista (Urry, 2001) e de outros autores que se debruçaram sobre o tema, a chegada da pós-modernidade tem colocado em cheque modelos pré-estabelecidos, ao passo que impõe novas barreiras às tentativas de enquadrar o fenômeno e o seu sujeito direto.

Nesse entendimento, Pronovost (2018) citou que “o turismo e os turistas devem ser considerados como objetos históricos e, portanto, mutáveis, marcados por interesses de co-

nhecimento. Trata-se de uma realidade empírica que adquiriu gradualmente um significado cultural e, portanto, um valor” (p. 167).

Ainda que as constantes tentativas em dissecá-lo ou em definir fronteiras sólidas sobre a sua concepção, motivações e aspirações tenham, por vezes, limitado a compreensão integral sobre os diferentes aspectos do sujeito-turista, é quase incontestável a sua relevância na representação do homem pós-moderno, ainda que o desejo de mobilidade seja bem anterior (Figueiredo & Ruschmann, 2004) ou mesmo inerente a este ser desde o seu princípio.

Hodiernamente, em que pesem as alterações em sua valoração social, nas motivações e nas expressões do fazer turismo (e ser turista) em si, resta aqui caminhar por trajetos conhecidos e (re)visitar, ainda que do ponto de vista instrumental, dois processos simultâneos que agem e marcam o sujeito desse tempo: o desenvolvimento das tecnologias de transporte e das comunicações. Partindo do primeiro, o avanço nos transportes e a consequente compressão espacial têm sido decisivos para encorajar e facilitar o sujeito-turista a se deslocar de um lugar para o outro (Urry, 2001). Atualmente, para além da diminuição das distâncias, os deslocamentos turísticos “reconfiguram os arranjos afetivos e familiares enquanto provocam interessantes alterações nas relações entre os espaços doméstico e público” (Freire-Medeiros & Pinho, 2016, p. 5).

De forma complementar, considera-se relevante e intenso o impacto das tecnologias da informação e comunicação na propagação das experiências e das narrativas da viagem, e que motivam a reprodução social do “ser” turista e os privilégios que essa condição revela ou provoca. Nessa perspectiva, Urry (2001) aborda a confluência das distintas formas de viagem, como a corpórea (em que o turismo é uma de suas expressões), as virtuais e as imaginativas, mediadas pelas ferramentas da tecnologia. Ao mesmo tempo, o autor escreveu que, embora o fenômeno turístico tenha ocupado o lugar central numa sociedade fluida e interligada, muitos, involuntariamente, estão alheios ao seu processo de desenvolvimento.

Diante disso, parece que as promessas e expectativas geradas em torno da adoção intensiva da tecnologia, sobretudo na sua perspectiva da inclusão, foram apenas parcialmente atendidas, seja no turismo ou fora desse contexto. Conforme citou Trigo (2020), a convergência tecnológica permitiu a consolidação e a concentração de capital em grupos de grande envergadura econômica, que, por conseguinte, apresentam forte influência política, tecnológica e cultural, e que tem na precarização do trabalho e da vulnerabilidade do trabalhador um de seus principais interesses.

Todavia, as contradições e anomalias que envolvem o capital e, de modo particular, o turismo, não são suficientes para impedir o crescimento exponencial dos fluxos de visitação turística no início do século XXI. Mesmo ao considerar que parte substancial da sociedade global esteja à margem da prática do turismo e, portanto, do ser-turista, o crescimento, em números, das viagens internacionais retratados anualmente pela Organização Mundial do Turismo (OMT) mostra um fenômeno cada vez mais presente no cotidiano das pessoas e dos lugares – situação inesperadamente alterada pelo advento da pandemia da Covid-19 e a drástica redução (provisória) dos fluxos turísticos.

Nesse contexto, a liquidez nas relações da sociedade considerada pós-moderna, atualmente com inclinação “hipermoderna”, apresenta indicativos que as relações sociais sejam mediadas pelo e para o turismo/turista e, assim, os lugares, com base nos comportamentos dos turistas, são reconfigurados como acolhedores do fluxo turístico (Urry, 2001). Na era das Smart Cities e dos Smart Destinations, tudo parece estar preparado (ou inclinado) para o consumo de um viajante aligeirado de acordo com os interesses de uma “indústria” cada vez mais global e sedenta por lucros. À margem, resta à população residente resistir e reivindicar o domínio de uma cidade (ou parte dela) que já lhe pertenceu.

Mais recentemente, parece que o estereotipado turista tradicional tem convivido com outro sujeito viajante. Este traduz-se como nômade digital, um “hiperviajante” resultante da tecnologia e dos novos anseios existenciais de uma geração que representa aquilo que seria o ápice de um estilo de vida em constante deslocamento, em que o tempo do trabalho mistura-se e confunde-se com o tempo do lazer e do turismo. Nesse sentido, indaga-se, a partir da discussão trazida por Allis (2016), se um mundo sem rotinas laborais sólidas ensinaria, conseqüentemente, o fim do turismo e do turista, ou, o início de novas atividades e experiências compreendidas como turismo.

Além disso, outros caminhos surgem para situar o fenômeno turístico frente à esta realidade. Ainda que os meios de produção e consumo do turismo convencional estejam se diluindo no cotidiano de uma vida móvel, outras formas de expressão análogas ao turismo, mesmo que não sejam adjetivadas como tal, têm surgido (Allis, 2016). Isso remete a pensar na contribuição para a reinvenção e a emergência de um “outro” turismo, com base na participação de novos atores, interesses e narrativas. Um indício que pode comprovar este processo seria, por exemplo, o crescimento paulatino das experiências de visitação baseadas nas indústrias criativas, nos movimentos sociais e no protagonismo comunitário, que emergiram em contraponto ao turismo convencional que, no caso brasileiro, ainda se verifica amplamente vigente.

Ao considerar a impossibilidade na oferta de respostas efetivas ao questionamento anteposto, indica-se o necessário encontro de outros aportes teóricos para além dos modelos interpretativos que aludem à dualidade entre turismo e trabalho, do ordinário ao estranho, ou entre o cotidiano e o anticotidiano, pois estes não seriam capazes de explicar a totalidade desse fenômeno nesta nova fase. Por sua vez, Allis (2016) compreende que os estudos do turismo precisam se refundar em novas bases, abandonando um olhar binário e moderno, atento, dentre outras questões, aos novos paradigmas da mobilidade humana.

Destarte, a liberdade, a desapropriação material, o desapego das suas raízes, a autonomias decisões e a descrença nas ideologias reforçam a condição pós-moderna dos indivíduos e, conseqüentemente, da sociedade. Conforme Lipovetsky (2005), as aspirações da vida livre e, portanto, sem coação, que emergem da pós-modernidade revelam um dos fatos sociais e culturais mais representativos e legítimos do tempo contemporâneo. Assim, julga-se que as expressões da pós-modernidade ora revisitadas e refletidas contribuem para compreender o lugar central do turismo na sociedade deste início de século.

Diante de inconsistências e de fragmentações que marcam os idos do segundo milênio, seguem-se os ensaios e as tentativas de compreender o turismo à luz de novos para-

digmas, com vistas a interpretar as complexas relações e efeitos do fenômeno turístico num contexto de transição qual seja, entre a pós-modernidade e a hipermodernidade, que vem moldando os destinos e os sujeitos com as marcas destes novos tempos.

### Considerações Finais

Analisar o turismo e o turista à luz dos estudos críticos modernos, pós-modernos e hipermodernos remete a refletir sobre a pluralidade de ações dos sujeitos (sociais, culturais, turísticos) face às mudanças em curso, que envolvem, dentre outras, as questões étnico-raciais, de gênero, do trabalho, da pobreza, das mobilidades, perpassando pela produção e consumo, pela uniformização cultural e aos mais particulares modos de comportamentos éticos e estéticos, previamente definidos, e agora redefinidos, diante de uma sociedade em transição.

Os sujeitos são abarcados pela personalização e padronização que o capitalismo impõe e distanciados das tradições cada vez mais distantes do seu próprio “eu”. Assim, constata-se que tais processos centralizadores os tornaram desapegados, hedonistas e efêmeros, quase sempre sob os ditames da produção e do consumo. Por outro lado, talvez, ainda se possa (re)direcionar ou manter o sujeito dentro de uma tradição perdida: seria a manutenção dos valores que ainda podem resistir aos desarranjos da pós-modernidade, nos “trilhos da hipermodernidade”.

Ao que se refere ao turismo, observa-se o sujeito viajante pós-moderno, que, agora sob os olhares de uma “indústria” que o abarca, é tido como novo turista rumo à hipermodernidade. Este personagem, antes consumidor passivo, atônito e acrítico dos lugares, agora tenta contradizer e distanciar de sua essência moderna. Reinventou-se, alimentando-se de sua fruição no espaço para o atendimento e da vivência de suas liberdades individuais exclusivas e de suas motivações plurais e efêmeras, naquilo que Maffesoli (2001) traduziu para a pós-modernidade como a errância em suas diferentes formas de expressão.

Por último, ressalta-se que a pós-modernidade “não teria sido mais que um estágio de transição, um momento de curta duração” (Lipovetsky, 2004, p.58), haja vista que o período atual poderia ser caracterizado como hipermodernidade ou supermodernidade. Em outras palavras, seria uma forma de reconceituação da organização e temporalidade atual, passando pela ideia de mercantilização da cultura e pelo capitalismo cultural, que acomete a vida em sociedade, o turismo, e, inevitavelmente, o comportamento do sujeito do turismo, ou seja, o turista dos dias que correm.

## REFERÊNCIAS

- Allis, T. (2016). Em busca das mobilidades turísticas. *Plural*, 23(2), 94-117. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcco.2016.125112>
- Bastos, J.A. (2000) O entorno da modernidade. In: Bastos, J.A.; Queluz, G. (orgs.). *Memória e Modernidade*. Curitiba: CEFET/PR.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. 1ª ed. J. Zahar, Ed., 2001.
- Canclini, N. G. (1997) *Culturas híbridas*. Edusp, 1997.
- Canclini, N. G. (2008) *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. Iluminuras.
- Cohen, E. (1979). A phenomenology of tourist experiences. *Sociology*, 13(2), 179-201. <https://doi.org/10.1177/003803857901300203>
- Figueiredo, S. L. & Ruschmann, D. V. de M. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, 7( 1), 155-188. <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v7i1.40>
- Freire-Medeiros, B. & Pinho, P. de S. (2016) O turismo num mundo de mobilidades. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, (23)2, 5-16. <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/125107>.
- Habermas, J. (1989) *Teoria de la acción comunicativa*. Cátedra.
- Hall, S. (1997) *Identidades culturais na pós-modernidade*. DP&A.
- Harvey, D. (1992). *A condição pós-moderna*. Loyola.
- Jameson, F. (1997) *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. Ática.
- Jameson, F. (2001). *Cultura do dinheiro*. Vozes.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Editora 34.
- Leiper, N. (1979) The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*,( 6), 390-407.
- Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. Barcarolla.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Manole.
- MacCannell, D. (2003). *El turista: Una nueva teoria de la clase ociosa*. Melusina.
- Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo*. Record.
- Marx, Karl e Engels, Friedrich. *Cartas Filosóficas e o Manifesto de 1848*. São Paulo, Centauro Editora, 1987.
- Mocellim, A. (2007). Simmel e Bauman: Modernidade e individualização. *Em Tese*, 4(1). <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Pronovost, G. (2018). A construção da noção de “turista” nas ciências sociais. *Revista Hospitalidade*, 15(2), 158-168.
- Trigo, L. G. G. (2020). Viagens e turismo: dos cenários imaginados às realidades disruptivas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 14 (3), p. 1 - 13, set./dez.
- Urry, J. (2001). *O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Estúdio Nobel SESC.

# 9 Teorias de turismo e o residente: uma análise de redes bibliométricas

Amanda de Paula Aguiar Barbosa<sup>28</sup>

Amanda Arrais Mousinho<sup>29</sup>

## Introdução

Enquanto alguns estudiosos argumentam que o turismo não é ainda uma ciência, mas que está trilhando o caminho para tornar-se uma, outros apontam que não é nem nunca será ciência, visto que é apenas uma atividade humana auxiliada por outras ciências em seus estudos e sem objeto de pesquisa definido ou métodos particulares. Existe, ainda, um terceiro grupo que parte para a defesa do turismo como uma ciência justificando sua crença em razão do corpo teórico maduro deste campo (Lohmann & Panosso Netto, 2012).

Diante deste debate, optamos por apurar a produção do conhecimento científico e o status do turismo de acordo com alguns dos maiores pesquisadores da área. Visto que a bibliografia sobre teorias do turismo é extensa, mas a literatura acadêmica não dá tanta atenção à análise da teoria do turismo sob a ótica dos residentes do destino (Aguiar-Barbosa & Chim-Miki, 2020), propusemos-nos a realizar, também, uma meta-análise de redes bibliométricas sobre a relação entre as teorias do turismo e o residente, de forma a identificar novas tendências que estão surgindo, assim como os temas já consolidados nesse campo de estudo.

Para tanto, procedeu-se à utilização de técnicas de mapeamento e clusterização de dados bibliográficos com o apoio do software Vosviewer para execução das análises de citação e co-ocorrência de palavras-chave. Além desta introdução, a próxima seção apresenta os aportes teóricos dos trabalhos sobre teorias do turismo e suas relações com os residentes do destino, seguido dos procedimentos metodológicos utilizados na análise bibliométrica, resultados, discussão e considerações finais.

## Referencial Teórico

Nesta seção, serão apresentadas as pesquisas basilares que darão suporte para o desenvolvimento do estudo proposto, sem a pretensão de exaurir o debate ou apresentação sobre as temáticas.

---

28 Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (PPGA-FEA-USP). E-mail: amandaaguiarbarbosa@usp.br

29 Doutoranda em Turismo na Universidade de São Paulo. Mestra em Filosofia pelo programa de Estudos Culturais na Universidade de São Paulo. Email: amandaarraism@usp.br

## O que é teoria?

Em contexto coloquial, o termo “teoria” é utilizado informalmente como sinônimo para hipótese, ideia fantasiosa ou para algo que foi determinado como “lei”, mas que não necessariamente é obedecido. Frequentemente, fala-se “A minha teoria é que ela não veio trabalhar porque está doente”, no intuito de apontar uma hipótese ou especulação sobre a qual não temos evidências, bem como costuma-se dizer “Na teoria, o expediente acaba às 17h” para algo que oficialmente, ou “no papel”, é estabelecido de tal forma, mas que diverge do que é cumprido na realidade.

De acordo com o dicionário Michaelis, teoria é o “conjunto de princípios, regras ou leis, aplicados a uma área específica, ou mais geralmente, a uma arte ou ciência. Sistema ou doutrina que resultam desses princípios, regras ou leis. Conhecimento especulativo, de caráter hipotético e sintético”. Este dicionário aponta, ainda, que o conceito filosófico de teoria é que esta é um “conhecimento abstrato que se limita à exposição de caráter meramente especulativo, voltado para a contemplação da realidade, em oposição à prática e ao saber técnico”. Já o dicionário Aurélio aponta que teoria é o:

Conjunto de conhecimentos não ingênuos que apresentam graus diversos de sistematização e credibilidade e que se propõem explicar, elucidar, interpretar ou unificar um dado domínio de fenômenos ou de acontecimentos que se oferecem à atividade prática. (Aurélio, 2004)

No entanto, José Otaviano Pereira defende que a etimologia da palavra em estado de dicionário é insuficiente ao tentar abarcar a amplitude da compreensão do que, de fato, é teoria, visto que abrange apenas sua contemplação abstrata, não levando a uma compreensão para além do âmbito abstracional. Segundo o autor, para entendermos o conceito de teoria, não devemos discuti-la apenas com um ato contemplativo contrário à prática e desarticulado da realidade e sim como “uma ação do homem como um todo, envolvido no mundo e na relação com o outro” (1990, p. 13).

Enquanto a abordagem clássica percebe a teoria como abstração e raciocínio correto, deixando a desejar no elo que une pensamento e realidade ao sustentar-se num viés idealista e contemplativo sem alcançar a concretude dos objetos de conhecimento, a abordagem da ciência moderna, ou científico-experimental, prende-se em excesso a experimentação do objeto concreto (Pereira, 1990).

Retomando a conceituação de teoria, no livro *Philosophy of Science: A Contemporary Introduction*, Alexander Rosenberg explica que, diferente da concepção propagada pelo senso comum, entre cientistas, teoria não sugere incerteza e sim é utilizada para descrever uma subdisciplina estabelecida na qual existem fundamentos, métodos, leis e aplicações amplamente aceitos. Segundo o autor:

O que é particular sobre uma teoria é que ela vai além das explicações de fenômenos particulares para explicar essas explicações. Quando fenômenos particulares são explicados por uma generalização empírica, uma teoria continuará a explicar o porquê de a generalização ser válida bem como explicar suas exceções – as condições sob as quais ela falha. Quando uma série de generalizações são reveladas sobre os fenômenos em um domínio de investigação, pode surgir uma teoria que nos permita entender a diversidade de generalizações como um reflexo da operação de um único ou pequeno número de processos. As teorias, em resumo, unificam, e o fazem quase sempre considerando o que está além, abaixo e por trás dos fenômenos apontados pelas regularidades empíricas, a fim de identificar os processos subjacentes que dizem respeito aos fenômenos que observamos. (2005, p. 70, tradução nossa)

Em outras palavras, teoria é um corpo de hipóteses explicativas com um forte suporte empírico que nasce das unificações que ela efetua, visto que acaba por agregar fenômenos sob um determinado número de suposições fundamentais (ibid). Fala-se sobre hipóteses com suporte empírico, pois a epistemologia moderna aponta que, na ciência, não existem verdades absolutas, mas sim fórmulas simplificadas que oferecem explicações de parcelas da realidade. Hipóteses essas que são sempre mais satisfatórias que as anteriores e menos que as posteriores, visto que estão em contínuo aperfeiçoamento (Ascânio, 2010).

Como uma espécie de metalinguagem, nasce também a epistemologia ou teoria do conhecimento, que nada mais é que o estudo do conhecimento e da ciência. Partindo da consciência da existência de inúmeras teorias sobre os mais diversos fenômenos, na próxima seção deste trabalho, optamos por abordar, especificamente, o fenômeno que é o turismo e a forma como ele é percebido, estudado e organizado por estudiosos da área. Isto é, pretendemos investigar a epistemologia do turismo.

### Produção de conhecimento no campo do turismo

Diante de opiniões divergentes em relação aos avanços e estagnações na produção de conhecimento no campo do turismo, nota-se que o status do turismo enquanto ciência não é um consenso entre os estudiosos. Enquanto alguns apontam uma indisciplina no turismo devido a inconsistência na definição do objeto de estudo (Ascânio, 2010; Tribe, 1997), há quem prefira apostar em uma perspectiva mais otimista, ressaltando o desenvolvimento, relevância e maturidade da produção e articulação teórica no campo turístico (Jafari, 2005).

No livro “Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas”, Panosso Netto e Lohmann apontam que somente na década de 1990 é que a epistemologia do turismo conquista seu espaço nos estudos turísticos, visto que, até então, os estudiosos se interessavam mais por questões práticas como gestão e planejamento (2012). Ou seja, somente ao emancipar-se das perspectivas predominantemente econômicas, o turismo então se constituiu como objeto de investigação nas ciências sociais.

Em artigo publicado em 2007, Panosso Netto explica que o turismo é experiência e que essa experiência não pode ser analisada separadamente do momento histórico: devemos perceber o turista como um sujeito histórico, em constante construção, e não como um ser acabado. Isto é, por meio da experiência – passada, presente e futura – constrói-se o sujeito de estudo do turismo. Portanto, o turismo deve ser percebido e compreendido como



mais que uma prática econômica ou técnica, mas sim como um “fenômeno social complexo, profundo e vasto que afeta globalmente e localmente de forma transversal às sociedades envolvidas direta ou indiretamente” (Bernardo, 2013, p. 7).

Conforme se transformava em uma prática social alargada, o turismo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, finalmente pareceu ter encontrado reconhecimento acadêmico, de forma a figurar como temática em inúmeras conferências e publicações especializadas fundamentadas em abundantes perspectivas (Sampaio, 2013). No entanto, apesar dos avanços ocorridos na década de 1990, em 1997, John Tribe afirmava que os estudos de turismo enfrentavam uma perspectiva confusa consequência da ausência de uma teoria unificadora. O autor apontava, ainda, que o turismo é consciente de sua potencial falta de credibilidade intelectual, de forma que os estudiosos do turismo estavam, então, em busca de definir caminhos para alcançar o peso acadêmico.

Consoante com a opinião de Tribe, em artigo publicado em 2007, Panosso Netto aponta que as informações e investigações encontravam-se, então, desconectadas de forma a impossibilitar um avanço significativo no debate (2011). Segundo Alfredo Ascânio, parte do problema reside na interrupção da análise do objeto de turismo, que segue indefinido (2010).

Angústia semelhante é compartilhada por Nechar e Panosso Netto. Os dois autores defendem que a pergunta “O que é o conhecimento do turismo” ainda não pode ser respondida por tocar em um tema muito vasto que, justamente por sua vastidão, acaba por permanecer indeterminado. Entretanto, os autores defendem, também, que usar a vastidão como justificativa não agrega, de forma que se deve responder a uma questão mais exata e com direção fixa que é “O que é a epistemologia do turismo?” (2010, p. 85 e 86).

A visão de Jafar Jafari (2005), no artigo “El turismo como disciplina científica”, segue um viés mais otimista. O autor aponta que poucas indústrias apresentam um desenvolvimento tão acelerado quanto o do turismo, que se transformou em uma fonte ativa de negócios, em uma mega indústria global e em um setor da economia internacional. Simultaneamente ao desenvolvimento econômico, aconteceu também a criação e desenvolvimento científico da pesquisa em turismo.

De acordo com Jafari (ibid.), o interesse da comunidade acadêmica pela investigação em turismo tem crescido, bem como a regularidade das revistas desta área, o que acaba por garantir um fluxo contínuo e cumulativo de informações e conhecimento atualizados. Além desses dois fatores, Jafari aponta como sinal positivo a força estruturante e estruturada da formação de investigadores especializados em turismo bem como grupos que organizam seminários e simpósios, que colaboram com o estabelecimento do turismo como disciplina.

A fim de sistematizar a produção de conhecimento científico em turismo, Dann e Cohen “reconhecem quatro áreas temáticas na investigação turística: os turistas; as relações entre turistas e locais; a estrutura de funcionamento do sistema turístico; e as consequências do turismo” (2002, p. 301 como citado em Bernardo, 2013, p. 4 e 5). Desta forma, os autores delimitam um enfoque sociológico com uma vertente macro, que estuda a sociedade, e uma vertente micro, com estudos centrados no indivíduo.

A fundação interdisciplinar dos estudos de Turismo é atravessada por temáticas das mais diversas, dentre as quais aparecem: relações entre anfitrião e hóspede, projeto ambiental, economia do turismo, pedagogia do turismo, geografia do turismo, história do turismo, gestão hoteleira, legislação turística, gestão de lazer, marketing de turismo, motivação turística, turismo e peregrinações, sociologia do turismo, turismo rural etc. (Jafari, 2005).

Diante de uma produção tão vasta de conhecimento e de temáticas múltiplas abarcadas no estudo do turismo, neste trabalho, optamos por focar na teoria do turismo sob a ótica dos residentes do destino com o objetivo de identificar novas tendências bem como temas já consolidados neste campo de estudo.

### O conhecimento sobre a teoria de turismo sob a ótica dos residentes

Um tema que vem emergindo na literatura de turismo é como o fenômeno do turismo tem grande potencial para afetar a vida dos residentes da comunidade anfitriã. Nos últimos anos, uma série de estudos enfocou as relações entre os residentes do destino e o turismo (Andereck & Nyaupane, 2011; Croes & Kubickova, 2013; Lee, 2013; Dyer, Gursoy, Sharma & Carter, 2007, entre outros). Os estudos apontam que o turismo pode trazer benefícios tanto para os residentes quanto para aqueles que visitam as comunidades. Os benefícios para o anfitrião podem incluir reciprocidade, orgulho comunitário, tolerância e um senso mais forte de identidade étnica (Aguar-Barbosa & Chim-Miki, 2020).

O turismo também tem o potencial de impactar negativamente o caráter e a cultura de pequenas comunidades, além de causar transtornos aos residentes (Dyer et al., 2007). Fatores sociais e econômicos, como apego à comunidade, tempo de residência em uma área e dependência econômica do turismo podem influenciar as percepções e atitudes dos residentes em relação ao turismo. A dependência econômica do turismo e a proximidade de atrações também podem influenciar as percepções dos residentes. O estudo de Allen, Hafer, Long e Perdue (1993) aponta que há uma relação positiva entre a aceitação da indústria pelos residentes e sua dependência econômica. Ou seja, isso sugere que os residentes envolvidos nesta indústria são mais propensos a incentivar o turismo do que aqueles que não o fazem.

Para sustentar qualquer forma de desenvolvimento do turismo, os residentes devem ser o ponto focal no desenvolvimento (Choi & Sirakaya, 2005). No entanto, os anfitriões, particularmente em países em desenvolvimento, são frequentemente excluídos da tomada de decisões e gerenciamento de projetos. Por essa razão, diversos estudos incentivam que sejam desenvolvidas pesquisas para analisar a relação entre os residentes do destino e o turismo, de forma a verificar quais fatores influenciam positiva e negativamente essa relação (Choi & Murray, 2010; Andereck, Valentine, Knopf & Vogt, 2005; Ap, 1992).

### Procedimentos Metodológicos

A relação entre as teorias do turismo e o residente do destino consiste no eixo central da presente pesquisa, portanto o principal critério de busca dos artigos na plataforma da Web of Science (WoS) para compor o universo de análise era que tivesse, em seu título, as palavras “tourism” and “resident\*”, o uso do asterisco permite aceitar contrações e palavras relacionadas.

Foram considerados válidos os estudos publicados na modalidade de artigo, avaliado pelos pares e nos idiomas português, inglês e espanhol, presentes na coleção principal da Web of Science (WoS-ISI) em todos os anos disponíveis, neste caso, de 1982 a 2020. Resultando em um total de 462 artigos que se enquadram nos critérios selecionados, dentre os quais três estavam indisponíveis, ficando 459 artigos disponíveis para a análise. A busca desses artigos ocorreu no mês de outubro de 2020.

A escolha desse banco de dados justifica-se pela sua interface com o software de análise Vosviewer e por ser um repositório internacional de pesquisa revisada por pares, considerada uma fonte altamente confiável de dados internacionais e amplamente utilizada para análises bibliométricas em várias áreas (Dzikowski, 2018; Rossetto, Bernardes, Borini, & Gattaz, 2018).

A análise de redes sociais internacionais em torno dos estudos de teorias do turismo e residentes utilizou o software Vosviewer v.1.6.1 para gerar mapas de rede com análise de citações. É um método de contar nós e vértices com cálculo fracionário para que o peso de um link seja distribuído pela maneira como contribui para cada referência, citação ou artigo em geral (Eck & Waltman, 2009). É uma técnica bibliométrica que permite determinar a evolução do conhecimento em um determinado assunto e revela as tradições intelectuais de um campo, bem como sua evolução ao longo do tempo, de forma a minimizar a influência do pesquisador na interpretação de análises qualitativas (Oliveira, Kubo, & Oliva, 2018). Portanto, o grau de confiabilidade dos resultados aumenta.

A análise de cocitação é definida como a frequência com a qual dois documentos são citados juntos. Duas unidades são co-citadas se compartilharem citações semelhantes, ou seja, o número de itens citados idênticos define a força de cocitação (Oliveira et al., 2018). Essa análise aplicada às palavras-chave dos artigos indica a centralidade dos termos associados ao campo analisado e mostra possíveis novidades e novas fronteiras nos estudos. Ao aplicar a coautoria, os autores mais influentes e conectados são indicados por meio de citações, ou seja, as redes de pesquisadores sobre o assunto.



O segundo cluster (verde) é formado por 10 palavras: benefits, community participation, conservation, ecotourism, local residents, participation, quality of life, residential tourism, Sustainability, sustainable tourism. Este grupo de estudos dedica-se aos estudos relacionados à perspectiva do residente, qualidade de vida, sustentabilidade dos destinos turísticos, inovação dos serviços das capacidades para reduzir o impacto da atividade turística, bem como novos insights e sistemas de turismo que considerem a variável sustentabilidade. São destaques deste cluster os trabalhos de Andereck e Nyaupane (2011), Croes e Kubickova (2013), Kubickova, Croes e Rivera (2017), Kim, Uysal e Sirgy (2013), Lee (2013).

O terceiro cluster (azul) é composto por 9 palavras: community, host perceptions, impacts, model, residents attitudes, rural tourism, Sunshine coast, support, tourism impact. Este grupo de estudos dedica-se a definir frameworks e modelos relacionados ao turismo rural, tendo como principal expoente o trabalho de Perdue, Long e Allen (1990), no qual é testado um modelo das relações entre as percepções dos residentes rurais sobre os impactos do turismo e questões relacionadas ao seu desenvolvimento, restrições e taxas especiais de turismo. Outros estudos também se debruçaram sobre o tema de turismo rural e percepção dos residentes como os trabalhos de Allen et al., (1993), Perdue, Long e Allen (1987), Dyer et al., (2007), Wang e Pfister (2008), Látková e Vogt (2012).

O quarto cluster (amarelo) é composto por 8 palavras: cycle, issues, management, perceived impacts, residents attitudes, social impacts, tourism development, tourism impacts. Esse cluster relaciona-se com os estudos da base econômica do turismo, enfatizando o desenvolvimento do turismo e a percepção dos residentes. Essa perspectiva é amplamente conhecida na literatura, dada a predominância de estudos econômicos relacionados ao turismo que antecederam a epistemologia do turismo enquanto objeto de investigação das ciências sociais (Lohmann & Panosso Netto, 2012).

Dessa forma, os estudos analisam como o setor turístico passa pelo desafio de ganhar suporte da população local em relação aos projetos e iniciativas turísticas. Harrill (2004) apresenta as atitudes dos residentes em relação ao turismo por meio de fatores socioeconômicos, espaciais, dependência econômica, tipologias de comunidades e fatores de desenvolvimento turístico. São trabalhos que seguem a mesma perspectiva econômica: Teye, Sirakaya e Sönmez (2002), Belisle e Hoy (1980), Liu, Sheldon e Var (1987), Prentice (1993), (Tosun, 2002).

O quinto cluster (roxo) é composto por 5 palavras: emotional solidarity, power, residents' perceptions, social Exchange theory e social-exchange. Este grupo de estudos dedica-se aos estudos relacionados à utilização do modelo de processo de troca social como base teórica para a compreensão de por quais motivos os residentes percebem os impactos do turismo positiva ou negativamente. Esse grupo de autores tem como expoente o trabalho de John Ap intitulado "Residents' perceptions on tourism impacts" (Ap, 1992). Em seu artigo, Ap (1992) ressalta que o paradigma da teoria das trocas sociais oferece um framework teórico que permite analisar tanto os impactos positivos quanto os negativos do turismo pela percepção da comunidade receptora.

Corroborando com essa perspectiva, Andereck et al. (2005) analisaram as percepções dos residentes sobre o impacto do turismo nas comunidades utilizando a teoria das trocas sociais. Uma importante revelação deste estudo é a de que os residentes que sentem que

o turismo é importante para o desenvolvimento econômico são aqueles que, de alguma forma, se beneficiam dele e estão bem-informados sobre os impactos positivos, mas não diferem dos outros no que diz respeito às percepções das consequências negativas do turismo. De maneira semelhante, outros estudos dedicaram-se à teoria do turismo a partir da percepção do residente utilizando a teoria das trocas sociais como, por exemplo: Jurowski e Gursoy (2004), Choi e Murray (2010).

Com exceção do quarto cluster (amarelo), os demais clusters analisam o turismo e o residente tendo como referencial teórico a epistemologia do turismo. Assim como o turismo é experiência e não deve ser analisado separadamente do momento histórico (Lohmann & Panosso Netto, 2012), os estudos analisados na bibliometria sugerem que os residentes também devem ser percebidos e estudados como sujeito histórico e em constante construção.

## Considerações Finais

Uma vez que mantém relações com vários fenômenos e que apesar de possuir perspectivas próprias para oferecer, o turismo utiliza teorias e métodos de outras disciplinas, este campo é chamado a assumir um papel verdadeiramente interdisciplinar no meio acadêmico (Jafari, 2005). Além disso, a fim de construir uma epistemologia do turismo, indica-se a união dos pesquisadores, visto que, para alcançar este objetivo, seria “necessário o esforço de inúmeros estudiosos articulados em grupos, devido à profundidade e complexidade dos problemas que podem ser enfrentados” (Panosso Netto, 2007, p. 398).

O estudo específico sobre turismo e suas relações com a comunidade anfitriã têm recebido atenção por parte dos pesquisadores e inclui novas perspectivas de análise. O presente trabalho propõe-se a entender como está se formando o campo de estudo que relaciona a teoria em turismo e os residentes do destino. Para tanto, este artigo é resultante de uma análise das redes bibliométricas da pesquisa sobre turismo e residentes.

Os resultados apresentaram cinco clusters na análise, com centralidades distintas entre si, formando cinco correntes de estudo para turismo e residentes: atitudes (cluster 1), sustentabilidade (cluster 2), turismo rural (cluster 3), estudos econômicos (cluster 4) e a de teoria da troca-social (cluster 5). Esta análise contribui para direcionar os novos estudos nessa área, bem como para inserir e consolidar a análise da relação entre os residentes e a teoria do turismo.

Por fim, destaca-se que foram estabelecidos protocolos de qualidade de pesquisa e confiabilidade dos resultados para evitar erros de interpretação. O presente artigo teve como principal limitação ter se baseado em uma única base de dados (Web of Science), que, apesar de ser reconhecida por sua importância e número de artigos, também é excludente, na medida em que muitas revistas de qualidade ainda não estão em seu catálogo. Desta forma, sugere-se realizar pesquisas futuras utilizando maior número de bases de dados, bem como ampliar o acesso a fontes que não estejam nas bases de dados tradicionais, como livros e reportagens. Além disso, ressalta-se a importância de se verificar empiricamente a percepção do residente sobre a teoria e a prática do turismo, sendo recomendado o desenvolvimento de estudos futuros neste sentido.

## REFERÊNCIAS

- Aguar-Barbosa, A. de P., & Chim-Miki, A. F. (2020). El surgimiento de la perspectiva de la competitividad turística social: Mapeo y clusterización de Redes Bibliométricas. *Estudios y Perspectivas En Turismo*, 29(2), 390–405.
- Allen, L. R., Hafer, H. R., Long, P. T., & Perdue, R. R. (1993). Rural residents' attitudes toward recreation and tourism development. *Journal of Travel Research*, 31(4), 27–33.
- Andereck, K. L., & Nyaupane, G. P. (2011). Exploring the Nature of Tourism and Quality of Life Perceptions among Residents. *Journal of Travel Research*, 50(3), 248–260. <https://doi.org/10.1177/0047287510362918>
- Andereck, K. L., Valentine, K. M., Knopf, R. C., & Vogt, C. A. (2005). Residents' perceptions of community tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, 32(4), 1056–1076. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2005.03.001>
- Ap, J. (1992). Residents' perceptions on tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, 19(4), 665–690. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(92\)90060-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90060-3)
- Balashov, Y., & Rosenberg, A. (2002). *Philosophy of science: contemporary readings*. Psychology Press.
- Belisle, F. J., & Hoy, D. R. (1980). The perceived impact of tourism by residents a case study in Santa Marta, Colombia. *Annals of Tourism Research*, 7(1), 83–101.
- Bernardo, E. (2013). *Abordagens teóricas ao turismo*. CIES E-Working Paper N° 172/2013, (ISSN 1647).
- Besculides, A., Lee, M. E., & McCormick, P. J. (2002). Residents' perceptions of the cultural benefits of tourism. *Annals of Tourism Research*, 29(2), 303–319. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(01\)00066-4](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(01)00066-4)
- Choi, H. C., & Murray, I. (2010). Resident attitudes toward sustainable community tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 18(4), 575–594.
- Croes, R., & Kubickova, M. (2013). From potential to ability to compete: Towards a performance-based tourism competitiveness index. *Journal of Destination Marketing & Management*, 2(3), 146–154. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2013.07.002>
- Dyer, P., Gursoy, D., Sharma, B., & Carter, J. (2007). Structural modeling of resident perceptions of tourism and associated development on the Sunshine Coast, Australia. *Tourism Management*, 28(2), 409–422. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2006.04.002>
- Dzikowski, P. (2018). A bibliometric analysis of born global firms. *Journal of Business Research*, 85, 281–294. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.12.054>
- Eck, N. J. van, & Waltman, L. (2009). How to normalize co-occurrence data? An analysis of some well-known similarity measures. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60(8), 1635–1651.
- Harrill, R. (2004). Residents' Attitudes toward Tourism Development: a Literature Review with Implications for Tourism Planning. *Journal of Planning Literature*, 18(3), 251–266. <https://doi.org/10.1177/0885412203260306>
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, 42 (1), 39–56.
- Jurowski, C., & Gursoy, D. (2004). Distance Effects on residents' attitudes toward tourism. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 296–312. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2003.12.005>
- Kim, K., Uysal, M., & Sirgy, M. J. (2013). How does tourism in a community impact the quality of life of community residents? *Tourism Management*, 36, 527–540. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2012.09.005>
- Ko, D.-W., & Stewart, W. P. (2002). A structural equation model of residents' attitudes for tourism development. *Tourism Management*, 23(5), 521–530. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(02\)00006-7](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(02)00006-7)
- Kubickova, M., Croes, R., & Rivera, M. (2017). Human agency shaping tourism competitiveness and quality of life in developing economies. *Tourism Management Perspectives*, 22, 120–131. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2017.03.002>
- Látková, P., & Vogt, C. A. (2012). Residents' Attitudes toward Existing and Future Tourism Development in Rural Communities. *Journal of Travel Research*, 51(1), 50–67. <https://doi.org/10.1177/0047287510394193>
- Lee, T. H. (2013). Influence analysis of community resident support for sustainable tourism development. *Tourism Management*, 34, 37–46.
- Liu, J. C., Sheldon, P. J., & Var, T. (1987). Resident perception of the environmental impacts of tourism. *Annals of Tourism Research*, 14(1), 17–37. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(87\)90045-4](https://doi.org/10.1016/0160-7383(87)90045-4)
- Liu, J. C., & Var, T. (1986). Resident attitudes toward tourism impacts in Hawaii. *Annals of Tourism Research*, 13(2), 193–214. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(86\)90037-X](https://doi.org/10.1016/0160-7383(86)90037-X)
- Lohmann, G., & Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph
- Michaelis, D. (2020). *Dicionário Michaelis*. Editora Melhoramentos. Retrieved from <https://michaelis.uol.br>
- Nechar, M. C., & Panosso Netto, A. (2010). Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del turismo. *Epistemología Del Turismo: Estudios Críticos*. México: Editorial Trilhas, 15–40.

- Panosso Netto, A. (2007). Filosofía del turismo: una propuesta epistemológica. *Estudios y Perspectivas En Turismo*, 16(4), 389-402.
- Nunkoo, R., & Gursoy, D. (2012). Residents' support for tourism: An identity perspective. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 243-268.
- Oliveira, K. D. S., Kubo, E. K. M., & Oliva, E. C. (2018). Enfoque Meta-analítico da Liderança: Uma revisão sistemática. USP (Ed.), XXI SEMEAD-Seminários Em Administração, São Paulo, 1-17.
- Perdue, R. R., Long, P. T., & Allen, L. (1987). Rural resident tourism perceptions and attitudes. *Annals of Tourism Research*, 14(3), 420-429. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(87\)90112-5](https://doi.org/10.1016/0160-7383(87)90112-5)
- Perdue, R. R., Long, P. T., & Allen, L. (1990). Resident support for tourism development. *Annals of Tourism Research*, 17(4), 586-599. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(90\)90029-Q](https://doi.org/10.1016/0160-7383(90)90029-Q)
- Prentice, R. (1993). Community-driven tourism planning and residents' preferences. *Tourism Management*, 14(3), 218-227.
- Rossetto, D. E., Bernardes, R. C., Borini, F. M., & Gattaz, C. C. (2018). Structure and evolution of innovation research in the last 60 years: review and future trends in the field of business through the citations and co-citations analysis. *Scientometrics*, 115(3), 1329-1363.
- Ryan, C., Scotland, A., & Montgomery, D. (1998). Resident attitudes to tourism development—a comparative study between the Rangitikei, New Zealand and Bakewell, United Kingdom. *Progress in Tourism and Hospitality Research*, 4(2), 115-130.
- Sampaio, S. (2013). Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo. *Etnográfica*. *Revista Do Centro Em Rede de Investigação Em Antropologia*, 17(1), 167-182.
- Teye, V., Sirakaya, E., & F. Sönmez, S. (2002). Residents' attitudes toward tourism development. *Annals of Tourism Research*, 29(3), 668-688. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(01\)00074-3](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(01)00074-3)
- Tosun, C. (2002). Host perceptions of impacts: A comparative tourism study. *Annals of Tourism Research*, 29(1), 231-253.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657.
- Wang, Y., & Pfister, R. E. (2008). Residents' attitudes toward tourism and perceived personal benefits in a rural community. *Journal of Travel Research*, 47(1), 84-93.
- Williams, J., & Lawson, R. (2001). Community issues and resident opinions of tourism. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 269-290. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(00\)00030-X](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(00)00030-X)



# PARTE III

## Educação



# 10 Educação em turismo e o seu papel na construção de uma teoria do turismo

Fabio Gonçalves Pais Fornari<sup>30</sup>

## Introdução

Este artigo parte da discussão de um tema fundamental para o turismo, inspirado por uma pergunta central: existe uma teoria do turismo? Se colocada a outras áreas, talvez tal pergunta encontre respostas contundentes, especialmente àquelas que já possuem seus campos de pesquisa bem delimitados. Porém, no caso dos estudos turísticos, há um debate em aberto acerca das suas características como campo de pesquisa, das suas bases epistemológicas e da construção de conhecimento científico como resultado das tentativas de compreender e estudar esse fenômeno. Conforme destacado por Panosso Netto, Noguero e Jäger (2011),

para a compreensão do complexo fenômeno turístico, ou ao menos a tentativa de sua compreensão, análises positivistas, sistêmicas, fenomenológicas, marxistas, hermenêuticas, anarquistas, entre outras, têm sido construídas. Conceitos filosóficos, sociais e antropológicos, tais como, fenomenologia, pós-modernidade, hipermodernidade, mobilidade, são revisados e atualizados, gerando uma profusão de novos conhecimentos e novas abordagens teóricas, e que podem confundir até o mais experiente pesquisador (p. 541)

Impulsionado por novas configurações geopolíticas no sistema internacional, o turismo como atividade econômica e campo de estudos passa a ganhar maior notoriedade no período pós Segunda Guerra Mundial. É fundamental, entretanto, destacar que é possível identificar estudos sobre o tema ao menos desde 1784 e que há uma escola “clássica” dos estudos turísticos que data do início do século XX até o final da década de 1930. Panosso Netto e Nechar (2014) citam alguns desses trabalhos, apontando obras de Guyer-Freuler (1874), Damm-Etienne (1910), Schullern zu Schratzenhofen (1911), Stradner (1917), Mariotti (1923), Morgenroth (1927), Grünthal (1934), Glücksman (1935) e Poser (1939) e afirmam que há um esquecimento dos clássicos do turismo e, por consequência, uma falta de visão histórica da construção de conhecimento na área.

Entretanto, como destacado por Airey (2008), identifica-se que, a partir da década de 1960 – em decorrência de diversas mudanças no setor, na educação superior e na sociedade em geral –, o turismo emergiu como uma evidente área de estudo autônomo, bem como uma matéria associada à diplomacia, graduação e pesquisa. A partir desse período, começam a surgir pelo mundo programas de educação em turismo com o objetivo de formar profissionais para esse mercado.

30 Mestrando em Turismo. Programa de Pós-graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: fabio.fornari@usp.br

O desenvolvimento da educação em turismo pode ser resumido em três fases: a primeira focada em cursos vocacionais; a segunda marcada por cursos de turismo com enfoque em disciplinas de administração; e a terceira com o início do desenvolvimento de estudos do turismo por meio de disciplinas consolidadas como a Sociologia e a Geografia (Sogayar; Rejowski, 2011).

No decorrer do seu desenvolvimento, a educação para o turismo passou por adaptações de estrutura e estratégia diante de mudanças da sociedade e do setor. Este tema começa a ganhar maior notoriedade a partir da criação de publicações dedicadas exclusivamente às pesquisas focadas em educação em turismo, destacando-se importantes análises e contribuições tanto do ponto de vista da construção de conhecimento em turismo quanto do desenho ideal do currículo. Dessa forma, tanto o tema da construção de uma teoria do turismo quanto o da educação para o turismo são essenciais para o desenvolvimento da área como objeto de investigação. Em busca de uma reflexão sobre o tema, as próximas seções trarão um breve histórico das análises epistemológicas dos debates curriculares da educação superior em turismo.

### Epistemologia do Turismo: Breve Histórico

A epistemologia é, de forma resumida, a reflexão e o estudo sobre o conhecimento. Trata-se de um campo fundamental para o avanço de uma área científica, pois é a partir do pensar, questionar e debater a forma de produção de conhecimento que questões profundas sobre a validade do que se produz em termos de estudos e pesquisas são levantadas e analisadas. Lohmann e Panosso Netto (2012) apontam que a epistemologia lança perguntas como “o que se pode conhecer em turismo? Como é produzido o conhecimento em turismo? Pode o conhecimento em turismo ser verdadeiro?” entre outras questões importantes para a reflexão sobre a produção de conhecimento pelos estudos turísticos.

No caso do turismo, aplicação da epistemologia “é de extrema importância, uma vez que ela pode auxiliar na explicação do fenômeno turístico e, ao mesmo tempo, fornecer bases científicas seguras para os pesquisadores de turismo” (Panosso Netto & Trigo, 2009 p. 156). Para Tribe (1997), a epistemologia aplicada ao turismo é importante para legitimar e dar qualidades científicas aos estudos turísticos, ainda relativamente novos, e permitir que se delineie os limites dos objetos de estudo do turismo, ou seja, é por meio dela que se responderia à questão “até onde vai o campo de estudos do turismo”.

Embora essencial, o tema da epistemologia é pouco valorizado nas pesquisas em turismo, talvez pelo seu caráter mais filosófico e pela aparente distância das questões práticas da atividade turística. Porém, seja numa perspectiva Kuhniana ou Popperiana, o pensar acerca da forma como se produz conhecimento em turismo é de extrema importância para guiar não somente o estudo e a compreensão dessa atividade, mas também atuar na prática de um turismo em direção a relações mais justas, sustentáveis e éticas. Nesse sentido, Panosso Netto e Nechar (2014) destacam que praticar a epistemologia é buscar a reflexão crítica que tem por fim revelar e descobrir um mundo no qual a desigualdade, os problemas humanos e do meio ambiente, por exemplo, são parte de uma ordem funcional e estrutural que incide no turismo e também em seu conhecimento produzido. Além disso, a epistemologia é importante para que se possa explicar como se pensa o turismo e assim se faça a defi-

nição entre o falso e o verdadeiro, entre a verdade e o erro, ainda que esta discussão seja de todas as maneiras elevada e complexa. (p.121)

Portanto, é no campo da epistemologia que se encontra o debate sobre se o turismo é ou não uma ciência e se há (ou não) uma teoria do turismo. A resposta para essa questão variará, é claro, de acordo com a corrente de pensamento que debaterá o tema. De acordo com Lohmann e Panosso Netto (2012), há pelo menos três correntes que trazem diferentes visões sobre essa questão: a primeira afirma que o turismo não é uma ciência, porém está caminhando para se tornar uma; a segunda diz que o turismo não é e jamais se tornará uma ciência e a última defende que o turismo é uma ciência, pois já possui corpo teórico para se configurar como tal.

Seja como for, o turismo desenvolveu-se (e segue a se desenvolver) como um campo fértil de estudos a partir de diferentes escolas, que buscam entender esse fenômeno e suas implicações a partir de linhas teóricas do positivismo, da fenomenologia, do marxismo, do racionalismo, da hermenêutica, da teoria crítica, entre outras. Cada abordagem buscou/ busca avançar a fronteira do conhecimento do turismo sob sua perspectiva, seus aportes teóricos e suas metodologias e trouxe contribuições para construir o corpo vigente de conhecimento acerca do turismo.

Contudo, a falta de debates mais profundos e o esquecimento histórico em relação ao conhecimento construído por autores clássicos são pontos que acabam por enfraquecer os pilares de uma possível teoria do turismo. Panosso Netto et. al. (2011) alertam sobre pesquisadores desavisados, que acreditam que a discussão sobre o estudo do turismo ser ou não uma teoria teria se iniciado a partir das contribuições de Neil Leiper e John Tribe, embora Glücksmann já trabalhasse essa questão em seus estudos na década de 1930. Essa problemática reflete, também, outro importante ponto de atenção a ser enfrentado no avanço do turismo como ciência: o rompimento da hegemonia dos estudos a partir da língua anglo-saxã. Isso porque um dos possíveis motivos para que estudos clássicos do turismo tenham caído em esquecimento seja o fato de não terem sido escritos em inglês.

De toda forma, apesar dos desafios e problemas citados, é possível identificar que o turismo como objeto de estudo vem de um processo de tentativas de construção de teorias e paradigmas. Ao longo do desenvolvimento dos seus estudos sobre Filosofia do Turismo, Panosso Netto (2011) a princípio identifica três fases básicas na teoria do turismo, sendo elas fase pré-paradigmática; fase paradigma sistema de turismo; e fase de novas abordagens. Contudo, após desenvolver novos estudos sobre o tema, o autor chegou a novas conclusões e identificou que o turismo pode ser dividido em dois paradigmas: positivista e pós-positivista. Como destaca o autor:

a nova proposta aponta que o paradigma nas teorias do turismo é o positivista, e é ele o “divisor de águas” dos estudos. Após ele, tem-se a fase pós-positivista (também identificada como novas abordagens), da qual fazem parte os estudos dialéticos, fenomenológicos, sistêmicos, hermenêuticos, estruturalistas e marxistas, dentre outros. (Panosso Netto, 2011, p. 29).

Pela perspectiva do paradigma positivista, que tem como base os postulados do filósofo francês Auguste Comte, a análise do turismo foca em questões como impactos econô-

micos da atividade, ou seja, tende a priorizar questões estatísticas e a caracterizar o turismo somente pelo seu caráter economicista. Há, assim, pouco espaço para discussão de problemas acarretados pelo turismo e a inclusão de debates fundamentais para a atividade, como sustentabilidade, crise climática, questões de gênero e as próprias contradições trazidas pela lógica de crescimento eterno do turismo.

Embora haja uma crescente abertura no turismo para pesquisas pós-positivistas, muitos estudos ainda seguem centrados no paradigma positivista, que se reflete na visão economicista de geração de empregos e renda, bem como colocando o turismo como um dos principais setores capazes de gerar redução de desigualdades e desenvolvimento sustentável ao mesmo tempo em que pouco debate suas contradições, inclusive em relação à própria qualidade dos empregos no setor e os problemas causados no meio-ambiente. Essa visão é refletida, por exemplo, pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e tende a representar os interesses por parte dos negócios turísticos, prejudicando o avanço de análises mais profundas e menos funcionalistas do turismo.

Em outras áreas do conhecimento, é possível identificar importantes mudanças de paradigmas e amplos debates sobre metodologias e construção de conhecimento, com linhas teóricas que buscam melhor delimitar o escopo daquele campo. No turismo, porém, é comum se deparar com sobreposição de modelos, trabalhos que se propõem como inéditos, porém discutem temas já estudados e poucos debates que promovem avanço do campo. Talvez um dos mais amplos debates tenha se configurado entre Neil Leiper e John Tribe, publicados na revista *Annals of Tourism Research* nos anos 2000. Ou seja, não houve maiores debates por pelo menos duas décadas.

Panosso Netto, em seu livro “Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia” (2011), propõe uma linha temática para o estudo do turismo denominada teorografia, que traria a “análise dos escritos acerca do movimento – o deslocamento humano – sobre o turismo”. Analisando o distanciamento entre o turismo e a filosofia, o autor sugere o método fenomenológico como forma de estudar o turismo e dar enfoque ao que seria o objeto do turismo, o turista. Dessa forma, seria possível aprender mais profundamente sobre como os fenômenos turísticos se manifestam, a partir das relações que se dão quando pessoas estão em ação turística. Além disso, Panosso Netto et al. (2011) defendem a teoria crítica como caminho para romper com vontades de grupos proprietários do conhecimento turístico e, assim, avançar no conhecimento dos estudos turísticos baseados nos alicerces da Filosofia e Epistemologia.

Neste sentido, o desenvolvimento de estudos críticos é valor fundamental para recolocar o turismo e o próprio ser humano no centro do debate, no intuito de reconduzir esse campo intelectual para uma perspectiva mais humana, solidária, sustentável, inclusiva dos grupos minoritários (indígenas, seringueiros e ciganos, por exemplo) ou que seja igualitário entre os gêneros. (Panosso Netto, Noguero & Jäger, 2011 p. 553)

As discussões trazidas até então procuraram mostrar as principais discussões acerca da epistemologia e a possível construção de uma teoria do turismo. Nota-se a clara necessidade de distanciamento de análises positivistas da valorização do esforço de reflexões sobre a construção de conhecimento em turismo e a adoção da teoria crítica como um cami-

nho de rompimento de discursos hegemônicos e absorção de olhares diversos. Dessa forma, é possível questionar qual seria o caminho para que essa abordagem seja de fato adotada. A educação superior em turismo, outro tema fundamental, e a sua organização curricular pode ser uma das respostas para isso.

## Debates Curriculares da Educação Superior em Turismo

Conforme destacado por Tribe (2008), a educação em turismo apresenta importância cada vez maior e atrai um corpo de pesquisa crescente. Um importante momento na trajetória de estudos sobre o tema acontece em 1981, quando a conceituada revista *Annals of Tourism Research* realiza uma edição especial com o tema “Educação em Turismo” (Sogayar; Rejowski, 2011). Nesta edição, Jafari e Ritchie contribuíram para o avanço do tema com análises sobre o que é Turismo, questões relevantes sobre o conhecimento associado a área e apresentaram uma proposta de modelo interdisciplinar para construção de um corpo de conhecimento em Turismo (Tribe, 2008).

Airey (2008), um dos autores que se dedicam à pesquisa da educação em turismo, faz uma análise das origens do turismo como matéria de estudo e seu desenvolvimento ao longo das últimas décadas. Traçando um panorama das principais fases de desenvolvimento do turismo como campo de estudos, o autor destaca as transformações da base de conhecimento da área, sendo os conhecimentos extradisciplinares – que vinham a partir da indústria e governos; multidisciplinares – que se delineava a partir de diferentes disciplinas – e, por fim, interdisciplinares – pela qual os pesquisadores buscam em mais de uma disciplina explicações sobre fenômenos específicos do turismo. O autor destaca, também, a expansão do currículo dos cursos de turismo, em especial a partir dos anos 1990. Isso porque, até esse período, a educação superior em turismo possuía um caráter bastante voltado à profissionalização, mas começa a adaptar-se frente às questões suscitadas pelo contínuo crescimento da atividade em âmbito global.

A confluência de novos olhares, vindos de áreas como Antropologia, Sociologia, Economia e Política, gera debates sobre o currículo do turismo em um período de mudanças na geopolítica, alteração demográfica e inovações tecnológicas (Sogayar; Rejowski, 2011). Nesse sentido, passa-se a identificar a necessidade de balancear o currículo para formar profissionais não apenas para atender às demandas do setor, mas também com pensamento crítico e analítico. Para isso, Boluk e Carnicelli (2019) defendem o uso da pedagogia crítica baseada nas propostas de Paulo Freire, principalmente em *Pedagogia do Oprimido*, visando a construção de currículos e desenvolvimento de uma formação em Turismo emancipadora, que “respeite as experiências que os alunos trazem para sala de aula e utilize desse conhecimento para construir trajetórias de ensino; ensine a partir da colocação de problemas reais; ensine dialogicamente; e enfatize a reflexão e ação” (Boluk; Carnicelli, 2019, p.169). Tal visão crítica e analítica faz-se ainda mais necessária diante da crescente necessidade de práticas sustentáveis no turismo, que poderão ser alcançadas a partir do momento em que a formação levar ao desenvolvimento de *Critical Tourism Citizens* (ou cidadãos críticos do turismo), já que problemas não podem ser resolvidos sem o uso de lentes críticas que reconheçam influências de poder, pobreza, desigualdade e ideologia no Turismo (Boluk; Cavalieri; Duffy, 2019).

Essas lentes críticas fazem-se ainda mais necessárias diante do que Panosso Netto et al. (2011) e Santos (2004) consideram que existe: a crise do conhecimento em geral. A universidade, a filosofia, os valores culturais, humanos, morais e éticos e os valores históricos estão em crise e isso impacta todas as áreas de conhecimento, inclusive o turismo. Dessa forma, a universidade tem papel essencial na solução dos problemas causados por essas crises, pois por ser o lugar do pensamento crítico, também deveria ser o lugar da criatividade; o lugar da imaginação, do entusiasmo; o lugar da liberdade de ação, da atuação, da reflexão; o lugar do intelectual; o lugar em que há espaço para a transgressão; o lugar do diferente, do novo, do excepcional, do maravilhoso, do admirável; o lugar que olhando para fora de si, pode oferecer uma resposta à sociedade e aos seus problemas (Panosso Netto, Noguero & Jäger, 2011, p. 553).

Tais propostas, porém, esbarram no papel da universidade segundo a lógica neoliberal e nas formas de avaliação e atribuição de qualidade aos cursos. Métricas cada vez mais quantitativas são aplicadas à avaliação de cursos, ligadas principalmente a três categorias: aprendizagem e ensino, pesquisa e impacto (Airey, Tribe & Beckendorff, 2015). Além disso, as universidades perderam cada vez mais aporte financeiro público e passaram a depender de recursos vindos dos próprios alunos ou de atores privados para o desenvolvimento de pesquisas, o que contribui para uma visão mercantilista dos cursos, ou aquilo que Airey et al. (2015) chamam de *managerial gaze* (olhar gerencial). Por um lado, os recursos das universidades serão alocados naqueles cursos que possuem resultados positivos dentro de tais métricas de qualidade, que muitas vezes são subjetivos e contestáveis, e por outro os alunos buscarão os cursos mais capazes de retornar seu investimento. Panosso Netto et al. (2011), ao debaterem a crise na universidade, destacam que há uma crise de hegemonia, de legitimidade e institucional. Tais problemas decorrem de uma crise maior, derivada de problemas políticos e econômicos, e a crescente desvalorização do sistema de ensino público por parte do Estado.

Uma proposta curricular capaz de lidar com tais desafios é a *Integrated Curriculum Design* (ICD) ou “Desenho Curricular Integrado”, que pode ser entendida como um conceito abrangente para uma série de estratégias de aprendizagem que se estendem por fronteiras disciplinares, institucionais e de turmas (Miller, Boluk & Johnson, 2019). Inclui a prática de facilitar oportunidades de experimentação para estudantes, de uma forma coordenada e interdisciplinar que envolva diferentes cursos, professores e a comunidade local, além de abranger métodos mais colaborativos e orgânicos de ensino, baseados nas necessidades dos estudantes e das comunidades nas quais os processos de ensino acontecem. Ao aplicar esse formato de currículo em uma universidade no Canadá, Miller et al. (2019) chegaram a interessantes resultados em termos de engajamento de alunos, professores e da comunidade local, uma vez que foram trabalhados conceitos interdisciplinares e casos reais. Essa forma de ensino está alinhada com os postulados sugeridos por Panosso Netto et al. (2011) sobre o papel da universidade no ensino do turismo:

Deve-se, ali, formar alunos que tenham senso crítico, criatividade, capacidade de trabalho em grupo, ética e possibilidade de inovação. Seria o espaço da *Serendipity*. A universidade operacional, que treina e adentra, deve ser rejeitada. É fato que grande parte dos conhecimentos acadêmicos, adquiridos na universidade, não será mais válida quando dela o estudante sair. Daí é que está a importância da visão crítica e não somente da formação técnica. Por certo, a formação técnica também é fundamental, necessária e bem-vinda, mas em outro ambiente de ensino, não na universidade. (p. 553)

É possível, então, identificar, nas análises e pesquisas sobre educação e currículos em turismo, a dicotomia entre dois campos que, em termos curriculares, são representados, de um lado, por cursos relacionados aos aspectos profissionais do turismo e, de outro, por cursos que trazem o estudo do turismo em um campo mais ligado à cultura geral. Nesse sentido, Tribe (2008) sugere que o fenômeno turístico pode ser dividido entre o “negócio do turismo” e os “aspectos não empresariais”, o que abre a possibilidade de um currículo que tenha uma visão da atividade turística a ser estudada por meio do conhecimento empresarial, ao mesmo tempo que trabalha a visão do turismo como atividade irrestrita com possibilidades diversas de abordagens de conhecimento, dando origem a currículos para fins de educação em cultura geral. Tendo em vista que há um embate epistemológico entre defensores de um olhar mais crítico ao currículo e aqueles que defendem a formação mais ligada à indústria do turismo, a proposta de Tribe parece indicar uma espécie de “terceira via”, que poderia abrigar, de forma interdisciplinar, aspectos das diferentes propostas discutidas até aqui. Além disso, Tribe (2001), em seu artigo *Research Paradigms and Tourism Curriculum*, apresenta três paradigmas metodológicos para a definição de currículos em turismo: o científico-positivista, o interpretativo e o crítico.

Tais indagações abrem diversas possibilidades de aprofundamento e, também, de discussão sobre as propostas de formação superior em turismo, levando em consideração tanto o cenário nacional como também o enfrentamento de mudanças globais e da educação superior (Sogayar; Rejowski, 2011). Conforme destacado por Panosso Netto e Nechar (2014), “o objetivo dos acadêmicos de turismo não é somente dar respostas ao funcionamento do turismo ou formular visões novas para estudar o turismo. O objetivo deve ser promover a transformação de sua realidade, conhecimento e prática”.

A discussão sobre educação superior em turismo abre caminho para pensar em seu papel na construção do conhecimento em turismo. A defesa por uma pedagogia mais crítica vai ao encontro da utilização da teoria crítica para o estudo do turismo, e, assim, entende-se que o estudo sobre e o estudo do/para o turismo podem se complementar em olhares pós-positivistas e críticos. Panosso Netto e Nechar (2014) resumem bem essa visão, afirmando que a universidade deve ser o espaço por excelência do desenvolvimento da crítica. Os programas de ensino ali devem ter enfoque interdisciplinar e promover o pensamento crítico em seus alunos.

Os problemas devem ser abordados sobre vários enfoques e possibilidades para elevar a capacidade reflexiva e a produção de conhecimentos dos alunos. A observação, a análise, a síntese podem proporcionar a crítica transformadora. (p. 137)

## O Papel do Docente na Implementação do Currículo

Apesar de peça vital no processo educacional, o papel do docente na implementação do currículo e, por sua vez, na construção de conhecimento em turismo é um elemento pouco discutido nas pesquisas sobre o tema da educação em turismo. Ao ser colocado em prática, o currículo passa por critérios subjetivos. Como exemplo, Sogayar e Rejowski (2011) questionam o foco do currículo no mercado turístico, ressaltando as visões não sistêmicas e novas abordagens, como o modelo de criação de conhecimento a partir das vertentes de “negócios turísticos” e “negócios não turísticos” discutido por Tribe.



Conforme destaca Tribe (2001), o currículo é socialmente construído, ou seja, é produto do pensamento e da negociação humana. A ambivalência de olhares sobre o enfoque que a educação do turismo deve dar pode indicar uma preocupação por parte dos docentes em turismo em estabelecer um currículo que prepare alunos para atuar no turismo, mas, também, pensar o turismo. Dessa forma, é possível identificar sinergias entre tais preocupações e a proposta curricular de Tribe (2002) para formação de philosophic practitioners (praticantes filosóficos) para o turismo. No embate de visões entre currículos mais tecnicistas, focados nos negócios turísticos e inócuos no que tange o olhar crítico para a atividade, e outros mais “academicistas”, ligados ao pensar o turismo, mas “distantes” da realidade do mundo do trabalho, Tribe apresenta uma proposta na qual os praticantes filosóficos teriam como objetivo tanto atuar no mercado de turismo de forma eficiente, como também construir um turismo melhor e, assim, aprender como trabalhar no e para o Turismo (Tribe, 2002). Dessa forma,

o currículo do praticante filosófico é projetado para satisfazer o mercado de trabalho, as necessidades dos consumidores e promover o bem-estar econômico. Também é projetado para criar uma força de trabalho reflexiva para aprofundar o debate sobre o destino do mundo do Turismo e uma força de trabalho ativa para criar uma sociedade de Turismo que tenha sido profundamente pensada (Tribe, 2002 p. 17. Tradução do autor)

O tema da educação do turismo e o papel de docentes nesse processo é complexo e merece atenção ao se pensar em construção de conhecimento em turismo. Embora o conhecimento em turismo seja construído, de forma geral, por pesquisas científicas e, portanto, boa parte do foco nas mudanças desejadas para a área deva estar nesse âmbito, é fundamental (re)pensar os caminhos da educação rumo a pesquisadores e profissionais em turismo capazes de analisarem a realidade com lentes críticas e atuarem de forma a mudá-la. Somente assim será possível desafiar grupos de poder, levar vozes excluídas ao centro do debate e avançar em pautas fundamentais para a construção de uma teoria do turismo.

## Considerações Finais

Esse artigo procurou discutir um importante tema para o turismo, a partir da pergunta “existe uma teoria do turismo?”. A resposta para essa pergunta, a partir de um campo ainda em consolidação e em procura de alicerces mais sólidos, não é simples. Nesse sentido, trouxe algumas das principais discussões epistemológicas e filosóficas acerca do turismo e debateu-se o lugar da educação superior em turismo nesse cenário, congregando alguns dos principais debates realizados acerca do currículo por alguns dos principais pesquisadores do tema.

Ficou evidente que o turismo ainda não se constitui como uma teoria consolidada, pois enfrenta diversos problemas que vão desde a falta de perspectiva histórica (e esquecimento de estudos clássicos fundamentais) até o paradigma positivista ainda muito presente em suas bases. Além disso, a crise do conhecimento e da universidade impõe um desafio adicional na consolidação de uma teoria do turismo, especialmente por ser uma área com caráter aplicado e que, por vezes, clama pela técnica e não pela teoria. Um erro, é claro, já que a teoria é guiadora de práticas mais justas, éticas e sustentáveis.

Foi discutida a preocupação pelo equilíbrio entre o caráter vocacional, mais ligado ao fazer, e o filosófico, mais ligado ao pensar/transformar. Assim, relacionou-se algumas propostas e contribuições curriculares ensejadas por Tribe (2001; 2002; 2008), Sogayar e Rejowski (2011), Panosso Netto (2011), Panosso Netto, Noguero e Jäger (2011), Panosso Netto e Nechar (2014), Boluk e Carnicelli (2019) e Boluk, Cavalieri e Duffy (2019), que propõem uma formação que seja capaz de gerar egressos que não só sejam eficientes na sua prática vocacional, como também se tornem indivíduos que reflitam sobre sua atuação, suas ações e a situação do mundo do turismo, considerando questões fundamentais para a atividade, como a sustentabilidade e a ética.

Por fim, o papel da teoria crítica parece ser fundamental tanto ao se pensar no ensino do turismo quanto no avanço da construção de conhecimento na área rumo à construção de pilares mais sólidos. Em meio a crises tão profundas, é fundamental o questionamento de visões hegemônicas, de relações desiguais e de uma ordem global que beneficia somente uma parcela específica da população global. Sabe-se que a universidade é o local para isso, resta agir para que o turismo tenha seu papel nesse questionamento, ao invés de contribuir para aumentar relações conflitantes.

## REFERÊNCIAS

- Airey, D. (2008). Crescimento e desenvolvimento. Educação internacional em Turismo, 31-46.
- Airey, D., Tribe, J., Benckendorff, P., & Xiao, H. (2015). The managerial gaze: The long tail of tourism education and research. *Journal of Travel Research*, 54(2), 139-151.
- Barretto, M. (2004). Discutindo o ensino universitário de Turismo. Papyrus Editora.
- Boluk, K. A., Cavaliere, C. T., & Duffy, L. N. (2019). A pedagogical framework for the development of the critical tourism citizen. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(7), 865-881.
- Boluk, K., & Carnicelli, S. (2019). Tourism for the emancipation of the oppressed: Towards a critical tourism education drawing on Freirean philosophy. *Annals of Tourism Research*, 76, 168-179.
- Botterill, D. (2001). The epistemology of a set of tourism studies. *Leisure Studies*, 20(3), 199-214.
- Damm-Etienne, P. (1910). *Das hotelwesen*. Leipzig: Druck und Verlag von B. G. Teubner.
- De Esteban, J., Cetin, G., & Antonovica, A. (2015). Theory of knowledge of tourism: A sociological and epistemological reflection. *Journal of Tourismology*, 1(1), 2-15.
- Guyer-Freuler, E. (1874). *Das Hotelwesen der Gegenwart*. Zürich, Orell Füssli.
- Glücksman, R. (1935). *Allgemeine Fremdenverkehrskunde*. Berna: Verlag von Stämpfli und Cie.
- Grünthal, Adolf. (1934). Probleme der Fremdenverkehrsgeographie. Die Fremdenverkehrskarte als Mittel der Marktanalyse. Die geographische Bedingtheit des Fremdenverkehrs. Schriftenreihe des Forschungsinstitut für den Fremdenverkehr, Heft Geschichte der Tourismusforschung. Handels-Hochschule. Berlin: Selbstverlag.
- Lohmann, G., & Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do turismo*. São Paulo: Aleph.
- Mariotti, A. (1923). *L'industria del forestiero in Italia: economia e politica del turismo*. Bologna: Nicola Zanichelli.
- Miller, M. C., Boluk, K., & Johnson, C. W. (2019). 'Lift off!': Employing an integrated curriculum design to increase student, faculty, and community engagement. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 25, 100203.
- Morgenroth, W. (1927). Fremdenverkehr. In: *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*. Vol. 2. P. 394-409. Jena: Verlag von G. Fischer.
- Panosso Netto, A. & Trigo, L. G. G. (2009). *Cenários do turismo brasileiro*. Aleph.
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. Aleph.
- Panosso Netto, A. & Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(1), 120-144.
- Panosso Netto, A., Noguero, F. T., & Jäger, M. (2011). Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Revista Turismo em Análise*, 22(3), 539-560.
- Poser, H. (1939). Geographische Studien über den Fremdenverkehr im Riesengebirge: Ein Beitrag zur geographischen Betrachtung des Fremdenverkehrs. *Abhandlungen der Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen. Math.-Physical, Klasse 3. Folge, Heft 20*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Schullern zu Schrattenhofen, H. (1911). Fremdenverkehr und Volkswirtschaft. In: *Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik*. Vol. III, 42, 4. Pp: 433-491. Jena: G. Fischer.
- Sogayar, R. L., & Rejowski, M. (2011). Ensino superior em Turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. *Turismo-visão e ação*, 13(3), 282-298.
- Stradner, J. (1917). *Der Fremdenverkehr. Eine volkswirtschaftliche Studie*. 2.ed. Graz: Leykam.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657.
- Tribe, J. (2001). Research paradigms and the tourism curriculum. *Journal of travel research*, 39(4), 442-448.
- Tribe, J. (2002). The philosophic practitioner. *Annals of tourism research*, 29(2), 338-357.
- Tribe, J. (2008). Panorama da pesquisa sobre educação, em Turismo. *Educação internacional em Turismo*, 47-74.
- Tribe, J. (2008). Turismo, conhecimento e currículo. *Educação internacional em Turismo*, 77-94.

# II A teoria do turismo no ensino superior: análise de ementas de disciplinas de instituições de ensino públicas no Brasil

Júlia Moreira de Deus<sup>31</sup>  
Dayanna Fernández Flórez<sup>32</sup>

## Introdução

A produção científica acerca do Turismo começou ainda no século XIX, com autores não-anglófonos, ainda que muitos autores apontem as primeiras pesquisas a partir da década de 1930 (Panosso Netto, Noguero & Jager, 2011). No Brasil, o ensino superior começou a se estruturar na década de 1970, tendo uma forte expansão nos anos 90 e desenvolvendo uma visão multidisciplinar e transdisciplinar (Aranha & Rocha, 2014).

Porém, surgiram visões equivocadas do entendimento do fenômeno turístico, resultando em diferentes discussões sobre questões teóricas e metodológicas (Silveira, Medaglia, & Nakatani, 2020). Dentre essas discussões, existe uma ampla produção de conhecimento ao redor das reflexões sobre a importância da epistemologia nos estudos do turismo, devido à necessidade de desenvolver melhores e mais abrangentes explicações do fenômeno e fornecer bases científicas para a pesquisa em turismo (Panosso Netto, 2011, p. 46).

Nessa perspectiva, dentro da temática “Teoria do Turismo”, esse estudo propõe como objetivo geral: analisar como a teoria do Turismo é proposta nas disciplinas dos cursos superiores em Turismo em instituições de ensino públicas brasileiras.

Como proposta metodológica, realiza-se uma pesquisa dividida em duas etapas. Primeiramente, realiza-se uma breve revisão de literatura sobre a evolução do ensino superior em turismo no Brasil, com o propósito de elucidar como tem sido esse processo no país, e sobre a teoria e epistemologia do turismo, com a ideia de apresentar, de maneira geral, o que é epistemologia do turismo e a sua importância nos estudos do turismo. Essa etapa foi realizada com base em pesquisas realizadas em bases de dados com Google Scholar e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

---

31 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: julia.m.deus@usp.br

32 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: dayanna.fernandez@usp.br

A segunda etapa foi sobre o levantamento dos dados disponíveis nos sites dos cursos de Turismo selecionados, sendo eles: Instituições de Ensino Superior (IES), estado, região, disciplina, período, carga horária, bibliografia básica e ementa. Foram elencadas seis categorias para análise das ementas e elas foram inseridas no software NVivo. A partir disso, com o auxílio do NVivo, foram analisadas as propostas das ementas ligadas à teoria do Turismo, além das informações complementares sobre as disciplinas.

O capítulo está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, uma breve revisão de literatura sobre a evolução dos cursos de Turismo no ensino superior brasileiro e sobre teoria e epistemologia no Turismo; seguido pela metodologia, com foco nas fases da segunda etapa; apresentação e análise dos resultados e discussões; e, por fim, as considerações finais.

## Conceitos Gerais e Específicos

Os primeiros institutos especializados em Turismo e hotelaria surgiram na Europa na década de 1950, chegando aos Estados Unidos em 1960 e na América Latina em 1970 (Aranha & Rocha, 2014). No Brasil, a criação de cursos superiores em Turismo iniciou-se com a Faculdade Anhembi Morumbi em 1971, nos moldes do ensino europeu. Foi na década de 1990 que houve a expansão dos cursos de Turismo, a partir política de incentivo ao desenvolvimento do Turismo por meio da regionalização, aumentando a preocupação e necessidade em formar profissionais capacitados na área (Dencker, 2006; Aranha & Rocha, 2014).

Inicialmente, com essa expansão, os cursos estavam muito próximos dos cursos de Administração, porém houve uma busca por uma característica própria dos cursos de Turismo. Essa busca não resultou em atividades profissionais consolidadas e parcial ou totalmente resultantes da formação em Turismo. Na verdade, como o campo é muito amplo, há uma dificuldade em firmar a profissão, refletindo em impasses para definir as competências do turismólogo (Silveira et al., 2020).

Hoje em dia, os cursos podem optar por qual linha seguir, de modo a compreender diferentes áreas e assuntos (Varenhold & Medeiros, 2017), uma vez que o Turismo é um campo de estudo intermultidisciplinar, cuja matriz curricular dos cursos é formada por disciplinas que vêm de várias áreas do conhecimento (Aranha & Rocha, 2014). Entre essas áreas do conhecimento relacionadas ao estudo do Turismo, encontra-se a Epistemologia. Ela é fundamental para a criação das bases teóricas e científicas no turismo, assim como em qualquer outro campo de estudos. Porém, “ainda é vista como tema complexo, exótico, teórico, filosófico e com pouca aplicabilidade” (Panosso Netto & Nechar, 2014).

Conforme os autores Nechar & Cortés (2006), a epistemologia tem sido definida como filosofia da ciência e “realiza uma reflexão crítica ao confrontar distintas posições acerca da lógica da construção de conhecimentos, de sua natureza, de seus princípios gerais, das relações entre estes e os feitos ou fenômenos que tenta descrever” (p. 24, tradução livre).

Em relação ao turismo, muitos dos estudos visam à hotelaria e restauração, por exemplo, como se o turismo fosse entendido desde a sua prática somente nesses setores, deixando de lado reflexões críticas ao redor dos estudos epistemológicos do turismo (Nechar, 2007). Nesse

sentido, “a aplicação da epistemologia nos estudos turísticos é de extrema importância, uma vez que ela pode auxiliar na explicação do fenômeno turístico e, ao mesmo tempo, fornecer bases científicas seguras para os pesquisadores de turismo” (Panosso Netto, 2011, p. 46).

Segundo Panosso Netto e Nechar (2014), como parte das escolas epistemológicas atuais nos estudos do turismo, encontram-se o positivismo, sistemismo, marxismo, fenomenologia e a hermenêutica. Pode-se destacar alguns autores e referências em cada escola, respectivamente: John Tribe e Organização Mundial do Turismo (OMT); Mario Carlos Beni e Roberto Boullón; George Young e Helton Ricardo Ouriques; Sergio Molina e Alexandre Panosso Netto; e Michael E. Patterson e Daniel R. Williams.

Por fim, destaca-se Panosso Netto (2007), que esclarece o porquê a epistemologia é importante na produção de conhecimento do Turismo:

A epistemologia adquiriu cada vez mais importância na produção de conhecimento atual e com o Turismo acontece o mesmo. Entre as causas desse feito se encontram 1) a necessidade de novos estudos na área que respondam a novos problemas criados pela prática do Turismo; 2) o aumento da importância do “fazer Turismo” em todo o mundo, devido a fatores conectados ao estresse diário, problemas familiares, globalização, competitividade exacerbada em todos os campos da atuação profissional; 3) o aumento das publicações na área do Turismo em âmbito mundial; e 4) o aumento dos cursos superiores e técnicos em Turismo. (p. 06, tradução livre).

É relevante levar esse trecho em consideração, pois à medida que for fornecido um arcabouço teórico mais amplo desde a epistemologia, o estudo do turismo vai conseguir fortalecer as suas reflexões e delimitações metodológicas, o qual implica, inclusive, questões como a formalização das profissões em turismo.

Nesse sentido, é importante refletir quanto os cursos em Turismo no Brasil oferecem dentro das suas propostas curriculares, disciplinas voltadas ao entendimento teórico, epistemológico e filosófico do fenômeno, de tal forma que se consiga visualizar quão destacado é o tema pelas instituições, como complemento transversal às disciplinas práticas e focadas nas questões setoriais da atividade turística

## Pressupostos Metodológicos

A primeira etapa desse estudo, revisão bibliográfica, foi dividida em dois temas abrangentes: ensino superior em Turismo no Brasil e teoria e epistemologia do Turismo, com o objetivo de fundamentar a evolução dos cursos de Turismo no país e de elucidar o que é a epistemologia e teoria do Turismo e sua importância nos estudos da área, respectivamente. Para realizar essa etapa foram realizadas pesquisas em bases de dados como Google Scholar e Portal de Periódicos CAPES.

Já a segunda etapa, que consistiu no levantamento de dados para análise, foi realizada em 6 fases. A fase 1 foi o levantamento dos cursos de graduação em Turismo nas

instituições cadastradas por meio do portal do Ministério da Educação (MEC).<sup>33</sup> Para esse levantamento, foram utilizados quatro parâmetros: a) ensino público; b) situação ativa; c) grau bacharelado; e d) modalidade presencial. Essa busca resultou em 55 cursos com nomenclaturas diferentes (quadro 11.1), presentes em 21 estados e no Distrito Federal (Acre, Amapá, Espírito Santo, Rondônia e Tocantins não têm curso de Turismo que se enquadram nesses parâmetros). Destaca-se que, em alguns casos, o curso está presente em mais de um campus de cada universidade, por isso o resultado foi expressivo.

Quadro 11.1 – Nomenclatura dos cursos superior em Turismo no Brasil

Turismo	Turismo e hotelaria	Turismo e lazer / Lazer e Turismo	Turismo e meio ambiente	Turismo e negócios
50	01	02	01	01

Fonte: Autoras (2021)

O nome dos cursos não foi um critério de seleção na fase 1. Porém, para seguir para a fase 2, decidiu-se que seria trabalhado apenas com os cursos com a nomenclatura “Turismo”. Tomou-se essa decisão por entender que, com nomes diferentes, os cursos podem ter enfoques e ênfases diferentes. Porém, como analisar essas questões não é o objetivo deste estudo, deu-se preferência por utilizar aqueles que possuem um mesmo nome, que são a maioria. Assim, na fase 2 trabalhou-se com 50 cursos, distribuídos em 40 universidades de 20 estados e o Distrito Federal (Santa Catarina possuía apenas o curso de Turismo e lazer, então foi retirado da contagem).

A fase 2 propriamente dita consistiu em checar as diferenças entre as grades curriculares das IES que têm curso de Turismo em mais de um campus. Quando as disciplinas ofertadas eram as mesmas, levantou-se a ementa de uma delas. Já nos casos de serem disciplinas diferentes, levantou-se a ementa dos dois cursos, mesmo estando em uma mesma IES.

Nessa fase, destacam-se três casos: o curso na Universidade Estadual de Goiás (UEG) estava intitulado como “Turismo” no portal do MEC, mas no portal da universidade chama-se “Turismo e Patrimônio”; o curso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) estava intitulado “Turismo” no portal do MEC, mas no portal do Instituto Federal foi encontrado apenas o curso técnico em “Guia de Turismo”; e foi confirmado no portal da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) que o curso de Turismo está ativo, porém não foi encontrado nenhuma informação sobre ele. Esses três cursos foram retirados da contagem, assim, ao fim desta fase, chegou-se ao número de 40 cursos em 36 IES, pois Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tinham cursos diferentes em campi diferentes.<sup>34</sup>

A fase 3 consistia em selecionar as disciplinas das quais as ementas seriam analisadas. Como critério de seleção, utilizaram-se termos que poderiam estar no título delas e que estão de acordo com os objetivos deste estudo. São eles: “teoria do Turismo”, “estudo do

<sup>33</sup> Levantamento realizado no dia 30 de setembro de 2020, através do site <https://emec.mec.gov.br/>.

<sup>34</sup> Todas as checagens foram realizadas no dia 03 de novembro de 2020, nos sites oficiais das instituições de ensino superior.

Turismo”, “fundamentos do Turismo”, “princípios do Turismo”, “epistemologia” e “filosofia”. Ressalta-se que esses são termos norteadores, então não necessariamente as disciplinas têm exatamente o mesmo nome. Além disso, foram selecionadas algumas que não possuem nenhum desses termos, mas enquadram-se nos objetivos desta pesquisa e têm uma disciplina já selecionada como pré-requisito. Dessa forma, foram selecionadas 90 disciplinas entre os cursos levantados.

Após selecionar as disciplinas, partiu-se para a fase 4, que consistia no levantamento das ementas em si e de informações adicionais sobre as disciplinas. Aqui é importante esclarecer que tanto as ementas quanto as demais informações só foram levantadas quando estavam disponíveis nos sites das IES. Assim, buscou-se saber “nome”, “período”, “carga horária” e “bibliografia básica” das disciplinas selecionadas e suas ementas. Ao todo, levantaram-se 79 ementas, uma vez que não foi encontrada essa informação no caso de 11 disciplinas. Também não foi encontrada a carga horária de duas disciplinas e a bibliografia básica de 37 disciplinas.

As informações coletadas foram organizadas em duas planilhas Excel. A primeira planilha contém o nome da disciplina, IES, estado, região, período, carga horária e ementa. Já a segunda planilha consiste em uma lista com o nome de todos os autores utilizados como bibliografia básica nas disciplinas. Essa separação foi feita para facilitar a análise dos dados pelo software NVivo, que será explicado na fase 6. Outro ponto importante é que, também para facilitar a leitura dos gráficos gerados pelo software NVivo, o nome das disciplinas e o nome das IES foram colados em siglas. O quadro 11.2 apresenta o nome das disciplinas e as siglas que as representam na primeira planilha Excel.



Quadro 11.2 – Nomes das disciplinas e suas respectivas siglas na primeira planilha Excel

Nome	Sigla	Nome	Sigla
Análise Estrutural do Turismo	AET	Fundamentos do Turismo 2	FdT 2
Dimensão e Dinâmica do Turismo	DDT	Fundamentos Históricos e Teóricos do Turismo	FHTT
Estudo do Turismo 1	EdT 1	Fundamentos Teóricos do Turismo 1	FTdT 1
Estudo do Turismo 2	EdT 2	Fundamentos Teóricos do Turismo 2	FTdT 2
Estudo do Turismo 3	EdT 3	Fundamentos Teóricos do Turismo e da Hospitalidade	FFTH
Estudos Turísticos 1	ET 1	Introdução à Filosofia	IF
Estudos Turísticos 2	ET 2	Introdução ao Estudo do Turismo	IET
Estudos Turísticos Interdisciplinares	ETI	Introdução ao Estudo do Turismo 1	IET 1
Filosofia	F	Introdução ao Estudo do Turismo 2	IET 2
Filosofia Aplicada ao Turismo	FAT	Introdução ao Estudos de Turismo e Hospitalidade	IETH
Filosofia e Ética Aplicada ao Turismo	FEAT	Sistema do Turismo – Sistor	SISTUR
Filosofia e Ética no Turismo	FET	Teoria e Técnica do Turismo	TTT
Filosofia e Ética Profissional	FEP	Teoria e Técnica do Turismo 1	TTT 1
Filosofia e Turismo	FeT	Teoria Geral do Turismo	TGT
Fundamentos da Filosofia	FdF	Teoria Geral do Turismo 1	TGT 1
Fundamentos da Filosofia e da Sociologia	FFS	Teoria Geral do Turismo 2	TGT 2
Fundamentos do Turismo	FdT	Turismo Contemporâneo	TC
Fundamentos do Turismo 1	FdT 1	-	-

Fonte: Autoras (2021)

Após preencher a tabela com as informações necessárias, parte-se para a fase 5, em que se inicia a análise dos resultados. Nessa fase, foram elencadas categorias para serem levantadas e analisadas nas ementas. Essa divisão por categorias foi feita a partir da revisão bibliográfica sobre a temática e das leituras prévias das ementas enquanto estavam sendo levantadas. Dessa forma, as seis categorias elencadas são:

Conceitos básicos do Turismo e áreas afins: refere-se aos conceitos sobre o que é Turismo, definições, tipos, classificações de Turismo e turista, caracterização da profissão, entre outras informações da área do Turismo ou áreas afins como hospitalidade e lazer;

Origem e evolução, perspectivas e tendências do Turismo: origem e história do Turismo no Brasil e no mundo, desenvolvimento do Turismo nos diferentes períodos da história e perspectivas e tendências que fazem parte da evolução do Turismo no Brasil e no mundo;

Visão sistêmica do Turismo: refere-se aos modelos de sistema turístico propostos por diversos autores do Brasil e do mundo e entendimento do funcionamento do Turismo como um sistema;

Vida e obra de autores da área: resgata-se a vida e obra dos autores do Turismo e áreas afins no Brasil e no mundo;

Conceitos de epistemologia e/ou filosofia do Turismo: refere-se ao entendimento dos estudos turísticos a partir da visão epistemológica e filosófica na produção do conhecimento em Turismo;

Estudos interdisciplinares do Turismo: refere-se a disciplinas e áreas como marketing, administração, economia, ética, sociologia, geografia, entre outras que permitem fazer análises a partir das suas próprias metodologias para o estudo do Turismo.

A última fase é a fase 6, que consiste na coleta das informações no software NVivo para que se possa realizar a análise a partir dos resultados gerados por ele. O NVivo possui fácil operacionalização e é adequado para uma diversidade de metodologias e dados, sendo muito utilizado na área das Ciências Humanas e Sociais (Piontkewicz, Perin, Feitas & Mendes Junior, 2020). Por esses fatores e pelas autoras possuírem a licença do software, ele é utilizado nessa pesquisa.

Dessa forma, nessa fase as duas planilhas foram importadas no software e as categorias elencadas na fase 5 foram inseridas como códigos. A partir da codificação das ementas e das informações adicionais, foi possível criar gráficos que colaboraram com a análise dos resultados, de modo a atingir o objetivo deste estudo. Os resultados e a discussão são apresentados a seguir.

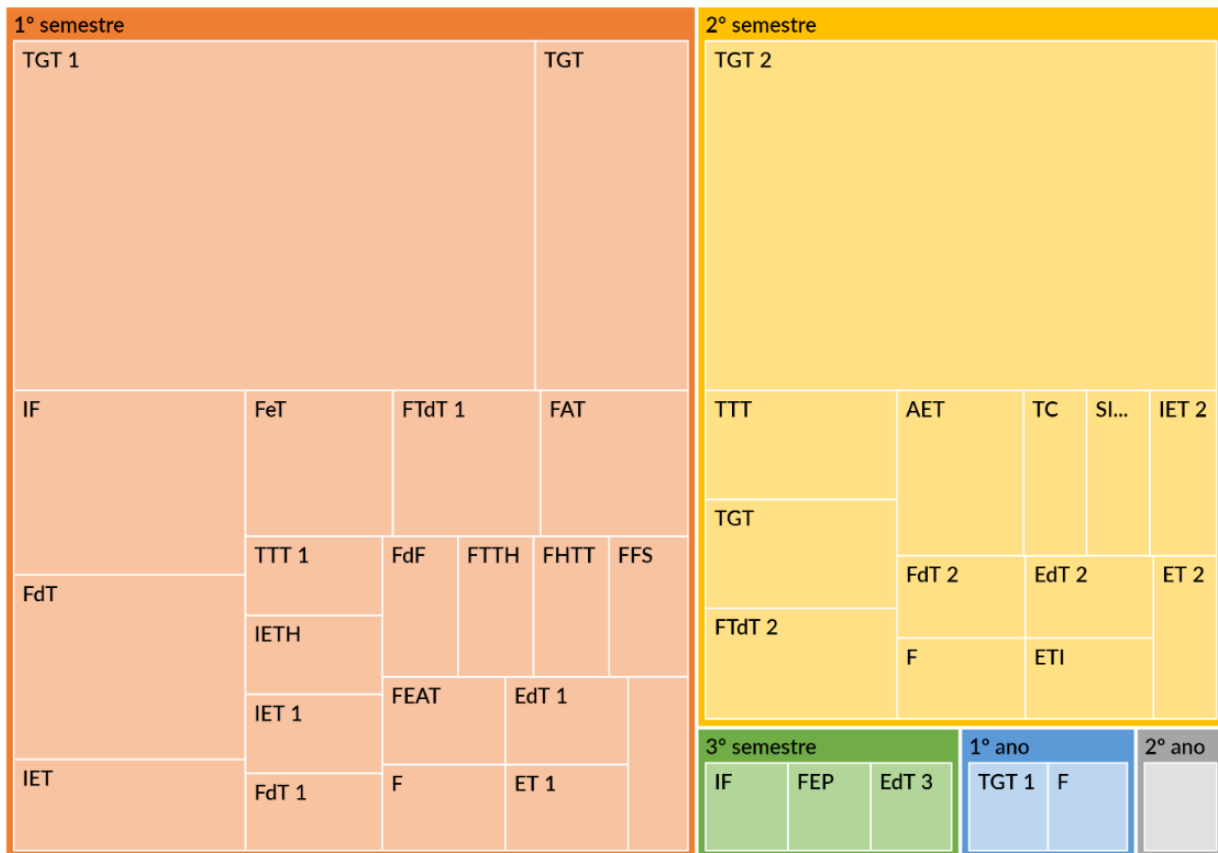
## Resultados e Discussão

Como mencionado na metodologia, a segunda etapa dessa pesquisa consistiu no levantamento de informações sobre cursos de Turismo. Esse levantamento resultou em 90 disciplinas, com destaque para “TGT 1” e “TGT 2”, 18 vezes cada uma delas. Elas são seguidas por “TGT” (7 vezes), que, por estar sem a classificação “1” ou “2”, entende-se que é oferecida apenas uma vez, sem divisões. Outras disciplinas que se destacam por aparecerem com relativa frequência são: “IF” (5 vezes); “FdT” (4 vezes); e “F” (3 vezes).

Entende-se que essas disciplinas são consideradas de ensino básico nos cursos de Turismo, por isso aparecem com frequência e, majoritariamente, possuem nomes mais abrangentes, como “TGT” ou “IET”, por exemplo. Destaca-se que as disciplinas ligadas à Filosofia possuem uma diversidade maior de nomenclaturas, estando, em alguns casos, relacionadas a outras áreas, como ética e sociologia. Alguns exemplos são “FET” e “FFS”.

Considerou-se importante identificar em que períodos (semestres ou anos) se situam as disciplinas nos cursos, como é mostrado na imagem 1. Entre as 90 disciplinas analisadas, 51 são ofertadas no 1º semestre e 33 no 2º semestre. Ademais, percebe-se que as disciplinas que levam em seu nome a classificação “1” são oferecidas, exclusivamente, no 1º semestre ou no 1º ano.

Figura 11.1 – Períodos nos quais se situam as disciplinas na grade curricular



Fonte: Autoras (2021)

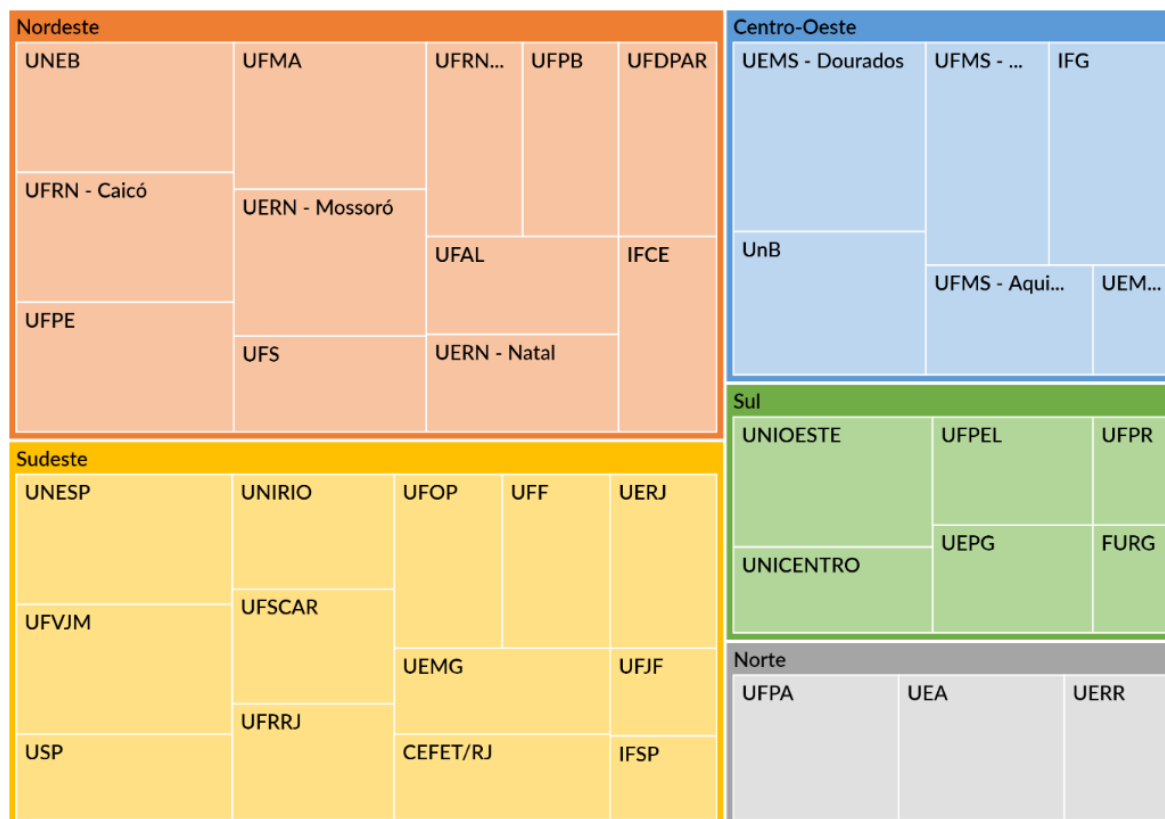
É importante esclarecer que o gráfico representa a distribuição das disciplinas de acordo com o período, mas também agrupa os 40 cursos. Ou seja, no 1º semestre a disciplina “TGT 1” é oferecida em 17 cursos, “TGT” em cinco cursos, e “IF” e “FdT” em 4 cursos cada, por exemplo. Já no segundo semestre, “TGT 2” foi oferecida por 17 cursos e as disciplinas “TTT”, “TGT”, “FTdT 2” e “AET” são oferecidas em 2 cursos cada uma.

Em relação à carga horária, as disciplinas variam entre 30 e 136 horas. Identificou-se que a maioria das disciplinas, 49, têm total de 60 horas. Também se destacam 11 disciplinas com carga horária de 68 horas, seis disciplinas com 51 horas e cinco com 30 horas. Outro ponto importante é que não foram encontradas as cargas horárias de duas disciplinas, ambas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).



Outra análise realizada foi em relação às regiões do Brasil, ou seja, a presença de IES e a oferta de cursos de Turismo em cada uma delas (Figura 11.3).

Figura 11.3 – Distribuição das IES nas regiões do Brasil



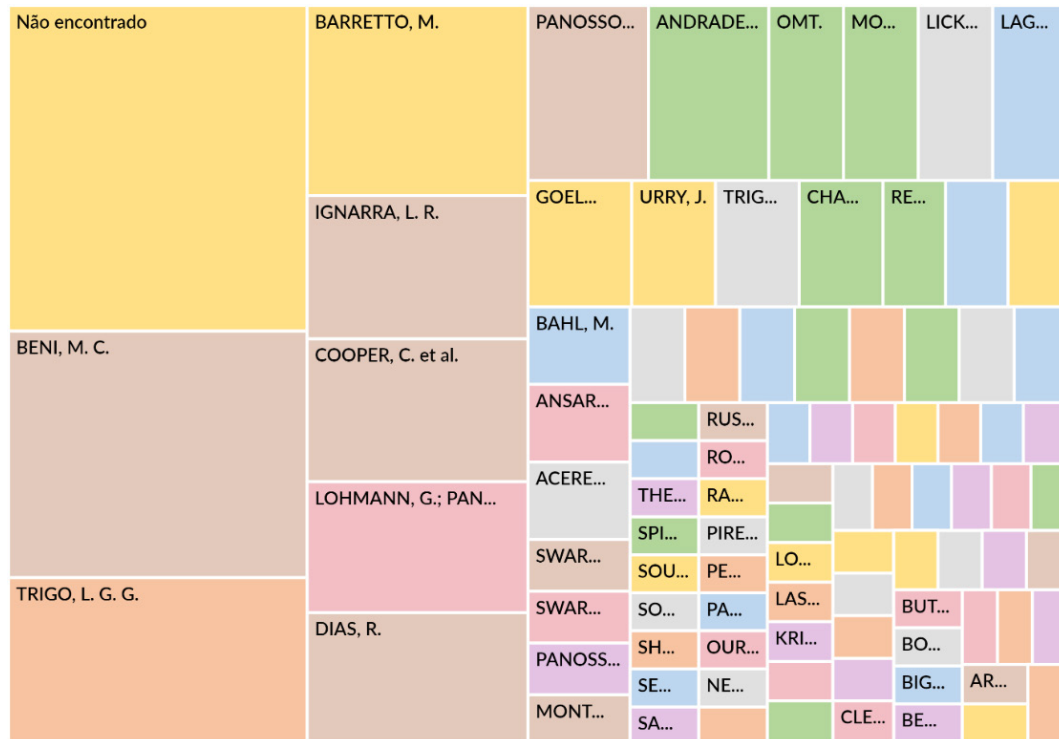
Fonte: Autoras (2021)

Nota-se que o maior quadro é o laranja, que representa a região Nordeste. Ele é maior porque nessa região está concentrada o maior número de disciplinas analisadas. Porém, a região com maior número de IES, é a região Sudeste, representada no gráfico 4 pela cor amarela. Assim, a região Nordeste conta com 29 disciplinas em 10 IES, divididos em 12 campi, enquanto a região Sudeste conta com 26 disciplinas em 13 IES.

No caso das regiões Centro-Oeste e Sul, as duas possuem seis IES cada, porém a primeira oferece 16 disciplinas, enquanto a segunda oferece 11. Por fim, a região Norte, com 8 disciplinas divididas em três IES. Destaca-se que a região Norte é formada por sete estados e quatro deles não possuem cursos de Turismo que se enquadram nos parâmetros desse estudo. Esses dados mostram que as regiões Sudeste e Nordeste concentram a oferta de cursos de Turismo, podendo estar relacionado com a localização dos principais destinos turísticos brasileiros.

A maioria das propostas curriculares dos cursos apresentam a bibliografia básica das disciplinas, sendo que não foram encontradas a bibliografia de 37 disciplinas. A imagem 11.4 apresenta os autores que mais vezes aparecem entre todas as disciplinas.

Figura 11.4 – Bibliografia básica das disciplinas



Fonte: Autoras (2021)

Entre os 261 nomes que aparecem na lista, destaca-se autores brasileiros. O principal deles é o Beni, 28 vezes referenciado, sendo sua obra “Análise Estrutural do Turismo” a principal delas. Ele é seguido por Trigo 19 vezes referenciado, com algumas obras como “Turismo Básico”, “A sociedade pós-industrial e o profissional de Turismo” e “Turismo: como aprender, como ensinar”. Outros autores de destaque são Barretto (16 referências), Ignarra (12 referências), Cooper et al. (12 referências), Lohmann e Panosso Netto (11 referências - 3%) e Dias (11 referências).

Em relação às ementas das disciplinas, como mencionado na metodologia, foram seis categorias definidas para análises das ementas. Ao serem categorizadas, as 79 ementas geraram 530 referências de codificação, ou seja, elas foram divididas em 530 trechos que se dividiram em uma das seis categorias propostas. A maior delas foi “Conceitos básicos do Turismo e áreas afins”, com 179 referências. Entende-se que essa é a maior categoria por estar presente em grande parte das disciplinas do 1º semestre, que é o período que concentra o maior número de disciplinas, como apresentado anteriormente no gráfico 2. As disciplinas do 1º semestre também estão muito relacionadas com a categoria “Origem e evolução, perspectivas e tendências do Turismo”, que possui 67 referências.

A segunda maior categoria é “Estudos interdisciplinares do Turismo”, com 145 referências. Essa categoria está fortemente relacionada com disciplinas do 2º semestre, que, normalmente, começam a trabalhar questões mais amplas, uma vez que o conteúdo básico já foi passado, e, também, do 3º semestre. Também muito presente nas disciplinas do 2º semestre, está a categoria “Visão sistêmica do Turismo”, com 64 referências e tratando, principalmente, do Sistema de Turismo (SISTUR), proposto por Beni. Essa informação vai ao encontro de Beni ser o autor mais presente nas bibliografias básicas, como foi apresentado na Figura 11.4.







Outra categoria que merece destaque é a “Estudos interdisciplinares do Turismo”, a segunda com mais referências. A Figura 11.7 mostra as palavras “interdisciplinaridade”, “mercado”, “turístico”, “turismo”, “econômica” e “demanda” em laranja, estão diretamente relacionadas com o tema da categoria.

Figura 11.7 – Nuvem de palavras da categoria “Estudos interdisciplinares do Turismo”.

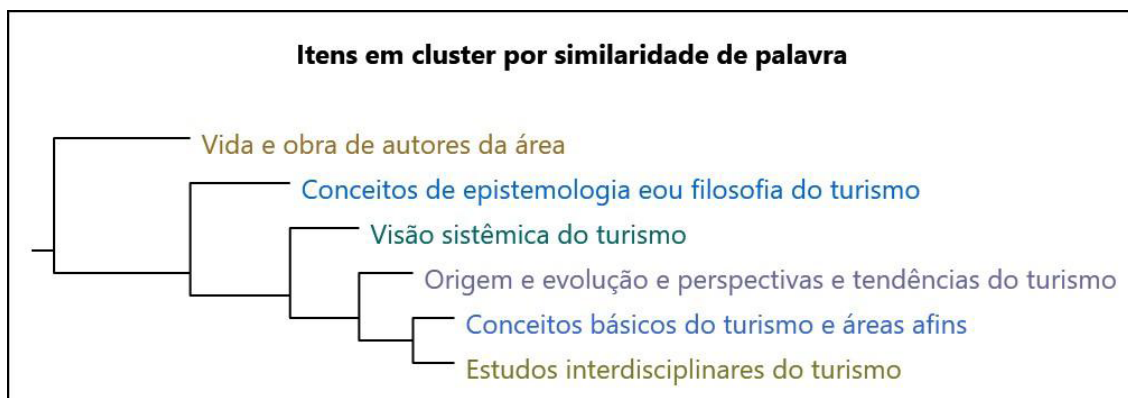


Fonte: Autoras (2021)

Nessa nuvem é possível encontrar palavras como “ciências”, “comportamento”, “cultura”, “ética”, “impactos” e “políticas”, que estão em preto, e que representam temas de estudo que se utilizam de conhecimentos de áreas afins do Turismo. Já em cinza, há palavras como “hospitalidade”, “lazer” e “sociologia” que exemplificam algumas das disciplinas que atuam ao lado do Turismo.

O Figura 11.8 apresenta a similaridade das palavras em cada categoria de análise. Quanto mais a direita, mais similar é uma categoria da outra.

Figura 11.8 – Similaridade de palavra nas categorias de análise



Fonte: Autoras (2021)

As categorias mais próximas e que estão mais à direita são “Conceitos básicos do Turismo e áreas afins” e “Estudos interdisciplinares do Turismo”, ou seja, elas são as que possuem maior similaridade entre as palavras. Isso pode ser explicado, por exemplo, pela diversidade de disciplinas que são divididas em “1” e “2”, uma com conceitos mais básicos e outra com questões mais amplas, porém as duas sendo complementares.

A categoria “Origem e evolução, perspectivas e tendências do Turismo”, está muito relacionada com os conceitos básicos, estando relacionada com essa categoria. Segue com “Visão sistêmica do Turismo”, que se trata de conteúdos mais específicos, e “Conceitos de epistemologia e/ou filosofia do Turismo”, que, por estar ligada às disciplinas de Filosofia, está mais distante das categorias iniciais. Por fim, a categoria “Vida e obra de autores da área” praticamente não tem relação com nenhuma outra categoria, uma vez que só possui uma referência.

## Considerações Finais

A partir da análise das ementas e de informações complementares das disciplinas dos cursos de Turismo em IES públicas em todo o Brasil, foi possível perceber algumas questões em relação à abordagem da Teoria do Turismo no ensino superior brasileiro.

O primeiro ponto é em relação ao nome das disciplinas. A partir das 90 que foram selecionadas desde termos-chave que se enquadraram nessa pesquisa, pode-se perceber que são disciplinas iniciais e abrangentes, utilizando muitas palavras como “iniciação” ou “geral”, por exemplo. No caso das disciplinas ligadas à Filosofia, algumas vezes, estavam relacionadas a outras áreas, principalmente, ética. Além disso, para as disciplinas específicas do Turismo, notou-se que, muitas vezes, elas possuem uma continuidade, ou seja, a mesma disciplina recebe a classificação “1” e “2”, por exemplo, “TGT 1” e “TGT 2”.

Nessa questão sobre divisão do conteúdo em duas disciplinas, entra-se no ponto sobre o período em que elas são ofertadas. 51 das 90 disciplinas são ofertadas no 1<sup>a</sup> semestre, com destaque para “TGT 1”, que está presente em 17 cursos. Em paralelo a esse tema, pode-se fazer ligação com a análise das ementas. A categoria “Conceitos básicos de Turismo e áreas afins” possui 179 referências, que estão diretamente relacionadas com as disciplinas ofertadas no primeiro semestre, justamente por serem disciplinas com conteúdo mais fundamental.

Já no 2<sup>a</sup> semestre são ofertadas 33 disciplinas, que estão muito ligadas com a categoria “Estudos interdisciplinares do Turismo”, com 145 referências, uma vez que são disciplinas que passam a ser mais amplas e a se relacionar com outras áreas. Nesse período, destaca-se a disciplina “TGT 2”, presente, também, em 17 cursos.

As disciplinas relacionadas com Filosofia estão, majoritariamente, no 1<sup>a</sup> semestre e estão ligadas à categoria “Conceitos de epistemologia e/ou filosofia do Turismo”. As outras categorias são: “Origem e evolução, perspectivas e tendências do Turismo”, que possui 67 referências e está presente com mais frequência nas disciplinas do 1<sup>a</sup> semestre; “Visão sistêmica do Turismo”, com 64 referências, muito presente em disciplinas do 2<sup>a</sup> semestre; e “Vida e obra de autores da área”, que possui apenas uma referência em uma disciplina de Filosofia.

Outros pontos abordados neste artigo foram: carga horária, que varia entre 30 e 136 horas, sendo que, a maioria das disciplinas possui 60 horas e as regiões e as IES em si. Destaca-se a UEMS, campus Dourados, que oferece quatro disciplinas. Apesar de ser a IES que mais trata do assunto, a região Centro-Oeste não é a que mais conta com disciplinas ou com cursos. A região Nordeste é a que oferece mais disciplinas, 29, e a região Sudeste é que possui mais IES, 13, sendo essas as regiões que mais concentram cursos de Turismo e disciplinas voltadas à Teoria do Turismo.

O último ponto analisado foi em relação à bibliografia das disciplinas. Ao todo, foram listados 261 nomes, sendo que em 37 casos não foi encontrada a bibliografia básica. Dentre todos esses nomes, destaca-se Beni, que foi referenciado 28 vezes, principalmente com a obra “Análise Estrutural do Turismo”. Mais uma vez, faz-se relação com a análise das ementas, uma vez que a categoria “Visão sistêmica do Turismo” está muito relacionada com o SISTUR proposto por Beni.

Fechando a questão da análise das ementas, foram apresentadas três nuvens de palavras e uma análise em cluster. No caso das nuvens, uma foi com todo o conteúdo das ementas, sem divisão por categoria, e as outras duas foram das categorias com mais referências, “Conceitos básicos do Turismo e áreas afins” e “Estudos interdisciplinares do Turismo”, respectivamente. Em comum entre elas, estavam as palavras “mercado”, “turismo” e “turístico”, que apenas mostram a área do conhecimento onde essa pesquisa está sendo aplicada. Em conjunto, também se destacam palavras como “conceitos”, “fenômeno”, “interdisciplinaridade” e “sistema”, em laranja, “evolução” e “filosofia”, em preto, e “hospitalidade” e “lazer”, em cinza, que estão relacionadas aos nomes das categorias propostas e à temática delas.

Já a análise em cluster apresenta a similaridade das palavras entre cada categoria. As categorias “Conceitos básicos do Turismo e áreas afins” e “Estudos interdisciplinares do Turismo” são as que possuem mais similaridade de palavras. Já “Vida e obra de autores da área” é a mais distante e com menos similaridade, uma vez que houve apenas uma referência.

É importante ressaltar que esse estudo teve como parâmetros cursos de Turismo ativos, em instituições de ensino públicas, com aulas presenciais e no grau bacharelado. Assim, cursos que estejam fora desses quatro parâmetros não foram incluídos, mas poderiam apresentar divergências. Desse modo, uma sugestão para pesquisas futuras é analisar a abordagem da Teoria do Turismo em cursos à distância, por exemplo. Outro ponto é que foi utilizado o software NVivo para auxiliar na análise dos resultados, uma vez que ele possibilita esse tipo de análise, e as autoras possuem a licença. Todavia, uma pesquisa similar poderia ser feita com outros softwares, gerando outros tipos de resultados.

Algumas questões ficam em aberto, já que não eram o foco dessa pesquisa, e, por isso, ficam como possíveis temáticas para futuros estudos. É possível se aprofundar nas semelhanças e diferenças entre a nomenclatura e conteúdo dos cursos, como por exemplo, “Turismo” e “Turismo e hotelaria” ou “Lazer e turismo”. Também é possível estudar a diferença entre a abordagem dos conteúdos em instituições públicas estaduais e federais ou analisar as semelhanças e diferenças nas propostas curriculares dos cursos em instituições privadas em relação às públicas, com foco na temática “Teoria do Turismo” e em como elas a enxergam em seus conteúdos.

Por fim, também pode ser interessante conhecer os grupos de pesquisa desenvolvidos nos cursos superior de Turismo e como eles abordam a temática e produzem. Um exemplo da relevância é que, em 2020 o Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – Seminário ANPTUR – abriu um espaço para os estudantes dos cursos da graduação em Turismo apresentarem seus trabalhos; evento anteriormente focado apenas nos cursos de Pós-Graduação em Turismo.

## REFERÊNCIAS

- Aranha, K. C., & Rocha, F. D. C. (2014). Reflexões acerca do ensino no curso superior de Turismo: realidade, desafios e tendências. *Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR*, 4(2), 67-76, 2014. <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1385/1106>
- Beni, M. C., & Moesch, M. (2016). Do discurso sobre a ciência do Turismo para a ciência do Turismo. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 25, 9-30. <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/5963>
- Dencker, A. F. M. (2006, 6-9 de setembro). Estado e Educação no Brasil: o Caso do Ensino de Turismo [apresentação em congresso]. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, DF, Brasil. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0746-2.pdf>
- Jafari, J. (2005). El Turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, 42(1), 39-56. <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/24139>
- Leiper, N. (1981). Towards a cohesive curriculum tourism: The case for a distinct discipline. *Annals of Tourism Research*, 8(1), 69-84. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738381900682>
- Leiper, N. (2000). An Emerging Discipline. *Annals of Tourism Research*, 27(3), 805-809. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738399001188>
- Nechar, M. C. (2007). La investigación y epistemología del Turismo: aportes y retos. *Revista Hospitalidade* (2), 79-95. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/234>
- Nechar, M. C., & Cortés, M. L. (2006). Apuntes para la investigación turística. Chetumal, Q. Roo, México: D. R. Universidad de Quintana Roo.
- Panosso Netto, A. (2007). *Filosofía del Turismo. Una Propuesta Epistemológica*. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 16, 389-402. <http://estudiosenturismo.com.ar/PDF/V16/v16n4a01.pdf>
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. (2. ed. rev. e ampl. ed.). São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A., & Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do Turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(1), 120-144. <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/719>
- Panosso Netto, A., Noguero, F. T., & Jager, M. (2011). Por uma Visão Crítica nos Estudos Turísticos. *Turismo em Análise*, 22(3). <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14262/16080>
- Piontkewicz, R., Perin, E. S., Feitas, M. C. D., & Mendes Junior, R. (2020). Contribuição do software NVivo na avaliação de disciplina com conteúdo em ambiente virtual de aprendizagem. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, 13(2), 652-669. <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/31239>
- Silveira, C. E., Medaglia, J., & Nakatani, M. S. M. (2020). O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em Turismo: comparações dos dados de 2012 - 2018. *RBTUR*, 14(2), 83-94. <https://www.scielo.br/pdf/rbtur/v14n2/1982-6125-rbtur-14-2-0083.pdf>
- Tribe, J. (1997). The Indiscipline of Tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738397000200>
- Tribe, J. (2000). Indisciplined and unsubstantiated. *Annals of tourism research*, 27(3), 809-813. [https://www.researchgate.net/publication/248500307\\_Indisciplined\\_and\\_unsubstantiated](https://www.researchgate.net/publication/248500307_Indisciplined_and_unsubstantiated)
- Varenhold, M., & Medeiros, M. L. (2017, 28-30 de junho). Ensino da Propriedade Intelectual no Turismo: Análise dos Cursos Brasileiros [apresentação em fórum]. 11ª Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, Foz do Iguaçu, PR, Brasil. <https://festivaldascataratas.com/forum-Turismo/anais/2017/gt6-educacao-e-formacao-prof/6-ensino-da-propriedade-intelectual-no-Turismo-analise-dos-cursos-brasileiros.pdf>

# 12 Teoria do turismo na visão de pós-graduandos em turismo, no Brasil

Amanda Alves Borges<sup>35</sup>

Ivaneli Schreinert dos Santos<sup>36</sup>

Pedro Scrivano<sup>37</sup>

## Introdução

A teoria do turismo é considerada múltipla, pois é possível identificar diferentes conceitos, modelos, sistemas e abordagens teóricas que buscam entender e explicar o fenômeno turístico. Segundo Panosso Netto (2011), é preciso compreender as bases que constituem a análise do fenômeno turístico e traçar algumas reflexões sobre a existência de uma teoria do turismo, buscando entender se há validade no conhecimento que já foi produzido, se existem garantias que afirmam que este conhecimento sobre o turismo pode ser utilizado na prática e se pode ser considerado suficiente.

De acordo com Panosso Netto, Noguero e Jäger (2011), a teoria do turismo enfrenta uma crise dos valores históricos. A curta memória e a falta de retomada dos estudos antigos de turismo conduzem à criação de “um campo de estudos sem passado”, como se todo o conhecimento turístico fosse novo, atual. Portanto, segundo esses autores, é papel da universidade formar alunos com senso crítico.

A partir da verificação da necessidade de mais debates e reflexões sobre esse tema da Teoria do Turismo e com o intuito de avançar nessa discussão, surgiu a ideia de realizar o presente trabalho, levantando a problemática: como tem sido o ensino da teoria do turismo nos Programas de Pós-graduação em Turismo no Brasil? Deste modo, o objetivo deste trabalho é identificar a visão dos discentes dos oito programas de Pós-graduação em Turismo no Brasil a respeito da teoria do turismo. A análise foi restrita à modalidade *stricto sensu*, aos cursos de mestrado e doutorado, incluindo também os pós-doutorandos.

## Revisão da Literatura

A necessidade de uma reflexão filosófica sobre os estudos turísticos é afirmada por autores como Panosso Netto (2007), que explica que há uma falta de pesquisas científicas que tragam conhecimentos novos para o campo. O autor complementa que o turismo ainda

---

35 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo - EACH | USP E-mail: amanda.borges@usp.br

36 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo - EACH | USP E-mail: ivaneli@usp.br

37 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo - EACH | USP E-mail: pedro.scrivano@usp.br

constitui um campo de estudo para outras ciências e que não apresenta um método de investigação próprio e objeto definido, impedindo que obtenha o status de disciplina. Panosso Netto (2007) ainda questiona se a produção de conhecimento de turismo é suficiente. Segundo ele, falta produção científica capaz de gerar novas teorias e novos paradigmas. Ainda conclama diversos pesquisadores a articular grupos de pesquisa para debater os pontos apresentados, articular estudo sobre a epistemologia e avançar na pesquisa sobre o turismo.

Cortés e Nechar (2006) debatem sobre os dilemas da epistemologia na ciência. A palavra epistemologia provém do grego *episteme* (conhecimento) e *logos* (estudo), também conhecido como a Teoria do Conhecimento ou a Filosofia da Ciência. Ou seja, o termo epistemologia é o ramo da filosofia que investiga a origem, a estrutura, métodos e validação de conhecimentos (Panosso Netto & Nechar, 2014).

Atualmente as escolas epistemológicas do turismo são múltiplas de abordagens dos mais conceituados autores, contando com o positivismo (com métrica clássica, metodologias estabelecidas, objetos de estudos definidos e dados claros), o sistemismo (busca reduzir a complexidade com estratégia de quebrar um todos em seus elementos), o marxismo (turismo como forma de imperialismo e colonialismo), a fenomenologia (turismo como fenômeno altamente dinâmico) e a hermenêutica (saber orientado para interpretação de textos) (Panosso Netto & Nechar, 2014).

Segundo Leiper (1979), existem três abordagens para definir o turismo, sendo elas: econômica, técnica e holística. A abordagem econômica abrange apenas as implicações financeiras do turismo, como exemplo, transporte, acomodação, recreação, alimentação, entre outros serviços. A abordagem técnica é o marco conceitual apresentado pela Organização Mundial do Turismo (OMT). Enquanto a abordagem holística engloba toda a essência do turismo, permitindo um estudo interdisciplinar e multidisciplinar.

No Quadro 12.1, foi realizada uma busca de caráter livre sobre os clássicos do turismo, de diferentes períodos, nacionalidades e formações, os quais contribuíram das mais diversas formas nos estudos teóricos do turismo, comprovando-se que o turismo não é um campo de estudos sem passado.

Quadro 12.1 – Informações sobre os(as) Principais Autores(as) Clássicos(as) do Turismo

Nome	Período	Nacionalidade	Área de Formação	Principais Contribuições Teóricas	Referências
Alexandre Pannosso Netto	1973	Brasil	Turismo, Filosofia e História	Filosofia e epistemologia do turismo	(EACH, 2015)
Arthur John Burkart	1921-1998	Reino Unido	Filosofia, Política e Economia	Princípios do Turismo	(Middleton, 2017)
Claude Kaspar	1931	Bélgica	Economia e Política	Princípios da Teoria do Turismo	(Vanhove, 2015)
Erik Cohen	1932	Iugoslávia	Sociologia e Antropologia	Tipologia dos Turistas	(Cohen, 2013)
Eugenia Wickens	1949	Reino Unido	Sociologia	Tipologia do Turista	(Experts, 2020)
Jafar Jafari	1942	Irã	Antropologia	Sociologia e Antropologia do Turismo	(Sena Júnior & Sonaglio, 2017)
John Tribe	1953-*	Reino Unido	*	Epistemologia do Turismo	(Surrey, 2020)
John Urry	1946 – 2016	Reino Unido	Sociologia	O olhar do Turista	(Jessop, 2017)
Josef Mazanec	1947	Áustria	Economia	Filosofia	(Dolnicar, 2014)
Jost Krippendorf	1938-2003	Suíça	Economia e Marketing	Sociologia do Turismo	(Maximiliano, 2015)
Krzysztof Przeclawski	1927-2014	Polônia	Direito	Filosofia e Sociologia do Turismo	(Szromek et al., 2019)
Kurt Krapf	1907-1963	Suíça	Economia	Teoria Geral do Turismo	(Akoglu, 2015 <sup>a</sup> )
Luiz Gonzaga Godoi Trigo	1959	Brasil	Turismo, Filosofia e Educação	Turismo e cultura	(Lattes, 2022)
Marcelino Castillo Nechar	*	México	*	Epistemologia do Turismo	(Cortés & Nechar, 2006)
Maria Gravari-Barbas	*	Grécia	Geografia	Patrimônio Cultural	(Heritage Tourism, 2020)
Marie-Françoise Lanfant	1932	França	Filosofia, Sociologia e Psicologia	Sociologia do Ócio	(IDREF, 2020)
Neil Leiper	1944-2010	Austrália	Comércio	Sistema de Turismo	(Urano, 2016)
Norbert Vanhove	1935	Bélgica	Economia	Economia dos Destinos Turísticos	(Pechlaner, 2015)
Paul Bernecker	1908-2003	Áustria	Economia	Gestão Empresarial do Turismo	(Mazanec, 2015)
Raymundo Cuervo	*	México	Engenharia	Sistema de Turismo	(Urano, 2016)
Regina Schlüter	1946	Argentina	Turismo e Psicologia Social	Perspectivas do Turismo	(Norriid & Korstanje 2017).
Rémy Knafou	1948	Marrocos	Geografia	Local Turístico	(Perseée, 2020)



Richard Butler	1943	Inglaterra	Geografia	Ciclo de vida de um destino Turístico	(Worldcat Identities, 2020)
Roberto Boullón	1933-2013	Argentina	Arquitetura	Teoria do Espaço Turístico	(Pantano, 2013)
Salah Wahab	1930	Egito	Direito	Sistema de Turismo	(Urano, 2016)
Sérgio Molina	1953-2016	Chile	Turismo	Pós-turismo	(Bran, 2017)
Valene Smith	1926	EUA	Antropologia	Tipologia dos Turistas	(Stone & Coon, 2017)
Walter Hunziker	1899-1974	Suíça	Economia	Turismo Científico	(Akoglu, 2015b).
Mario Carlos Beni	1938	Brasil	Engenharia, Direito e Sociologia	Análise Estrutural do Turismo	(Turismo em Criação, 2014)
Marutschka Moesch	*	Brasil	Ciências Sociais	Epistemologia e Políticas Públicas do Turismo	(Lattes, 2020)
*Informações não encontradas					

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Neste sentido, percebe-se que existe uma gama de autores que abordam o turismo dos mais diversos pontos de vista, e resgatar esses autores poderia ser uma forma de diminuir a fraqueza da base teórica levando à formação de pesquisadores e de profissionais com fundamentações teóricas mais ricas e fortes. Assim, a universidade deveria ser o local para formar alunos que tenham senso crítico. O desenvolvimento de estudos críticos é valor fundamental para recolocar o turismo e o próprio ser humano no centro do debate (Panosso Netto et al., 2011).

Ser crítico é perceber que a pesquisa pode estar (e está) influenciada por grupos de poder. Ser crítico, neste sentido, é buscar desvelar esta ideologia, escancarar seus objetivos, suas origens e permitir um pensamento o mais livre possível de vieses ideológicos. Desta forma, para construir tal conhecimento crítico nos estudos turísticos, será necessário basear-se nos valores e alicerces da Filosofia e da Epistemologia, caso contrário o conhecimento pouco avançará e ficará limitado às vontades e desejos de grupos “proprietários” do conhecimento turístico. Será um conhecimento raso e sem fundamentos que se sustentem (Panosso Netto et al., 2011).

Para compreender a visão dos alunos de Pós-graduação em Turismo a respeito da teoria do turismo, o próximo capítulo foi dividido em duas seções, o primeiro sendo uma caracterização, e o segundo, a discussão sobre a produção de conhecimento e teoria.

## Resultados e Discussão

### Caracterizando o aluno e a instituição

O presente estudo possui uma concepção exploratória e qualitativa (Marconi & Lakatos, 2004). Como procedimento de coleta de dados, optou-se por uma abordagem direta, por meio de formulário do Google Forms (Mota, 2019), devido à pandemia Covid-19, a qual impede a realização de pesquisas que envolvam interações presenciais. Foi desenvolvido um roteiro estruturado para o formulário, a partir dos conceitos epistemológicos apresentados na seção de revisão de literatura. O roteiro foi distribuído em dois blocos, a saber: caracterização do respondente e investigação sobre o tema.

O formulário ficou disponível para respostas entre os dias 21/09/2020 e 21/10/2020. Os autores entraram em contato com os alunos regulares e com todas as secretarias dos programas de pós-graduação selecionados, convidando todos os alunos a participarem, compartilhando assim o link de acesso ao formulário. Para tal foram utilizados os seguintes canais de comunicação: e-mail e redes sociais (Instagram, Facebook e WhatsApp, nos grupos de discentes dos programas e perfis individuais).

Para a seleção dos programas, foi realizada uma busca no portal da Capes, referente a todos os programas de pós-graduação da área básica do turismo que estavam em funcionamento e cadastrados na modalidade acadêmica, devido o foco da pesquisa ser de base teórica, da modalidade *stricto sensu*, sendo excluídos cursos profissionais. Deste modo, foram selecionadas oito instituições. Também foi realizado contato com todas as secretarias dos programas solicitando a quantidade de alunos matriculados no mestrado, doutorado e pós-doutorado, somando um total de 316 discentes. A amostra final para critério de análise ficou em 36 respostas, representando 11% dos discentes. Todas essas informações estão explicitadas no Quadro 12.2.

Quadro 12.2 – Quantidade de Alunos(as) Matriculados(as) nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Turismo e/ou Hospitalidade no Brasil, referente ao ano de 2020, e a distribuição das respostas obtidas.

Universidade	Programa	Alunos de Mestrado	Alunos de Doutorado	Alunos de Pós-doutorado	Total Alunos	Total Respondentes
Universidade Anhembi Morumbi	Hospitalidade	25	23	NA	48	3
Universidade de Caxias do Sul	Turismo e Hospitalidade	24	22	1	47	4
Universidade de São Paulo	Turismo	38	19	2	59	12
Universidade do Vale do Itajaí	Turismo e Hotelaria	NI	NI	NI	NI	3
Universidade Federal do Paraná	Turismo	23	NA	NA	23	3

Universidade Federal do Pernambuco	Hotelaria e Turismo	19	NA	NA	19	4
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Turismo	15	59	NA	74	4
Universidade Federal Fluminense	Turismo	46	NA	NA	46	3
Total					316	36
NA: Não se aplica. NI: Não informado						
*A coordenação do Programa em questão informou que em função de normativas internas da Universidade, é vedada a divulgação desse tipo de informação.						

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Nota-se a discrepância na quantidade de respostas da USP. Isso se deve ao fato de os autores terem maior contato com os discentes desta Universidade. O acesso aos alunos das outras universidades foi de considerável dificuldade, mas, ao final, obteve-se respostas de todos os programas de pós-graduação selecionados, fazendo com que todas fossem representadas. Ao todo, foram 19 alunos regulares do mestrado, 16 alunos regulares de doutorado e 1 de pós-doutorado. Optou-se por omitir os nomes dos respondentes, identificando-os apenas por número.

Foi questionado se o aluno cursou alguma disciplina que abordava o tema de Teoria ou Epistemologia do Turismo, e 84% dos pós-graduandos afirmaram já terem cursado ou estar cursando uma disciplina sobre o tema. Tais alunos são pertencentes a todas as instituições citadas, exceto a Anhembi Morumbi. Dos 16% que afirmaram não terem cursado essa disciplina, dois eram da Anhembi Morumbi, que justificaram a resposta dizendo que o programa é voltado à hospitalidade, por isso não cursaram tal disciplina, e os outros não apresentaram justificativa. Os nomes das disciplinas sobre a temática podem ser conferidos no Quadro 12.3:

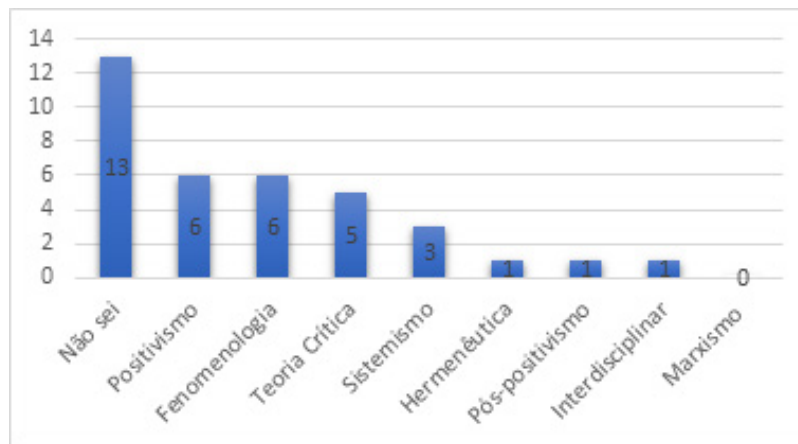
Quadro 12.3 – Disciplinas sobre Teoria | Epistemologia do Turismo dos Programas de Pós-graduação em Turismo no Brasil.

Universidade	Nome da Disciplina
Universidade Anhembi Morumbi	Não tem disciplina voltada à teoria do turismo
Universidade de Caxias do Sul	Epistemologia do Turismo e da Hospitalidade
Universidade de São Paulo	Teorias e Fundamentos do Turismo
Universidade do Vale do Itajaí	Turismo: Abordagens Teóricas e Tendências
Universidade Federal do Paraná	Teorias do Turismo
Universidade Federal do Pernambuco	Tópicos Emergentes em Hotelaria e Turismo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Teoria do Turismo I e II
Universidade Federal Fluminense	Epistemologia e Estudos do Turismo

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Além das disciplinas, perguntou-se aos alunos sobre qual a escola epistemológica de maior destaque nos programas que eles estão inseridos. Ao compilar o posicionamento dos 36 respondentes, obteve-se o Gráfico 12.1, o qual demonstra as linhas mais adotadas.

Gráfico 12.1 – Escolas epistemológicas mais destacadas nos programas de Pós-graduação em Turismo



Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

As escolas de maior destaque ficaram empatadas no positivismo e fenomenologia, sendo assim, os discentes acreditam que os programas de Pós-graduação em Turismo seguem uma métrica clássica, metodologias estabelecidas, objetos de estudos definidos e dados claros (positivismo), e também seguem a linha da fenomenologia segundo a qual o turismo é considerado um fenômeno altamente dinâmico (Panosso Netto & Nechar, 2014).

Nota-se que a linha do Marxismo não foi citada, demonstrando que os alunos acreditam que os programas de turismo não costumam ter uma visão do turismo segundo a qual ele é impulsionado apenas pelos fatores econômicos de produção, sendo uma forma de imperialismo e colonialismo. E na opção aberta de citar outras escolas não mencionadas, um aluno respondeu Interdisciplinar e outro Pós-positivismo. Ao questionar uma justificativa pela escolha, os discentes explicaram-se:

Como a maioria dos professores do departamento tem raiz advinda da administração, acredito que esse seja um fator concomitante para a ascensão do positivismo. (ID 17, Mestrado)

Parte do exaurimento dos estudos através do sistemismo e hoje busca ver o turismo pela lente fenomenológica, como algo complexo. (ID 30, Mestrado)

O tipo de avaliação, discurso e críticas aos projetos de pesquisa, em especial aqueles descritivos e estudo de caso, tendem a releitura do positivismo e a busca por contribuições gerais, aplicáveis em outros contextos. (ID 6, Doutorado)

Percebe-se, no Gráfico 12.1, que 13 alunos, equivalente a 36% do total, não souberam responder a respeito das escolas epistemológicas mais adotadas nos seus programas. Os mestrandos e doutorandos tiveram grande dificuldade em enquadrar os seus programas em uma das escolas, e mesmo as repostas intrainstitucionais não obtiveram uma convergência, como pode ser observado nos excertos a seguir:

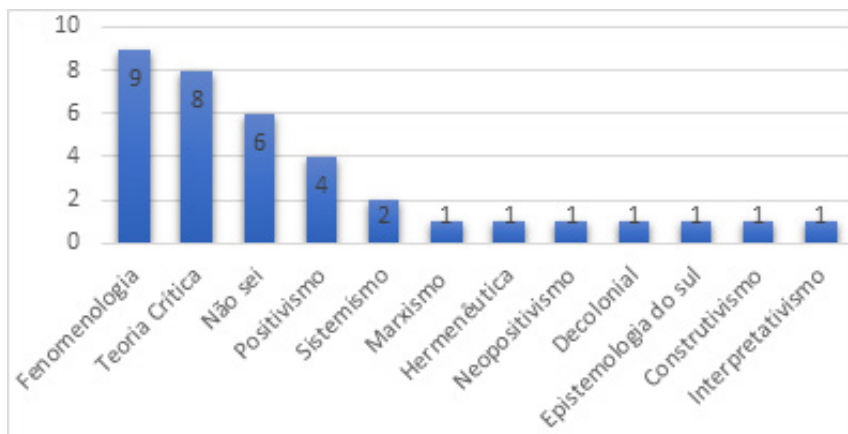
O turismo no programa é apontado como a materialização do capitalismo, por isso, não basta apenas um único olhar sobre o fenômeno. Nesse aspecto, o programa adota uma abordagem transdisciplinar, com contribuições de autores das mais diversas áreas. (ID 03, Mestrado)

Há diversas linhas e os docentes adotam distintas. Não sei dizer se curso segue uma escola específica. (ID 8, Pós-doutorado)

Cada professor, cada linha, trabalha numa direção. Temos marxistas, temos sistematistas, temos teóricos críticos, hermenêutas, temos pessoas que trabalham com uma mescla dessas escolas, etc. (ID 31, Doutorado)

Entretanto, quando questionado sobre qual a escola epistemológica com que os discentes mais se identificam, os alunos têm mais claro o próprio enquadramento. Na compilação dos 36 respondentes, obteve-se o Gráfico 12.2, que demonstra as linhas com que os discentes mais se identificam, mostrando que apenas 6 alunos não souberam se posicionar:

Gráfico 12.2 – Escolas epistemológicas as quais os alunos mais se enquadram



Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

As escolas mais destacadas foram a Fenomenologia e a Teoria Crítica. Segundo Pannosso Netto & Nechar (2014), a fenomenologia baseia-se na observação e na percepção do turismo como um fenômeno altamente dinâmico, desenvolvido no tempo e no espaço por um indivíduo ou um grupo, enquanto a teoria crítica auxilia os estudos turísticos ao mostrar os interesses ocultos que direcionam as investigações e ajuda a desvelar as ideologias que se manifestam no dia a dia do fazer acadêmico. Deste modo, é possível traçar que o perfil dos pós-graduandos em turismo tem suas pesquisas baseadas principalmente nessas duas linhas.

Na opção de citar outras escolas não mencionadas, as seguintes linhas foram citadas: Neopositivismo, Decolonial, Epistemologia do Sul, Construtivismo e Interpretativismo. Quando questionado uma justificativa pela escolha, percebe-se que os discentes conseguem responder essa questão com mais propriedade:

Tenho mais facilidade de abordar problemas e hipóteses com a utilização das ferramentas da escola positivista. (ID 10, Mestrado)

Já publiquei diversos artigos e estudos utilizando a fenomenologia, que me parece algo mais agradável de aplicar, ler e escrever. (ID 09, Doutorado)

Eu abordo o turismo de modo crítico a partir do Materialismo Histórico, sobretudo a partir de Louis Althusser, mas também de Marx e de outros autores brasileiros. Nesse sentido me considero num contexto marxista, pois não entendo que haja UMA teoria crítica apenas ou UM método crítico apenas. (ID 31, Doutorado)

Para encerrar este bloco de perguntas sobre a caracterização dos alunos e de suas instituições, foi perguntado sobre qual a visão que o programa de pós-graduação é mais focado: Humanista, Tecnicista ou Holística. Considerando todas as repostas, a humanista ficou com 39%, a holística com 36%, e a visão tecnicista com 8%, enquanto 17% responderam não saber.

A visão humanista baseia-se nos valores humanos onde o “ter” valeria menos do que o “ser” (Brusadin, 2015), enquanto a visão holística é aquela que diz que para compreender o significado de um evento ou comportamento deve-se entender as inter-relações de seu contexto (Dencker, 1998), ou seja, de acordo com os alunos, as visões dos programas de pós-graduação têm essas características.

Ao analisar tais resultados, percebe-se a existência de uma abordagem multidisciplinar, o que pode ser importante para os programas, pois, segundo Leiper (1979), a abordagem holística engloba toda a essência do turismo, permitindo um estudo interdisciplinar e multidisciplinar. Assim, os alunos conseguem um contato mais autêntico com cada uma das escolas, já que têm professores das diferentes linhas, levando as turmas conhecerem as características de cada uma delas, sem ter apenas um foco.

### **Produção de conhecimento e discussão sobre teoria**

O segundo bloco do roteiro de entrevista tinha por objetivo captar as opiniões dos alunos sobre o atual momento da produção de conhecimento em turismo no Brasil, assim como levantar o debate sobre a existência ou não de uma teoria do turismo, pergunta essa que é o ponto central da discussão do presente trabalho. Sendo assim, dos 36 entrevistados, 32 afirmaram que a atual produção de conhecimento não é suficiente no Brasil, representando 89%, enquanto os outros 11% disseram ser suficiente.

Os 89% que consideram que não é suficiente, explicam que esse fato está atrelado ao fenômeno do turismo não ser estático e estar em constante transformação, o que abre possibilidades para avanços, assim como se percebe uma falta de rigor e confiabilidade para embasar a evolução das pesquisas:

Precisa ampliar o campo de estudo. Acho os temas das dissertações dos Mestrados e Dourados em Turismo muito fracas, no sentido de conhecimento, são muito repetitivas, sem inovação (ID 12, Mestrado)

A produção nacional já é expressiva, mas acredito que ainda podemos evoluir bastante diante da pluralidade de possibilidade de destinos a serem explorados. (ID 17, Mestrado)

É preciso elevar o nível dos estudos e pesquisas produzidas no Brasil na área para alcançar maior rigor metodológico e confiabilidade. (ID 27, Mestrado)

Precisamos avançar no que diz respeito justamente as questões Epistemologias numa perspectiva geral e não apenas ao Turismo. (ID 32, Doutorado)

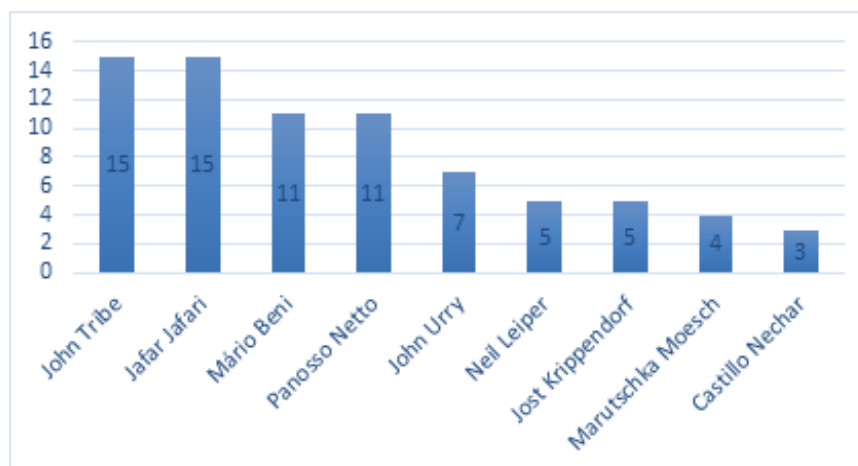
As respostas acima corroboram com a ideia de Panosso Netto (2007) sobre ser necessário articular estudos sobre a epistemologia e avançar na pesquisa sobre o turismo, pois falta produção científica capaz de gerar novas teorias e novos paradigmas. Já os respondentes (11%) que se dizem satisfeitos com a produção de conhecimento nas áreas, conclama para uma conscientização dos atuais estudos e para uma valorização do que já está sendo feito:

Já existem diversos estudos abordando o tema, talvez a insuficiência esteja na conscientização dos pesquisadores em relação a estes estudos. (ID 36, Mestrado).

Há de se parar de importar conhecimento e aceitar que as produções brasileiras são boas, muita 'vangloriação' pra artigo AI em língua inglesa. (ID 24, Doutorado)

Posteriormente, foi questionado aos alunos se seu atual programa de pós-graduação estuda clássicos teóricos do turismo, 86% responderam que sim, 11% disseram que não e 6% não sabiam. Posteriormente foi pedido aos alunos elencar autores mais citados e referenciados no programa. As respostas encontram-se no Gráfico 12.3.

Gráfico 12.3 – Autores do turismo mais citados.



Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

De maneira geral, os mais citados foram o inglês John Tribe e o iraniano Jafar Jafari. Em segundo, os brasileiros Mário Beni e Panosso Netto. Seguidos do inglês John Urry, o australiano Neil Leiper, o suíço Jost Krippendorf, a brasileira Marutschka Moesch e o mexicano Castillo Nechar. Ainda sobre esse dado, vale ressaltar que outros teóricos foram mencionados, sendo eles: Alain Montandon, Conrad Lashley, Doris Ruschmann, Hall, Karl Popper, Luiz Octávio Camargo, entre outros.

Compreende-se que os discentes conhecem diversos teóricos do turismo, tendo contato com os autores desde a fase pré-paradigmática até as novas abordagens. Porém, os respondentes não citam teóricos dos estudos mais antigos de turismo. Os autores mais citados produziram suas principais obras entre os anos de 1990 e 2015, sendo assim são autores relativamente recentes, ao comparar com o Quadro 12.1 dos autores clássicos de turismo. Portanto, reforça a ideia de Panosso Netto et al. (2011) sobre a carência de referência aos clássicos do turismo.

Percebe-se a importância do brasileiro Mário Beni, e, conseqüentemente, sua pesquisa voltada ao sistema do turismo, assim como o autor Alexandre Panosso Netto, expoente nome dos estudos sobre epistemologia. É interessante que os programas utilizem autores nacionais, já que esses têm contato com a realidade do país, trazendo assim uma visão diferente dos autores internacionais, o que pode agregar em pesquisas voltadas para a realidade brasileira.

Ainda dentro da questão dos autores, percebe-se que a grande maioria dos autores destacados foram homens. Poucas autoras, como as brasileiras Marutschka Moesch e Doris Ruschmann, foram mencionadas, apesar de haver autoras clássicas do turismo como, por exemplo, Valene Smith, Eugenia Wickens, Regina Schlüter Marie-Françoise Lanfant e Maria Gravari-Barbas. É fato que o número de mulheres ao longo da história da literatura clássica do turismo é menor, entretanto, atualmente se nota que ainda não há uma devida valorização e inclusão dessas obras nos estudos do turismo, pois a maioria dos discentes não destacaram seus nomes.

E como ponto central do trabalho, foi investigada a opinião dos alunos sobre existir uma teoria do turismo. Considerando todas as respostas houve praticamente um empate entre as opiniões. Dos 36 respondentes, 21 consideram que existe sim uma teoria do turismo, representando 58%, enquanto 15 respondentes consideram que não existe, representando 42%. Os que consideram que sim, acreditam que precisa ser visto a evolução da área do turismo ao longo dos últimos anos, justificando:

Sim, entendo o turismo como uma disciplina acadêmica que bebe de outras fontes sociais e humanas, mas já construiu uma teoria própria com o avanço das pesquisas do fenômeno. (ID 14, Mestrado)

Ainda que as bases epistemológicas sejam advindas de outras áreas já consolidadas, o conceito interdisciplinar (transdisciplinar) que a área do turismo exige promove o uso de novas teorias que se adaptem à nova realidade e interface a detalhes de outras áreas, criando assim, novas teorias específicas para o turismo. (ID 7, Doutorado)

Quanto aos respondentes que consideram que não existe uma teoria do turismo, ao serem questionados o porquê, explicam que existem modelos que buscam explicar o que é o turismo, mas não uma teoria específica:

Não existe uma teoria do turismo. Há discussões, fundamentos, proposições teóricas e diferentes teorias, com base em outros campos do conhecimento. (ID 6, Doutorado).



Acredito que tenha muitos conceitos referente a várias temáticas do turismo, há uma epistemologia, porém não acredito que haja uma teoria, porque o turismo ainda, para alguns, não é visto como ciência, não há como na Administração (TGA) uma “teoria geral do turismo”. (ID 24, Doutorado)

Para complementar essa discussão sobre a teoria do turismo, fez-se necessário questionar os alunos se eles consideram o Turismo como ciência. Houve novamente quase um empate nas opiniões. Entre os 36 entrevistados, 44% dos respondentes, ou seja, 16 afirmam que turismo pode ser sim considerado uma ciência, ao entender o avanço na produção de conhecimento e continuidade na busca de entendimento do fenômeno:

Porque ao estudar o fenômeno, o turismo deixa de ser uma disciplina isolada. O aspecto de ciência vem da transdisciplinaridade que remete a teoria de sistemas (ID 15, Mestrado)

O turismo é uma ciência, pois é estudado como fenômeno da sociedade. (ID 21, Mestrado)

Se por ciência você tem em mente um modelo mais tradicional, com teoria, método, objeto definidos etc., em que verdades são tomadas como leis, generalizações raras vezes são relativizadas, em que a ideia representa o real, então talvez o turismo não possa ser considerado uma ciência. Ao contrário, se você tem em mente uma outra forma de compreender a ciência, na qual teorias, modelos, métodos, objetos etc. são desde sempre questionáveis [...], então talvez você possa considerar o turismo como ciência. (ID 31, Mestrado)

Por outro lado, 20 respondentes representando 56% consideram que turismo não é ciência, justificando que turismo é um fenômeno que não tem um corpo teórico próprio, apropriando-se de outras disciplinas, sendo observado sob a ótica de diversos saberes:

Porque não tem leis universais ou teoremas como a física, a matemática, ou a química, mas pode ser estudado cientificamente. No Turismo, o que é estudado pode ser abordado e interpretado de diferentes formas, e é a abordagem que promove o rigor científico à pesquisa do turismo. (ID 10, Mestrado)

Pra mim, o turismo tem valor e rigor científico, porém não apresenta um único objeto de estudo e pesquisa para caracterizá-lo como tal. (ID 14, Mestrado)

Considero o turismo uma área de abrangência das Ciências Sociais e não uma ciência propriamente (ID 9, Doutorado)

Turismo bebe na fonte de diversas teorias. Pode-se dizer que turismo é um conjunto de conhecimentos e uma arte. Não diria que é exatamente ciência (ID 8, Pós-doutorado)

Dessa maneira, foi constatado a partir dessa divisão de opiniões que o fato de o estudo do turismo ser ou não ser considerado uma ciência dependerá do ponto de vista do que é ciência. Entende-se que há uma indefinição de conceitos referentes ao turismo, existindo diversas definições, o que dificulta na clareza do objeto turismo, a qual seria fundamental para acabar com a incerteza sobre o turismo ser uma ciência.

## Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo identificar a visão dos discentes dos oito programas de pós-graduação em Turismo no Brasil a respeito da existência ou não de uma teoria do turismo. Considera-se que o objetivo foi atingido: observa-se que 42% dos entrevistados acreditam que não existe uma teoria do turismo, pois o turismo é uma área interdisciplinar com teorias baseadas em outros campos de conhecimento. Enquanto 58% dos discentes consideram que existe sim uma teoria do turismo, pois apesar do turismo utilizar-se de bases epistemológicas de outras áreas, o turismo já construiu uma teoria própria com o avanço das pesquisas.

Do total de respondentes, 44% dos alunos acreditam que Turismo é ciência, pois ainda que utilize de bases teóricas de outras áreas, o turismo é estudado como fenômeno da sociedade, e o aspecto de ciência vem da transdisciplinaridade que remete a teoria de sistemas. Enquanto 56% consideram que turismo não é ciência, pois o turismo não tem leis universais ou teoremas, e apesar de possuir um rigor científico, não apresenta um único objeto de estudo e pesquisa para caracterizá-lo como ciência.

Conclui-se que o mais importante não é se existe ou não uma teoria do turismo, ou se o turismo pode ou não ser considerado ciência, o importante é construir conhecimento. Atrelado a isso, percebe-se a insatisfação dos brasileiros pós-graduandos em turismo, pois 89% da amostra desta pesquisa considera que a produção de conhecimento sobre a teoria do turismo não é suficiente no Brasil.

Além disso, os discentes consideram que se importa muito conhecimento do estrangeiro: deve-se haver uma maior aceitação de que as produções brasileiras são boas. Porém, é preciso elevar o nível das pesquisas brasileiras sobre turismo, para alcançar maior rigor metodológico e confiabilidade, a ponto de não ser necessária essa discussão se é ou não é ciência.

Dos oito programas de pós-graduação em Turismo no Brasil, apenas uma universidade (Anhembi Morumbi) não possui uma disciplina voltada à teoria do turismo, mas pelo fato que o programa é voltado a Hospitalidade. Quanto à escola epistemológica de turismo que mais se enquadra nos programas, as mais citadas foram o positivismo e fenomenologia, sendo que 36% dos alunos não souberam se posicionar. Já quanto à escola com que os alunos mais se identificam, apenas 16% não souberam responder, e as mais destacadas foram a Fenomenologia e a Teoria Crítica. Quanto à visão focal dos programas, 39% dos discentes acreditam que é humanista.

Os resultados foram evidenciados com auxílio de quadros esquemáticos e gráficos. Porém, de toda forma esse estudo possui suas limitações, pois houve pouca representatividade de algumas universidades. Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do número de entrevistados superando essa limitação.

## REFERÊNCIAS

- Akoglu, T. (2015a). Um retrato de Kurt Krapf. *Anatolia*, 26 (3), 506-509. DOI:10.1080 / 13032917.2015.1028263
- Akoglu, T. (2015b). Walter Hunziker - O Fundador do Turismo Acadêmico. *Anatolia*, 26 (3), 501-505. DOI: 10.1080 / 13032917.2015.1026660
- Bran, V. (2017). Hospitalitas. Disponível em En Memoria: <http://hospitalitas.com/wp-content/uploads/2017/03/EN-MEMORIA-SERGIO-MOLINA.pdf> Acesso em 31 de out de 2020.
- Brusadin, L. B. (2015). A teoria do turismo e os conceitos fundamentais. *Cenário*, Brasília, V.3, n.4 | 173 – 177 | Ago. 2015 | p. 177
- Cohen, S. A. (2013). A portrait of Erik Cohen. *Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, 24(1), p. 104-111. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13032917..2013.785694>
- Cortés, M.L, & Nechar, M.C. (2006). Apuntes para la investigación turística. Universidad de Quintana Roo.
- Dencker, A. de F.M. (1998). Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Futura.
- Dolnicar, S. (2014). The diamond professor: A portrait of Josef Mazanec. *Anatolia*, 25(2),322-332.
- EACH. (2015) Escola de Arte, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www5.each.usp.br/web/prof/alexandre-panosso/quem-somos/>> Acesso em 30 de out de 2020
- Experts. Researcher. (2020). Disponível em: [http://www.experts.uum.edu.my/Researcher\\_Info.aspx?nopkj=5035](http://www.experts.uum.edu.my/Researcher_Info.aspx?nopkj=5035) Acesso em: 29 set. 2020
- Heritage Tourism. (2020). Who is Who. Disponível em: <<https://heritagetourismhospitality.org/maria-gravari-bas/>> Acesso em 30 de out de 2020
- IDREF. (2020). Identifiants et Référentiels pour l'ESR. Identificador 076941515. Marie-Françoise Lanfant. (Lista de produções). Disponível em: <<https://www.idref.fr/076941515>> Acesso em 11 de set de 2020
- Jessop, B. (2017). In Memoriam: John Urry, 1946–2016. *Journeys*. 18, n. 1, p. 138–141.
- Lattes (2020). Currículo Lattes Marutschka Martini Moesch. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4770426Y6>> Acesso em 30 de out de 2020.
- Lattes (2022). Currículo Lattes Luiz Gonzaga Godoi Trigo; Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0322089095908308>>. Acesso em 26 de fev de 2022.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of tourism research*, 6(4), 390-407.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2004). Metodologia de pesquisa. São Paulo: Atlas.
- Maximiliano E, K. (2015). A portrait of Jost Krippendorf. *Anatolia*, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 158-164.
- Mazanec, J. A. (2015). Paul Bernecker – Austrian pioneer of the study of tourism. *Anatolia*, v. 26, n. 3, p. 510-514.
- Middleton, V. T. C. (2017). Arthur John Burkart – pioneer scholar in tourism studies, *Anatolia*, 28:1, 116-121, DOI: 10.1080/13032917.2016.1168686
- Mota, J.S. (2019). Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. *Revista Humanidades e Inovação* v.6, n.12.
- Norrild, J., & Korstanje, M. E. (2017). Regina Schlüter—an entire life devoted to tourism research. *Anatolia*, 28(3), 493-500.
- Panosso Netto, A. (2007). Filosofia del Turismo: uma proposta epistemológica. *Estudios y perspectivas en Turismo*. Volumen 16, p. 389 – 402.
- Panosso Netto, A. (2011). Filosofia del turismo: teoría y epistemología. Editorial Trillas.
- Panosso Netto, A., & Nechar, M.C. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica Epistemology of tourism: theoretical schools and critical proposal Epistemología del turismo : escuelas teóricas y propuesta crítica. *Rbtur*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 120-144.
- Panosso Netto, A., Noguero, F.T., & Jäger, M. (2011). Por uma visão crítica nos estudos turísticos . *Revista Turismo Em Análise*, 22(3), 539-560. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v22i3p539-560>
- Pantano, E. (2013). El adiós a uno de los padres del turismo argentino moderno. *La Agencia de Viajes Argentina* (1.256), 80-82., Disponível em: [https://issuu.com/ladevi.argentina/docs/arg\\_1256/80](https://issuu.com/ladevi.argentina/docs/arg_1256/80) Acesso em 30 de out de 2020
- Pechlaner, H. (2015). Norbert Vanhove – a life dedicated to AIEST and TRC. *Anatolia*, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 515-520. *Péree*. Disponível em: <https://www.persee.fr/authority/64515>. Acesso em 30 de out de 2020
- Persée. (2020) Parcourir les Collections. Disponível em: <https://www.persee.fr/authority/64515> em 30 de out de 2020
- Sena Júnior, O. B., & Sonaglio, K. E. (2017). Análise das contribuições, influências e relevância de jafar jafari para o estudo do turismo. *Revista: Caribeña de Ciencias Sociales* ISSN: 2254-7630
- Stone, M. J., & Coon, J. (2017). Always a traveller: a portrait of Valene L. Smith. *Anatolia*, [s. l.], v. 2917, p. 1-7. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13032917.2016.1273168> Acesso em 30 de out de 2020

Szromek, A. R., Alejziak, W., & Kruczek, Z. (2019). International Academy for the Study of Tourism. In memoriam. Obituary of the late Dr. Krzysztof Przeclawski. Disponível em: <[http://www.tourismscholars.org/memoriain\\_przeclawski.php](http://www.tourismscholars.org/memoriain_przeclawski.php)> Acesso em: 29 set. 2020.

Surrey. (2020). Biografias. Disponível em: <<https://www.surrey.ac.uk/people/john-tribe>> Acesso em: 29 set. 2020.

Worldcat Identities (2020). Disponível em: <http://worldcat.org/identities/lccn-n94040190/> Acesso em: 29 set. 2020

Turismo em Criação. (2014) Disponível em: <<https://turismoemcriacao.wordpress.com/2014/10/22/mario-carlos-beni/>> Acesso em: 29 set. 2020

Urano, D. G. (2016). Contribuições de Leiper, Wahab e Cuervo para a abordagem sistêmica do turismo. Revista de Turismo Contemporâneo, v. 4, n. 0, p. 77-95, 2016.

Vanhove, N. (2015). Tourist Research Centre (TRC): Short history. Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research. doi:10.1080/13032917.2013.872873

# 13 Ensino da teoria do turismo: contribuições e desafios na profissão docente

Adriana Santos Brito<sup>38</sup>

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as principais contribuições epistemológicas do turismo no processo de ensino e aprendizagem. É a partir do estudo da teoria que se produz o conhecimento, algo essencial para a formação do pensamento crítico e reflexivo. Assim, o papel da universidade é produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, saber direcionar o ensino da teoria e a prática. Nota-se que os cursos de graduação em turismo (Bacharelado) ofertados no Brasil sistematizam o conhecimento sobre o fenômeno turístico de forma interdisciplinar nas instituições de ensino superior seja pública e/ou privada disponíveis no país.

Dessa forma, percebe-se que o estudo do turismo promove duas interpretações, conforme cita Barretto, Tamanini e Silva (2004, p. 36) “[...] a primeira interpretação é estudar num curso de turismo e a segunda interpretação pode ser a de estudar o fenômeno turístico por outros olhares”. Isso permite inferir que a formação do bacharel em turismo tem habilitação polivalente, cabendo ao profissional exercer a profissão seja no planejamento do turismo receptivo ou até mesmo com a formação acadêmica condizente com o ensinar turismo.

Isso se refere à estrutura curricular, modalidade de ensino e o perfil do egresso no país, o que significa dizer que o ensino superior, mais precisamente em turismo, possui uma visão mercadológica e outra humanística: a primeira com foco na formação de profissionais para o mercado de trabalho, e a segunda com objetivo de formar professores-pesquisadores, ou seja, profissionais aptos a refletir sobre o fenômeno turístico, sendo necessário uma continuação acadêmica.

Quando se refere ao estudo do turismo, a teoria exige uma formação em que os “[...] alunos que tenham senso crítico, criatividade, capacidade de trabalho em grupo, ética e possibilidade de inovação”, conforme cita Panosso Netto, Noguero e Jäger (2011, p. 533). Essa visão crítica vai direcionar a construção de um pensamento crítico e que ao mesmo tempo vê a necessidade de ampliação dos estudos turísticos, pois o turismo é experiência humana, ao mesmo tempo é fruto de uma ação contínua do Homem que teve origem no passado e ainda é influenciado no presente.

---

38 Doutoranda em Turismo pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: [adrianasbrito@usp.br](mailto:adrianasbrito@usp.br)

Quando se ensina o turismo, logo se percebe que a teoria é vista como algo abstrato e muito teórico para muitos dos acadêmicos que logo almejam a prática. A maioria esquece que os professores dedicaram-se anos de sua vida, lendo livros, pesquisando, publicando artigos científicos, inventando técnicas e métodos de aulas para promover o interesse dos acadêmicos.

De fato, a prática é importante para o desenvolvimento profissional, ainda mais quando se trata da área do turismo. Contudo, há momentos em que se precisa ler, estudar, refletir sobre o conhecimento que os(as) autores(as) nos proporcionam para só depois podermos, a partir daquela compreensão teórica, olhar para a realidade existente e poder sugerir possíveis soluções aos problemas.

Sendo assim, percebe-se que as contribuições da epistemologia nos estudos turísticos são essenciais, pois auxilia não só na formação dos futuros bacharéis em turismo, como promove uma explicação sobre o fenômeno turístico, a partir de uma base teórica e científica que influencia em futuras pesquisas na área do turismo.

Este trabalho justifica-se a partir da necessidade teórica, conceitual e reflexiva sobre como o ensino e aprendizagem da teoria do turismo, neste caso, a epistemologia contribui para a formação dos(as) profissionais do turismo, sob um viés docente. Outro fator relevante, é a existência de poucas pesquisas (artigos científicos, dissertações e teses) relacionadas à temática sobre a teoria do turismo e a sua relação com o ensino no Brasil.

Por isso, serão apresentadas reflexões mediante análise bibliográfica, em que é importante ressaltar o novo olhar sobre a teoria do turismo e as contribuições desse campo do conhecimento no ensino e aprendizagem. Por fim, nas considerações finais, é realizada uma análise geral do contexto da pesquisa, a partir das reflexões epistemológicas de autores(as) da área do turismo.

## Teoria do Turismo: Ensinar o Quê?

Quando se é docente no ensino superior em turismo surgem alguns questionamentos acerca da teoria ao longo do magistério. Desde os seguintes questionamentos: O que é turismo? Como se produz o conhecimento em turismo? Quais são as bases teóricas que fundamentam o conhecimento em turismo? Após essas indagações, percebe-se que essas perguntas exigem uma reflexão filosófica necessária, capaz de influenciar a construção do conhecimento sobre essa vertente humanística e social aplicada que é o turismo.

É interessante notar que o processo de reflexão sobre a existência humana ou sobre alguma área do conhecimento precisa da filosofia para melhor compreensão das questões do mundo. Por isso a filosofia “[...] é, antes, reflexão primeira sobre o homem e o mundo, que se preocupa com as questões fundamentais da existência humana, como a ética, o sentido da vida, a verdade científica, a lógica, os problemas metafísicos, ontológicos e transcendentais, dentre outros”, assim afirma Panosso Netto (2011, p. 34).

Sendo assim, o surgimento das abordagens teóricas do turismo iniciou-se no final do século XVIII e início do século XIX, mais precisamente durante a segunda Revolução Indus-

trial. Os deslocamentos existentes a partir desse período despertaram o interesse de vários estudiosos que perceberam o turismo enquanto processo histórico e influenciado pela ação do Homem. Para eles, o 'turista' também é um ser histórico, sendo influenciado pelo deslocamento que se torna a experiência do ser humano.

Se os estudos turísticos tivessem tido desde o início o auxílio da filosofia, acreditase que seriam melhores as reflexões acerca dessa área de conhecimento. Apesar da ausência inicial de análises teóricas mais aprofundadas, os questionamentos permaneceram ao longo dos séculos XIX e XX, a partir da teoria do turismo sugerida por autores como Hunziker e Krapf (1942); Cuervo (1967); Fuster (1970); Leiper (1979); Jafari e Ritchie (1981); Tribe (1981); Sessa (1985); Krippendorf (1989); Boullón (2002); Molina (2003) e no Brasil o pesquisador Mário Beni (1998) possibilitaram um avanço científico sobre o conhecimento da teoria do turismo.

Cabe frisar aqui que boa parte desses(as) pesquisadores(as) que estudaram ou ainda estudam o turismo não tiveram uma formação inicial na área, mas sim em outras áreas do conhecimento, ou seja, outras graduações que, conseqüentemente, acabaram por relacionar com a área do turismo. Isso permite inferir que essas formações distintas auxiliam no desenvolvimento de um estudo do turismo no campo teórico e interdisciplinar com visões múltiplas acerca do turismo.

Quando se trata do ensino e aprendizagem no turismo, é essencial a compreensão das contribuições epistemológicas sobre a teoria. Para isso, “[...] é necessário muito mais do que um conhecimento superficial sobre o assunto, é imprescindível uma abordagem profunda, e fundamentada na filosofia, mais especificamente na filosofia da ciência, que vá à essência da discussão e que não pare apenas sobre seus aspectos superficiais”, conforme cita Panosso Netto (2011, p. 42-43).

Dessa maneira a epistemologia auxilia no processo de explicação sobre o fenômeno turístico e, ao mesmo tempo, fornece base científica suficiente para que os pesquisadores possam desenvolver pesquisas com mais certeza e fundamentada em estudos concretos. Sendo assim, o Quadro 13.1 apresenta as principais ideias relacionadas a análise sobre a teoria do turismo no ponto de vista dos seguintes pesquisadores:

Quadro 13.1 – Análise sobre a teoria do turismo e principais contribuições para o ensino e aprendizagem

Pesquisadores	Ano	Teoria do Turismo – visão dos pesquisadores	Contribuição para o ensino e aprendizagem em turismo
Hunziker e Krapf	1942	O turismo poderia envolver múltiplas áreas de estudo e de atuação. Para isso, os estudos turísticos precisavam estar amparados nas ciências, enquanto visão holística e que se aproximava da realidade.	O estudo do turismo sob o viés da teoria contribui para o processo de ensino e aprendizagem pelo fato de promover reflexões ao longo de leituras, aplicação de atividades teórico-práticas e troca de conhecimentos, essenciais para a formação do acadêmico e futuro profissional em turismo. É preciso pensar que a teoria somente é integrada quando se propõem aos acadêmicos (as) o repensar na situação local, ou seja, a realidade onde se encontram, assim a partir desse diagnóstico e tendo uma base teórica já fundamentada, os futuros profissionais podem direcionar suas reflexões com sugestões de melhorias, cujo sentido é tentar solucionar aos reais problemas turísticos encontrados.
Cuervo	1967	Relacionou a teoria do turismo utilizando a Teoria Geral de Sistemas. Para ele, o sistema aplicado ao turismo estava dividido em conjuntos e subconjuntos bem definidos em relações que envolviam serviços e instalações ocasionados por deslocamentos humanos.	
Fuster	1971	O turismo deveria ser abordado como ciência, mas não como ciência separada das demais. Deveria estabelecer relações entre as diversas áreas do conhecimento, envolvendo aspectos psicológicos, sociológicos, políticos e econômicos que conduziram a teoria e a prática do turismo.	
Leiper	1979	Além de incluir a Teoria Geral de Sistemas nos estudos turísticos, ele propôs uma definição de turismo dividida em três grupos: econômica, técnica e holística. Essa última apresenta uma visão mais completa do estudo do turismo, a qual permite que o fenômeno turístico possa ser analisado de forma multi e interdisciplinar. Essa teoria foi mais aceita pela comunidade acadêmica.	
Jafari e Ritchie	1981	Promoveram uma interpretação do turismo de forma acadêmica e interdisciplinar. O objetivo de sua teoria do turismo era fundamentar uma análise que refletia sobre a educação em turismo. Para eles, o turismo visto como acadêmico (disciplina) estaria no centro de discussões, situando-se em um departamento principal. As demais áreas do conhecimento (disciplinas) estariam ao redor deste círculo emanadas por outros departamentos e essa relação contribuiria para a análise e interpretação do fenômeno turístico.	
Sessa	1985	Estabeleceu uma abordagem sistêmica para o estudo do turismo. Para ele seria necessário que o turismo pudesse relacionar os aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais. Com isso o sistema de turismo se tornaria multidisciplinar estabelecendo uma interconexão com interações entre o sistema determinados por comportamentos e objetivos.	



Krippendorf	1989	O sistema levou o nome de um modelo da sociedade industrial. A teoria do turismo pensada pelo autor não avançou de maneira significativa, pois apresentava um leque de interpretações sobre o fenômeno turístico e que ultrapassou a simples esfera do turismo. Por isso a análise do turismo, foi realizada sob o enfoque da sociologia.
Tribe	1997	Se destacou em trabalhos sobre educação e turismo e, principalmente refletindo sobre a epistemologia do turismo. Para ele o turismo deveria ser analisado enquanto objeto de investigação (problemas a serem estudados) seguidas de métodos para esses objetos (disciplinas com seus métodos de pesquisa). Segundo ele o turismo nunca será uma disciplina científica.
Beni	1998	O turismo pode ser considerado uma ciência, mas é preciso antes que o turismo seja visto como um sistema composto de conjuntos (ambientais, organizacionais e operacionais). A partir dessas interrelações o turismo poderá se firmar como ciência humana e social. A proposta ainda é um instrumento de estudos e pesquisas sobre a teoria do turismo para os pesquisadores da área do turismo no Brasil.
Boullón	2002	Destacou-se na área sistêmica do turismo. Para ele, o turismo seria analisado através de três modelos: oferta-demanda; antropológico social e turismo industrial.
Molina	2003	Sua proposta foi denominada de pós-turismo, cuja categoria de análise aplicada ao turismo tem uma forte relação com a categoria da pós-modernidade e a categoria histórica.

Fonte: Panosso Netto (2011) e Lohmann e Panosso Netto (2012), adaptada pela autora (2022).

As contribuições da teoria do turismo abordadas no Quadro 13.1, sob o viés dos(as) autores(as) citados, possibilitam inúmeras reflexões sobre essa vertente humanística e social aplicada que é o turismo. Acredita-se que a principal influência nos estudos turísticos no presente foram os deslocamentos que o Homem, enquanto sujeito praticante das viagens reali-zou e ainda realiza para outros locais longe dos habituais de residência ao longo dos séculos. Isso explica a ideia central da teoria do turismo, por mais difícil que seja a sua compreensão, a maioria das pessoas não conhecem o turismo analisado a partir de uma visão científica.

É através do processo histórico e da experiência de deslocamentos realizados pelo Homem no passado que podemos olhar para o presente e para o futuro com uma nova perspectiva sobre o fenômeno do turismo e, principalmente, sobre o ser “turista”. Isso se deve ao fato de que as reflexões “[...] levam a pensar o turista como um ser histórico e não um “ser” acabado. [...] é um “ser” em construção contínua, em formação contínua”, conforme cita Panosso Netto (2007, p. 390).

Do início do século XX, com o pensamento dos autores *Hunziker e Krapf*<sup>39</sup>, em 1942, e conseqüentemente a publicação do livro *Grundriss der Allgemeinen Fremdenverkehrslehre*, traduzido como “Tratado de uma Teoria Geral do Turismo”, que se tornou para a época a principal bibliografia básica sobre turismo, esses pesquisadores perceberam que o turismo poderia envolver múltiplas áreas de estudo e de atuação. Para eles, o turismo nada mais era do que a soma dos fenômenos e relações decorrentes da viagem e estadia dos não residentes, na medida em que não levam a residência permanente e não estavam conectados com qualquer atividade de ganhos (Panosso Netto, 2011).

Até os estudos dos pesquisadores modernos da segunda metade do século XX e início do século XXI como: Cuervo, Leiper, Sessa, Krippendorf, Boullón, Molina e Beni, buscaram refletir acerca do pensamento sistêmico através da Teoria Geral de Sistemas (TGS), cuja troca de relações, serviços e instalações, são ocasionados devido aos deslocamentos de pessoas, ou seja, o turismo.

Já os pesquisadores que buscaram estudar o turismo enquanto ciência, no caso de Fuster, Jafari, Ritchie e Tribe conseguiram desenvolver pesquisas sobre o fenômeno turístico, a partir do viés multi, trans e interdisciplinar, cuja integração envolve o “estudo da teoria do turismo” de forma reflexiva, tendo como principal objetivo a análise dos deslocamentos humanos, ocasionados pelo turismo, mas o destaque está na produção do conhecimento.

É perceptível que esses(as) pesquisadores(as) possuem duas visões acerca da teoria do turismo: a sistêmica e a interdisciplinar. Nota-se que o estudo da teoria realizado no passado traz inúmeras contribuições para o estudo do turismo no presente. Percebe-se uma nova ruptura sob forma de pensar na criticidade da epistemologia do turismo (teoria) ao considerar que nem toda viagem conseqüentemente é turismo. Entende-se que o turismo, enquanto ciência social aplicada, necessita da atividade econômica para a viabilidade dos sujeitos (turistas e viajantes) em trânsitos. Por isso, é preciso chamar atenção para a importância de se estudar a epistemologia do turismo (teoria), pois é a partir desse estudo que se poderá sugerir possíveis soluções aos atuais problemas da área turística.

---

39 Hunziker, W.; Krapf, K. (1942). *Grundriss der Allgemeinen Fremdenverkehrslehre*. Zürich/Berna: Polygraphischer Verlag Ag. Zurique. Esta obra foi lida pelo autor Alexandre Panosso Netto, dessa maneira as reflexões teóricas referentes aos autores Hunziker e Krapf (1942) incluída neste texto, possui uma base de tradução que está inserida no livro: Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph.

## Reflexão Sobre o Trabalho Docente a Partir da Teoria do Turismo

Primeiramente, o docente em turismo é composto por uma pessoa que dedica anos de sua vida a refletir sobre essa vertente humanística e social aplicada que é o turismo. É um profissional que contribui não só para a formação de futuros bacharéis em turismo, mas fortalece a sua própria identidade docente e ao mesmo tempo colabora para uma aprendizagem reflexiva e crítica por meio do processo de ação e reflexão.

O que significa pensar o docente reflexivo no atual contexto do trabalho educacional estando relacionado ao ensino superior em turismo neste país? Acredita-se na possibilidade de ser um (a) professor (a) que conseqüentemente assume uma nova postura de um (a) educador (a) e que espera verdadeiramente a autonomia do ensino e aprendizagem, na liberdade e no desenvolvimento daqueles que educa e principalmente proporciona, por meio do estudo da teoria do turismo a formação de profissionais autênticos, seres histórico-sociais que buscam escolher a reflexão, saibam intervir e criticar com fundamentação teórica coerente com a realidade que os cerca, romper com paradigmas e, acima de tudo, poder, a partir da sua formação, tomar decisões.

Para Schön (2000), pensar no docente como ser reflexivo no atual contexto de trabalho é saber produzir um conhecimento na ação, reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão sobre a reflexão na ação. Essas noções são fundamentais para o desenvolvimento do processo reflexivo do professor-pesquisador em turismo, pois será a partir desse momento que ele irá discutir consigo mesmo a importância do estudo da teoria para o desenvolvimento de uma prática reflexiva e que fortaleça o processo formativo dos futuros profissionais em turismo, fazendo-os desenvolver novas habilidades essenciais para a prática profissional.

De acordo com Pimenta e Anastasiou (2014), a partir do ensino da teoria há uma possibilidade de uma aprendizagem que envolve “eu” e o “nós”, é um processo que envolverá uma mediação entre educador (a) e educando, por meio da reflexão. É antes de tudo uma construção social e que deve valorizar inicialmente os conhecimentos prévios dos discentes, conforme cita Freire (1996). Nesse contexto de ensino e aprendizagem em turismo, é necessária a promoção de discussões teóricas. Após isso, a problematização de situações ou estudo de casos em sala de aula como elemento importante para o processo educativo em turismo.

Durante o trabalho do docente em turismo, é interessante que esse profissional atue por meio de uma prática pedagógica que se entrelace nas seguintes interfaces a serem refletidas ao longo de sua vida acadêmica pelo fato de envolver teoria e prática no ensino. A pergunta inicial está relacionada à motivação: por que eu ensino? Essa pergunta é essencial, pois conduz o docente a uma autoanálise esclarecedora que, com toda certeza, poderá desencadear outras de igual importância. Então, a motivação torna-se um agente promotor da educação, tendo em vista que o (a) educador (a), neste caso, o (a) profissional docente em turismo, é capaz de enfrentar a vida.

Uma segunda indagação seria: o que eu ensinarei? Existem várias respostas para essa questão e todas elas envolvem a própria área de formação do docente. Mesmo assim, percebe-se que o ensinar a teoria em turismo estaria relacionado não só às experiências de vida e profissionais do docente, mas permitirá refletir acerca de uma consciência crítica e cidadã que vai além do ensino em turismo. Outra questão norteadora para o pensar docente em turismo seria, como ensinarei? Nesse caso, o (a) professor (a) deve entender que, durante o desenvolvimento de suas disciplinas, o aprendizado só é importante quando a mente do discente está predisposta a aprender. É perceptível aqui a busca pela inovação no ensino e aprendizagem como elo que irá auxiliar o processo educativo superior.

E por último: a quem ensinarei? Para o turismo, o (a) docente sempre deverá saber quem serão os (as) educandos (as) alvo de seu ensino. Essa responsabilidade da qual o professor (a) deverá se eximir por estar se tratar de formação de futuros profissionais, nesse caso, na área do turismo. Mas conforme cita Panosso Netto (2011, p. 40) o aprender turismo na teoria para alguns educandos não é algo tão atraente na sala de aula “[...] a teoria passou a ser vista como algo, ilusório, abstrato e distante da realidade; assim, é algo que não interessa ao aluno”. Para os (as) docentes na área do turismo que precisam inovar no seu ensino a teoria é sempre válida e obrigatória, sem ela não há possibilidades de “[...] teorizar, deve-se sentar, abrir o material de consulta e ler, indagar, refletir, olhar para o mundo real e sugerir soluções aos problemas”, enfim, a teoria é fundamental para a formação do bacharel em turismo.

Para isso o docente em turismo precisa:

[...] se transformar num tutor eficiente de atividades de grupos, devendo demonstrar a importância prática do assunto a ser estudado, deve transmitir o entusiasmo pelo aprendizado, a sensação de que aquele conhecimento fará diferença na vida dos alunos; ele deve transmitir força e esperança, a sensação de que aquela atividade está mudando a vida de todos não simplesmente preenchendo espaços em seu cérebro (Bispo e Junior, 2014, p. 07).

Sendo assim, esse profissional possui total autonomia para organizar, planejar e conduzir os seus conteúdos nas disciplinas teóricas, práticas e mais ainda se esse profissional tem um compromisso ético com a profissão. Uma vez que o principal recurso do professor é a postura reflexiva e sua capacidade de ensinar, inovar, incentivar ao estudo da teoria e aprender com os educandos, conforme cita Masetto (2003).

Para Cunha (2001), assegurar a docência como profissão significa assegurar particularidades e especificidades no tecido social, porque o próprio fenômeno educativo tem uma natureza diferenciada dos demais fenômenos sociais e naturais. Com isso, a finalidade do ensino superior está no desencadear a ação do aprender e a aprendizagem implica a intencionalidade de êxito. Essa prática social acaba por englobar tanto a ação do ensinar quanto a ação do aprender, assim cita Pimenta e Anastasiou (2014) e Libâneo (1990) diz que essa ação possibilita a constituição da teoria, da didática e da orientação da aprendizagem.

Dessa maneira, percebe-se que, ao longo da jornada acadêmica e docente em turismo, ele necessitará, além do aprofundamento da teoria do turismo (epistemologia) que é fundamental para o desenvolvimento crítico e reflexivo do profissional, é necessário tam-

bém “[...] dominar metodologias, métodos, técnicas e recursos de ensino”, conforme Campos (2006, p. 03). Todas essas ferramentas auxiliam o docente a conduzir o ensino e ao mesmo tempo facilitam a interação entre educador e educando em sala de aula.

Segundo Arruda (2015, p. 96) cabe ao docente do ensino superior em turismo “[...] trabalhar a interdisciplinaridade, no contexto de complexidade do campo do turismo”, isso exigirá deste profissional uma atuação constante no ensino, na pesquisa e extensão, de modo que este se torne um profissional criativo, reflexivo e atualizado com as pesquisas na área da formação em turismo.

## Recursos para o Ensino e Aprendizagem e os Principais Desafios na Docência em Turismo

É necessário refletir sobre o modo de se ensinar a teoria do turismo, visto que a maioria dos professores não possuem cursos de licenciatura, ou seja, cursos com formação pedagógica que facilitam a atuação em sala de aula. No Brasil, a maioria dos cursos de graduação em turismo ofertados possuem o nível de bacharelado. Então, boa parte desses profissionais acabam aprendendo esses recursos pedagógicos nos cursos de pós-graduação (especializações, mestrados e doutorados) e, conseqüentemente, na vivência em sala de aula que as pós-graduações exigem de cada profissional, o que acaba sendo um dos principais desafios para muito dos docentes em turismo.

São vários os recursos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem superior em turismo, desde estudos reflexivos sobre a teoria que buscam auxiliar no amadurecimento não só de leituras, mas a aplicação de estudos de caso, exercícios teóricos e práticos e seminários em sala de aula, dentre outros, cujo intuito é facilitar a autonomia e promover a aprendizagem a partir do sentido crítico dos discentes.

Um outro recurso que pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem em turismo é a busca por uma ressignificação do atual conceito de docência universitária, visando uma abordagem mais didática, desenvolvendo novas formas de conhecer, aprender e ensinar a teoria em sala de aula (Althaus, 2011).

O conhecimento sobre a teoria do turismo é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo tanto do docente quanto do discente, mas é preciso saber inovar no modo de se ensinar a teoria na atualidade, fazer com que ela seja menos cansativa para quem está aprendendo agora. Acredita-se que uma mudança no plano de trabalho docente, seja a etapa principal para a realização do planejamento do ensino. É por meio deste recurso que as estratégias pedagógicas poderão ser mais bem alinhadas para facilitar não só a prática do docente, mas a aprendizagem como um todo.

Estratégias essas que poderão ser definidas como único caminho para facilitar a aprendizagem de discentes em turismo, principalmente por buscar atingir o desenvolvimento individual de cada um deles, a exemplo do Plano de Trabalho Docente. Segundo Tormena e Figueiredo (2010, p. 04), o Plano de Trabalho Docente “[...] é o espaço em que o professor define as ações, os meios para realizá-las, bem como as formas de avaliar se os

resultados esperados foram atingidos em cada turma”. É de responsabilidade do docente, pois torna-se a única ferramenta que ampara e determina o modo de ação do professor (a). Por isso ele precisa ser elaborado de forma criativa e principalmente que haja uma articulação entre a teoria (essencial para a formação do pensamento crítico) com a prática.

Um bom plano de trabalho associado ao uso de metodologias ativas como recurso para se ensinar a teoria do turismo tornam os discentes como protagonistas do seu processo de aprendizagem. Já os docentes assumem um papel de mediadores, ou seja, facilitadores que apoiarão, ajudarão, desafiarão, provocarão e incentivarão a construção do conhecimento. A sua aplicabilidade permite um novo significado ao ensino e aprendizagem, direciona o agir docente, torna-se um instrumento que possibilita a relação entre a teoria com a prática, por meio de metodologias pré-definidas, antes do início do trabalho docente e é um instrumento que poderá ser alterado durante o seu desenvolvimento.

A finalidade do ensino em turismo é desencadear a ação de aprender, em que a aprendizagem implicará na intencionalidade de êxito na aprendizagem. Para Pimenta e Anastasiou (2014), a prática social engloba tanto a ação de ensinar quanto a de aprender. Já Libâneo (1990) possibilita a constituição da teoria durante o desenvolvimento do ensino por meio de recursos da orientação docente.

Além dos recursos que facilitam o ensino e a aprendizagem, é necessário citarmos também os principais desafios que se apresentam no desenvolvimento do trabalho docente alinhados ao ensino em turismo, conforme alguns autores em questão. Segundo Pimenta e Anastasiou (2014), o primeiro desafio do ser professor na atualidade é ser um profissional claro e objetivo ao expor o conteúdo curriculares, pelo fato de ele se tornar um facilitador da aprendizagem. Ele deverá promover a reflexão de forma sistemática sobre a sala de aula, assim como propor uma metodologia com técnicas de ensino diferenciadas, conforme o Quadro 13.2.

Quadro 13.2 – Desafios na docência universitária em turismo

Desafios	Redução da análise
1	Saber propiciar o enriquecimento e a renovação dos conhecimentos mobilizando saberes de forma reflexiva para o desenvolvimento da prática docente, é o chamado processo avaliatório de si mesmo.
2	Buscar a qualificação profissional supõe a continuidade nos estudos durante o trabalho no magistério. É um suporte essencial para o exercício da profissão docente e, conseqüentemente, para a pesquisa.
3	Inovar e criar estratégias de aprendizagem ao longo da carreira. O docente posiciona-se como eterno aprendiz, no sentido de possibilitar o conhecimento aos educandos, além de propor uma interação professor-aluno em sala de aula.
4	Identificar o real papel docente na sociedade e as conseqüências positivas do exercício da profissão, isso possibilita renovação da prática docente.
5	Permitir uma prática pedagógica inovadora, onde os docentes promovam, por meio do ensino, novos métodos didáticos como fator relevante e significativo para o ensino e aprendizagem.
6	Saber mediar o conhecimento no sentido de troca de conhecimentos entre docente e discente.

7	Permitir ser um profissional dialogante, que proponha metodologias de ensino com aulas interativas.
8	Construir novos conhecimentos, apresentando novas possibilidades e porque não dizer oportunizando a aquisição de novas competências, por meio do uso de novas tecnologias que facilitarão o ensino e aprendizagem.

Fonte: Araújo e Yoshida (2009), Behrens (1999) e Zuffo e Behrens (2009), adaptada pela autora (2022).

Para isso, é importante ter em mente a existência de uma nova postura docente e isso requer qualificação profissional por meio da educação continuada, desejo em aprender, gosto pela leitura e pesquisa, a busca pelo conhecimento e a incorporação do uso das novas tecnologias no ensino, como forma de inovar a prática pedagógica, fazendo com que atenda aos requisitos do novo paradigma da educação superior, mais precisamente o ensino em turismo.

## Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre as principais contribuições que o estudo da teoria do turismo contribui no processo de ensino e aprendizagem. Com base na literatura abordada neste trabalho, os autores versam sobre a teoria do turismo, discutem sobre o trabalho docente, a importância do ensino da teoria e os desafios do ser professor na atualidade.

Nota-se ainda a necessidade de um maior aprofundamento teórico visando a compreensão sobre o ensino do turismo, bem como a importância de se repensar o trabalho docente, alinhando leituras básicas da área, aplicação de atividades reflexivas e que alinhem a teoria e prática do turismo, no sentido de fazer com que os acadêmicos possam, no futuro, desempenhar o trabalho da melhor forma possível com qualidade, sendo responsável e ético na profissão.

Durante o trabalho docente, é perceptível a vivência com inúmeros desafios na profissão. Diante disso, cabe a esses professores (as) uma nova postura enquanto profissional do magistério superior, pois o papel deste é formar profissionais habilitados ao exercício das suas futuras profissões, além de oferecer meios para uma ação pedagógica inovadora, que contemple ensino, pesquisa, extensão e prática por meio de uma articulação direta com esse campo multi, inter e transdisciplinar que é o estudo do turismo.

Pensar o turismo enquanto ferramenta de transformação social, buscando sempre olhar para o segmento de forma crítica e reflexiva, trazendo outras visões, promovendo o verdadeiro intercâmbio, a partir de uma base histórica firmada no presente, mas sem esquecer o passado é essencial para o ser “professor de turismo”. As contribuições teóricas de todos os autores fomentam mudanças significativas no pensar o turismo na atualidade, sob viés científico do campo teórico e não esquecendo a base técnica e operacional que é essencial para o desenvolvimento da atividade turística.

Por isso, cabe ao docente ter uma consciência do seu real papel na sociedade, adequando os métodos de ensino e propondo um novo olhar para a aprendizagem, enquanto sujeito formador de profissionais. Além disso, que a pesquisa em turismo se torne para o docente o suporte essencial ao desenvolvimento profissional durante toda a vida acadêmica. Em última análise, essa troca de conhecimento entre professor-aluno por meio da teoria permitirá dar continuidade ao processo de reflexão entre ambos os sujeitos, assim como poderá proporcionar uma futura atuação na área seja no mercado de trabalho ou na continuidade acadêmica.

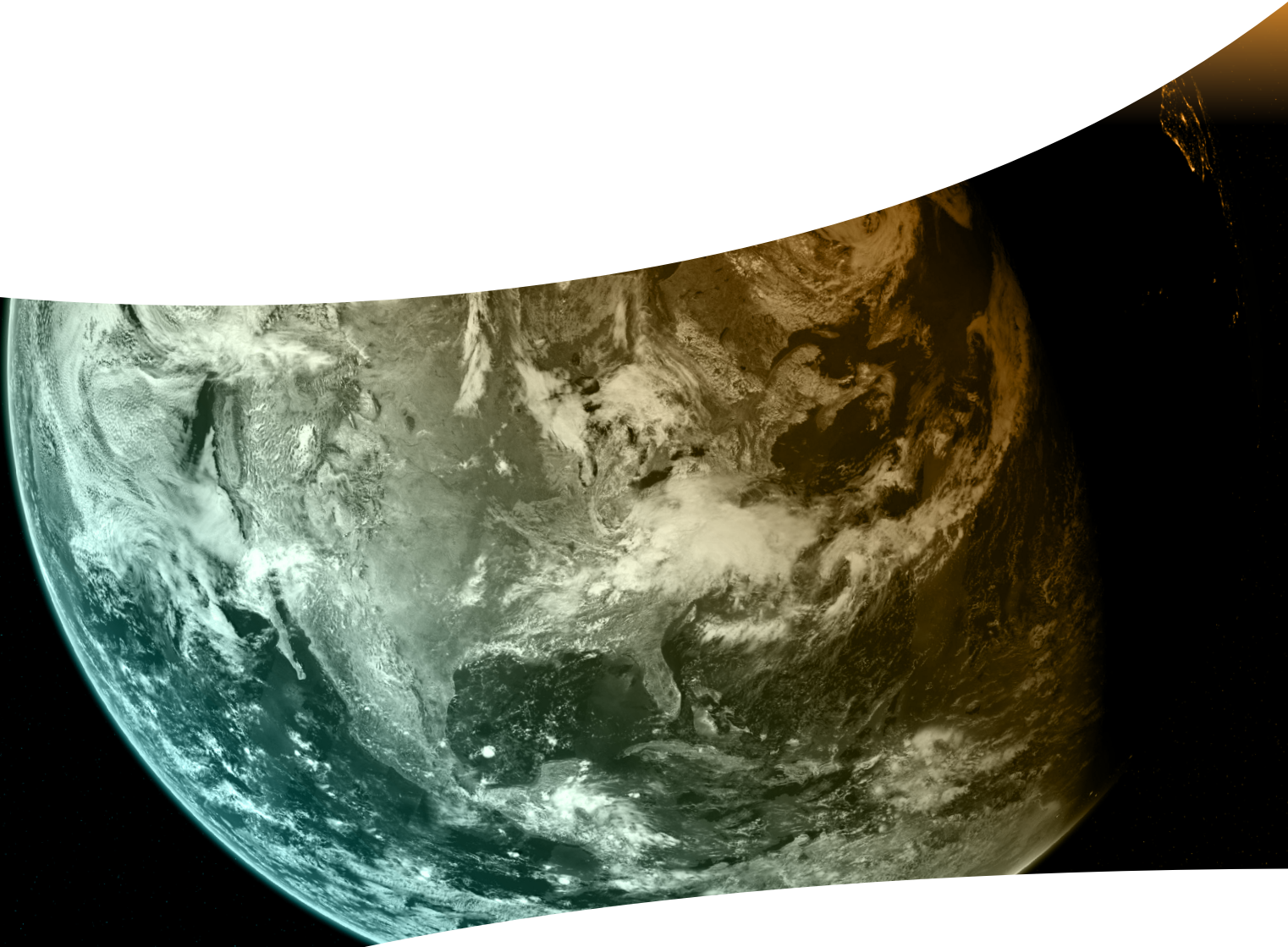


## REFERÊNCIAS

- Althaus, M. T. M. (2011). Aprender, Conhecer e Ensinar: ressignificando conceitos para a docência universitária. X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE Curitiba, PR, Brasil.
- Arruda, D. E. (2015). Docência on-line: ser professor em cursos de turismo a distância. Universidade Federal de Uberlândia - Programa de Pós-Graduação em Educação, MG: Uberlândia, 219p.
- Araújo, P. L. de; Yoshida, S. M. P. F. (2009). Professor: desafios da prática pedagógica na atualidade. Revista Educação e Linguagem, Cuiabá, 3(1), 01-20.
- Barretto, M.; Tamanini, E.; Silva, I. P. da. (2004). Discutindo o ensino universitário de turismo. Campinas, SP: Papyrus.
- Behrens, M. A. (1999). A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, 80(196), 383-403.
- Beni, M. C. (1998). Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: Senac São Paulo.
- Bispo, F. C. da S.; Junior, A. B. dos S. (2014). O docente do ensino superior: educador ou prestador de serviços? XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGTe, Resende, Rio de Janeiro, Brasil.
- Boullón, R. (2002). Planejamento do espaço turístico. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru: Edusc.
- Campos, A. M. N. A. (2006). prática de ensino dos docentes do curso de turismo do CEFET/PA - uma análise centrada na metodologia do ensino. Revista Urutágua, (9).
- Cunha, L.A. (2001). Educação, Estado e Democracia do Professor. Brasília: Cortez.
- Cuervo, R. (1967). El turismo como medio de comunicación humana. México-DF: Departamento de Turismo del Gobierno de México.
- Freire, P. (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- Fuster, L. F. (1971). Teoría y técnica del turismo. 2. ed, Madrid: Nacional. Tomo 1.
- Hunziker, W.; Krapf, K. (1942). Grundriss der Allgemeinen Fremdenverkehrslehre. Zürich/Berna: Polygraphischer Verlag Ag. Zurichue.
- Jafari, J; Ritchie, J. R. B. (1981). Toward a framework for tourism education - Problems and prospects. Annals os Tourism Research, 8(1), 13-34.
- Krippendorf, J. (1989). Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Libâneo, J. C. (1990). Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente: um estudo introdutório sobre pedagogia e didática, PUC, São Paulo.
- Lohmann, G.; Panosso Netto, A. (2012) Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas. 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Aleph.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourist industry. Annals os Tourism Research, 6(4), 390-407.
- Masetto, M. T. (2003). Competência pedagógica do professor universitário. São Paulo: Summus.
- Molina, S. (2003). O pós-turismo. Trad. Roberto Sperling. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A.; Noguero, F. T.; Jäger, M. (2011). Por uma visão crítica nos Estudos Turísticos. Revista Turismo em Análise. São Paulo, 3 (22), 539-560.
- Panosso Netto, A. (2011). Filosofia do turismo: teoria e epistemologia. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A. (2007). Filosofia del turismo: una propuesta epistemológica. Estudios y Perspectivas en Turismo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 4 (16), 389-402.
- Pimenta, S. G.; Anastasiou, L. das G. C. (2014). Docência no ensino superior. 5ªed. São Paulo: Cortez.
- Sessa, A. (1985). La scienza dei sistemi per i piani regional di sviluppo turistico. In: Sessa, A. La scienza dei sistemi per lo sviluppo del turismo. Roma: Agnesotti, 53-107.
- Schön, D. A. (2000). Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Tribe, J. (1997). The indisciplin of tourism. Annals of Tourism Research, 24(3), 638-657.
- Tormena, A. A.; Figueiredo, J.A. (2010). Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica. Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Curitiba, Paraná.
- Zuffo, D.; Behrens, M. A. (2009). Paradigmas educacionais: desafios e oportunidades para o século XXI. In: Congresso Nacional de Educação, Curitiba, Paraná

# PARTE IV

## Convidados



# 14 Reflexiones epistemológicas en relación al ocio - algunos aportes

Dr. Gabriel Comparato <sup>40</sup>

## Introducción

Una de las invitaciones de algunos de los principales epistemólogos en turismo de la región, como Marcelino Castillo Nechar o Alexandre Panosso Netto, no solo incluye en reflexionar si el turismo es una disciplina científica (Jafari, 2001, 2005), una indisciplina (Tribe, 1997) o una post-disciplina (Hollinshead, 2010) sino también sobre el tipo de conocimiento producido. En este sentido, el primero de ellos distingue dos orientaciones curriculares muy marcadas. Una más profesional, cuyo foco está puesto en los saberes de la empresa y negocios, y una asociada a la académica, que se centra en fundamentos teóricos y que busca trascender lo práctico (Castillo Nechar, 2007). Panosso Netto (2011), por su parte, también refiere a una fragmentación y superficialidad del tipo de conocimiento generado. Incluso, en una obra conjunta, evidenciaron que más del 90 % de los estudios turístico abordan 4 campos o núcleos temáticos: los turistas; las relaciones entre estos y los locales; la estructura y funcionamiento del sistema turístico; y las consecuencias del turismo (Panosso Netto y Castillo Nechar, 2016). Desde esta óptica, ambos sostienen que el método y el fundamento del conocimiento en turismo no debe ser solamente la descripción, se requiere de un conocimiento crítico e interpretativo.

A la vez, uno de los principales desafíos que encara el campo científico es que su estudio repiense, re-indague e interpele su historización e historiografía. Es decir, que se problematice y cuestione la idea de que el turismo es un fenómeno reciente, nacido de la revolución industrial, la democracia y los avances tecnológicos, principalmente de Europa y Estados Unidos, tal como interpela Korstanje (2008, 2013) (Comparato, 2021).

Frente a este marco, y frente a tales invitaciones, la presente propuesta pretende reflexionar sobre los puntos de partida epistemológicos asociados al ocio. En primer lugar, problematizando sobre diferentes formas de historizarlo. En segundo, por reflexionar sobre algunos aspectos centrales respecto a su estudio (logos). Y, por último, dejando algunas aristas abiertas para ser problematizadas a futuro. Se trata, en este sentido, de algunas investigaciones realizadas en el proceso de tesis doctoral en Ciencias Sociales (Universidad Nacional de La Plata, Argentina), denominada *“Génesis y desarrollo de los estudios turísticos. Un análisis del caso argentino en el marco de las discusiones del campo científico latinoamericano”*.

---

<sup>40</sup> Universidad Argentina de la Empresa (UADE) y Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Email: gabrielcomparato@gmail.com

## Ocio en Clave Histórica: Reflexiones a Partir de dos Posicionamientos

La concepción del tiempo es compleja y variable, eso no es una novedad. No es lo mismo en ciertas comunidades originarias que en un poblado industrial cercano o una gran urbe o, incluso, un mismo grupo, en momentos de la historia diferentes. Pero si eso es tan evidente, ¿lo es también que la estructuración del tiempo esté supeditada al mundo del trabajo? Es decir, ¿es evidente que el ocio deba explicarse como negación de otra parte del tiempo a la que llamamos “trabajo”? Es, en ese sentido, que surge una problemática no solo de carácter óntico, es decir, de cómo se ha instituido las prácticas de ocio y la ociosidad en un momento y lugar determinado, sino instituyente, ontológico y, por tanto, de lo “político”. ¿Es el ocio un antídoto al trabajo? O acaso, ¿dicha pregunta enmascara una forma de ver, entender y estructurar la realidad a partir de un conjunto de valores determinados?

Ante tal interrogación, resulta importante reflexionar sobre su construcción histórica. No obstante, en lugar de buscar un recorrido histórico exhaustivo, se tomarán algunos momentos claves para ilustrar no solo el carácter polivalente del ocio, sino también y, ante todo, el carácter instituyente. Lo cierto es que, si bien coexisten multiplicidad de punto de vistas, predominan dos grandes tentativas de organizarlo. La primera, aunque no necesariamente anterior, es la que plantea que a) el ocio asume un carácter cuasi universal y con, ello, numerosos y divergentes testimonios históricos. Por su parte, la segunda tiende a plantearlo b) como un problema que es heredado del trabajo industrial del siglo XIX, pero constituido y madurado fundamentalmente a partir de múltiples cambios y transformaciones acontecidas, principalmente, en el siglo XX.

Dentro de la primera línea, autores como Calderón Medina (2010), identifican la antigua Grecia como antecedente genético del ocio, a partir de la doctrina aristotélica y platónica y el prestigio que había adquirido el tiempo libre para el helenismo. Específicamente, porque el ideal de vida griego otorgaba al ocio, la “skholé”, un lugar central. Colocó al espíritu en disposición para contemplar los supremos valores de aquel mundo: la verdad, la bondad y la belleza y un momento o estado propicio para la contemplación, la reflexión, introspección y, por tanto, de libertad. Pero esa concepción estará fundada en su contraposición, la “askholé”. Este último término, el no-ocio, “ascholía”, designaba al trabajo, el estado de servidumbre respecto de lo físico; una dependencia de lo corporal, del alimento y de la vestimenta. En otras palabras, el ocio nace de una exclusión constitutiva, de dos órdenes distintos, con jerarquías distintitas, acordes a la contribución individual, a su calidad de vida, pero también al *demos* y el fin que cumplían en él. Mientras que el concepto que nos ocupa representaba un fin en sí mismo, el trabajo solo sería un medio para alcanzar otros fines (Elizalde, 2010).

En este sentido, cabría enfatizar el doble rol que jugaba el ocio para Aristóteles. Por un lado, un nivel contemplativo, es decir, estado de “verse libre de la necesidad de trabajar” (Fanger, 1999:83) pero, a la vez, un papel creativo, en tanto tiempo que se debe dedicar al arte, la ciencia y, de preferencia, a la filosofía (Angel, 2002). Esto último, encarna, ante todo, un estado de liberación, que se convierte en primordial para la búsqueda de la sabiduría y la práctica del mejor modo de vida y relacionaba por excelencia con lo espiritual y cultural,

un ámbito propio de los dioses, tiempo a la contemplación teórica (teoría) y la especulación filosófica. De ahí que, a partir de Sócrates, el concepto de ocio estará ligado, en su cuestión etimológica, a la idea de escuela.

Uno de los elementos analíticos más interesantes que surgen es que, detrás del pensamiento aristotélico, la negación estaba anclada en el trabajo y no al ocio. Específicamente, en *Ética a Nicómaco*, Aristóteles expresa “estamos no ociosos para tener ocio”. Es decir, estar no ociosos corresponde la palabra que tenían los griegos para la actividad cotidiana misma (Aristóteles, 1177 citado Pieper, 1960:319). De hecho, este carácter instituido del ocio también representó e implicó un segundo nivel, un modo de instituir el tiempo y las estructuras sociales. Es decir, esta disposición que exige tener tiempo para sí establece, a la vez, una distribución estratificada del tiempo y una relación de exclusión: señores y esclavos. Los primeros se dedicaban a la *skholé*, los segundos, al trabajo o “askholé” (Calderón Medina, 2010). Se podría agregar, también, que la diferenciación conllevó a una moralización del tiempo en la medida que el ocio constituía una práctica privilegiada de no solo ciertos grupos sociales sino incluso de género. Tanto es así que, para Hernández de la Fuente (2012), el ocio se relacionaba por excelencia con lo espiritual y cultural, cuya implicancia se relacionaba a un ámbito propio de los dioses en el mito y de las clases privilegiadas en la sociedad griega. En efecto, para el autor, la *scholé* griega ha de ser entendida como parte de un modelo de sociedad esclavista en la que, establecida la subsistencia material, se buscan modelos intelectuales y estéticos para la cohesión cultural del pueblo griego.

A su vez, si analizamos etimológicamente la palabra ocio, se puede constatar que esta proviene también del término latín “otium”, el que estaba vinculado a la noción de descanso y reposo, de retiro, soledad y tranquilidad. Pero será en la Roma antigua que surgirá, a partir de su opuesto, el “negotium”, de la que luego derivará la palabra negocio (Elizalde, 2010). A diferencia del ocio griego, en Roma manifestaba un carácter más materialista, entendida como una práctica de ostentación, lujo, derroche y placeres (Calderón Medina, 2010). De tal manera, para este momento histórico, el ocio no existirá sin el negocio. Según Cicerón, en la medida que el ocio no es buscado por sí mismo, sino porque las personas están cansadas del “negotium”. El hombre ocupado descansa y se recrea y estas son actividades placenteras (Fanger, 1999). Lo cierto es que, para otros autores, tales como Silvana Suárez (2009), el ocio romano debe entenderse, también, bajo otros parámetros, como es el de animación. Y es, en ese marco, donde también cobrará protagonismo el “otium” de masas, sustentado, en cierta manera, en el pan y circo. En otras palabras, según la tesis de esta autora, las políticas tenían una direccionalidad puesta en el entretenimiento, la despolitización y la contribución a la formación de determinados sujetos, acríticos e irreflexivos. La disciplina y el control instalados y aplicados desde el poder político y militar en esta época produjeron y reprodujeron prácticas de entretenimiento y diversión popular.

Tal como se deja entrever en esta narrativa, emerge no solo un orden descriptivo, relativo al “qué hacían del ocio los griegos o romanos”, sino, ante todo, un orden analítico (qué lugar y función cumplía el ocio y para quién). En tal sentido, la producción del ocio en términos históricos no solo insiste en el carácter polisémico y heterogéneo de su práctica, sino, a la vez, como un dispositivo que va más allá de la mera práctica de una actividad recreativa o recuperación psíquica o física, sino que involucra relaciones de poder. Aspecto que también podría tomar protagonismo si el recorte temporal se hace eco del feudalismo.

mo. En efecto, aquellos científicos que se han encargado de realizar un estudio del ocio en clave histórica han planteado que, mientras que los siervos agrícolas y artesanos no distinguieron entre tiempo de trabajo y tiempo de descanso (en un ritmo solar), la iglesia católica y los señores le asignaron un lugar radicalmente diferente. Por un lado, la iglesia hegemonizó la fiesta popular como ritual público y, por otro, los señores disfrutaron del ocio en términos caballerescos con consumos ostentosos, reconocidos como signos de nobleza. En otras palabras, el hecho de pasar el tiempo improductivamente no conllevaba un desprestigio social, sino que, también, indicaba solvencia pecuniaria: visto en la competencia, en los torneos, la caza, el ajedrez, recibir visitas, entre otras. Así, por ejemplo, en un torneo de deportes se mostraba el poder guerrero ante el pueblo (Angel, 2002). Para Munné y Codina (1996:431), se trata de un "...ocio caballeresco, que exhibe comportamientos ostentatorios de la posición social".

Este carácter instituyente, por tanto, incorpora una base moral que resulta fundamental a los efectos de entender estos procesos. Moral que, por otro lado, será reconfigurada, por ejemplo, en virtud de tomar otras sociedades relacionadas con el puritanismo inglés, en la que se llegó a ver con sospecha no sólo el juego y el deporte, sino la distracción, por aparecer opuestos al espíritu de laboriosidad. De este modo, ya en la modernidad, para Elizalde (2010) la forma de percibir al ocio fue marcada por una perspectiva negativa, con la influencia del protestantismo, al ver las vivencias de ocio como un vicio y la educación como un medio moralizante para el trabajo. El trabajo, en tanto bien supremo, rechazó al ocio por considerarlo como una potencial amenaza para el espíritu de base del modelo de producción capitalista. Se trata de una emergencia óptica disímil a la propiamente griega.

En la ética reformista del calvinismo, sobre todo a partir del siglo XVII y las doctrinas del puritanismo inglés, que se solidifican en las colonias americanas, el ocio pasa a ser entendido como contrapropuesto al trabajo, el anti-trabajo, la inactividad, un tiempo perdido, "a eliminar socialmente" (Muné, 1980:47). En este sentido, Munné es enfático:

La huella puritana es honda. Arraigó profundamente en la burguesía del industrialismo, defensora a ultranza de la laboriosidad, enemiga de placeres y distracciones (recuérdese el proverbio de la época "work and no play") (Ob. Cit:47)

Ahora bien, no todos los análisis toman estos antecedentes de larga datación, sino que también se han enfatizado otros contextos históricos a los efectos de identificar precedentes más directos al ocio actual. En este sentido, por ejemplo, Cuenca Cabeza (2001) identifica tres tradiciones de configuración del tiempo de ocio, entre las que se destacan la a) inglesa, que se desarrolla paralelamente a la generalización de los baños terapéuticos, las estaciones termales y el descubrimiento de las playas, b) la francesa, y, en particular, de París, con la idea de ocio e impone las vacaciones como un paréntesis necesario y personal en la vida cotidiana y la c) norteamericana. Esta última concibe el ocio como un tiempo de felicidad individual ganado al trabajo gracias a la democracia y que rápidamente se percibe como tiempo de consumo. En términos de Salvador Antón Clavé (2007:69), las tradiciones de ocio inglesa, francesa y norteamericana, a partir de la Segunda Guerra Mundial, incorporan en sus propuestas de uso del tiempo libre no solo la mercantilización del uso del tiempo libre, sino también la creación de espacios específicos para el ocio.

No obstante, en este contexto propio del siglo XIX, el trabajo se convirtió en el valor fundamental del sistema social. De hecho, Sue (1995) destaca que los mismos economistas clásicos considerarían la necesidad de acumulación del trabajo para crear el capital que permite el despegue y desarrollo económico. Se trataba, según el autor, de una verdadera ideología del trabajo, una moral, heredera del puritanismo protestante. En este sentido, se espera una sociedad de producción, en la que se reprobó y se condenó el ocio, entendiendo que predispone a la ociosidad y a las costumbres relajadas que generan comportamientos desviados de la moral rígida del trabajo.

A tal punto que se puede entender, como contrarrelato, el antecedente de un libro particular de finales de dicho siglo que se denominó “El derecho a la pereza. (refutación del derecho al trabajo de 1848)”, de Paul Lafargue. En el libro, del autor nacido en la actual Cuba, sostiene que el ocio se constituía como una categoría burguesa, reservada para una casta. Concretamente, pone en evidencia la contradicción resultante de una sociedad puritana del trabajo donde los beneficios de los burgueses descansan sobre el trabajo de los proletarios y su explotación. Por tanto, el autor insta a que se reduzcan por propia voluntad las horas de trabajo y se reivindique el derecho a la pereza.

Nuestro siglo –dicen– es el siglo del trabajo. En efecto, es el siglo del dolor, de la miseria y de la corrupción. Y, sin embargo, los filósofos y economistas burgueses, desde el penosamente confuso Augusto Comte hasta el ridículamente claro Leroy Beaulieu, los literatos burgueses, desde el charlatanamente romántico Víctor Hugo hasta el ingenuamente grotesco Paul de Kock, todos han entonado cánticos nauseabundos en honor del dios Progreso, el hijo primogénito del Trabajo.” (Lafargue, 1884:8)

Entre los autores que también se suelen rescatar como referencias a la temática, es común identificar es al estadounidense Thorstein Veblen que, para 1899, publicó un libro que se denominó “The Theory of the Leisure Class: an economic study of institution”. Dicho autor entabla una relación que será recuperada a posteriori por numerosas corrientes del pensamiento crítico, al plantear que el consumo y el tiempo libre resultan estructurantes de la sociabilidad. Concretamente, plantea el rol de las prácticas pecuniarias y de consumo de los estratos privilegiados en su operación como modelo para los grupos subordinados, que aspiran a ascender en la escala de estatus a través de la imitación del estilo de vida. En otras palabras, el ocio como símbolo de jerarquía social en las sociedades modernas no solo evidencia una capacidad diferencial de disponibilidad de tiempo libre, sino que, a la vez, constituye el espacio para dar cuenta de prácticas distintivas en cuanto a “refinamiento” que los diferentes grupos pueden desarrollar en torno a dicho tiempo libre. Para ello, el autor realiza un largo recorrido histórico a los efectos de tratar su hipótesis, pero será en su tercer y cuarto capítulo, referidos “ocio ostensible” y “consumo ostensible”, donde plantea que las desigualdades no solo se dirimen en términos materiales sino simbólicos. Veblen expresa:

“Para ganar y conservar la estima de los hombres no basta con poseer riqueza y poder” (Veblen, 2005:41)

El consumo improductivo de bienes es honorable, primordialmente, como signo de proeza y prenda de la dignidad humana; de modo secundario llega a ser honorable en sí, en especial por lo que se refiere a las cosas más deseadas.” (Veblen, 2005:74)

Ahora bien, si se retoma a los antecedentes que postula al ocio como una categoría moderna, es el de Dumazedier (1979). Dicho sociólogo francés descarta la posibilidad griega y romana en tanto antecedente histórica y postula que el ocio es consecuencia del sistema capitalista propio de los centros urbanos industriales, porque es ahí donde ocio y trabajo quedan claramente diferenciados. Lo cierto es que, si bien admite su posibilidad socialista, el ocio tiene su punto constitutivo a partir del fin del día, de la semana o año, otorgando centralidad a ese carácter “post-laboral” y, se podría agregar, a ese carácter “asalariado”, en términos de relaciones de producción. De esta manera, se inaugura una tradición que no solo considera al ocio moderno como un producto de la modernización del trabajo, sino que entiende que el crecimiento a largo plazo del ocio es resultado, en buena medida, de la reducción del tiempo de trabajo.

Esta segunda tesis histórica, por tanto, si bien puede reconocer otros antecedentes, plantea que el ocio cobra centralidad como resultado de la división del trabajo asociada con la modernización - en lugar de un universal sociocultural. Por otro lado, cabría incluir, también, propuestas analíticas vinculadas al materialismo histórico. Desde estos enfoques, el desarrollo del capitalismo industrial subsumió, en gran parte, las relaciones temporales a partir de la determinación de relaciones sociales de producción. Es decir, más allá del aumento en el tiempo libre, y una creciente preocupación por las actividades ociosas, el punto es que la constitución ha adquirido su carácter en función de las necesidades de reproducción ampliada del capital. De tal manera, así como se puede destacar un mayor equilibrio en las horas de descanso, o conquistas laborales que tuvieron lugar, lo cierto es que las modificaciones laborales impusieron nuevas formas de disciplinamiento laboral y la ociosidad ocupó un lugar jerárquicamente residual.

### **Logos del Ocio: Polisémica y Polivalencia**

Una vez planteada el ocio como cosa, y reflexionado el carácter político e instituyente que ha adquirido, es el momento de plantear un análisis de segundo orden en cuanto a su estudio. En este sentido, un primer punto a mencionar es que, así como se planteó que frente a la dicotomía ocio-trabajo, el trabajo, como valor, ocupó un lugar protagónico para buena parte de las sociedades capitalistas occidentales, para su estudio, pareciera darse una jerarquización y ordenación similar. En efecto, la construcción teórica y metodológica del campo estuvo ligada, también, a la búsqueda, construcción y disputa por su legitimidad. En parte, por integrar y ser parte de las discusiones del método en las ciencias sociales y humanas, pero también, y en particular, por centralizar en un tema, fenómeno o problema, residual y secundario, del pensamiento moderno. Análogamente, legitimidad, que buscará ser reconocida, también, en virtud de deslindarse de ociosidad, que científicamente se cargó de una noción peyorativa.

En relación con lo anterior, si hay un primer horizonte problemático que surge al momento de analizar y sistematizar la bibliografía, es una impronta doble. Por un lado, la polisemia del término ocio y, por otro, su polivalencia. Polisemia y polivalencia que, claro está, resultan un tanto común en buena parte de la literatura de ciencias sociales pero que, aquí, se radicalizan. Mientras que, a veces, se limita a circunscribir a un fenómeno individual, a la subjetividad y a la psiquis, otras veces se lo estudia como fenómeno societal, cuyas



unidades de análisis corresponden colectivos o patrones meso o macro y, sin descuidar, la intención de varios autores de combinar ambos niveles. Del mismo modo, puede estar referida y conceptualizada en su carácter de industria o sector, “la industria del ocio”, como ámbito de la gestión, y la organización “la gestión cultural”, como espacio o dispositivo de consumo, pero puede estar anclada al concepto de civilización, “civilización del ocio”, como dimensión temporal “tiempo libre”, como una actitud o simplemente denotar un conjunto de ocupaciones que realizan las personas en determinado tiempo y lugar. Por añadidura, su estudio puede mutar entre distintas manifestaciones de la cultura, ya sea de educación, deportes, medios de comunicación, turismo, tecnologías, entre otros. Ramificaciones que, incluso, pueden extenderse mucho más. No será lo mismo aquellos estudios centralizados en el ocio y la televisión, el desarrollo y expansión de los parques temáticos, la competición en los deportes de alto rendimiento, la gestión de los eventos culturales masivos hasta la expansión del turismo de sol y playa.

El segundo aspecto se combina y entrecruza con lo anterior, complejizando aún más el panorama. A los efectos de síntesis, y tal como podrá ver a posteriori, en el tratamiento del ocio han predominado dos grandes formas de abordarlo. Aquellos que lo conciben como medio “para”, y el grupo de escritos y autores que entienden y defienden la autonomía del ocio y, en efecto, lo postulan como un fin en sí mismo. Mientras que la primera está más arraigada a una visión tradicional del ocio, donde constituye un medio de descanso, recuperación física y mental para el retorno al trabajo y las ocupaciones, desde el segundo posicionamiento, el ocio no debe limitarse a ser estudiado como un medio para conseguir algo previamente establecido. En todo caso las razones y los determinantes motivacionales no necesariamente se deben buscar en los marcos profesionales, productivos y/o laborales.

Entre las condiciones de posibilidad del campo intelectual, se podría enunciar que el germen del interés teórico, para diversos autores, se encuentra en la conjugación de variables vinculadas al desarrollo del capitalismo y, a la vez, a las críticas y análisis de la sociedad industrial lanzados a partir de década de 1950. Tal es así que diversos estudios pusieron en evidencia los efectos deshumanizantes que el trabajo estaba generando, en particular a partir de la automaticidad técnica (Rojek, 1997). En palabras de Cuenca Cabeza (2007), el desarrollo de la sociedad del bienestar ha contribuido al cambio de percepción del concepto de ocio. Por un lado, toman protagonismo cambios técnicos (medios de comunicación y de movilidad) y, por otros, nuevas disposiciones temporales, tales como disminución relativa del tiempo de trabajo, con un aumento, al menos en parte y para ciertos contextos, de los salarios.

Asimismo, dentro de las variables contextuales, cabría señalar aquellas causas más ligadas al ámbito del sistema científico general. De tal manera, el campo de los Estudios de Ocio se fue constituyendo como horizonte de posibilidad fructífero por diferentes razones. Entre ellas, generó una oportunidad para que diversos investigadores de muy variadas disciplinas amplíen y profundicen sus líneas de trabajo, en especial aquellos interesados en abordajes interdisciplinarios y motivados por un cambio de paradigma (Blackshaw, 2014). Por otro lado, cabría mencionar la creciente importancia que fue adquiriendo no solo en términos económicos, sino en términos de relevancia social y política. A tal efecto, Calderón Medina (2010), señala que, a partir de los '50, el concepto de recreación cobra protagonismo, una vez incorporado socialmente el derecho a una mayor disponibilidad de tiempo libre, y será con los estudios realizados por la psicología evolutiva, el psicoanálisis y los enfoques

constructivistas que se reconocerá la importancia de la recreación para el desarrollo humano en distintos niveles: escolares, en términos de ciudadanía o, simplemente, en carácter de seres humanos. Desde el punto de vista de la moral y la ética, toman protagonismo ciertas visiones que plantean una utópica civilización del ocio como sinónimo de cultura, desarrollo, liberación, frente a una sociedad de consumo. Se trata de un fuerte cambio valorativo que, si bien se trató de un proceso lento, heterogéneo, disputado, conflictivo, se pasó de cierta condena, no solo en su práctica sino también en su investigación, jerarquizándolo al punto de considerarlo un factor de desarrollo de las comunidades y socioeconómico (Duque Buitrago et. al. 2008).

En términos intelectuales, a partir de la sistematización bibliográfica de Duque Buitrago y otros (2008), se puede identificar que, entre los pioneros en el abordaje del ocio, y sin ánimo de exhaustividad, se encuentra Johan Huizinga (1938), a Mannheim (1958), Kaplan (1960) y De Grazia (1962). En este orden, el primero, en el marco de su libro "Homo Ludens" y el estudio de los juegos, establece que el ocio surge inspirado en un espíritu lúdico clasista. Es decir, en la abstención del trabajo y en la realización de actividades tales como la política, el deporte, la ciencia o la religión. Por su parte, Mannheim será uno de los intelectuales que expresará su creencia, en la década de los '50, que el camino de la civilización está más en el ocio que en el trabajo. Serán los últimos dos quienes darán un salto cualitativo en la temática, al profundizar sobre algunos de los ejes que hacen al ocio. Así, Max Kaplan establecerá siete características que permiten diferenciar al ocio de otras actividades, principalmente en su antítesis al trabajo: la ilusión de experiencia agradable, de libertad, de un marco social y cultural y, finalmente, su carácter lúdico. De Grazia, a diferencia se hace eco de un problema de tipo histórico, en el que recuperará el griego clásico y la percepción romana del ocio como la clave de una existencia civilizada que la era industrial, entendía, lo había oscurecido. Bajo su marco socio-analítico, sostuvo que el tiempo libre no es propio de un determinado periodo. Así, mientras que el tiempo libre refiere a una forma concreta de determinar y clasificar el tiempo, el ocio es una forma de ser. Propuesta que retomará años después con Pieper (1998), cuyo texto original es de 1979, para cuestionar el orden normativo y moral que prima el trabajo sobre el ocio y que, para su fundamentación, acude a los griegos y Aristóteles en particular.

Por otro lado, entre las categorizaciones que se han utilizado para segmentar y organizar la literatura, se puede identificar la de Calderón Medina (2010), quien postula dos grandes posicionamientos clásicos y tradicionales vinculadas al ocio. Por un lado, el funcionalismo, cuyo principal expositor iniciático es Dumazedier y, por otro, la sociología crítica con fuerte apego al marxismo, donde uno de los más pioneros ha sido Frederic Munné. Mientras que el primero, para el autor, hace hincapié en una triple función del ocio, en tanto instancia de descanso y recuperación de la fatiga, espacio de diversión y de desarrollo personal (Dumazedier, 1974, 2000), para el autor catalán el punto central pasa por vincular el ocio al tiempo y la libertad. De esta manera, para este último, la conducta del hombre tiene un doble condicionamiento: auto-condicionada - de lo interior, de "lo que hago" y "puedo dejar de hacer" - y, también, hetero-condicionada - de lo exterior, necesidades u obligaciones (Munné, 1980).

Al respecto, otros de los indicadores que dan cuenta del crecimiento del campo y su tratamiento están relacionados a los espacios de encuentro y difusión de la producción científica. En esta línea, Fanger (1999) señala que, desde principios de los años sesenta, el campo

de estudio se fue legitimando no sólo mediante una cantidad importante de estudios, en su mayoría empíricos, sino también a partir de las discusiones generadas en congresos internacionales y una producción considerable de investigaciones teóricas. De hecho, un número importante de revistas especializadas aparecieron entre 1963 y 1989, con abordajes tanto globales como especializados en ciertas áreas recreativas. Gomes (2007), por otro lado, agregará que será a partir de los 70 donde se empieza a entender al ocio como un campo de estudios y de intervenciones, capaz de promover investigaciones, proyectos y acciones colectivas e institucionales. Si a ello se le suma información de índole geográfica, Roberts (2010) establecerá que la idea de “estudios del ocio” toma un mayor protagonismo inicial, en términos institucionales, en América del Norte. Será a partir de este momento que los departamentos y cursos de estudios sobre el esparcimiento se extendieron por universidades del Reino Unido, Australia y Nueva Zelanda, y luego, aunque mucho menos densamente, por el resto de Europa, Asia y América Latina.

De ahí que, dentro de la idea de sociología crítica, empezaron a tomar protagonismo interpretaciones marxistas y neomarxistas sobre el ocio. Las mismas tendieron y plantean una genealogía del tiempo libre, en la que no solo lo plantean como una consecuencia productiva del sistema capitalista, sino como parte de este. En palabras de Lefebvre (1976), el ocio posibilita que la fuerza de trabajo se recupere, pero también la comercialización a gran escala de espacios especializados que genera, a su vez, una nueva división social del trabajo y proporciona nuevos paisajes (Lefebvre citado en Antón Clavé, 2007). Por su parte, desde este posicionamiento, y con fuerte apego a la Escuela de Frankfurt, el posicionamiento neomarxista tiende a concebir a la industrial de la cultura y el ocio como pacificador de una clase trabajadora potencialmente rebelde. Es decir, aportes como los de Bottomore (1984) o Baudrillard (1998), de donde la sociedad de consumo despliega un argumento similar sobre el calmante bálsamo de la cultura de consumo (citados en Roberts, 2010).

Lo cierto es que no todos los autores citados previamente se podrían encuadrar dentro de la idea de un ocio tradicional, en la que se definen por su alteridad al trabajo. Algunas excepciones fueron el filósofo alemán Joseff Pieper, los sociólogos Norbert Elías y Eric Dunning o el inglés Chris Rojek. Para el primero, el ocio no depende necesariamente de sucesos externos, como la pausa laboral, o de ciertos momentos – como vacaciones o fines de semana, sino que implica un “estado del alma”. En otras palabras, el ocio implica una cierta actitud de no hacer, de no ocupación, sino que está relacionada con la percepción receptiva y contemplativa del ser (Pieper, 1998:45). Por su parte, el concepto de sociabilidad eliasiano tampoco está planteado desde su instrumentalidad, sino que la sociabilidad acaece como un fin en sí mismo. Ellos expresaban, en “Deporte y ocio en el proceso de civilización”, “he aquí un problema a resolver” (1992:119):

(...) si preguntamos primero cuál es la función del ocio con respecto al trabajo, disminuye la posibilidad de descubrir cuál es la función que desempeña para las personas” (...) “Tomada como un enunciado científico, esta clase de razonamiento: la idea de que las actividades recreativas han de considerarse como secundarias al trabajo, es, cuando menos, una hipótesis que exige ser revisada” (Elías y Dunning, 1992:118).

En términos de Rojek (1997), la polaridad ocio-trabajo no solo divide, sino que es productora de un carácter residual al que se la asigna al ocio. En términos epistémicos, generó como resultado que la batería de conceptos y teorías que operan en la teoría del ocio se extraiga de los grandes batallones de ciencias sociales, en los que el trabajo se trata como el interés central de la vida.

The result is that the battery of concepts and theories operating in leisure theory are drawn from the grand battalions of social science in which work is treated as the central life interest" (Ob. Cit.: 383-384)

En otro orden, se podría destacar que los autores iniciáticos dedicaron esfuerzos en conceptualizar y sistematizar las inacabables e indefinidas ideas vinculadas a la noción de tiempo libre. Entre ellas, cabe destacar a Touraine (1974) y Munné (1980). Mientras que el primero refiere en plural "los ocios", en términos de lo que está por fuera del trabajo, incorpora la particularidad del rol que juegan los rasgos culturales de una sociedad, como la vida religiosa, los juegos, la actividad política o el deporte. Es decir, para el sociólogo francés, el tiempo libre es un marco temporal para el desarrollo del ocio. Por su parte, Munné identifica al menos cinco formas de analizarlo: i) una de las más popularizadas que es aquella, que define, como post-laboral. Es decir, el tiempo que queda luego del trabajo o de actividades remuneradas y lucrativas. Además, ii) aquel tiempo que queda exento de las necesidades y obligaciones cotidianas, excluyendo incluso el desplazamiento del hogar al trabajo, incluso las comidas. La tercera, muy relacionada a la anterior iii) en tanto refiere como aquel que queda libre de las necesidades y obligaciones cotidianas, pero, además, se emplea en lo que la persona quiere. Por tanto, lo asimila a la idea de ocio. La cuarta iv) es la concepción más característica de la tendencia burguesa, en tanto se define como aquel tiempo libre que se emplea para lo que cada persona quiere. Finalmente, destaca la quinta variante, que lo define como aquel del tiempo fuera del trabajo destinado al desarrollo físico e intelectual del hombre, que es concebido como fin en sí mismo (Munné, 1980).

Por otro lado, a partir de los '80, tomarán un mayor protagonismo autores que no solo se reconocen por su labor conceptual, sino también por sus análisis de segundo orden. Uno de ellos fue Roger Sue que, en su libro, originariamente escrito en francés, en 1980, denominado "El ocio", identifica la tendencia de buena parte de la bibliografía de recaer en tres tipos de recortes. Por un lado, el ocio entendido en relación con el tiempo, donde este resulta equivalente a la noción de tiempo libre. Otro grupo, como el mismo Dumazedier, que se centra en las actividades y ocupaciones realizadas, y un tercer enfoque como el de Max Kaplan. Este autor, a diferencia de las otras dos perspectivas, sostiene que el ocio no se define por el contenido o el tiempo, sino que sería una actitud psicológica del individuo. Es decir, en la medida que exista sentimiento de libertad y libre elección, esa actividad se podría considerar ocio. Asimismo, Sue (1995) realizó una apuesta más integral de las funciones psicosociológicas del ocio. Entre las psicológicas destaca tres: descanso, diversión, y desarrollo, tomada de la matriz funcionalista, mientras que las de índole social identifica: de sociabilidad, simbólica, terapéutica y económica.

Ahora bien, si hay otro padrón que fue constante dentro de estos pioneros, es la falta de inclusión teórica-epistémica y empírica de otras latitudes, entre las que se encuentran autores latinoamericanos. Lo cierto es que, pese a dicha heterogeneidad, desde los 60 y 70 comienza a surgir un interés por abordar la temática, con cierto protagonismo de autores

brasileros. Uno de ellos fue una mujer. Leana Gaelzer, que en uno de sus libros de finales de los '70, "Lazer. Benção ou maldição", a partir de esos años el ocio comienza a tener relevancia en medios académicos y políticos, pero a partir de al menos dos perspectivas. Por un lado, aquellos enfoques que entienden al ocio como categoría explicativa que ayuda entender otros objetos de estudios (trabajo, trabajadores, estudiantes, medios de comunicación de masas, etc.) y otros, que lo asumen como un objeto central de estudio. En este sentido, la autora orienta su posicionamiento a entender el ocio como un estado de bienestar que propicia la autoconfianza, seguridad y solidaridad, pero reconociendo que la literatura en el tema lo tiende a concebir desde al menos tres lugares: como tiempo, como actitud y como actividad/ocupación. Aspectos que darán lugar a posicionar un enfoque interdependiente de estos tres elementos analíticos (Gaelzer, 1979).

Será necesario recudir a aportes más contemporáneos para tratar de tener una visión más integral de las discusiones gestadas en la región. Duque Buitrago et. al. (2008), a partir de un ordenamiento cronológico extenso, establecen que Ethel Madeiros (1969, 1975) fue una de las primeras intelectuales. Esta autora brasileña se orienta a adoptar el ocio casi en un criterio universalista, en tanto que postula que existió en todos los tiempos y lugares, que surge a partir de la fuga resultante de la interrupción al trabajo. Pero lo interesante de la propuesta es que, en lugar de adoptar una postura en relación tipo el tipo de ocupación (natación, música, lectura, etc.), sino se focaliza en la disposición mental. En este sentido, sostiene que, para algunas personas, constituye un trabajo pesado, para otros puede ser recreo o un pasatiempo dominguero. Marcellino (1987) será otro de los autores que comenzará a tomar protagonismo en la literatura unos años después, pero ya desde una perspectiva crítica. No solo tomará la combinación las dimensiones mencionadas anteriormente, como tiempo y actitud, sino que a partir de ello dará lugar a la crítica a los abordajes funcionalistas y, en especial, a los autores latinoamericanos que utilizan marcos conceptuales gestados en otros ordenes geográficos. Para este autor, este tipo de abordajes teóricos, apuntan a mantener el *status quo*, procurando ajustar al individuo de forma acrítica al contexto en el que vive, incentivando el consumismo en relación al ocio. Por el contrario, dará origen a tender al ocio, a partir de la lucha por la transformación de la sociedad, buscando ser más justo, humanizada y no regida por los valores del mercado (Marcellino, 1987 citado en Gomes, 2007).

## Algunas Reflexiones a Modo de Cierre

Roberts (2010) decide referir a una crisis de éxito que han tenido los estudios de ocio. A tal efecto, identifica, por un lado, una rápida expansión y crecimiento, pero también una fragmentación de las disciplinas donde ciertos campos van ganando autonomía a partir de la realización de redes, conferencias, asociaciones académicas, revistas, programas de formación, entre otras, sin necesariamente identificarse en un todo. De esta manera, los estudiantes o investigadores tienden a estudiar o enfocarse más en el deporte, arte, turismo, entretenimiento – videojuegos, TV, etc. – que al ocio mismo. Puesto en otras palabras, no solo existe un crecimiento y diversificación temática, sino que, a la vez, una dispersión y especialización que trae consigo algunos problemas epistémicos y metodológicos. En palabras del autor, el investigador, por tanto, debe tener la capacidad de evidenciar el valor agregado al analizar el campo del ocio, de mostrar que la inserción de un nivel de análisis intermedio es preferible al salto directo de los datos sobre el deporte o el turismo.

Blackshaw (2014:127), en esta línea, es uno de los autores más radicales al plantear que la teoría ortodoxa sociología está muerta y que, como corolario, la sociología del ocio está en crisis. En su artículo “The crisis in sociological leisure studies and what to do about it”, retoma los planteos de Ranciere para plantear la necesidad de pensar por fuera del paradigma, considerando que la teoría del ocio tiene la tendencia de ser redundante, insular, parroquial y complaciente y, ante ello, tiene la necesidad de superar los sesgos clásicos propios de marcos tales como el funcionalismo o el marxismo, incluyendo aquellos enfoques críticos de la desigualdad social. En este sentido, plantea la necesidad de superar una comprensión bidimensional del ocio heredado del pensamiento dicotómico que sustenta la tradición de la Ilustración.

What is also clear from this discussion is that the discursive formation known as the sociology of leisure has been too insular, too parochial, and too complacent in framing the idea of its subject, and while many of the once bright academics from the 1970s are still around, the waves that they make nowadays seem much more modest. (Blackshaw, 2014:134)

En virtud de lo anterior, el autor postula reemplazar la idea de un mundo singular como un ontológico dado y, por el contrario, plantear la idea de que, en realidad, habitamos mundos pluralizados, contingentes, cambiantes, fracturados, mal diseñados, con jerarquías difusas. Para ello, no bastan enfoques interdisciplinarios, sino una “indisciplinación”. Es decir, la “indisciplinabilidad” entendida como aquella que se mueve fuera de los límites, liberándose al subordinar las falsas divisiones entre sociología, psicología, geografía, filosofía, etc.

En este marco, las corrientes del ocio crítico atentan contra la presuposición de igualdad “apriorística”. El ocio (la práctica y su estudio), no es para todos ni se da en todas partes. No es para todos porque, tal como han insistido varias escuelas, particularmente los estudios marxistas y los estudios de género, se expresa en desigualdades entre ricos y pobres, entre trabajadores y gente sin trabajo, entre trabajadores maduros, con trabajo estable, frente a trabajadores jóvenes con trabajo precarizado. Desigualdad que también no se da solamente en términos de roles o situaciones laborales, sino también en términos de género. Así, hombres y mujeres, no solo expresan brechas salariales, sino también diferencias en el uso, disponibilidad y valores culturales sobre el lugar que debe ocupar cada uno de

ellos. Pero es una desigualdad que también tiene que ver con una maduración desigual de los estudios de ocio. En los países latinoamericanos, el estudio del ocio tuvo una legitimación más tardía (Elizalde, 2010). Los estudios de sociología y economía comparativa han puesto en evidencia todo estos aspectos. Pero también, se debería agregar, lo que refiere a la desigualdad en términos de producción científica. La madurez no es un estado universal, tampoco. Sino que varía dependiendo de varios factores.

La crítica que se fortalece, por tanto, es que el eje ordenador de la temporalidad construida no es neutral, sino que se realizó, también, a través del género. Es decir, la visión dualística del tiempo de vida que le da mayor importancia al tiempo de trabajo remite a un modelo de organización de tiempos que es, a la vez, masculino. En este sentido, estos modelos imponen roles que incluyen, entre otros, la conquista del espacio de trabajo asalariado, aceptando todas las reglas que conlleva, y permite pocos márgenes para la relajación y el disfrute del tiempo libre en familia. Por el contrario, los valores asociados a la mujer, supone que esta debe adaptarse y equilibrar los tiempos domésticos con los del trabajo. De tal manera, entre los principios articuladores del tiempo, juegan aspectos más complejos que una simple medición estadística sobre el aumento o crecimiento de las prácticas ociosas. Por el contrario, lleva a pensar los modos de construcción de los órdenes sociales, donde, por ejemplo, interviene la responsabilidad de la mujer adulta/madre/ama de casa en relación con la organización familiar y los diversos tiempos que se entrelazan. No es casual que se hable de un conflicto entre el trabajo asalariado de la mujer y la familia o de roles que compiten, como el de madre/mujer trabajadora (Fanger, 1999).

Lejos de ser exhaustivas, las anteriores líneas forman parte de algunos interrogantes investigativos posibles. La epistemología, en este marco, juega un rol central para develar consecuencias performativas y de disciplinamiento asociadas al conocimiento y, por tanto, se requieren esfuerzos simultáneamente genealógicos y arqueológicos (Comparato, 2021). En efecto, constituyen una invitación, más que un cierre. En particular, a reflexionar no solo en el plano cognoscitivo, sino también, y simultáneamente, en clave política; sobre todo reconociendo al sistema científico internacional como crecientemente desigual (Comparato, 2019, 2022).

## BIBLIOGRAFÍA

- Ángel, M. A. (2002). Del tiempo libre al ocio. *Contribuciones desde Coatepec*, (1), 35-47.
- Blackshaw, T. (2014). The crisis in sociological leisure studies and what to do about it. *Annals of Leisure Research*, 17(2), 127-144.
- Calderón Medina, C. O. (2010). Las concepciones teóricas sobre tiempo libre, ocio, recreación, actividades creativas y recreativas. *Anuario del Doctorado en Educación: Pensar la Educación*, (4), 181-193.
- Castillo Nechar, M. (2006). Orientaciones en la construcción del conocimiento turístico: acerca de su epistemología. Trabajo presentado en IV Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul, Caxias do Sul/ RS, 1-15.
- Castillo Nechar, M. , & Panosso Netto, A. (2011). Implicaciones epistemológicas en la investigación turística. *Estudios y perspectivas en turismo*, 20(2), 384-403
- Comparato, G. J. (2019). (¿ Re?) producción científica en el campo de los estudios turísticos:¿ qué pasa en América Latina?. *Revista Realidad, Tendencias y Desafíos en Turismo*, 17 (2), 1-26.
- Comparato, G. J. (2021). Turismo e historiografía del saber: entre la historia del progreso y la emergencia de los olvidados. *El Periplo Sustentable*, (40), 274-301.
- Comparato, G. J. (2022). Génesis y desarrollo de los estudios turísticos. Un análisis del caso argentino en el marco de las discusiones del campo científico latinoamericano (Doctoral dissertation, Universidad Nacional de La Plata).
- Cuenca Cabeza, M. (Ed). (2006). Aproximación multidisciplinaria a los estudios de ocio. *Documentos de Estudios de Ocio*, (31), 11-19.
- Duque Buitrago, H. C. Franco Betancur, S. A. & Escobar Charriaga, A. (2008). *Fundamentos conceptuales del ocio crítico desde una perspectiva latinoamericana*. (Tesis para optar al título de Magíster en Motricidad-Desarrollo Humano), Universidad de Antioquia, Medellín.
- Elias, N., & Dunning, E. (1992). Deporte y ocio en el proceso de la civilización. *Fondo de cultura económica*.
- Elizalde, R. (2010). Resignificación del ocio. Aportes para un aprendizaje transformacional. *Polis. Revista Latinoamericana*, 9(25), 437-460.
- Fanger, E. M. P. (1999). El tiempo libre y la autonomía: una propuesta. *Revista de Estudios de Género, La Ventana E-IS-SN: 2448-7724*, 1(9), 83-105.
- Gaelzer, L. (1979). Lazer, bônção ou maldição?. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 103-107.
- Gomes, C. (2007). O ócio como objeto de estudos: Notas introdutórias sobre conceitos e ocorrência histórica em nossa sociedade. *Cuadernos de ocio y sociedad*, 1(2), 25-39.
- Hollinshead, K. (2010). Tourism studies and confined understanding: The call for a “new sense” postdisciplinary imaginary. *Tourism Analysis*, 15(4), 499-512.
- Jafari, J. (2001). The scientification of tourism. En Smith, V. L., & Brent, M.. *Hosts and guests revisited: tourism issues of the 21st century*. Cognizant Communication Corporation, 28-41.
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y sociedad*, 42(1), 39-56.
- Korstanje, M. (2008). Formas de ocio en la antigua Roma: desde la dinastía Julio-Claudia (Octavio Augusto) hasta la Flavia (Tito Flavio Domiciano). *El Periplo Sustentable* (15), [26-76]. Consultado el 10/08/19. doi: 10.21854/eps.v0i15.935
- Korstanje, M. (2013). Turismus Systemae, Epistemología del viaje onírico. *International Journal of Safety and Security in Tourism*, (4), [24-35].
- Korstanje, M. (2014). “Problemas y obstáculos en la Investigación científica del Turismo”; III Seminario de Distribución del Conocimiento en Turismo; La Plata; pp. 1-20.
- Korstanje, M. (2015). Discussing the methodological inconsistencies of tourism research. Repository CERS. Centre for Ethnicity and Racism studies. University of Leeds. Working paper, 24, 1-36.
- Lafargue, P. (1998). El derecho a la pereza. *Editorial Fundamentos*.
- Munné, F. (1980). *Psicología del tiempo libre: un enfoque crítico*. Trillas.
- Munné, F., & Codina, N. (1996). *Psicología Social del ocio y el tiempo libre*. Álvaro, JL; Garrido, A.; Torregrosa, JR *Psicología Social Aplicada*. Madrid: McGraw-Hill.
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofía do turismo: Teoría e epistemología*. Aleph.
- Panosso Netto, A. & Castillo Nechar, M. (2016). *Turismo: perspectiva crítica*. Textos reunidos. Assis: Triunfal gráfico editora, São Paulo.
- Pieper, J. (1960). El ocio y la existencia humana. *Humboldt*, 1, 46-47.
- Roberts, K. (2010). *Sociology of leisure*. Sociopedia. isa, 1-13.
- Rojek, C. (1997). *Leisure Theory: Retrospect and Prospect*. *Loisir et Société / Society and Leisure*, 20(2), 383-400.
- Sue, R. (1995). *El ocio*. Fondo de Cultura Económica, México.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of tourism research*, 24(3), 638-657.
- Veblen, T. (2005). *The theory of the leisure class: An economic study of institutions*. Aakar Books.



# 15 Ejecutivo Vigilancia Tecnológica (VT) e Inteligencia Competitiva (IC) como herramientas esenciales para la competitividad, la promoción y la comercialización del patrimonio cultural

**Dr. Marcelino Castillo Nechar** <sup>41</sup>

**Dra. Elva Esther Vargas Martínez** <sup>42</sup>

**Dra. Arlen Sánchez Valdés** <sup>43</sup>

## Introducción

El turismo ha demostrado por años su capacidad y dinamismo para lograr un rápido crecimiento en el mundo, no obstante, hoy se encuentra en un momento crucial de su desarrollo, no solo por la crisis que enfrenta por la pandemia (Yang, et.al, 2020), sino, sobre todo, porque el aspecto sociocultural emerge como un parteaguas que pone en entredicho la distribución equitativa de su rentabilidad y el logro de su competitividad.

La creciente apertura de nuevos destinos turísticos y la renovación de aquellos considerados como tradicionales están provocando una reconfiguración de la oferta turística -recursos naturales y patrimonios culturales - en función de la tecnología y cambios en los gustos y preferencias de los clientes, donde la Vigilancia Tecnológica (VT) y la Inteligencia Competitiva (IC) se han convertido en herramientas imprescindibles para el actual y futuro desempeño de las organizaciones y gobiernos que están interesados en la innovación y la competitividad frente a escenarios de crisis. Este tipo de herramientas tiene como finalidad la captura, análisis y difusión de información económica, tecnológica y política; aunque la parte sociocultural no es explícita, por lo que resulta importante incluirla a fin de revalorar su utilidad en la gestión de la cultura, el turismo y patrimonio.

---

41 Dr. en Ciencias Políticas y Sociales. Profesor investigador del Centro de Investigación y Estudios Turísticos (CIETUR) de la facultad de Turismo y Gastronomía de la UAEMex. Miembro del Sistema Nacional de Investigadores (SNI) nivel 2. Email: marcanec62@hotmail.com

42 Dra. en Ciencias Ambientales. Profesora investigadora del Centro de Investigación y Estudios Turísticos (CIETUR) de la facultad de Turismo y Gastronomía de la UAEMex. Miembro del Sistema Nacional de Investigadores (SNI) nivel 2. Email: elvacolegio@hotmail.com

43 Dra. en Estudios Turísticos. Profesora investigadora del Centro de Investigación y Estudios Turísticos (CIETUR) de la facultad de Turismo y Gastronomía de la UAEMex. Miembro del Sistema Nacional de Investigadores (SNI) nivel 1. Email: arlesska@yahoo.com

Es cierto, la aplicación de las principales metodologías de VT e IC se orientan a las empresas industriales, sin embargo, la cultura en la actualidad está expuesta a procesos de “producción mercantil”, lo cual demandan nuevos esquemas de gestión para el adecuado aprovechamiento, no solo para el disfrute de visitantes, sino para los mismos habitantes de un destino. En gran medida, debido a que los procesos de patrimonialización y comercialización relativos a la cultura y el turismo en México, se han orientado hacia modelos convencionales observables en políticas oficiales, pero, también, en acciones empresariales que transforman su conocimiento en activos y, por ende, su operatividad, comprometiendo la sustentabilidad del destino y obligando a introducir nuevos paradigmas de gestión como lo son la VT e IC.

Ante un discurso globalizador de la cultura y el turismo (Reisinger, 2008) como aspectos que inciden favorablemente en el desarrollo local, se deja de lado la importancia que tienen los valores, conocimientos y organización para hacer de los patrimonios culturales auténticos motores de fomento de la actividad turística, generando beneficios compartidos -fundamentalmente - para los habitantes locales, así como para quienes se puedan involucrar en ella. Por lo que, a través de la revisión de la literatura existente, el análisis del papel de las instituciones encargadas de la gestión turística en México tanto a nivel federal como estatal, así como el estudio de lo que ocurre en el estado de México, este estudio analiza el reto que representa la gestión y difusión del patrimonio turístico-cultural en el contexto de México y, particularmente, en la entidad que lleva el mismo nombre: el Estado de México.

El trabajo aporta reflexiones en torno al uso de la VT y la IC como una forma de renovar los patrimonios culturales objeto de este estudio, mostrando que se ha sobreestimado el valor de la tecnología, particularmente en lo relacionado con su impacto en la innovación y gestión del conocimiento, delineando nuevas líneas de investigación que integren enfoques multidisciplinarios que permitan aportar soluciones sustentables e innovadoras para la gestión del patrimonio cultural.

## **Surgimiento e Importancia de la VT e IC, en El Entorno Empresarial y Gubernamental**

Hace cuatro décadas, la Investigación y el Desarrollo (I+D) comenzó a recibir atención, pero la gestión de la tecnología y su inclusión en la estrategia organizacional son un área mucho más reciente, cuyo inicio puede situarse a comienzos de los ochenta. En el caso de las empresas del sector industrial, la VT se convierte en una herramienta que comienza a ser utilizada para tener un conocimiento más profundo sobre el entorno económico, social y tecnológico, con el fin de diseñar estrategias que les permitan alcanzar la competitividad, mientras la IC adquiere una posición estratégica en la toma de decisiones.

La VT generalmente se asocia a las acciones de observación, captación y análisis de información del entorno, para conocer cuáles son las tendencias y novedades que pudieran proteger el presente y orientar el futuro de la empresa (Palop & Vicente, 1999; Morcillo, 2003; Cataño *et al.*, 2012) otorgándole una visión prospectiva y determinando el éxito de la organización. Por lo tanto, cabe señalar que las acciones realizadas durante el proceso de VT deben darse de forma continua, sistemática y organizada, cuyos factores indagados pue-

dan implicar una oportunidad o amenaza para la organización (Escorsa & Maspons, 2001), representando la vía para alcanzar la IC (Cataño *et al.*, 2012).

Respecto a la IC, el concepto fue aplicado primero a la tecnología (Palop & Vicente, 1999), y, más adelante, su significado fue aplicado a los ámbitos comercial, jurídico y financiero (Escorsa & Maspons, 2001). Este término, bajo una noción de orden estratégico, se introdujo en estudios realizados por Baumard (1991) y Rodríguez (1999).

Hidalgo *et al* (2002) señalan que la IC se diferencia básicamente de la VT en que esta última persigue la obtención y análisis de la información más relevante del entorno para los intereses de la empresa, y la inteligencia hace énfasis en aspectos como la presentación y materialización de esa información en un formato adecuado para la toma de decisiones y en el análisis de la evaluación de los resultados obtenidos mediante su uso. Así entonces, de acuerdo con García de León (2009), la información se convertirá en competitividad (IC) sólo si su planteamiento tiene implicaciones para la organización, es decir, si el resultado de su análisis ayuda a tal organización a tener éxito, a salvar obstáculos, a descubrir oportunidades o a prevenir una amenaza.

Aunque la VT y la IC tienen por finalidad la patente de innovaciones, aquí se aluden a esquemas de innovación del conocimiento para una mejor gestión y difusión de productos, servicios y actividades de las organizaciones culturales. Es cierto, se ha recomendado que antes de proponer cualquier innovación, se investigue lo relativo a la creación y diseño del producto, la tecnología empleada para crear uno nuevo, mejorado, y con los señalamientos para darle seguimiento a su proceso de comercialización. Ante esto, existen diversos modelos de VT e IC, entre los que destacan:

- Cotec (1998), denominado Modelo Temaguide, el cual destaca cinco funciones: Vigilar, Focalizar, Capacitarse, Implantar y Aprender.
- Modelo de Hidalgo (1999), el cual alude a funciones activas y funciones de apoyo. En las primeras, se identifica la evaluación de la competitividad; la especificación y diseño de la estrategia tecnológica; el incremento o enriquecimiento del patrimonio tecnológico; y, la implantación de las fases del desarrollo. En las segundas, se localizan la vigilancia del entorno y la protección de la innovación.
- Modelo de Sumanth (citado en Gaynor, 1999) destaca la percepción; adquisición; adaptación; avance; y abandono.
- Modelo de Hidalgo, *et al.* (2002) alude a la identificación de las tecnologías requeridas; evaluación y selección; adquisición; asimilación; y, utilización.

La VT ha sido definida como la búsqueda, detección, análisis y comunicación de las informaciones orientadas a la toma de decisiones sobre amenazas y oportunidades externas a las organizaciones (Ashton & Klavans, 1977 en Cegarra, 2004:34). Otras definiciones en torno a la VT (Vergara, 2006; Muñoz *et al.*, 2006) la refieren igualmente a una forma organizada, selectiva y permanente de captar información del exterior sobre tecnología, ciencia, innovaciones y otros aspectos para analizarla y convertirla en conocimiento para la toma de decisiones, minimizando los riesgos y anticipándose a los cambios. Una más, que habla de transferencia de conocimientos, es la que entiende a la VT como el arte de descubrir, re-

colectar, tratar y almacenar informaciones y señales pertinentes - débiles y fuertes - para orientar la actividad de las organizaciones, protegerla de los embates de la competencia, transfiriendo conocimientos del exterior al interior de la misma (Rouach, 1996).

Entre tanto, la VT busca la obtención de la información más relevante del entorno para el análisis de la organización, la IC pone especial énfasis en la evaluación de resultados (Hidalgo et al, 2002), pero ambas son vitales en el proceso de gestión de la información.

## La VT e IC para la Gestión Cultural

Las organizaciones que se dedican al manejo de la cultura establecen políticas y procesos que buscan revitalizar a las comunidades poseedoras de patrimonios, principalmente en las llamadas *ciudades culturales*<sup>44</sup> y *ciudades patrimonio de la humanidad*<sup>45</sup>, las cuales han posicionado sus recursos debido al despliegue de acciones integrales en sus procesos de patrimonialización y difusión, pero, igualmente, con la implementación de tecnologías en su gestión permitiéndoles sobrevivir a las condiciones de competencia vertiginosa en el mercado.

En esta vía, las organizaciones culturales han tenido que realizar ciertos cambios, como la capacitación de sus recursos humanos, procesos para la detección de necesidades de sus clientes, así como su atención adecuada y oportuna; han integrado rediseños de sus productos, servicios y actividades; y han mejorado su vínculo con diversos grupos de interés, destacando fundamentalmente el impacto y los beneficios que se logran para la comunidad local.

Así, la VT representa una herramienta que permite monitorear lo que ocurre en el mercado de la cultura, las actividades que realizan organizaciones similares, el reconocimiento de innovaciones tecnológicas aplicadas a la gestión y procesos culturales, comercialización, estudios socioculturales requeridos, hasta el seguimiento de acciones políticas, económicas o sociales que puedan afectar su vigencia en el mercado turístico. Mientras que la IC permite el seguimiento sistemático de las oportunidades, riesgos y amenazas que la organización pudiera enfrentar para asumir la toma de decisiones y con ello mejorar su competitividad.

Así, las entidades orientadas a la gestión cultural hoy están obligadas a asumir una responsabilidad con la sociedad y sus patrimonios, ingresando a una transformación que los impulsa a responder a profundos cambios tecnológicos, donde la información del entorno que genera la VT y la evaluación de resultados a través de la IC se vuelven herramientas estratégicas y de gestión. Más aún, el binomio cultura y turismo, bajo el influjo de la tendencia rentabilística, se reconceptualiza a partir de los aspectos normativos y de protección que se propician a partir del uso de ambas.

44 Son ciudades catalogadas por el Informe Mundial de Cultura de Ciudades, como espacios donde se recrea la cultura, historia y tradición, embellecida por legados patrimoniales que, año tras año, renueva su lista conforme a una serie de criterios que van desde la seguridad y calidad, hasta la implementación de tecnologías y la innovación a sus productos.

45 Lista de sitios patrimonio reconocidos por la UNESCO, en la que México figura, entre otros, con: Puebla, ciudad barroca; el Centro Histórico de la Ciudad de México; San Miguel de Allende, Guanajuato; el colorido de Tlacotalpan, Veracruz; la majestuosa ciudad minera de Zacatecas; la fortificada ciudad de Campeche; la histórica ciudad de Guanajuato; los colegios, templos y casonas de Morelia, Michoacán; o la Oaxaca Virreinal, entre muchas otras de tradición, historia y cultura.

## Patrimonialización y Comercialización en el Binomio Cultura y Turismo

La importancia que cobra la relación manifiesta entre el patrimonio, la cultura y el turismo depende no solo de ciertos modelos, políticas y prácticas diseñadas para su aprovechamiento, sino de una cierta invención social (Prats, 1997) que se pueden calificar más específicamente como imagen promocional creada (Antón & González, 2007) debido a los atributos y sinergia entre la manifestación (patrimonio), una infraestructura disponible, servicios de apoyo y valores recreados para hacer viable un *producto turístico consumible*.

Desde finales de los noventa, la Organización Mundial de Turismo (OMT) ha estado promoviendo que los proyectos que se implanten en las comunidades anfitrionas satisfagan sus necesidades económicas, cumpliendo con la integridad cultural, los procesos sociales, la diversidad biológica y los sistemas que dan soporte a la vida (OMT, 1998). Estas expectativas para la llamada “industria turística” en los próximos años se enfrentan a un vertiginoso panorama competitivo, donde el capital humano, la tecnología y el conocimiento se articulan para dar pie a una nueva dinámica de gestión sociocultural, en la que destaca la innovación, como capacidad para afrontar los cambios y desafíos del entorno que la rodea.

La relación cultura y tecnología es reciente, de ahí que sean escasos los estudios que vinculan la VT e IC en este ámbito. Durante el siglo XX, la “cultura” surgió como un concepto central de la antropología, abarcando todos los fenómenos humanos que no son el total resultado de la genética. En los albores del siglo XXI, proveniente de una tendencia globalizadora, neoliberal y posmoderna, la noción de cultura habla de un fenómeno de reorganización de fuerzas que son llamadas *integrativas* y *desintegrativas*, según se trate de homogeneización o de fragmentación cultural, respectivamente (Volpe, 2019). Sin embargo, como señala Villoro (1999), en un mismo país caben formas culturales correspondientes a clases sociales, grupos y comarcas diversas, incluso, varias naciones suelen compartir rasgos comunes de cultura. Por lo tanto, la cultura implica una realidad colectiva social que consiste en un modo de sentir, comprender y actuar en el mundo, así como formas de vida compartidas, las cuales se expresan en instituciones y comportamientos regulados, forjando en los individuos su personalidad, sus creencias, actitudes, hasta sus imaginarios sociales.

A partir de 2005, la Organización Mundial del Turismo (OMT) inició trabajos tendientes a definir un nuevo marco conceptual para la medición y el análisis del turismo, los cuales se concretaron con el documento “*Cuenta Satélite del Turismo: Recomendaciones sobre el marco conceptual*” (2010). La concepción asumida por parte de la OMT (2010b, p. 23) es: “El turismo es un fenómeno social, cultural y económico relacionado con el movimiento de las personas a lugares que se encuentran fuera de su lugar de residencia habitual por motivos personales o de negocios/profesionales. Estas personas se denominan visitantes (que pueden ser turistas o excursionistas; residentes o no residentes) y el turismo tiene que ver con sus actividades, de las cuales algunas implican un gasto turístico”.

El turismo está relacionado con el movimiento de personas a lugares que se encuentran fuera de su residencia habitual, motivado por diversos intereses, entre los que predomina

mina el ocio, la diversión y el desarrollo personal, implicando la realización de actividades y comportamientos de las personas en la preparación de un viaje, o bien durante el mismo, con efectos en la economía, en el entorno natural, en el patrimonio heredado y en las comunidades receptoras en lo general. Por lo que, como objeto de estudio, el turismo ha pasado de la descripción de los movimientos de viajeros, hasta la comprensión que ello genera en términos de impactos en el medio, en las comunidades y en la gente misma. Convirtiéndose así en un objeto de estudio multidimensional que pretende construir conocimiento propio sobre un fenómeno social que hoy se orienta a diversos aspectos como el desarrollo, la sustentabilidad y la competitividad, con un alto sentido ético y crítico de las condiciones que circundan tales aspectos en contextos en crisis, caóticos y complejos, donde la cultura y el patrimonio se revalorizan más allá de lo económico.

Así como en el aspecto cultural, el patrimonio también ha sido objeto de un constante escrutinio por parte de los investigadores. La palabra procede del latín *patrimonium* y hace mención del conjunto de bienes que pertenecen a una persona, ya sea natural o jurídica. El concepto tiene una acepción vinculada a la herencia y a los derechos adquiridos como integrantes de una determinada comunidad o grupo social. De esta manera, el patrimonio puede heredarse por la pertenencia a una familia o a una nación y, en este último caso, es posible hablar de un patrimonio cultural, turístico o simbólico.

Los defensores del patrimonio suelen hablar de patrimonialidad o patrimonialización como si se tratase de una sustancia o una propiedad intrínseca de los objetos que, únicamente demanda el reconocimiento social. Las manifestaciones tangibles e intangibles han existido con la aparición del ser humano, pero se han transformado con la acción social, natural y tecnológica que sobre ellos ha actuado con el devenir de los tiempos. De ahí su vínculo con teorías más recientes, tales como VT e IC.

El llamado proceso de patrimonialización surge cuando el patrimonio entra en un proceso de selección y activación de ciertos elementos en detrimento de otros, a fin de reconocer y seleccionar qué manifestaciones pueden tener la aprobación de los diversos actores sociales para un aprovechamiento cabal. La cuestión para calificar esa patrimonialización de “buena” o “mala” comúnmente depende de los intereses puestos en juego y de los resultados alcanzados. Prats (2004) señala que la selección de elementos a patrimonializar tiene que ver con la legitimación de referentes simbólicos que son dados tanto por actores con autoridad hasta el mismo contexto histórico y la naturaleza. Sin embargo, si el patrimonio cultural no representa cabalmente todos los aspectos socioculturales de una sociedad, la *invisibilidad* de ciertos elementos puede provocar conflictos y llevar a una falta de identificación entre la sociedad y “su” patrimonio, haciendo inviables sus políticas y medidas de aprovechamiento (Almirón et al, 2006; Crespo, 2005).

La determinación de la valoración patrimonial está ligada a la modernidad que juega con la nostalgia del pasado y la vorágine tecnológica. Cabe decir que la modernidad no ha inventado la valoración simbólica de los objetos, pero sí una concepción que los mercantiliza, turistifica, calificándolos de patrimonio turístico cultural. Así, la relación que se establece entre el patrimonio y el turismo conlleva a tomar aquellos como motivo del desplazamiento de las personas en una actividad vinculada al placer, a la mirada del turista que los califica (Urry, 1990). La turistificación implica, en ese caso, promoción de atractivos, organización de eventos, creación de infraestructura y personal calificado para su comercialización con fines rentabilísticos

indiscriminados. Al apropiarse el turismo del patrimonio en una localidad, puede propiciar la activación del patrimonio o bien que se deforme su imagen, provocando confrontaciones entre la lógica comercial y la lógica identitaria (Bruner, 2001; Prats, 2004; Troncoso & Almirón, 2005).

Es cierto, cultura-turismo-patrimonio se encuentran íntimamente enlazados al ser parte de la dinámica del turismo cultural donde la diversión, el desarrollo personal, el encuentro cultural y los beneficios socioeconómicos colectivos deberían presentarse equitativos para todos los actores involucrados. De esta manera, el patrimonio histórico cultural se ha convertido en un elemento básico de la atraktividad turística, debido a que la “experiencia turística” es esencialmente cultural, sin embargo, la demanda creciente del patrimonio se ha sometido a procesos mercantiles que rayan en la misma usura, explotación y consumismo, afectando sus valores e incentivando su deterioro por su explotación desmedida.

Tal panorama mercantilizado de los patrimonios culturales turísticos se ha agravado con la vorágine y vertiginosidad de la llamada globalización de la cultura (Getino, 2004), la cual ha sometido a la lógica del “útese y tírese” productos, actividades, servicios y, más aún, las manifestaciones, tradiciones e identidades, tergiversando las intenciones más éticas y revalorativas que pudieran adquirir aquellos patrimonios en los retos, no solo de la modernidad, sino en la cobertura de los objetivos del nuevo milenio (ONU, 2000; ONU, 2010).

Precisamente, la identidad, como un elemento diferenciador y al mismo tiempo unificador de los procesos culturales en la modernidad (Berriain & Aguiluz, 2007), requiere reconcebirse y revalorarse en el contexto de los procesos comercializables, mercantilizados y turistificados del patrimonio cultural. Al respecto, es necesario reconocer que el término identidad se mueve, al menos, en dos extremos:

- Como sinónimo de original, legítimo, verdadero y real.
- Como una construcción social y cultural del mundo moderno occidental (Handler, 1986; Conklin, 1997; Berta, 2011).

Más allá de los extremos, la identidad cultural es una representación intersubjetiva, compartida por una mayoría de los miembros de una comunidad. Pero el riesgo que la racionalidad posmoderna le impregna a ese tipo de nociones es el establecimiento de concepciones utilitarias, las cuales destacan el valor del patrimonio como un tipo de práctica cultural vinculada al consumo de productos culturales, como la compra de objetos de arte o artesanías (Berta, 2011) y productos turísticos (Wang, 1999); la construcción y legitimación identitaria (e histórica) de una sociedad (Schramm, 2004); o la restauración del patrimonio material consensuado bajo políticas de conservación, establecidas por instituciones supranacionales como ICOMOS o UNESCO (Stövel, 2008). A esta situación se suma el papel oficializado de las instituciones nacionales a cargo del resguardo y aprovechamiento de los patrimonios culturales orientados al turismo.

La autenticidad, desde la práctica de la actividad turística, se ha convertido en una construcción social que busca legitimar el patrimonio cultural con fines de placer, diversión, conocimiento, humanismo, pero en la lógica del consumo cultural (MacCannell, 1973),

(Thompson, 2002) se turispatrimonializa<sup>46</sup>. Y esta noción se puede descubrir a través de discursos y prácticas oficializadas que la legitiman. Siendo imperante la captura, análisis y difusión de información que vincule el patrimonio cultural como actividad turista y, aunque la parte sociocultural no es explícita, sería a través de la incorporación de modelos de VT e IC, donde la identificación, adquisición, asimilación y utilización de las tecnologías requeridas permitirían la adecuada gestión de la cultura, el turismo y patrimonio.

## Innovaciones Tecnológicas Aplicadas a la Gestión Cultural en México: Patrimonios y Turismo

La competencia de los destinos turísticos a nivel internacional, en las últimas décadas, ha obligado a los países a mejorar la calidad de sus actividades y servicios, así como la productividad, innovación y gestión de los mismos, incorporando no únicamente estrategias integrales de comercialización turística, sino investigación a través de herramientas tecnológicas, para impulsar la diferenciación del destino/producto.

En México, el sector oficial considera que, para la gestión de los recursos culturales del país, es fundamental la colaboración y participación de instituciones específicas de la cultura, las de educación superior, así como de los centros de investigación, implementando herramientas tecnológicas adecuadas para tal gestión (Ejecutivo Federal, 2013). Para ello, el sector público cuenta con una serie de organismos encargados de la gestión del turismo, la cultura y el patrimonio.

En el caso del turismo, en el ámbito federal, el organismo responsable es la Secretaría de Turismo, la cual ha destacado la importancia de la innovación y la competitividad, concentrando esfuerzos a fin de consolidar los destinos existentes, aprovechando sus fortalezas en infraestructura, conectividad, tecnología y personal calificado, revitalizándolos y asegurándolos en los mercados mundiales (Sectur, 2013).

Cabe indicar que la Secretaría de Turismo Federal inició el estudio e investigación de la tecnología y la innovación - de manera formal - en el año 2001, con el programa de Estudios e Investigaciones por parte del entonces Centro de Estudios Superiores del Turismo (CESTUR), con una investigación titulada: Impacto de las nuevas tecnologías en el turismo mexicano (Cestur, 2001). Esta da cuenta de la importancia del internet en el comercio electrónico, las tecnologías de la información para el sector turístico, nuevas tecnologías aplicadas al turismo, entre otros temas, orientado su estudio a la atracción de visitantes internacionales y a la promoción y comercialización de los atractivos y destinos turísticos.

El ahora Instituto de Competitividad Turística (ICTur), que ha reemplazado al CESTUR, ha realizado una serie de convocatorias relativas al tema en cuestión. Con una de ellas, el 2 Foro Nacional de Innovación y Competitividad Turística 2015, se ha pretendido promover la cultura de la innovación y la creación de redes de cooperación, entre otros objetivos. Empero, no aparecen temáticas referidas a la VT y la IC, como herramientas estratégicas para las organizaciones en su posicionamiento, calidad y competitividad, vinculadas a los patrimonios turísticos culturales.

<sup>46</sup> Término que quiere indicar un proceso velado que enarbola el sentido re-creacional de la manifestación, práctica o tradición, como altamente humanístico, que se hace rentable al grado de volverlo simple mercancía fetichizada (Salama y Matías, 1983).



Igualmente, en su momento, el desaparecido Consejo de Promoción Turística de México (CPTM) contaba con una dirección de inteligencia y mercados cuya función era obtener, procesar y difundir información de los principales mercados turísticos para México, a fin de fortalecer la correcta toma de decisiones en la elaboración de estrategias de promoción turística (CPTM, 2015).

Otro organismo que desde hace algunos años ha incorporado diversos recursos multimedia y mejoras en su página web, incluyendo imágenes 3D, materiales interactivos y paseos virtuales, los cuales pueden consultarse de manera gratuita, es el Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH). Al respecto, en 2009, el INAH y Google firmaron un convenio para la difusión de bienes culturales de México, el cual permite utilizar aplicaciones en YouTube, Google Earth y Google Maps (Becerra, 2012).

En este sentido, el INAH ha promovido el uso de la tecnología como un medio para difundir, promover y dar acceso al conocimiento, a través de la realización de eventos como el Primer Congreso Internacional Patrimonio Cultural y las Nuevas Tecnologías: Una Visión Contemporánea, llevado a cabo en diciembre de 2014 en el Museo Nacional de Antropología, y que contó con una segunda edición durante el mes de octubre de 2015. El INAH ha encabezado una iniciativa con la creación de la Red Temática en Tecnologías para la Difusión del Patrimonio Cultural (RedTDPC)<sup>47</sup>. Se asume como compromiso que, en esta segunda década del siglo XXI, en México se arriba a la madurez entre las empresas culturales y creativas con las instituciones que salvaguardan y gestionan esta herencia. Aunque es un gran paso, no es el paso para hacer de las organizaciones o instituciones culturales gestoras centrales de la cultura y el turismo mediante esquemas de VT e IC.

Igualmente, el INAH ha generado una Red de Museos, la cual se encuentra integrada por 114 espacios y salas de diversos tipos, siendo éstas de: exposiciones, introducción, interpretación y de homenaje, así como un museo virtual (INAH, 2015a).

Otro organismo relevante, en la difusión del patrimonio cultural, lo fue el Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (CONACULTA), ahora Secretaría de Cultura, que ha desarrollado el Sistema de Información Cultural (SIC), un portal electrónico que ofrece información diversa de los recursos culturales de México. Esta base de datos se actualiza constantemente a través de una red que enlaza a las 32 instancias estatales de cultura y a diferentes áreas de la hoy Secretaría de Cultura y otras instituciones del país. La realización de aquel proyecto requirió de la participación de expertos de los distintos institutos nacionales de investigación, así como de las entidades federativas y de la UNESCO (CONACULTA, 2015).

El SIC brinda información acerca la infraestructura cultural del país, permite conocer la ubicación de los espacios culturales, acceder a las convocatorias de concursos y becas relacionadas con el arte y la cultura, también de ingresar a páginas de artistas y grupos artísticos, publicaciones, lenguas y pueblos indígenas, centros de educación e investigación artística y sitios del patrimonio cultural, entre otros aspectos, así como consultar trabajos e investigaciones realizados en México y el extranjero en torno a la gestión, la promoción y los indicadores culturales (SIC, 2019).

---

47 La RedTDPC, forma parte del programa Redes Temáticas del Conacyt 2015, cuya finalidad es ampliar las redes de investigación entre talentos mexicanos como agentes de innovación, desarrollo económico y tecnológico en México.

Aunque desde principios de siglo se ha tratado de incorporar la tecnología en los organismos involucrados en el turismo, cultura y patrimonio, esto no se vislumbra como una actividad integrada que promueva la conservación y soporte a la toma de decisiones. En otro sentido, se aprecia el uso de la tecnología como una herramienta de promoción y comercialización de destinos y productos, ajena a las políticas y acciones de innovación y conservación del patrimonio cultural de México, desaprovechando así, las acciones de observación, captación y análisis de información del entorno para conocer cuáles son las tendencias y novedades que pudieran proteger el presente y orientar el futuro, oportunidades que se obtienen a partir del uso de la VT e IC como herramientas estratégicas.

## Situación del Patrimonio Turístico en el Estado de México en Torno a Implementaciones Tecnológicas e Innovación Comercial

El Estado de México posee una herencia ancestral indígena fusionada con la española, fundamentalmente, legando un vasto patrimonio histórico cultural que hoy se ha incorporado a una diversificada oferta turística que, en el discurso oficial y sus políticas, constituye la imagen ante el mundo, así como la posibilidad de que las comunidades locales poseedoras del mismo se incorporen a la competitividad y al desarrollo turístico.

De las 32 entidades federativas de México, el Estado de México ocupa el quinto lugar entre los destinos turísticos más visitados en el país. Posee cinco lugares con la denominación de *Pueblos Mágicos* (programa creado por el gobierno federal para incentivar la actividad turística de diversos lugares del país) y, en el ámbito estatal, cuenta con 17 lugares dentro del programa *Pueblos con Encanto*.

La oferta turística comprende desde zonas arqueológicas hasta arquitectura religiosa, así como diversas manifestaciones que registra la gastronomía típica, bebidas tradicionales o artesanía, por mencionar algunas. Con base en la gran variedad de patrimonios culturales orientados al aprovechamiento turístico, el Estado de México ha hecho uso de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación, así como de la Internet, para difundir esta vasta riqueza turístico-cultural. El gobierno de la entidad ha implementado un portal el cual difunde los recursos y patrimonios para conocimiento de los habitantes y visitantes. La acción interactiva con la página oficial permite que el usuario pueda no solo conocer, sino organizar actividades para su visita. Un tema que relaciona cultura y turismo, en este Portal, es el relativo a museos. En la sección respectiva se promocionan 30 museos a cargo del Instituto Mexiquense de Cultura con fotografías alusivas a ellos, horarios, servicios y manera de llegar a ellos.

El entonces Instituto Mexiquense de Cultura, creado desde el 3 de septiembre de 1987 en el Estado de México, fue renombrado el 17 de diciembre de 2014 como Secretaría de Cultura del Estado de México, encargándose de vincular las expresiones artísticas y culturales de la región con la sociedad. Con base en sus proyectos de difusión artística, cuenta con una red estatal de museos, centros regionales y casas de cultura, además del Centro Cultural Mexiquense en Toluca, el Centro Cultural y Recreativo en Ecatepec y el Centro Cultural Mexiquense en Texcoco, apoyados con tecnologías de la información y comunicación que permiten el logro de sus finalidades.

A través de su portal de internet, despliega una serie de recursos multimedia que van desde videos, música, galerías de fotos, hasta recorridos virtuales para la difusión del patrimonio cultural con fines turísticos (Secretaría de Cultura, edomex, 2019).

Cabe indicar que el Estado de México participa en la Red de Museos del INAH con nueve recintos adscritos a esa red. De estos recintos, al menos cinco pueden recorrerse virtualmente a través de la página web del Instituto (INAH, 2015b; INAH, 2019).

En cuanto a los procesos estatales de patrimonialización, éstos inician en la primera década del siglo pasado con los hallazgos de vestigios arqueológicos y la protección de áreas naturales y zonas arqueológicas (Gamboa, 2002). A partir de ello, diversos esfuerzos oficiales e institucionales se involucraron en el rescate, restauración y protección de los patrimonios (Conaculta, 2001). Posteriormente, se implementan programas de difusión para atracción de visitantes con la finalidad de promover el desarrollo en las áreas patrimonializadas. Las primeras declaratorias incluyeron igualmente eventos locales y manifestaciones culturales de comunidades tradicionales.

En todo este proceso de catalogación, resguardo, protección y aprovechamiento de manifestaciones, prácticas y tradiciones, asumidas como patrimonios, el Estado -fundamentalmente - y diversos entes sociales han empezado de manera reciente en México a incorporar las innovaciones tecnológicas, el internet y las TIC's para la promoción, inversión y competitividad del llamado producto turístico. Empero, el desarrollo de investigaciones bajo esquemas de la VT y la IC, es realmente escaso.

El panorama patrimonial en la entidad es amplio, por lo cual se identificaron aquellos destinos turísticos que pudieran ser objeto de estudio siguiendo los siguientes criterios: ser representantes de patrimonio cultural, contar con un flujo de turistas mayor que el promedio de los destinos del Estado, y que en los últimos dos años hubieran implementado acciones innovadoras en materia de uso de tecnologías para su difusión, comercialización y competitividad. En ese sentido, se seleccionaron: la zona arqueológica de Teotihuacán, El Santuario de Chalma y su peregrinación, y la zona alfarera de Metepec.

En cuanto a la zona arqueológica de Teotihuacán, cabe indicar que las exploraciones en Teotihuacán iniciaron hacia el año de 1905, con la intención de restaurar la pirámide y habilitar varios edificios de la ciudad y convertirlos en un atractivo turístico; dicho trabajo corrió a cargo de Leopoldo Batres<sup>48</sup>, para conmemorar en 1910 el Centenario de la Independencia de México.

Entre muchos aspectos controversiales que giran alrededor de Teotihuacán está uno de fechas recientes. En diciembre de 2008, se comenzó a montar un proyecto de luces y sonido en las Pirámides llamado *Resplandor teotihuacano*, el cual contaba con la aprobación del INAH y de la Secretaría de Turismo Federal (SECTUR). El proyecto fue duramente criticado por el mismo personal (trabajadores y académicos) del INAH por considerar que tales obras dañaban las estructuras y, en diciembre de ese año, la Comisión Permanente del Congreso de la Unión de México pidió la suspensión de las obras (Rodríguez, 2008).

---

48 Leopoldo Batres (Ciudad de México, 1852-1926), antropólogo y arqueólogo, célebre por sus excavaciones durante el Porfiriato, fue un pionero de la arqueología moderna en México. Trabajó para el Museo Nacional entre 1884 y 1888, período en el que comenzó su actividad arqueológica en Teotihuacán, donde exhumó el Templo de la Agricultura, cerca de la Pirámide de la Luna.

Aunque se logró la suspensión de la obra antes indicada, la protección oficial se hizo sentir a la empresa responsable, debido a una serie de nexos que fueron ampliamente denunciados.

Respecto a la peregrinación al Santuario del Señor de Chalma, es necesario indicar que Chalma es un poblado que pertenece, en lo civil y hacendario, al municipio de Malinalco, pero en lo eclesiástico, a la parroquia del Apóstol Santiago de Ocuilan.

Hacia este santuario las actividades religiosas son peregrinaciones a pie, así como danzas tradicionales que se ofrecen al Señor de Chalma. El santuario está conformado por el templo de estilo neoclásico y convento construido en el siglo XVII, posee un altar mayor de madera polícroma de estilo plateresco.

La manera en que se comercializa este evento pone en la mesa la cantidad de contradicciones por los intereses de quienes, abierta u ocultamente, participan, y el sentido que le imprimen a una manifestación altamente religiosa.

Una manifestación más, en esta descripción, es la producción artesanal alfarera en Metepec. Metepec es un municipio del Estado de México que forma parte de la Zona Metropolitana del Valle de Toluca (ZMVT). En este municipio se ubican los desarrollos inmobiliarios más exclusivos de la ZMVT.

La importancia del trabajo que hacen los alfareros del barro en Metepec los posicionan en un lugar preponderante por sus objetos de cerámica y particularmente por el tradicional Árbol de la Vida. Es cierto que la artesanía constituye un importante atractivo para el desplazamiento de visitantes y turistas, quienes no solo disfrutan de su gran colorido y variedad, sino de la compra de las mismas. En tal virtud, la artesanía ha sido motivo de comercialización y mercantilización por parte no solo de empresas, sino del gobierno mismo.

La realidad muestra que la artesanía, como ese producto cultural que beneficia a todos los involucrados, particularmente al artesano, no es del todo cierta. El trabajo artesanal es solo una de las estrategias de sobrevivencia y reproducción precapitalista de múltiples grupos domésticos campesinos, mediante la cual sus creadores no sólo no reciben una equitativa retribución monetaria, sino que no satisfacen sus necesidades de expresión y reafirmación de su identidad (Rojas et al, 2010). El mismo Fondo Nacional para el Fomento de las Artesanías (FONART, 2009) presenta diversas causas y efectos en el problema de la generación de ingresos para el combate de la pobreza, entre los que destacan: proyectos no rentables, desarticulación de mercados, valoración insuficiente de las artesanías, pérdida del oficio de artesano, pérdida del patrimonio, deterioro de los recursos naturales hasta transmisión generacional de la pobreza.

El problema común a la patrimonialización y comercialización de estas manifestaciones es la escasa innovación tecnológica implementada en ellas para hacer efectiva la acción patrimonial o de comercialización integral que permita irradiar beneficios en muchas áreas, no solo la económica, de difusión o de comercialización, sino de conocimiento para su proyección, monitoreando inclusive la presencia de productos chinos - en el caso de las artesanías de Metepec - de mala calidad (Lobato, 2011).

## Hacia un Modelo de VT e IC para la Gestión del Patrimonio Turístico Cultural

Evidentemente, se ha incorporado la tecnología a los procesos de análisis de información y toma de decisiones para la gestión del patrimonio cultural. Entre los ejemplos anteriormente expuestos, se aprecia que el organismo que más ha incursionado en el tema es la Secretaría de Turismo, tanto a nivel federal como estatal. Sin embargo, no se evidencia un modelo de VT e IC que permita:

- Anticipación a cambios: alerta sobre cambios o amenazas que provengan de algún sector vinculado o diferente a la organización.
- Reducción de riesgos: permite detectar competidores o productos entrantes.
- Ayuda en el proceso de innovación: ayuda a decidir el programa de I+D+i y la estrategia que llevará.
- Promueve la cooperación: Identifica enlaces academia-sector productivo-gobierno (Sánchez, 2008).
- Más aún, se ha sobreestimado el valor de la tecnología y su uso no ha sido eficiente.

Escorsa et al. (2000) indican que el término *Inteligencia* empieza a cobrar mayor fuerza que el de *Vigilancia* básicamente porque asume un carácter más activo, formula información más elaborada y mejor preparada para la toma de decisiones, e integra resultados de la *Vigilancia* en los diferentes ámbitos que ella aborda: económico, tecnológico, financiero, competitivo, político, etc. Sin embargo, en la evidencia empírica analizada, se acota el uso de la tecnología a medios de promoción y difusión.

Más allá de si prevalece una sobre la otra, la VT y la IC son dos herramientas que se complementan, volviéndose útiles en la anticipación de sucesos o en la mejora de la competitividad de una organización, aprovechando las oportunidades que surgen intempestivamente. La valía de estas herramientas se acrecienta en organizaciones que tienen procesos de investigación, desarrollo e innovación (I+D+i) tendientes a la generación de proyectos y previniendo riesgos que se puedan ocasionar por la actividad en su área de competencia. En el caso del Estado de México, las señales más tempranas son con la aparición del sistema de información cultural a través del desaparecido Conaculta y renovado con metadatos que se generan a partir del registro y seguimiento de la información (Secretaría de Cultura, EdoMéx, 2019).

Dada la importancia central de la tecnología para la competitividad de las organizaciones y entidades públicas que operan en el sector turístico, existen estudios que tienen como resultado el diseñar acciones substanciales de contribución al desarrollo de una mayor competitividad para el sector turismo en el futuro (Fayos, 1994; Orfila, 2003; Alzua-Sorzabal & Abad, 2006; Jacob & Aguiló, 2008).

También existen trabajos que abordan el tema de la innovación, pero desde el enfoque de la gestión del cambio tecnológico (Orfila, 2003), reconociendo la importancia de la tecnología para la competitividad de las organizaciones que realizan su actividad en el

sector turístico. Otra visión ha sido el esquema de patrones de innovación, donde se identifican y contrastan las tendencias en la actividad innovadora, identificando que la tendencia a innovar aumenta con el tamaño empresarial y la facturación, y que la mayor parte de las innovaciones se dan en el proceso de producción y en la distribución o entrega del servicio (Jacob et al, 2004; Jacob & Groizard, 2007).

Considerando que las organizaciones encargadas de la gestión cultural no son empresas propiamente de creación de tecnología, pero sí de su aplicación, y una vez analizados los casos en México, se propone trabajar sobre cuatro ejes, consignados por Escorsa y Maspons (2001), así como de las fuerzas de competitividad de Porter (2002), en torno a lo que pudiera llamarse un modelo de vigilancia e inteligencia integral, a saber:

- El competitivo: se encargará de localizar información de competencia actual y de competencia potencial.
- El tecnológico: orientado a la búsqueda de información de tecnología aplicable a las actividades, productos, bienes o servicios disponibles o de reciente aparición aplicado a los patrimonios.
- El del entorno: su tarea será la de buscar información de hechos exteriores que puedan afectar la proyección de la organización.
- El comercial: indagará sobre información de clientes (visitantes), así como de expectativas de otros actores sociales en torno a los posibles proyectos a generarse: habitantes locales y sector oficial.

En el anterior modelo integral de vigilancia e inteligencia, es importante establecer un proceso sistemático en la obtención, tratamiento y empleo de información estratégica para las organizaciones y gobiernos (Sánchez & Palop, 2002; Palop & Vicente, 1999; FPNT, 2012), el cual se desarrolla en las siguientes etapas:

- Planeación: Es el punto de partida donde se encuentra una necesidad o una idea dentro de la organización.
- Búsqueda y captación: Implica una recolección intensiva de datos, en la cual se busca, detecta y observa.
- Análisis y clasificación: Depuración de la información a través de filtros para el análisis de la calidad y el tipo de información obtenida.
- Inteligencia: Asignación de valor a la información obtenida, buscando su incidencia con la estrategia organizacional.
- Comunicación de los resultados: Socialización de resultados a los tomadores de decisiones de la organización sobre información estratégica para su empleo y transferencia del conocimiento.
- Habilitación: Es la obtención, dentro y fuera de la organización, de tecnologías y recursos necesarios para la ejecución de los proyectos incluidos en la cartera.

- **Implantación:** Es la realización de los proyectos de innovación hasta el lanzamiento final de un producto, servicio o actividad nueva o mejorada en el mercado, o la adopción de un proceso nuevo o sustancialmente mejorado.
- **Protección:** Es la salvaguarda y cuidado del patrimonio tecnológico de la organización, generalmente mediante la obtención de títulos de propiedad intelectual (patentes).

En los organismos y ejemplos de la gestión cultural analizados, solo se cubren los primeros tres aspectos; por lo cual, a partir de la inteligencia, se encuentran vacíos significativos en el tratamiento de la información, que incidan en el establecimiento de políticas y acciones acordes a las vocaciones de los lugares catalogados como patrimonios culturales.

Para mantener la competitividad en los actuales entornos complejos y de alta velocidad de cambio, las organizaciones y gobiernos vinculados a la gestión del patrimonio turístico cultural deben tener la capacidad o habilidad de percibir las señales que indican cambios significativos en el entorno, así como controlar día a día las actividades de actores dentro y fuera del sector.

## Reflexiones Finales

El patrimonio cultural se ha convertido en un elemento básico de la atraktividad turística, debido a que en México la “experiencia turística” es esencialmente cultural. Sin embargo, la demanda creciente del patrimonio se ha sometido a procesos mercantiles que rayan en la misma explotación y consumismo, afectando la gestión de su conocimiento y los beneficios que esto puede generar para las comunidades donde se encuentran. Situación que se agrava debido a que las actividades de VT se limitan a la recolección y análisis de información sin llegar al aprendizaje y menos aún a la inteligencia, propiciando una mala conceptualización de la tecnología, su importancia y usos.

En torno al patrimonio turístico cultural priva un modelo de gestión del conocimiento donde el hedonismo, el mercantilismo y el consumismo hacen de las cosas valiosas hechos efímeros y banales, donde la tecnología se ha convertido en un medio para fortalecer la tendencia mercantilista, más que para que ser una herramienta estratégica para la adecuada gestión, preservación y difusión. Cualquier propuesta de desarrollo, llámese integral, sustentable o local, demanda revalorar críticamente la memoria cultural, el conocimiento individual y social, las prácticas y tradiciones condensadas, las cuestiones de identidad y autenticidad, con el propósito de gestar experiencias turísticas culturalmente desarrolladas y es justamente en este sentido donde la VT e IC cobran importancia, debido a que los casos analizados así lo evidencian, al solo ser herramientas de promoción y comercialización reforzando el interés mercantil de las autoridades sobre el patrimonio y delegando el valor cultural de éstas.

El papel que asumen las instituciones oficiales del manejo del patrimonio, la cultura y el turismo, en los ámbitos nacional e internacional, requiere reformular sus argumentos de beneficio de lo que significa la gestión cultural vinculada a la actividad turística, a fin de contribuir con los objetivos del milenio utilizando en todo momento la inteligencia que se puede obtener a través de la tecnología, sin limitarse al simple manejo de datos. Mientras

el manejo del patrimonio cultural en México solo incursione en el uso de las nuevas tecnologías para su difusión y comercialización, y no se asimile un proceso de gestión inteligente del conocimiento para proyectar su competitividad y beneficios sociales, el desarrollo colectivo estará limitado.

La riqueza patrimonial y turística del Estado de México demanda modelos de gestión cultural integrales donde la tecnología no sea solo para difundir, sino para investigar, proyectar, conjuntar e innovar actividades, productos, servicios, ideas en torno al patrimonio turístico cultural de alcance colectivo. Un modelo integral de gestión cultural y turística que incida en las acciones y políticas públicas puede revalorar los procesos de patrimonialización y turistificación, más allá de una cuestión mercantil que permita afianzar y proyectar las nuevas identidades eventualmente surgidas de la modernidad y posmodernidad, siendo la VT e IC un marco poco explorado para este tipo de hechos, a pesar de que los fundamentos teóricos analizados nos evidencia su fácil adaptabilidad a diferentes tipos de empresas, entornos y gobiernos.



## FUENTES CONSULTADAS

- Almirón, A., Bertonecello, R. & Troncoso, C. A. (2006). "Turismo, patrimonio y territorio. Una discusión de sus relaciones a partir de casos de Argentina". *Estudios y Perspectivas en Turismo*. 15(2):101-120.
- Alzua-Sorzabal, A., Abad, M., & Arretxea, L. (2006). Evaluación del impacto de las nuevas tecnologías en el visitante del museo: el caso de la Virtual Showcase. In: *Tecnologías de la información y comunicación (TICs), arte y patrimonio cultural: aplicaciones, desarrollo local y aprendizaje informal: Primer Seminario Internacional celebrado en Donostia-San Sebastián el 5 de mayo de 2003* Servicio de Publicaciones: 250-264.
- Antón S. & González, F. (2007). *A propósito del turismo. La construcción social del espacio turístico*. Barcelona: Ed. UOC.
- Baumard, P. (1991). *Stratégie et surveillance des environnements concurrentiels*. Paris: Masson.
- Becerra, J. L. (2012). *El INAH pone a México en el mapa virtual*. [Recuperado el 26 de agosto de 2015]. En: <http://www.politicadigital.com.mx/?P=leernoticia&Article=21629>
- Beriain, J. & Aguiluz, M. (2007). *Las contradicciones culturales de la modernidad*. Barcelona: Ed. Anthropos.
- Berta, P. (2011) "Constructing, commodifying, and consuming invented ethnic provenance among romanianroma". *Museum Anthropology* 34(2): 128-141.
- Bruner, E. M. (2001) "The Maasai and the Lion King: authenticity, nationalism, and globalization in African tourism". *American Ethnologist* 28(4): 881-908.
- Cataño, J. G.; Gallego, J. B. & Montes, J. M.I. (2012). *Modelo de laboratorio para la prestación de servicios de prospectiva, vigilancia tecnológica e inteligencia competitiva*. Madrid: Fondo Editorial ITM.
- Cegarra, J. (2004). *Metodología de la investigación científica y tecnológica*. Primera edición. Madrid: Ediciones Díaz de Santos.
- Cestur. (2001). *Impacto de las nuevas tecnologías en el turismo mexicano*. México: Centro de Estudios Superiores del Turismo.
- Conaculta. (2001). *Iniciativa de Ley de fomento y difusión de la cultura*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.
- Conaculta. (2015). *Sobre el Sistema de Información Cultural*. [Recuperado el 26 de agosto de 2015]. En: [http://sic.conaculta.gob.mx/sobre\\_sic.php](http://sic.conaculta.gob.mx/sobre_sic.php)
- Conklin, B. A. (1997) "Body paint, feathers, and Vcra: aesthetics and authenticity in Amazonian activism". *American Ethnologist* 24(4): 711-737.
- Cotec. (1998). *Modelo Temaguide*. Madrid: Fundación para la Innovación Tecnológica Española.
- CPTM. (2015). *Inteligencia de Mercados*. Secretaría de Turismo, Consejo de Promoción Turística. México. [Actualizado el 23 de julio de 2015]. En: <http://www.cptm.com.mx/inteligencia-de-mercados?language=es>
- Crespo, C. (2005). "Qué pertenece a quién": Procesos de patrimonialización y Pueblos Originarios en Patagonia". *Cuadernos de Antropología Social*. 21:133-149.
- Ejecutivo Federal. (2013). *Programa Sectorial de Turismo (PROSECTUR) 2013-2018*. México: Diario Oficial de la Federación. [Recuperado el 15 de julio de 2015]. En: [http://www.sectur.gob.mx/work/models/sectur/Resource/7594/1/images/programa\\_turismo.pdf](http://www.sectur.gob.mx/work/models/sectur/Resource/7594/1/images/programa_turismo.pdf)
- Escorsa, P, & Maspons, R. (2001). *De la vigilancia tecnológica a la inteligencia competitiva*. Madrid: Editorial Prentice Hall.
- Escorsa, P; Maspons, R. & Ortiz, I. (2000). La integración entre la gestión del conocimiento y la inteligencia competitiva: la aportación de los mapas tecnológicos. *Revista Espacios*, 21 (2): 2000.
- Fayos, E. (1994). Competitividad y calidad en la nueva era del turismo, *Estudios Turísticos* 23: 5-10.
- FONART. (2009). *Diagnóstico de la capacidad de los artesanos en pobreza para generar ingresos sostenibles*. México: Secretaría de Desarrollo Social (SEDESOL).
- FPNT. (2012). *Premio Nacional de Gestión de Tecnología e Innovación*. México: Fundación Premio Nacional de Tecnología A.C.
- Gamboa, E. (2002). *Diez años de arqueología en México, 1975-1985*. México: INAH-Plaza y Valdés.
- García de León, G. (2009). "El concepto de competitividad sistémica". En: *Revista Universidad de Sonora*, Universidad de Sonora, volumen 25: 29-31.
- Gaynor, G. (1999). *Manual de gestión tecnológica*. Tomos I y II. Colombia: Mac Graw Hill.
- Getino, O. (2004). Las industrias culturales: entre el proteccionismo y la autosuficiencia. *Pensar Iberoamérica: Revista de Cultura*. 4.
- Handler, R. (1986) "Authenticity". *Anthropology today* 2(1): 2-4.
- Hidalgo, A. (1999). *La gestión de la tecnología como factor estratégico de la competitividad industrial*. Madrid: Universidad Politécnica de Madrid.
- Hidalgo, A.; León, S. & Pavón, J. (2002). *La gestión de la innovación y la tecnología en las organizaciones*. Madrid: Editorial Pirámide.

- INAH. (2015a). *Red de museos del INAH*. [Recuperado el 10 de agosto de 2015]. En: <http://inah.gob.mx/index.php/museos>
- INAH. (2015b). *Recorrido virtual por el Museo Nacional del Virreinato, Tepetzotlán, Estado de México*. [Recuperado el 12 de agosto de 2015]. En: <http://www.inah.gob.mx/paseos/virreinato/>
- INAH. (2019). *Red de museos del INAH, Estado de México*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia. En: <https://www.inah.gob.mx/museos>
- Jacob, M. y Aguiló, E. (2008). La innovación en el sector turístico: el caso de Baleares. *Revista de Ocio y Turismo*. 1, (1):51-64.
- Jacob, M., & Groizard, J. L. (2007). Technology transfer and multinationals: The case of Balearic hotel chains' investments in two developing economies. *Tourism Management*, 28(4), 976-992.
- Jacob, M., Tintoré, J., Simonet, R., & Aguiló, E. (2004). Pautas de innovación en el sector turístico Balear, nº 25 de COTEC.
- Lobato, C. (2011). *Artesanías y su comercialización en el Instituto de Investigación y Fomento de los Artesanos del Estado de México*. Toluca, México: IIFAEM.
- MacCannell, D. (1973). "Staged Authenticity: Arrangements of Social Space in Tourist Setting", en *American Journal of Sociology*, 79:589-603.
- Mathias, Gilberto y Salama, Pierre. (1983). *El estado sobredesarrollado: de la metrópolis al tercer mundo*. México: Ed. Era.
- Morcillo, P. (2003). Vigilancia e inteligencia competitiva: fundamentos e implicaciones. En: *Revista Madrid*, 17.
- Muñoz, J; Marín, M. & Vallejo, J. (2006). La vigilancia tecnológica en la gestión de proyectos de I+D+i: recursos y herramientas. *Revista El Profesional de la Información*. 15 (6): 411-419.
- OMT. (1998). *Guía para administradores locales: desarrollo turístico sostenible*. España: Organización Mundial del Turismo.
- OMT. (2010). *Entender el turismo: glosario básico*. Madrid: Organización Mundial del Turismo.
- OMT. (2010b). *Cuenta satélite de turismo: Recomendaciones sobre el marco conceptual, 2008*. Luxemburgo/Madrid/Nueva York/París, 2010: Organización de las Naciones Unidas.
- ONU. (2000). *Los Objetivos del Milenio*. Unesco. Nueva York: Organización de las Naciones Unidas.
- ONU. (2010). *Objetivos de Desarrollo del Milenio. Resolución aprobada por la Asamblea General el 22 de septiembre de 2010*. Nueva York: Organización de las Naciones Unidas.
- Orfila, F. (2003). *La gestión del cambio tecnológico en la actividad hotelera*. PhD Thesis, Universitat de les Illes Balears.
- Palop, Fernando; y Vicente, José M. (1999). *Vigilancia Tecnológica e inteligencia competitiva. Su potencial para la empresa española*. Documento COTEC sobre oportunidades tecnológicas. Madrid: Fundación COTEC para la innovación tecnológica.
- Porter, M. E. (2002). *Estrategia competitiva: técnicas para el análisis de los sectores industriales y de la competencia*. México: Compañía Editorial Continental.
- Prats, L. (2004). *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel.
- Reisinger, Yvette. (2008). "Globalization, tourism and culture", [chapter 1]. *International Tourism Cultures and Behavior*, 2008, pages 1-29.
- Rodríguez, A. M. (2008). "Suspende el INAH las obras del Resplandor teotihuacano". *La Jornada*. Miércoles 24 de diciembre de 2008.
- Rodríguez, M. (1999). *La inteligencia tecnológica: elaboración de mapas tecnológicos para la identificación de líneas recientes de investigación en materiales avanzados y sin-terización*. Tesis doctoral. Barcelona: Universidad Politécni-ca de Cataluña.
- Rojas, C; Martínez, B; Ocampo, I & Cruz, J. A. (2010). "Artesanas mixtecas, estrategias de reproducción y cambio". *La Ventana, Revista de Estudios de Género*. Vol.4 no.31. Guadala-jara jun. 2010.
- Rouach, D. (1996). *La Veille Technologique et l'Intelligence Economique*. Colección Que sais-je. N° 3086, Paris: Presses Universitaires de France.
- Sánchez, J. M.; & Palop, F. (2002). *Herramientas de software para la práctica de la Inteligencia Competitiva en la empresa*. Primera Edición. Valencia: Triz XXI.
- Sánchez, M. J. (2008). *El proceso innovador y tecnológico: estrategias y apoyo público*. España: Ed. Netbiblo.
- Schramm, K. (2004). "Senses of authenticity: chieftaincy and the politics of heritage in Ghana". *Etnofoor* 17(1/2): 156-177.
- Secretaría de Cultura, Edomex. (2019). *Patrimonio y servicios culturales*. Gobierno del Estado de México. En: <http://patrimonioyserviciosc.edomex.gob.mx/>
- Sectur. (2013). *Programa Sectorial de Turismo (PROSECTUR) 2013-2018*. México: Secretaría de Turismo. Gobierno de la República Mexicana.
- SIC. (2019). *Sistema de Información Cultural de México*. Mé-xico: Secretaría de Cultura, Gobierno de México. En: <https://sic.cultura.gob.mx/>
- Stovel, H. (2008) "Origins and Influence of the Nara docu-ment on authenticity". *APT Bulletin* 39(2): 9-17.
- Thompson J. B. (2002). *Ideología y cultura moderna. Teoría crítica social en la era de la comunicación de masas*. Méxi-co: UAM Xochimilco.

Troncoso, C. A. & Almirón, A. V. (2005). "Turismo y patrimonio. Hacia una relectura de sus relaciones". *Aportes y Transferencias* 1(9):56-74.

Urry, J. (1990). *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies theory, culture & society*. London: Sage Publications.

Vergara, J.C. (2006). La vigilancia tecnológica antes y después de la una 166006:2006 EX. *Revista Hispana de la Inteligencia Competitiva PUZZLE*. 5. (22):37-41.

Villoro, L. (1999). *Estado plural, pluralidad de culturas*. México: Paidós. Facultad de Filosofía y Letras, UNAM.

Volpe, F. (2019). Comunicación y cultura en el siglo XXI o La era del acceso. *Pensar Iberoamérica. Revista de Cultura*. Organización de los Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Tecnología. En: <https://www.oei.es/historico/pensariberoamerica/colaboraciones05.htm>

Wang, N. (1999) "Rethinking authenticity in tourism experience". *Annals of Tourism Research* 26(2): 349-370.

Yang, Yang; Altschuler, Benjamin; Liang, Zhengkang; and Li, Xiang (Robert). (2020). "Monitoring the global COVID-19 impact on tourism: The COVID-19 Tourism Index". *Annals of Tourism Research*, vol. 1, pages 1-6, 15 december, 2020.

# 16 Sistematización de experiencia: proceso de formulación e implementación de un programa de maestría académica en turismo y desarrollo sustentable en la Universidad Nacional, Costa Rica

**Laura Obando Villegas<sup>49</sup>**

**Alfonso Lara Quesada<sup>50</sup>**

**Esteban Barboza Núñez<sup>51</sup>**

**Juan Carlos Picón Cruz<sup>52</sup>**

## Introducción

El estudio del turismo en Mesoamérica y el Caribe es importante, sobre todo por los vacíos existentes en los estudios turísticos de la región, en cuanto a la comprensión integral de territorio, socialmente moldeado y marcado por diversas interacciones históricas, la identidad o identidades culturales que lo conforman, las dinámicas medioambientales que lo describen como región con una alta vulnerabilidad natural a eventos extremos, sobre todo de tipo hidrometeorológico, y las condiciones socioeconómicas que forman parte de la vida en esta parte del mundo.

El turismo es una de las actividades económicas más importantes para la región Caribe, proporcionando empleo directo e indirecto a una gran cantidad de personas. Esto provoca un entorno competitivo, donde la planificación y los controles regulatorios son más bien débiles y la amenaza para la sostenibilidad a largo plazo del turismo es sólida.

Según estudios previos (proyecto RUIITS, Red Universitaria Internacional de Turismo Sostenible), se detectan dos necesidades básicas en la región; la primera es implementar

---

49 Master en Gerencia de Proyectos de Desarrollo, Licenciada en Planificación, Académica de la Universidad Nacional, [laura.obando.villegas@una.cr](mailto:laura.obando.villegas@una.cr)

50 Doctor en Ciencias Naturales, Maestría em Biología, Académico de la Universidad Nacional, [alfonso.lara.quesada@una.ac.cr](mailto:alfonso.lara.quesada@una.ac.cr)

51 Doctor en Estudios de la sociedad y la cultura, Master en literatura, Académico de la Universidad Nacional, [esteban.barboza.nunez@una.cr](mailto:esteban.barboza.nunez@una.cr)

52 Doctor en Desarrollo Humano, Académico de la Universidad Nacional, [juan.picon.cruz@una.cr](mailto:juan.picon.cruz@una.cr)

observatorios sobre turismo y medioambiente y, por otro lado, consolidar conocimientos específicos en el campo del turismo. A partir de lo anterior, y como medio para atender las necesidades identificadas por RUIITS, se formula el proyecto Sustainable Tourism, Optimal Resource and Environmental Management (STOREM), enfocado en el desarrollo de capacidades, a través de una oferta académica por parte de universidades de la región, mediante el diseño nuevos programas de maestría y cursos que contribuyan a la sostenibilidad por medio de la innovación e investigación.

Por lo tanto, el objeto de estudio de este artículo es la reseña del proceso de gestión para la apertura de una maestría académica en turismo sostenible, que tiene como objeto de estudio el turismo, en todas sus formas, público o privado, que se realiza en la región mesoamericana y caribeña. El turismo es aquí entendido como un fenómeno y práctica social, y no solo una práctica económica, pero como una herramienta para el desarrollo sostenible, en el entendido de la conservación ambiental y el conocimiento, pueblos y culturas.

La implementación de la ruta del proyecto STOREM se basó en dos pilares:

Un enfoque multidisciplinar en actividades didácticas y

Una sólida colaboración entre los organismos públicos y los agentes económicos con el fin de proponer una acción mejor fundamentada en las necesidades del mercado laboral.

Es este el contexto en que se inserta esta maestría internacional, aportando profesionales en el mercado aptos a trabajar con las diferentes situaciones que van a encontrar en su campo de actuación. De esta manera, la configuración de este posgrado ocurre en un momento muy necesario y oportuno.

## Antecedentes

La tendencia general del turismo mundial está en crecimiento estadístico desde los años 1950, salvo algunos picos de recesión mostrados a partir de eventos específicos (crisis del petróleo de 1973 y los ataques terroristas del 11 de septiembre de 2001, crisis del COVID-19, por ejemplo). Los desplazamientos de turistas han pasado de 25 millones en 1950 a 1400 millones en el 2019. En el mismo periodo, los ingresos provenientes del turismo en los países de destino aumentaron de 2000 millones de dólares americanos a 1260 billones. Se calcula que este sector representa el 10 % del Producto Interior Bruto (PIB) mundial, emplea al 10 % de los trabajadores del planeta, y la Organización Mundial del Turismo (OMT) espera que continuará creciendo a una medida anual del 3 % hasta 2030 (UN, 2021).

La causa del crecimiento durante la segunda mitad del siglo XX y el siglo XXI se debe a que la posibilidad de viajar ha aumentado gracias al reconocimiento del derecho a las vacaciones en la Declaración Universal de los Derechos Humanos, la aprobación, en muchos países, de los derechos laborales y el crecimiento de la clase media. Además, el uso de las nuevas tecnologías aplicadas al turismo y el abaratamiento del transporte, especialmente el aéreo, han generado un aumento de los viajes internacionales. Es importante destacar la resiliencia del sector mostrada en los años recientes, que siguió creciendo de manera casi

ininterrumpida, a pesar de la crisis económica mundial, las catástrofes naturales y las pandemias. Por cierto, el COVID-19 ha provocado la más importante y dura crisis del sector en los últimos 70 años.

Cómo las empresas de turismo van a superar el choque no se conoce de momento. Hay más dudas que respuestas y será necesario observar el desarrollo de las acciones nacionales y mundiales de combate al virus. Pero el virus COVID-19 no es el único enemigo de la humanidad en este momento. La ignorancia, la negación de la ciencia, el oscurantismo, el fundamentalismo religioso, la xenofobia, las posiciones extremas de los gobiernos mundiales y la pérdida del humanismo son plagas por combatir para la superación de los problemas mundiales, no solamente en el campo del turismo.

En los últimos años, y en consecuencia con la Declaración de los Objetivos del Milenio para el Desarrollo Sostenible (ODS-ONU) de la Organización de Naciones Unidas (ONU), la OMT, en calidad de miembro de la ONU, acentúa las declaratorias en función del aporte del turismo para atender y aportar al logro de los mencionados Objetivos del Milenio. Este mandato es divulgado a todas las instituciones de la ONU, gobiernos de países miembros e instituciones internacionales vinculadas al turismo, entre ellas las universidades que ofertan.

Desde la declaración de los Objetivos del Milenio en desarrollo sostenible, la OMT va respondiendo con distintas estrategias de promoción de un turismo sostenible. En el 2019 está dedicado al Objetivo 8 del Desarrollo Sostenible, declarado como “Turismo y empleo: un futuro mejor para todos”. El propósito de esta declaratoria fue reconocer el papel del turismo en la creación de empleo. Queda pendiente profundizar en temas relacionados con potenciar el trabajo decente, desde la capacidad de avanzar en nuevas políticas para proteger la calidad de vida, la salud ocupacional y riesgos del trabajo.

Este 2020 hace un llamado a la reactivación del turismo desde la capacidad de innovación y disrupción de pensamiento del ser humano, sobre todo en los entornos rurales. Ya conocemos las directrices para generar turismo en los procesos de recuperación de la crisis generada por el COVID-19, y coincide la dedicatoria de la Organización Mundial del Turismo (OMT) al dedicar el año al turismo y el desarrollo rural.

En el primer semestre de 2020, es casi imposible identificar tendencias en turismo, pero es posible decir que los conceptos bases de la actividad permanecerán, por ejemplo, la valoración de la experiencia turística, la búsqueda por destinos de naturaleza, la importancia del sector de tecnologías e innovación, la alta calidad de los servicios y, ahora más que nunca, la capacidad de gestión de crisis en el sector.

A pesar de todas las incertezas, dos temas son ciertos para el sector de turismo:

Los profesionales tendrán que trabajar con el imponderable, con las incertidumbres, con nuevos técnicos de gestión de crisis y con inteligencia emocional y;

Se necesitará, en este momento, cada vez más expertos de alta calidad para proponer acciones de mitigaciones de los impactos negativos en el sector que, según la Organización Mundial de Turismo, pueden permanecer por 10 años.

Es este el contexto que se inserta la propuesta de formación a nivel de maestría académica en turismo sostenible, como forma de potenciar profesionales para una actividad que tiene un significado estratégico para el bienestar de los pueblos y de los ecosistemas que posibilitan la vida en general. El mercado del turismo continuará demandando profesionales y estos deben ser aptos a trabajar con las diferentes situaciones que van a encontrar en su campo de actuación, en especial con capacidad de innovación social y tecnológica, creativos y con alta vocación a la investigación, servicio social y sensibilidad ambiental y cultural que resguarde el patrimonio de la sociedad que se configura en este territorio, el medioambiente y la identidad cultural.

## Metodología

La sistematización se entiende como un proceso en lo que intervienen varios actores, reflexionando sobre un contexto económico, social y cultural, bajo situaciones organizacionales e institucionales diferentes, así las cosas, la sistematización de experiencias es un proceso cualitativo que va más allá de organizar y clasificar datos.

A partir de lo anterior, la sistematización de experiencias parte de un análisis de contexto, vinculado a la oportunidad que toma la Universidad Nacional (Costa Rica), a través del Centro Mesoamericano de Desarrollo Sostenible (CEMEDE), con respecto a una invitación de participar en un proyecto con socios de diferentes lugares de América Latina, Caribe y Europa, partiendo de una problemática común, asociada a la necesidad de lograr un entendimiento y reacción organizada desde las instituciones con carácter académico sobre los temas de sostenibilidad, para monitorear el sector turístico, y la falta similar de habilidades necesarias para responder a los desafíos de la región.

El proyecto Sustainable Tourism, Optimal Resource and Environmental Management (STOREM) tiene como parte de sus objetivos proponer el desarrollo de un nuevo plan de estudios, orientado a la protección del medio ambiente, centrado en el turismo sostenible y la gestión de recursos que contribuyen a la modernización de las vías de posgrado existentes en el territorio, inició su implementación en el mes de octubre del 2018.

El diseño de la maestría se desarrolla en la Región Chorotega, la cual se localiza en la zona Noroeste de Costa Rica, cuenta con una superficie total de 10.141,71 km<sup>2</sup>, ocupando el 19,8 % del territorio nacional. Limita al norte con la República de Nicaragua, al sur con la región Pacífico Central y el océano Pacífico, al este con la Región Huetar Norte, al oeste con el océano Pacífico. La población total de la región Chorotega, de acuerdo con el X Censo Nacional de Población y VI de Vivienda en el año 2011, es de 326.953 habitantes, el cual representa el 7,6 % de la población de Costa Rica.

Se parte metodológicamente de un proceso de comprensión de lineamientos desde dos entes:

Unión Europea, ente financiador del proyecto STOREM.

Universidad Nacional, proponente y ejecutor del proyecto.

Durante el diseño del posgrado, participan de forma directa cuatro académicos de la UNA y un académico de la Universidad de Sao Pablo, Brasil, dada su experiencia y conocimiento en el diseño de posgrados. Este proyecto representa el primer posgrado diseñado en la Sede Regional Chorotega (SRCH-UNA) e incorpora las prioridades del territorio, las condiciones naturales, históricas y culturales.

A continuación, se detalla la descripción de las etapas de trabajo.

## Etapas de preparación

Las condiciones previas solicitadas por la Unión Europea, que financia el proyecto STOREM, para ser considerados como parte del consorcio incluyeron la preparación de los primeros entregables:

Resumen del procedimiento de acreditación institucional y nacional de un programa de maestría en Costa Rica.

La identificación de la oferta académica a nivel de grado y posgrado en Turismo a nivel nacional y regional.

Una vez aceptada la UNA como socio (julio del 2019), parte del equipo nacional participó en el taller denominado *“Turismo estratégico, gestión de recursos y planificación hotelera”*, realizado en Montpellier, Francia. La etapa de preparación del proyecto concluye con el taller en Montpellier, sin embargo, un par de procesos de la etapa de preparación quedan pendientes y se formalizan en los meses siguientes: acuerdo de asociación firmado por ambas partes, Universidad de Cagliari (UNICA) y la Universidad Nacional (UNA).

## Etapa de desarrollo

La etapa de desarrollo inicia posterior al taller en Montpellier, considerando el esquema de trabajo y modificaciones resueltas durante la actividad y la tercera reunión del comité directivo.

Esta etapa incluye un mapeo de actores en el sector turismo a nivel nacional e internacional, el cual nos permitiría un proceso de consulta con relación al diseño de la maestría. Incluye talleres y entrevistas a profundidad a especialistas invitados en modalidad de profesores pasantes, videoconferencias y contactos por medio de un cuestionario estructurado.

Se diseñaron y validaron instrumentos para consulta y recolección de información, los cuales se aplicaron a tres tipos de actores (empresarios turísticos, estado y académicos y egresados de la carreta de turismo), posteriormente se realizó el análisis de la información recopilada.

Los instrumentos se aplicaron para conocer a profundidad la opinión de actores clave sobre:

tendencias actuales en la actividad turística en Costa Rica.



el estado de la situación del turismo en el contexto nacional, regional y local.

las demandas sociales y económicas con relación al turismo.

los principales desafíos del turismo en Costa Rica para los próximos 20 años.

los alcances más importantes que debe lograr un programa de maestría en turismo,

las características que debe tener un profesional de esta maestría.

En la tabla 16.1 se muestran los actores consultados.

Cuadro 16.1 – Numero de actores que respondieron al instrumento de consulta según el sector al cual pertenece.

Sector	Respuestas
Estado y Academia	24
Empresas	10
Egresados	6
TOTAL	40

Fuente: elaboración propia.

Los productos elaborados se puntualizan a continuación:

Justificación del diseño del programa de maestría, el cual incluye análisis de tendencias actuales del turismo sustentable.

El análisis del estado de situación en el contexto nacional y regional de la disciplina, y la demanda del profesional a nivel social.

Se elaboraran aproximaciones metodológicas para la implementación del programa de maestría.

Se diseñó el perfil ocupacional y profesional de la persona graduada.

En el diseño de la maestría en turismo se fortaleció con la incorporación del Dr. Alexandre Panosso Netto como profesor visitante de la maestría, alcanzado los siguientes resultados:

Análisis de la dimensión interna y externa con respecto al turismo

Se define el objeto de estudio, áreas disciplinarias, ejes curriculares, enfoque pedagógico, metodológico y evaluativo.

Se define el perfil de la persona graduada

Objetivos del plan de estudio

Estructura curricular

Descriptores de los cursos que conforman la maestría

Se elabora el reglamento para la maestría

## Resultados

La maestría académica en turismo sostenible sería la primera maestría académica en turismo en Costa Rica. También sería la primera con carácter internacional y que incorpora el proceso de Bolonia, un proceso de convergencia de países europeos que tiene como objetivo facilitar el intercambio de titulados y adaptar el contenido de los estudios universitarios a las demandas sociales, mejorando su calidad y competitividad en el país, dada la naturaleza del proyecto de que surge.

La estructura curricular de la maestría comprende un módulo teórico con una variedad de aspectos epistemológicos y multidimensionales relacionados con el turismo, visto como un sistema y un fenómeno social. Por otro lado, también comprende un módulo de cursos en los cuales ese conocimiento teórico puede ser aplicado al estudio de distintos aspectos relacionados con la actividad turística, por medio de investigaciones que, eventualmente, contribuyan con la realización del proyecto o tesis final, requisito parcial para graduarse.

El diseño del programa y su carácter multidisciplinar también busca la inclusión de estudiantes cuya formación superior básica no solamente sea el turismo. Tendrían cabida estudiantes que vengan de áreas relacionadas con la gestión de recursos naturales, la biología, la geografía, la filosofía, la sociología, la histórica e incluso todas las ciencias sociales aplicadas, ciencias humanas y ciencias de la comunicación.

Esta combinación de saberes en torno a la cuestión turística permitirá potenciar una investigación científica en torno al turismo más sistemática y de mayores alcances que la que existe hasta ahora en el país, y que se lleva a cabo, en su mayoría, fuera de las escuelas de turismo.

El público meta del programa son profesionales con bachillerato universitario en las más diversas áreas profesionales, interesados en el desarrollo sostenible del turismo. Es apropiado para profesionales técnicos y gerentes en el ámbito público y privado de turismo, hospitalidad, entretenimiento, hotelería y áreas relacionadas; para docentes de instituciones básicas y superiores; para graduados con bachillerato universitario; para profesionales que ya trabajan en el campo del turismo y que desean profundizar sus conocimientos específicos sobre turismo y sostenibilidad. Además, para todos los interesados en la comprensión, planificación, conservación, gestión e innovación en el manejo de los recursos naturales.

Para cubrir las necesidades de la población meta, la oferta académica promueve los saberes conceptuales, procedimentales y actitudinales que permitirán a la persona profesional graduada responder a las necesidades y demandas institucionales y sociales específicas.

## Objetivos del plan de estudios

**General:** Formar profesionales con una perspectiva crítica y reflexiva sobre la realidad del turismo y el desarrollo sostenible en el espacio global, con un enfoque en América Latina, principalmente en Mesoamérica y el Caribe.

### Específicos:

Desarrollar una perspectiva crítica y reflexiva sobre la realidad del turismo a escala mundial.

Desarrollar competencias en investigación científica en el campo del turismo sostenible, para actuar como académico en instituciones de educación superior.

Fortalecer habilidades y competencias de liderazgo, creatividad, ética, e innovación para una gestión sostenible del turismo.

## Áreas disciplinarias

La maestría en Turismo y Desarrollo Sostenible tendrá un área común y dos áreas disciplinarias, las cuales se definen de la siguiente manera:

Área común - Fundamentos de la ciencia y del turismo sostenible

El enfoque de esta área es el estudio de los fundamentos del conocimiento científico y las teorías del turismo y la sostenibilidad. Hay 4 cursos obligatorios que tienen como objetivo presentar a los estudiantes los temas de teorías y epistemología del turismo y la sostenibilidad, el método científico y el proceso de construcción de su tesis final.

A seguir cada curso el área con su objetivo general:

Teoría y epistemología del turismo - Proporcionar al alumno una visión amplia y crítica de los estudios teóricos desarrollados sobre el fenómeno turístico.

Teorías del desarrollo sostenible - Ofrecer al alumno una amplia comprensión de los enfoques de desarrollo sostenible, sus antecedentes, aplicaciones y límites.

Metodología científica aplicada al turismo - Ofrecer conocimientos y herramientas metodológicas para que el alumno pueda desarrollar su investigación, ya sea cualitativa o cuantitativa.

Seminario de tesis - Ofrecer herramientas teóricas para la elaboración o revisión del proyecto de investigación a desarrollar por el alumno.

## Área 1 - Teorías y tendencias del turismo y la sostenibilidad

Esta área abordará el turismo y sus relaciones, basadas en teorías multidisciplinarias y transdisciplinarias ya creadas en el campo. La ética debe ser la ciencia que subyace en el desarrollo de los estudios de turismo, combinada con buenas prácticas de sostenibilidad. La hospitalidad es un eje transversal de este conocimiento. Esta línea abordará la teoría del paisaje desde el punto de vista de la geografía, que percibe el espacio turístico como un elemento para ser consumido por el turista. La ciencia jurídica ambiental ayudará en este sentido. Las sociedades indígenas y tradicionales deben entenderse desde una perspectiva antropológica y desde su autodefinición. También se analizarán los impactos de los cambios globales en el turismo, no solo desde una perspectiva ambiental, sino también desde una perspectiva social, económica y cultural.

A seguir cada curso en el área con su objetivo general:

Ética del turismo y de la hospitalidad - Ofrecer al alumno una comprensión del fenómeno de la ética de la hospitalidad a lo largo del tiempo, hasta que culmine en la discusión de la ética del turismo.

Metodologías y tendencias de sostenibilidad - Analizar las metodologías y tendencias de la sostenibilidad para generar acciones de innovación ecológica, económica y social, capaz de mitigar la crisis socio ambiental y reconocer fuentes de bienestar.

Teoría del paisaje y del espacio turístico - Analizar el paisaje y el espacio turístico como potenciales de saber, poder, hegemonía y, a la vez, contestación, apertura y divergencia en el turismo.

Sociedades indígenas y tradicionales y conocimiento antropológico - Ofrecer a los estudiantes subsidios para el estudio antropológico de las sociedades indígenas y tradicionales y su relación con la práctica del turismo

Marco legal ambiental internacional - Estudiar y debatir el desarrollo, las perspectivas, los usos, las normas y los principios del marco jurídico ambiental internacional de manera amplia.

Métodos y técnicas de gestión de recursos ambientales - Analizar los métodos y técnicas de gestión de recursos ambientales para el desarrollo del turismo sostenible.

Impacto de los cambios globales en el turismo - Analizar los impactos de los cambios globales en el turismo, con la perspectiva que las crisis y los cambios mundiales ocurren con mucha frecuencia y que influyen en todos los aspectos de la vida humana.

## Área 2 - Planificación, gestión e innovación en el turismo sostenible

Esta línea abordará el turismo y sus prácticas desde el punto de vista de la planificación, la gestión y la innovación. Se refiere a estudios que evalúan la posibilidad de prevenir y reducir los impactos del turismo, ya sean negativos o positivos. A partir del estudio de múltiples casos de empresas turísticas creadas de manera inteligente, será

posible comprender sus metodologías y avanzar en una propuesta de acción para la región mesoamericana y caribeña. Los proyectos de investigación vinculados a la línea deben guiarse por el respeto a las comunidades involucradas en el turismo, ya sean indígenas o tradicionales. La biodiversidad debe ser valorada y preservada como fuente de vida, pero se deben proponer formas para que se utilice de manera racional y sostenible con fines turísticos.

A seguir cada curso da área con su objetivo general:

Modelos y casos de gestión e innovación en turismo - Analizar los modelos y casos de gestión e innovación en turismo aplicables al turismo sostenible como eje de desarrollo económico, ambiental y socio cultural.

Desarrollo, innovación y nuevos productos en turismo sostenible - Impulsar programas de innovación que contribuyan con la mejora continua de la calidad y competitividad, la generación de capacidades locales y el desarrollo turístico sostenible.

Gestión de la biodiversidad - Enseñar las herramientas teóricas y metodológicas para la gestión de la biodiversidad.

Prevención y mitigación de impactos en el turismo - Realizar análisis de los conocimientos teóricos y prácticos existentes para la prevención y mitigación de los impactos negativos del turismo.

Arquitectura y gestión de equipamientos turísticos - Analizar de manera panorámica las diversas relaciones y conexiones entre arquitectura, ocio, turismo y territorio.

Diseño de planes y proyectos de desarrollo turístico - Ofrecer conocimientos teóricos y prácticos para el diseño de planes y proyectos que potencien el desarrollo del turismo sostenible.

Reconocimiento y gestión territorial en áreas indígenas y comunidades tradicionales - Presentar al alumno los fundamentos y elementos legales y técnicos para el reconocimiento y la gestión territorial en áreas indígenas y comunidades tradicionales.

## Ejes curriculares

Los ejes curriculares para la maestría son los siguientes:

**Turismo y estudios críticos** - análisis crítico de estudios humanísticos en turismo; búsqueda por una perspectiva ética en el turismo; inclusión de grupos minoritarios en el turismo; estudios epistemológicos acerca del turismo; la ciencia y su relación con el turismo; turismo y formas de poder; turismo e imperialismo; turismo y teoría de la dependencia; turismo y empoderamiento local; educación en el turismo; entre otros.

**Desarrollo sostenible del turismo** - prácticas sostenibles en turismo; planificación turística desde el punto de vista de todos los actores interesados y no solamente de un órgano

público de arriba a abajo; innovación en turismo; desarrollo de nuevos productos turísticos; gestión del turismo; gestión de áreas de biodiversidad que son utilizadas por el turismo; entre otros.

## Enfoque pedagógico, enfoque metodológico y enfoque evaluativo

El **enfoque pedagógico** de la maestría estará basado en los principios del modelo pedagógico de la Universidad Nacional. El mismo se cimenta en la construcción participativa de conocimiento, e involucra tanto a profesores como a estudiantes y a la comunidad en general. Del mismo enfoque se derivarán las estrategias de enseñanza y aprendizaje, respetando, evidentemente, la diversidad en las prácticas pedagógicas y de los objetos de estudio de la maestría.

Cada docente actuará como guía y facilitador del aprendizaje. El estudiante jugará un rol preponderante en su proceso de aprendizaje, ya que participará de forma activa, aportando conocimientos previos y experiencias e incorporando los nuevos conceptos e instrumentos a ese conocimiento.

En general, se promoverá el aprendizaje desde el análisis de situaciones planteadas desde el entorno. Esta estrategia didáctica es participativa y se privilegiará el uso de instrumentos y de modelos teóricos que faciliten el análisis de los temas.

Desde el **enfoque metodológico**, el alumno deberá realizar un total de 13 cursos, distribuidos de la siguiente manera:

Deberá tomar 4 cursos comunitarios obligatorios (en persona)

Al menos 3 cursos virtuales optativos de una de las líneas (elegidos por el alumno y de acuerdo con su director de tesis, en función de su preferencia de especialidad)

Al menos 3 cursos virtuales optativos de cualquier línea (línea 1 o línea 2) ofrecidos por UNA u otro programa similar de cualquier otra universidad reconocida.

Deberá tomar 3 cursos obligatorios de guía de tesis en persona o virtual, de acuerdo con la relación establecida entre el tutor y el estudiante.

Cada curso obligatorio en persona tendrá 12 sesiones de 4 horas cada una, siendo 3 horas de teoría, una hora de investigación y 7 horas de lectura, para un total de 132 horas de actividades.

Cada curso optativo virtual tendrá 12 sesiones de 4 horas cada una, siendo 3 horas de teoría, una hora de investigación y 7 horas de lectura, para un total de 132 horas de actividades.

Cada curso obligatorio de guía de tesis tendrá 10 créditos. La carga horaria de actividades es de libre elaboración de acuerdo con la relación establecida entre el tutor y el estudiante.

Un crédito equivale a 45 horas de actividad. A discreción de la coordinación del máster, se pueden crear cursos opcionales de 2 créditos (90 horas de actividades).

Se puede implementar un modelo de práctica pedagógica en que el estudiante de maestría asiste a un maestro en sus clases durante un período académico.

Entre los meses 15 y 18, después de la inscripción del estudiante, este debe presentar un avance de la investigación y entregar un reporte escrito de la tesis a un comité examinador (las reglas deben estar en una regulación separada). Este será un borrador de la tesis de maestría del estudiante. Este borrador deberá tener al menos un capítulo de la tesis listo - preferiblemente el capítulo de discusión teórica - y los otros al menos con los temas que van ser desarrollados y la literatura que será utilizada.

El estudiante idealmente debería tomar cursos en el primer año. En el segundo año, se debe presentar la tesis final.

El plazo máximo para presentar la tesis de maestría es de 24 meses, prorrogable por otros 6 meses en función de una solicitud razonada del estudiante y con el consentimiento del coordinador de tesis.

Cada estudiante tendrá derecho y debe tener un coordinador de tesis (en acuerdo con Artículo 52, UNA-SCU-ACUE-2273-2016 del 8 de diciembre de 2016 - REGLAMENTO DEL SISTEMA DE ESTUDIOS DE POSGRADO DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL).

El estudiante puede tomar cursos en otros programas de posgrado y validar sus créditos en el programa de la UNA.

El plan de estudios estará adscrito la sede regional Chorotega. La administración académica, curricular y financiera del plan de estudio estará a cargo de Centro Mesoamericano de Desarrollo Sostenible del Trópico Seco.

Desde el **enfoque de evaluación**, se realizarán continuamente procesos de seguimiento de su desarrollo académico a fin de observar la construcción del conocimiento, tanto en forma individual como colectiva.

Todas las actividades establecidas en el plan de estudios serán evaluadas a través de rúbricas de evaluación diseñadas y presentadas desde el primer día de clase, con el propósito de realimentar al estudiante en los aspectos que puede ir mejorando en el proceso de aprendizaje.

El estudiante será evaluado en forma continua en cada una de las actividades teóricas o prácticas (giras, laboratorios, pasantías, talleres, congresos, cine foros, actividades extra - áulicas) que se estipulan en los cursos. En el proceso de evaluación se hará uso de diversos instrumentos de evaluación como: informes, diario de doble entrada, bitácoras, portafolios, formulación y resolución de casos, juego de roles, investigaciones, análisis de material bibliográfico, pruebas cortas, exámenes, prácticas *in situ* y *ex situ*, discusiones sobre temas específicos a través de mesas redondas, foros, simulación de escenarios, generación de informes para la intervención y transformación en situaciones problema, entre otros.

La calificación mínima de aprobación es siete (7.00), de conformidad con las normas establecidas en el Reglamento General sobre los Procesos de Enseñanza y Aprendizaje de

la Universidad Nacional (UNA-GAC 08-2016) y sus procedimientos. Sin embargo, para la permanencia y continuación en el posgrado, el estudiante deberá tener un promedio ponderado mínimo de 8.00 en cada ciclo lectivo.

Los resultados de este proceso de coordinación deben darse a conocer, al menos, al Consejo Académico de unidad académica, al finalizar cada ciclo y cada nivel.

## Ejes transversales del plan de estudios

El presente plan de estudio asume los ejes transversales de la Universidad Nacional (UNA), propuestos en Lineamientos para la flexibilidad curricular en la UNA, que son los que identifican el quehacer académico y profesional de esta universidad.

Cada uno de ellos se aborda de formas variadas en el desarrollo de la propuesta curricular. Por ejemplo:

**Desarrollo Humano Sostenible:** Su incorporación en el plan de estudios refiere a una nueva visión de desarrollo, considerando a la persona como el elemento central. En consecuencia, la sociedad que se construya será más justa y equitativa, pues se asume el desarrollo sostenible desde cuatro dimensiones: equidad social, respeto a la integridad ecológica de los ecosistemas, un modelo económico alternativo que internalice los costos ambientales, los costos sociales y democracia participativa.

**Género:** Promueve el análisis entre hombres y mujeres acerca de los papeles que desempeñan, las responsabilidades, los conocimientos, el acceso, uso y control sobre los recursos, los problemas y las necesidades, prioridades y oportunidades, con el fin de planificar el desarrollo con eficiencia y equidad. Implica la humanización de la perspectiva de desarrollo, al aceptar que los papeles sociales y culturales, asignados a hombres y mujeres, no son naturales. Asume, entonces, la formación de profesionales con una nueva visión de género.

**Equidad:** De acuerdo con los principios institucionales y el modelo académico, el criterio de equidad rige en lo cultural, económico, social, de género, pedagógico, entre otros. Permite que la acción académica genere oportunidades viables para todas las personas, es decir, ofrece alternativas, crea condiciones y tratos diferenciados y compensatorios, para que las particularidades personales o colectivas no impidan el logro de los objetivos sociales y personales.

**Cultura Ambiental:** La cultura está determinada por las creencias, los conocimientos, y los valores que predominan en los grupos sociales y que se manifiestan en las actividades que realizan. Se busca poner en práctica las garantías ambientales y las acciones en pro de un ambiente sano, tanto en la institución como en las comunidades donde se da la formación de los estudiantes y los procesos de investigación.

**Diversidad Cultural:** La diversidad cultural implica reconocer, respetar y aceptar las diferencias culturales, para posibilitar la participación y aportes efectivos de todas las personas en aquellas actividades que las afecten o interesen de manera directa o indirecta. Comprende además a la generación de espacio para que ellas puedan reunirse. Esta situación se da con independencia del grupo étnico, convicciones religiosas, clase social, género, ideología política, habilidades y capacidad cognitiva, entre otras.



## Perfil profesional de la persona graduada

El perfil profesional es comprendido como el conjunto de capacidades, destrezas y actitudes desempeñadas por un profesional, de acuerdo con los campos de acción demandados por la sociedad.

Disponer de la descripción del perfil profesional es relevante en cuanto a la promoción y reclutamiento de estudiantes. Le brinda al estudiante una imagen aproximada a la realidad, respecto a las actuaciones profesionales en el mercado laboral.

El perfil profesional está compuesto por los siguientes saberes:

### a) Saber conceptual

Al concluir el plan de estudios cada estudiante:

Dominará los aspectos teóricos y conceptuales bajo una perspectiva epistemológica funcional, guiada por ideas de selectividad, beneficio, combate a la pobreza, desarrollo y respeto cultural. Además, se debe disponer de conocimientos en cultura local, recursos naturales y biodiversidad.

Dominará los aspectos teóricos y conceptuales de las diversas técnicas asociadas a las dinámicas de articulación de procesos locales con sectores públicos y privados, ligados a los modelos de desarrollo turístico existentes, con el propósito de emplear el conocimiento para el análisis de problemas mediante la investigación de campo en el área social, ambiental, económico, cultural de la región.

Comprenderá los fundamentos teóricos del turismo, considerando que el potencial de la región ha estado condicionado por la idea de crecimiento, y no por un concombando crítico-reflexivo y emancipador del desarrollo, tanto en lo económico, como en lo sociocultural y ecológico-ambiental. Por otro lado, se debe incluir criterios de planificación endógena y formas de gestión en conocimientos estratégicos, aplicación de políticas orientadas hacia un desarrollo planificado, con la intención de minimizar conflictos en el territorio por la falta de sustentabilidad ambiental y económica.

Formulará y realizará investigaciones orientadas hacia una acción resiliente ante el cambio climático, las nuevas tendencias de utilización de energías renovables, y consideraciones hacia la conservación de la biodiversidad y mitigación sobre el impacto ambiental, entre otras.

Conocerá las principales tendencias y evolución de los modelos de desarrollo del turismo en la región como actividad socioeconómica, para su abordaje, desde una perspectiva multidisciplinaria e interdisciplinaria, a fin de lograr el desarrollo sostenible de la actividad.

Determinará los principales aspectos de la problemática de la interacción entre el sector público, las organizaciones locales y organismos no gubernamentales en torno a experiencias de desarrollo en el área de estudio a nivel local, nacional e internacional

Conocerá la identificación, conocimiento y evaluación de los recursos turísticos de un área determinada, para conocer el potencial turístico y contribuir en su planificación y desarrollo sustentable.

Identificará el instrumental teórico-metodológico de diferentes enfoques para la formulación y gestión participativa de proyectos enfocados al desarrollo del turismo sustentable

Conocerá distintas perspectivas teóricas y metodológicas para desarrollar procesos de interacción, negociación y concertación de estrategias, recursos y voluntades entre actores institucionales y locales, para la identificación, formulación y ejecución participativa de iniciativas de desarrollo en turismo sustentable.

Determinará estrategias para crear condiciones para la participación local a partir de las circunstancias en que las comunidades conceptualizan, organizan y expresan su realidad en torno al desarrollo y manejo de actividades relacionadas con el turismo.

Identificará los nuevos enfoques de la economía mundial, el mercadeo, las finanzas, las inversiones internacionales y su aplicación en el campo del turismo sustentable.

Conocerá conceptos teóricos y conceptuales sobre capacidad de carga turística, gobernanza del territorio, gestión empresarial, política pública, geoposicionamiento global, normas jurídicas en turismo.

Conocerá sobre la diversidad cultural, histórica y diversidad natural a nivel regional.

## **b) Saber procedimental**

Al finalizar el plan de estudios cada estudiante:

Aplicará el análisis instrumental de políticas públicas, normativa legal, enfoques ambientales, estrategias nacionales e internacionales

Demostrará el desarrollo de habilidades para el manejo de grupos, recuperación de espacios naturales y análisis de impacto ambiental y climático.

Aplicará las herramientas estadísticas para el análisis, interpretación y presentación de datos.

Formulará juicios a partir de una información que, siendo incompleta o limitada, incluya dictámenes sobre las responsabilidades sociales y éticas vinculadas a la aplicación de sus conocimientos y juicios.

Explicará y defenderá sus ideas, conclusiones y resultados de manera clara, coherente y sin ambigüedades ante las autoridades competentes.

Aplicará técnicas para el diseño y desarrollo de políticas ambientales, planificación del territorio, medidas de mitigación, adaptabilidad ambiental, participación social, toma de decisiones para empresas locales y nacionales.

Obtendrá apropiadamente los datos necesarios para realizar investigaciones de la realidad local, nacional e internacional en el ámbito del turismo sustentable.

Planificará, implementará y evaluará estudios para la acreditación o certificación de procesos turísticos a nivel nacional e internacional.

Aplicará técnicas que le permitan acercarse a la comunidad para participar y elaborar estudios ambientales, biodiversidad, gobernabilidad, empresariedad, y otras en la región.

Identificará, relacionará e integrará conceptualizaciones y métodos de las diversas disciplinas para el desarrollo de proyectos empresariales.

Desarrollará procesos de capacitación y promoción referente a la gestión de acciones de desarrollo y manejo de actividades turísticas a nivel local y nacional.

### **c) Saber actitudinal**

El presente plan de estudios promueve una actitud racional y un comportamiento expresivo en la resolución de problemas, lo que le permitirá al graduado ser riguroso, ético, objetivo, responsable, honesto y sistemático al formular juicios sobre una determinada situación.

Al finalizar el plan de estudios, cada estudiante:

Poseerá una actitud crítica y reflexiva en torno a la situación actual de la actividad turística, tanto a nivel local como nacional e internacional.

Desarrollará su capacidad para trabajar en equipos multidisciplinarios, locales, nacionales o internacionales, en aspectos relacionados con biodiversidad, cambio climático, paisajismo, planificación del territorio, hospedaje, gestión participativa, resolución de conflictos e innovación.

Entablará adecuadas relaciones humanas, fomentando la participación de actores locales, gobernanza, alianzas estratégicas, toma de decisiones.

Promoverá una conciencia social sostenible con su entorno y su medio laboral, con ética para ser firme con respecto a la sustentabilidad ambiental, cumplimiento de normas ambientales, mitigación con respecto al cambio climático.

Desplegará una ética centrada en el desarrollo humano, ambiental, laboral y conservación de la naturaleza.

Será líder en su grupo de trabajo y mantendrá una actitud vigilante para que se apliquen los principios de equidad, justicia, sostenibilidad ambiental y cultural en su lugar de trabajo.

Asumirá, como parte integral de su quehacer, los aspectos éticos, tanto en el plano personal como en el profesional.

Respetará a las personas de la comunidad, el trabajo comunitario y su promoción.

Se actualizará de manera permanente en el área de estudio y áreas afines.

Tendrá disposición para resolver problemas con los recursos disponibles a su alcance.

## Conclusiones

El turismo se ha visto muchas veces como un fenómeno social que se presenta más que nada como una oportunidad para el desarrollo económico. Es el aprovechamiento de una situación dada por la geografía, la biodiversidad o por una actividad humana particular. El turismo es algo más complejo y su abordaje ha ido evolucionado conforme pasa el tiempo, de como este se percibe y como nos adaptamos a sus cambios y tendencias.

El proyecto STOREM resulta como respuesta a estudios previos donde se observa un gran potencial turístico en el área del Gran Caribe, ya de por sí utilizado, pero poco estudiado o regulado, según el país o región.

La gestación de una maestría académica en turismo y desarrollo sostenible dentro de una región de alto interés turístico en Costa Rica como lo es Guanacaste, en donde es posible encontrar muchos tipos de desarrollo turístico, que se han implementado a través del tiempo según los intereses o ideas de cada época. Esto permite poder explorar nuevas oportunidades, tener acceso a estudios de casos muy diversos, tanto exitosos como errados, que enriquecerían la experiencia en un programa de estudio.

Ahora bien, la situación histórica que estamos viviendo con la pandemia del COVID-19 es sin duda un momento que no esperábamos tener ni mucho menos de un impacto tan inmediato. La afectación sobre todas las áreas del quehacer humano y, en particular, para el turismo ha sido significativamente grande. Esto nos deja con la necesidad de innovar y reformular el sector en post de una recuperación de la actividad, muy probablemente con muchos cambios en la forma de hacer las cosas.

El impacto de esta pandemia sobre el cumplimiento de los Objetivos de Desarrollo Sostenible, planteados con una meta para el 2030, ha sufrido una gran desaceleración. Dentro de estos objetivos se priorizan las actividades que permitan el bienestar del ser humano, pero que además permitan la recuperación del entorno natural utilizado.

Sin intentar que esta maestría académica sea la panacea de estos males, ella tiende formar nuevos profesionales con aptitudes investigativas que busquen a solucionar problemas existentes y tomar una actitud profiláctica ante situaciones riesgosas muy próximas (cambio climático, pandemias, cambios del comportamiento de las personas visitantes y huéspedes, cambios del mercado, etc.).

Es importante recalcar que esta maestría da un fuerte impulso al entendimiento, manejo y uso de las ciencias naturales dentro del contexto de turismo y desarrollo sostenible. La investigación desarrollada por las diferentes instituciones de educación superior que participan en el proyecto STOREM han dado un contexto histórico, medio ambiental y de riesgo del sector, que ha permitido establecer prioridades para el diseño del programa de la maestría para una formación actualizada de los futuros profesionales.

Para ello, el programa cuenta con un marco teórico de la conceptualización del turismo, el desarrollo sostenible y la investigación científica. Pero, además, se ofrecen cursos de planificación y gestión de proyectos, como también de cursos que se enfocan en la creatividad e innovación.

Los cambios están siendo muy acelerados desde diferentes aristas y la respuesta debe ser igualmente rápida y con una significativa dosis de creatividad. Las decisiones deben estar fundamentadas en información veraz, confiable y actualizada con la cual no contamos. Es así como los futuros masters en turismo y desarrollo sostenible estarían siendo indispensables para responder a las nuevas necesidades.

## BIBLIOGRAFÍA

- Aguilar Barajas, Ismael (2002), "Reflexiones sobre desarrollo sustentable", en Comercio Exterior, vol. 52, núm. 2, pp. 98-105.
- Arasa Medina, Carmen y José Miguel Andréu (1996), Economía del desarrollo, Madrid: Dykinson.
- Bambirra, Vania (1978), Teoría de la dependencia. Una anti-crítica, México: Era.
- Barboza, E. (2018). Currículo y desarrollo turístico en Guanacaste, Costa Rica: Un análisis de los niveles de educación técnico y superior. Revista Educare. 22(1). 1-17.
- Caribbean News (2020). Argentina alista motores para 25 Feira Internacional de Turismo. Consumidor Moderno. 13/01/2020. <https://www.cndportugues.com/pt-br/turismo/booking-anuncia-tendencias-do-turismo-para-2020>.
- Castillo Nechar, M. (2011). Epistemología crítica del turismo ¿qué es eso? Turismo em Análise. Vol 22, n. 3, p. 516-538.
- Castillo Nechar, M. & Panosso Netto, A. (coord.) (2010). Epistemología del turismo: estudios críticos. México: Trillas.
- Castillo Nechar, M., & Panosso Netto, A. (2011). Implicaciones epistemológicas en la investigación turística. Estudios y Perspectivas en Turismo. Vol. 20, pp. 384 - 403, Buenos Aires: CIET.
- Cortina, A. (2014). Ciudadanos del mundo: hacia una teoría de la ciudadanía. Madrid: Alianza Editorial.
- Fennell, David A.; y Malloy, David Cruise. (2007): Codes of ethics in tourism. Practice, theory, synthesis. Clevedon: Channel View Publications.
- García -Roca, J. (2017). Recrear la solidaridad en tiempos de mundialización. Ciudadanía, vecindad y fraternidad [PDF]. Guadalajara, Jalisco: ITESO. <https://rei.iteso.mx/handle/11117/4692>
- Gutiérrez Garza, Esthela (Coord.) (2003) Teorías del desarrollo en América Latina, México: Trillas.
- Hinkelammert, F. y Mora, H. (2008). Hacia una economía para la vida. Cartago, Costa Rica: Editorial Tecnológica de CR.
- Institut de Recherche Pour le Développement (IRD) (2002), Développement durable? Doctrines pratiques à l'évaluation, Paris: IRD Éditions.
- Max-Neef, M.; Elizalde, A. y Hopenhayn, M. (1986). Desarrollo a escala humana: opciones para el futuro. Primera edición: Santiago de Chile, 1986. Segunda edición: Madrid, plineo of tourism. Annals of Tourism Research, 24(3), pp.638-657.
- Meirelles, L. (2020). 5 Tendências que Vão Impactar a Indústria do Turismo em 2020. Consumidor Moderno. (13 de janeiro de 2020) <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/01/13/5-tendencias-industria-turismo-2020>
- MIDEPLAN (2014). Región Chorotega Plan de Desarrollo 2030.
- Naciones Unidas. (2021) Día Mundial del Turismo. <https://www.un.org/es/events/tourismday>
- Panosso Netto, A & Margret Jäger (2015) Robert Glücksmann (1877-1942): founder of Berlin School of Tourism Research, Anatolia, 27:4, 567-576, DOI: 10.1080/13032917.2015.1099089
- Phillimore, J.; Goodson, L. (Eds.). (2004). Qualitative research in tourism. Ontologies, epistemologies and methodologies. London: Routledge.
- Sachs, Ignacy y Paulo Freire Vieira (Orgs.) (2007), Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento, São Paulo: Cortez.
- Tribe, John. (2009) (Coord.): Philosophical issues in tourism. Bristol, Channel View.

# Posfácio

**J. Laize S. Oliveira<sup>53</sup>**

**Lúcia O. da Silveira Santos<sup>54</sup>**

**Alexandre Panosso Netto<sup>55</sup>**

Na sociedade de consumo e de imediatismo na qual vivemos, nem sempre as teorias e a abstração são valorizadas como merecem. O utilitarismo e o imediatismo por vezes privam os atores sociais – sejam eles turistas, profissionais do mercado ou estudiosos do turismo – de desenvolverem análises mais profundas e sofisticadas sobre o ato de empreender uma viagem turística. Essa consideração ficou evidente nos vários capítulos desta obra que os estimados leitores agora têm em mãos.

Nós, como organizadores do livro, cremos que as práticas turísticas são reflexos do momento em que vive determinado grupo social. Então, atuar no turismo, falar de turismo e pesquisar sobre o turismo é estar lidando com um fenômeno social que requer amplo leque de conhecimentos teóricos advindos das mais diversas ciências, sejam elas tradicionais ou novas. Portanto, requer teorizar.

Entrando no segundo semestre de 2022, momento no qual apresentamos este livro para o público, verificamos que a pandemia afetou as pessoas e o turismo no mundo todo, mas não afetou a todos de forma igual. Os países que estão na periferia do grande fluxo turístico mundial sofreram mais impactos negativos, pois seus fluxos locais e regionais foram mais impactados, uma vez que são destinos pobres. As pessoas, por sua vez, foram impactadas de forma diferente, pois nem todos nos ditos países periféricos, ou do sul, têm acesso a sistemas de saúde, a itens de higiene básica, a alimentação saudável e aos mais básicos e fundamentais direitos de existência digna. Falar de turismo, sem levar em consideração a elaboração de políticas públicas sociais e inclusivas é não entender do que se está falando. Daí a importância da teoria. A importância de recorrer aos melhores exemplos de boas práticas para adaptar e construir um fenômeno mais justo, no qual mais pessoas possam viajar de forma sustentável, ética e inclusiva.

Desenvolver teoria em turismo é ajudar a desenvolver o pensamento crítico. Devemos desenvolver a crítica fundamentada, que aponta as deficiências da “maquinaria das férias” (para usar um termo que o teórico Jost Krippendorf utilizou em seu livro “Sociologia do turismo”) que cada vez mais pretende vender destinos, vender diárias de hotel, vender passagens, vender, vender, vender, sem se perguntar “a que custo? As comunidades locais suportam? O meio ambiente aguenta? A divisão de recursos é equilibrada?” Sabemos que não.

---

53 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP. E-mail: laizeoliveira@usp.br

54 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-EACH-USP; Docente na Faculdade de Turismo da Universidade Federal Fluminense - FTH-UFF. E-mail: luciasilveira@id.uff.br

55 Livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH-USP. E-mail: panosso@usp.br

A universidade deve ser o espaço da construção de conhecimentos especializados, amplos, críticos, científicos. Acreditamos que o Programa de Pós-Graduação em Turismo da EACH-USP, com a iniciativa de criar a Coleção Desenvolvimento do Turismo, abre portas para colimar este objetivo. Sentimos-nos felizes por fazer parte desde grupo e pela oportunidade em publicar o segundo título desta coleção.

Deixamos nossos agradecimentos a todas as autoras e todos os autores que aceitaram levar a cabo este projeto conosco. Esperamos que esta obra ajude no correto e saudável desenvolvimento do senso crítico dos que trabalham no campo do turismo em nosso país.



# Coleção Desenvolvimento do Turismo - Volume 2

O turismo é uma atividade que afeta praticamente todas as pessoas em todos os cantos do planeta. Por sua natureza humana e complexa, ele pode ser interpretado sob diversas perspectivas, tais como um fato econômico, uma atividade de lazer, um conjunto de negócios, um fenômeno sociológico, cultural, espacial ou histórico, entre outras. O turismo também pode ser estudado sob a lente de quase todas as ciências e correntes epistemológicas existentes. Essa diversidade de perspectivas possíveis no estudo do turismo deve ser reconhecida e valorizada.

Com esse caráter multidisciplinar e eclético, a coleção “Desenvolvimento do Turismo” traz pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (PPGTUR-EACH-USP).

“Desenvolvimento do Turismo” é o nome da primeira disciplina de curso superior no Brasil que tinha em seu título a palavra turismo, criada em 1970 na USP, no Departamento de Relações Públicas e Propaganda (CRP).

“Desenvolvimento do Turismo”, em todos os seus matizes, nos campos social, humanístico, cultural, ambiental, político, econômico e científico, é também o nome da área de concentração do PPGTUR-EACH-USP.

Assim, em sua essência, essa coleção tem o propósito de contribuir para o turismo, especialmente no Brasil, de forma ampla, diversa, consistente, crítica e construtiva.

**Programa de Pós-Graduação em Turismo  
da Universidade de São Paulo  
PPGTUR-EACH-USP**



**PPGTUR - Programa de Pós-Graduação em Turismo**

Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Universidade de São Paulo